

DAVID NASSER



O TRÁFICO DE ESCRAVOS EM BARRA DO GARÇAS

Senhor Presidente

Se um dia Vossa Mercê appear na Serra do Roncador, lá pelas bandas do Xingu, saberá que um bando de loucos cria as bases da maior internada de bois de todo o mundo. Antes do ano 2000, mais de cem milhões de cabeças estarão pastando naquela área quase plana e da melhor terra de colônião, em nada ficando a dever às glebas do Novíssimo Paraná. Cinqüenta por cento do mato de cada propriedade é derrubado e o restante fica para o melhor pasto. Bandeirantes de fibra, homens de têmpera de aço, chegaram àquelas planícies há alguns anos e ali deixaram os melhores anos de sua vida. Falei no Zezinho, de Araratuba. Rico, ri-

quíssimo, riquíssimo — despejou-se no Xingu contra a vontade da família, e de pára-quadras iniciou a abertura de uma fazenda. Levava os burros anestesiados no aviãozinho. Os porcos, os bezerros, as novilhas viajavam pelos ares, pois não havia estrada. Hoje, a BR-80, que parou inexplicavelmente a poucas centenas de km de Brasília, passa em sua porta. O Zezinho apanhou maleta, comeu peixe de rio durante meses, mas deixou a sua marca. Assim sucedeu ao Ariosto da Riva, ao Abelardo Vilela, ao Orlando Ometo e seus irmãos, ao Marcelo, do Nacional, ao pessoal do Bordon, ao Renato de Almeida Prado —

alma de pioneiros. Bem que podiam aplicar seus recursos no bem-bom da cidade, especular, gozar no asfalto, mas eram paulistas e mineiros, tinham espírito de bandeirantes, acreditaram na Revolução — e foram plantar a sua estância na terra virgem do Xingu. Assim sucedeu a mim, que preferi o Suiá-Migu a St.-Moritz. E sem o auxílio da Sudam, criando bois em vez de mulheres. Presidente, não deixe que a esperança se retire do Xingu, tangida pela subversão.

A região era livre de posseiros e a mão-de-obra escassa. Todo e qualquer trabalhador que chegasse por lá era bem recebido, tinha seu pedaço de chão para plantar e comer. Trabalho não faltava.

O CRUZEIRO, 26-7-1977



DAVID NASSER

O BRAVO CAPITÃO PM JOÃO EVANGELISTA (Barra do Gargas) é a voz isolada contra o tráfico humano e a adubação da terra para as futuras guerrilhas naquela região, tão distante do Brasil e tão perto de Brasília. Luta sem meios. O Governo de Mato Grosso, através da Secretaria de Segurança, faz o que pode. Esta é uma reportagem de advertência para evitar mal maior e repercussão no exterior.



O GATO. Seu nome, Antônio Dias. "Era minha função — confessou — desviar os homens que eu mesmo contratara na vila, levando-os para o Cabeça Branca, que os vendia a outras fazendas. Depois, o lucro era dividido entre o administrador da fazenda prejudicada, o Cabeça Branca e eu." Só do Cabeça Branca, quase 300 homens foram retirados e conduzidos a outras, a 100 cruzeiros por cabeça. Os peões vendidos ficavam livres das dívidas, dos adiantamentos. E esse era o seu lucro.



O TRAFICANTE DE HOMENS. Francisco Munhoz, o Cabeça Branca, veio de Média Mogiana (São João da Boa Vista) e em Mato Grosso se dedica a comprar paus-de-arara das diversas fazendas e os vender a outras — que deveriam investigar melhor a procedência. Protegido do bispo de São Félix e do pároco francês (apesar de expulso, continua lá) François Jentel, vindo da Argélia — serve aos sacerdotes que não representam a verdadeira Igreja de Cristo nessa tarefa de semear a intranquilidade, a desordem, a guerrilha.



O ADMINISTRADOR-CÚMPLICE. Para a compra de escravos é necessária a anuência do encarregado da fazenda. Na foto, Joaquinho (João Hidalgo), que era responsável pela Bela Manhã e vendia homens a seu comparsa Francisco Munhoz, o Cabeça Branca, um paulista safado e vigarista, que se dedica ao tráfico de braços humanos, em um lote que lhe foi cedido pelo bispo de S. Félix, intercedido em criar um clima de guerrilhas naquela região fadada a ser a maior inverno de bois de todo o mundo.



O TRAFICANTE, O ADMINISTRADOR-CÚMPLICE E O GATO na mesma foto, quando interrogados pela polícia, depois de se apropriarem de centenas de homens no município de Barra do Gargas. Ante as provas acumuladas, não puderam negar, mas sabiam que uma forte proteção lhes seria dada depois. E a história continua a mesma.

DAVID NASSER



Nessa época apareceu um padre em São Félix, vindo da Espanha, e logo se juntaram a ele outros padres franceses, via Argélia. Professores e estranhas figuras de Campinas foram convocados e a paz desapareceu do Xingu. Todo mundo sentiu que, a pouco mais de 500 km de Brasília, uma base de guerra revolucionária estava sendo plantada. Território ideal para guerrilhas rurais — a repercussão internacional que o movimento de guerrilheiros teria a partir desse ponto era — e é — imprevisível. *

Acontece que, sem haver posseiros, não pode haver reivindicação de terras. Como criar a área de atritos? Os empresários pagavam a todos os peões bem acima do salário-mínimo. Qual a bandeira que o bispo de São Félix e seus padres da Argélia, entre os quais o expulso (?) Jentel, que ainda está por lá, desafiando as autoridades, poderiam desfaldar? A da invasão, como no tempo de Jango. Em todas as missas dominicais, o bispo de São Félix passou a dizer na prática ao seu rebanho:

— Rezemos para que os Ometo voltem para Piracicaba e deixem o Xingu para os camponeses sem terra...

Os fiéis respondiam:

— Rezemos ao Senhor.

O padre insistia:

— Rezemos para que

o jornalista-latifundiário David Nasser, em vez de criar bols às margens do Suiá-Miçu — volte aos seus escritos no Rio de Janeiro...

O povo repetia:

— Rezemos ao Senhor.

O bispo insistia:

— Rezemos para que o Zezinho da Rio Unidas abandone de uma vez as suas invernadas para que os camponeses tomem conta dela...

— Rezemos ao Senhor.

— Rezemos para que o Bordon não construa o frigorífico em sua gleba e nos deixe tomar conta de tudo, para distribuir aos pobres.

As ovelhas faziam o coro:

— Rezemos ao Senhor.

O bispo martelava:

— Rezemos para que uma terçã maligna dê cabo do Abelardo Villela e de seu companheiro Ariosto da Riva...

— Rezemos ao Senhor.

Nessa toada, domingo após domingo, o bispo ia formando a consciência da revolta. Utilizava gatos para a fuga de peões, depois

vendidos como escravos, e jogava a culpa nos empresários. Houve a barbaridade da Cedeara, onde o proprietário cedera gratuitamente dez mil hectares da melhor terra aos peões, e ainda lhes construira a estrada — e, mesmo assim, o bispo o apresentava ao Brasil como um explorador. Os Ometo, da Suiá-Miçu, haviam construído 600 km de estrada dentro de sua fazenda, aberto milhares de alqueires, fixado 70 mil vacas — e, desgostosos pelos insultos agasalhados pela imprensa séria do Rio, de S. Paulo e de Brasília, desistiram da empreitada e venderam pela metade do preço a fazenda a uma sociedade italiana. O mesmo fez o Almeida Prado, passando a sociedade anônima ao grupo Sílvio Santos. Um a um, os pioneiros abandonam a luta, carentes de apoio. O Governo de Mato Grosso, comandado por um homem sério e trabalhador, José Fragelli, sente-se impotente. Ele e o general Gastão, que dirige a Secretaria de Segurança, sabem que o problema não é político, mas político. O aspecto social poderia ser resolvido pela fiscalização do Ministério do Trabalho, alegremente bem recebida, caso venha, em todas as fazendas. O da saúde pública, pelo Ministério que tem em seu nome. O caso político — só o Governo Federal tem condições de enfrentar. Porque é de segurança nacional.

A verdadeira Igreja Católica — que o bispo de São Félix e o padre da Argélia não representam — se mostra dividida, mal informada e apreensiva. O bispo usa linguagem abertamente contra a Revolução e faz proselitismo ideológico que diverge dos princípios da Igreja e contraria as normas do Vaticano. A prelazia abriga elementos ultrasuspeitos, que trabalham ativamente os pobres camponeses, termo que utilizam para identificar os peões. Dizem que entre tais homens correm armas de guerra, vindas da China ou de fabricação tcheca. Choques armados acontecem de vez em quando. O capitão João Evangelista, de Barra do Garças, não sabe o que fazer do manancial de informações que recolheu sobre a adubação do terreno para as guerrilhas. Tudo isto — a pouco mais de 500 km de Brasília.

Ha uma saudade imensa dos salesianos — os missionários apolíticos que tratavam da alma e do corpo naque-

UM BISPO ESPANHOL E UM PADRE DA ARGÉLIA AGITAM O XINGU



las regiões perdidas. A decepção, a insegurança grassam nas terras onde o próprio Governo manda paradoxalmente concentrar os incentivos fiscais — a Sudam. Terra onde o Condepe faz milagres. Ontem era um arcebispo na Sudene. Hoje é um bispo na Amazônia Legal. Tudo na cara do Governo, num desafio à Revolução. Vejam só o depoimento de José Ribeiro Leme, da Bordon, que tentava impedir, por parte do bispo de São Félix, a invasão de suas terras, onde instala um frigorífico:

Estava o entusiasmo próprio de quem deseja construir algo, merecedores que fomos da confiança que o Governo depositou em todos os empresários da Amazônia, quando recebemos em nossos escritórios a visita do padre Pedro Casaldáliga, hoje bispo de São Félix, no Estado de Mato Grosso.

Ele pedia que doássemos uma área de 4,5 quilômetros de comprimento por 2,5 de largura, para que os moradores de Serra Nova pudessem ter um local permanente de cultura. Expus ao padre Pedro que as suas pretensões não poderiam ser atendidas, pois o total da gleba estava incorporado a um projeto de agropecuária, projeto este que estava sendo enviado para a Sudam e, portanto, a totalidade do imobilizado pertencia a ele.

Não satisfeito, bastan-

te irritado, nos disse que esses moradores eram elementos já es-corraçados deste Brasil a fora e que de maneira alguma iriam abandonar o local que tinham como o ideal. Depois de mais alguns comentários desagradáveis de sua parte, sugerimos ao padre Pedro Casaldáliga que procurasse o Incri, para que seus fiéis fossem encaminhados à Transamazônica, onde o Governo estava dando todas as facilidades possíveis para implantar núcleos em torno da mesma. Era uma oportunidade ideal, onde eles poderiam ser proprietários e não invasores de propriedade particular."

O padre Pedro ficou colérico e disse que esta medida que o Governo estava tomando de levar famílias necessitadas para povoar a Transamazônica era a maior vergonha que se poderia impingir a um povo. Além deste comentário perigoso e não próprio de um sacerdote, outros foram feitos, momento em que demos por encerrada sua visita e qualquer diálogo. Pedi a ele que se retirasse, ocasião em que ele, padre, nos amea-

çou, dizendo que iríamos nos arrepender, pois, até o fim deste ano, ele seria sagrado bispo e, então, ninguém mais lhe poria a mão. Não demos maior importância às suas ameaças, mas mantivemos a promessa de respeitar até o fim deste ano as derrubadas feitas em nossas terras.

Agora, decorridos uns 20 dias após a conclusão da cerca, recebemos um livreto, no qual o padre Casaldáliga relata fatos ocorridos em nossa gleba, fatos estes totalmente deturpados, falsos e até desumanos, que teríamos cometido. Esta publicação evidenciava os propósitos subversivos do bispo de São Félix, que não só ataca os empresários da Amazônia, como o próprio Governo brasileiro. Tudo o que acima relatamos já foi verificado em Inquérito Militar.

Estamos recebendo, neste momento, a notícia de que o padre ou bispo de São Félix cumpriu sua ameaça de cortar a cerca divisória, e que também foi mandado um contingente policial com o objetivo de prender os elementos responsáveis.

Acreditamos que este pequeno resumo possa fornecer material concreto para que os senhores da Associação dos Empresários da Amazônia e laborem um trabalho, e cobrem, em definitivo, das autoridades competentes, uma ação enérgica, a fim de dar paradeiro a esse bispo subversivo de São Félix, no Estado de Mato Grosso."

Presidente Médico:

Os brasileiros que foram para a Amazônia Legal, atendendo a uma convocação do governo revolucionário, são os mesmos que um dia irão desbravar as margens da Transamazônica. Os Da Riva, os Vilela, os Bordon, os Marcelo, os Almeida Prado, os Zezinho, os Argeu, tantos outros bandeirantes, têm a vocação do mato, o instinto do colonizador, a bravura do pioneiro. (O velho Mato Grosso lembra ainda seus colonizadores da marca do Bechara Salamone, de Aquidauana.) Qualquer deles tem dinheiro para levar o resto da vida de papo pro ar ou fazendo a ponte aérea Rio ou S. Paulo—Paris, transformar-se em milionários parasitas. Em vez disso, acreditando na promessa da Revolução, julgando que os tempos do Francisco Julião, do padre Mello e de outros enganadores e demagogos haviam passado — embrenharam-se na selva, abriram fazendas, semearam capim de avião, plantaram bois como quem planta civilização. No seu rastro vieram os semeadores da desordem, de batina e sem batina.

Do Xingu, Senhor Presidente, estão se retirando os pioneiros. O Omoto já vendeu a Suíça-Miçu a estrangeiros, a maior fazenda de criação do mundo, que ele abriu na floresta virgem. O Almeida Prado já se foi. Não tardam a partir os salesianos, missionários da boa Igreja. Tudo isso como se os fatos acontecessem antes de 1964. Mande alguém lá. Exija tratamento humano de patrão a empregado. Que a lei seja cumprida. Mas — antes que me chamem de Cassandra e que um barril de pólvora se encrave definitivamente a alguns km de Brasília — leve a Revolução até o Xingu.

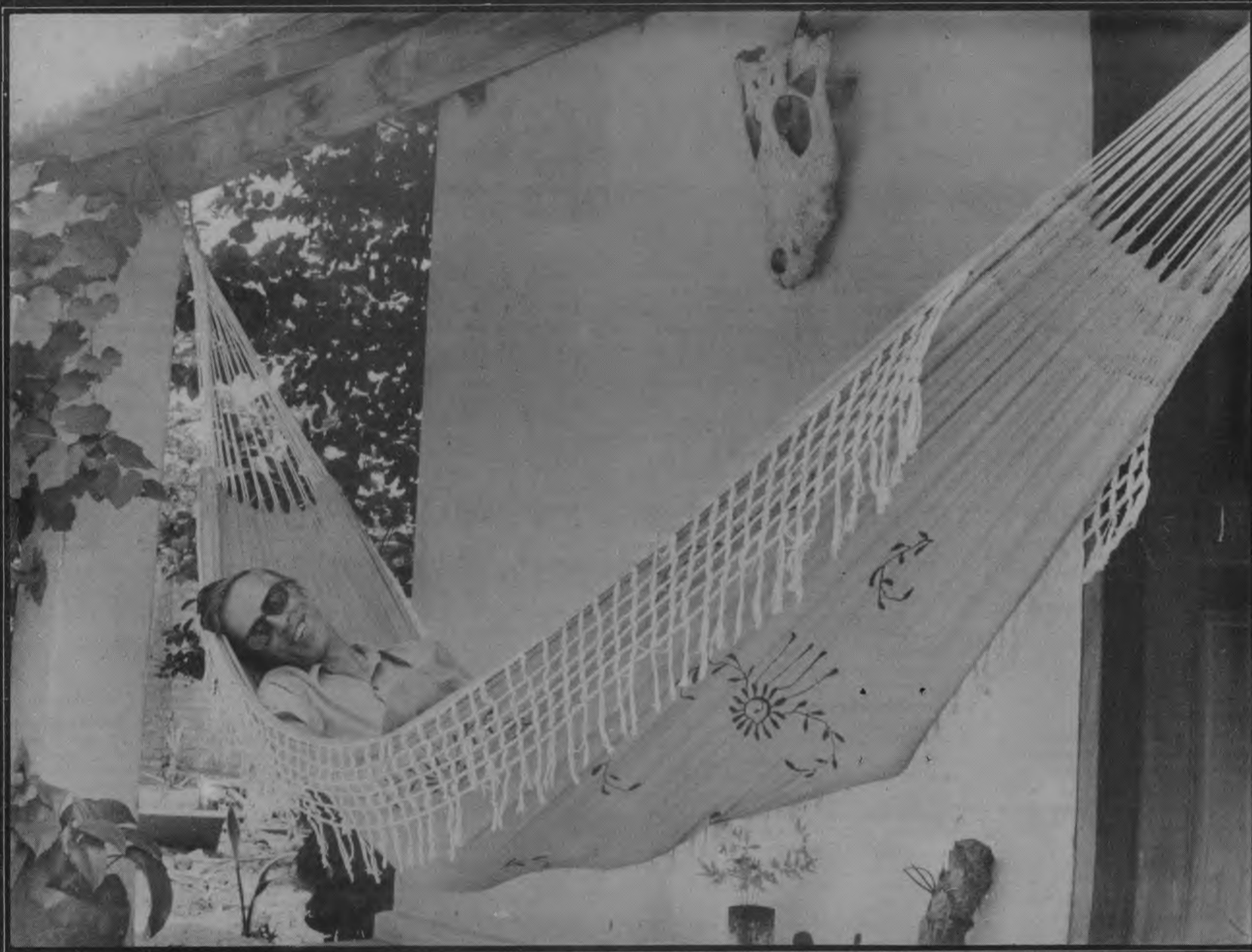
Do seu patricio e companheiro de ideal,
David Nasser.



O Pedro de São Félix

A personalidade de Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix, tem o dom de motivar as pessoas. Ninguém fica indiferente diante de Dom Pedro. Uns, geralmente os ricos, não disfarçam seu ódio contra aquele bispo; outros, os pobres, não escondem o amor para com Dom Pedro. Entre uma ameaça e outra de expulsão do País, entre conflito e outro pela posse da terra, Dom Pedro e sua equipe pastoral encontraram tempo para organizar uma festa de comemoração dos dez anos de fundação da Prelazia de São Félix. Pessoas dos mais diferentes horizontes sociais e geográficos foram celebrar essa data junto como povo de Deus de São Félix. O repórter Antônio Carlos Moura testemunhou, para o **Top News**, a festa da Igreja que fez opção pelos pobres. Uma opção que lhe tem custado muito, assim como ao próprio povo. Conheça tudo isto e confira (Página 32/33)

DEUS É GRANDE



A mata cobre 150 mil km² ao norte de Mato Grosso, área equivalente a dois terços do Estado de São Paulo. São os 150 mil km² da Prelazia de São Félix, dirigida por Pedro Casaldáliga Pla, (foto) pastor de 70 mil almas, o primeiro bispo ameaçado de ser expulso do país.

Deus é grande, mas a mata é maior: foi o que os sertanejos começaram a falar, depois que a região do Araguaia foi destinada à criação extensiva de gado, com incentivos da Sudam, em 1966. Hoje, os 150 mil km² da Prelazia estão divididos em apenas 73 propriedades, as menores com 100 km², outras com 500, 1.000, 2.000 km² - e uma delas, a Suiá-Missu, do grupo Liguigás, considerada a maior fazenda de gado do mundo, com 5.000 km² e aeroporto capaz de receber um Jumbo (300 toneladas de carne numa só viagem). A área média das fazendas é 2.000 km², tamanho aproximado da Agropecuária Tamakavy, de Silvio Santos.

A mata passou a ser maior que Deus principalmente em 73, quando órgãos de segurança vasculharam a área da Prelazia (São Félix, Cascalheira, Serra Nova, Porto Alegre, Pontinópolis, Santa Terezinha, meio Parque Nacional do Xingu, 7 aldeias carajás e uma tapirapé). Padres, freiras, professores presos, posseiros perseguidos, o bispo confinado em casa, todos acusados de incitação à violência. Um simples slide com a palavra **mata**, usado num curso de alfabetização, foi considerado peça de acusação. Os conflitos, porém, já haviam começado em 66,

quando a maioria das fazendas se estabeleceu; e grandes proprietários, que haviam comprado as fazendas "no mapa", passaram a expulsar quem encontrassem em suas terras: índios ou velhos posseiros de até 25 anos atrás. A mata era grande: muitos se esconderam nela, alguns para sempre.

O conflito principal envolvia posseiros e a fazenda Codeara. Só entre 67 e 70, "a Codeara gastou 300 mil cruzeiros em repressão contra os posseiros de Santa Terezinha", diz o bispo de São Félix.

Pedro, o bispo de São Félix, 47 anos, nasceu em Barcelona, Espanha. Poeta, autor de 3 livros: Uriel, 1965; Clamor Elemental, 1971; e Tierra Nuestra, Libertad, 1974. Jornalista, diretor durante 4 anos da revista Iris, editada em Madri pelos claretianos. A guerra civil o atingiu em plena infância. Seu tio, padre, foi assassinado por anarquistas. "Minha família era tipicamente católica, de direita. Ajudei, naquela hora, mesmo sendo criança, a esconder padres e freiras". Entrou para o seminário logo após o fim da guerra, com 11 anos. Ordenou-se aos 21, como claretiano, e logo começou a trabalhar numa cidade operária, Sabadel. "Isso já me abriu uma grande consciência social." Chegou ao Brasil em 68, atendendo a apelos do Vaticano e à força de sua vocação missionária. Já tinha estado na África, onde introduziu os cursilhos de cristandade, na época tachados de "modernistas, comunistas, protestantes, anticlericais e iluministas".

O problema de escolha, diríamos, entre África e América, mesmo que a gente viveu sempre com África como sei lá, o primeiro amor, foi duro. Acontece que essa região, do Mato Grosso o, incluída a ilha do Bananal, estava praticamente desatendida em termos de Pastoral. Incidentalmente, uma vez por ano, passava um padre em algumas partes, rápido, e a Santa Sé, por meio da Nunciatura, vinha insistindo fazia uns 4 ou 5 anos com o nosso Instituto para conseguir missionários. Não foi fácil encontrá-los aqui no Brasil; um padre delegado do Brasil fez questão de encontrá-los na Espanha.

A respeito do Brasil havia para a gente uma certa distância pelo fato de não ser América espanhola. O idioma... a gente conhecia o Brasil muito superficial... era um pouco samba, um pouco Pelé, café... os grandes conglomerados, São Paulo... Brasília, arquitetura nova, modernista como se dizia... e um pouco o Nordeste. Certa literatura, enfim.. Amazonia como o inferno verde e pouca coisa mais.

Vim ao Brasil no começo de 68, junto com outro colega, irmão naquela época, depois se ordenou de padre, padre Manoel López.

Chegamos... aliás com um contraste impressionante de temperatura... saímos de Madri a 11 baixo zero e chegamos a Rio de Janeiro a 38... Nos primeiros dias a gente achava que seria incapaz de suportar o clima. Depois, a gente se habituou. Viemos a esses calores da Amazônia, e a gente vai vivendo, né... com alguma malária, alguma verminose, passando calor... a gente vai vivendo... como outros muitos vivem faz séculos por aqui.

Vimos a Mato Grosso de caminhão, de Rio Claro até aqui, 7 dias na estrada. Carregando os nossos trens, como se diz na região, já com 2 índios xavante que nos acompanharam de Barra do Garças até aqui. A estrada Barra - São Felix estava se abrindo naquela hora. As máquinas, terra vermelha, o cerrado, a floresta já queimada em certos setores que foi como que um colapso pra minha capacidade de imaginar ecologia, de aceitar uma árvore caída ou queimada. As queimadas pareciam-me sensivelmente uma violação a uma população humana, inconcebível. E percebi posteriormente que todos os estrangeiros que chegam nesta região, passam mais ou menos por essa impressão também. A estrada era tão nova que as pontes eram pinguelas e tivemos até a sorte turística de que uma onça atravessasse diante de nós, pertinho do caminhão.

Desgraça tocada pelo latifúndio

São Félix nasceu praticamente perto do ano 40. Fundado por um grupo de piauienses desgredado do grupo que comandava o famoso coronel Lúcio da Luz, fundador de Luciara (Lucia - Araguaia). Interessante saber que se escolheu o nome de São Félix como padroeiro contra os índios. Parece que no Piauí, em vários lugares, São Félix protegia mesmo contra os índios. Para nós, descobrir as intenções desse nome foi um colapso religioso, e depois de 2 anos conseguimos sem maiores iras de São Félix de Valois, mudar o patrocínio, transferindo para Nossa Senhora da Assunção. Aliás, São Félix de Valois é um desses famosos santos cassados.

A cidadezinha poderia ter aquela hora 700 pessoas, 3 jipes velhos, sem luz, sem escola, sem médico, sem telefone claro, sem outra estrada que essa que estava se abrindo, com uma fama mais ou menos merecida de cidade faroeste. A gente ouvia toda hora contar mortes, crimes acontecidos debaixo daquele pau a pique... naquele canto do rio... atrás daquela casa... uma situação, aliás, que hoje vem se mantendo em grande parte. E que é característica desta região e de muitas outras regiões do país. Explicável: pessoal fluante, às vezes pessoal já refugiado nessas regiões por causa de algum crime, algum problema familiar.

grave, etc. Brasil, um país dessas dimensões, pode se permitir o luxo de ter como que fronteiras dentro do próprio país. Atravessar o Araguaia vem significando, até agora em muitos aspectos, atravessar uma fronteira e partir para um

"Cheguei mode a vê, e fiquei. S. Felix era coisa fina"

CONTINUA

outro mundo. Chamou-nos também bastante atenção no início que o povo falasse em "viajar para o Brasil", estando aqui no Mato Grosso.

Explicável também esse clima de faroeste pelas condições em que os grandes conjuntos de homens, peões, vivem. A peonada, como diz o povo numa expressão bastante despectiva, era de 2 mil, 3 mil peões nas grandes fazendas. E se despejavam em São Félix 600, às vezes 700, mil, mil e tantos peões. Enchiam essas pequenas pensões, esses botecos, essa rua toda do Pingo ou da prostituição. Depois de 3, 4 meses de mata, de pantanal, na derrubada, maltratados, com perigo de morte, com doenças, sem nenhum contato com família, com a vida, diríamos, ganhando muito ou pouco (geralmente era pouco, muitas vezes era nada) quando ganhavam sentiam a necessidade quase biológica de estourar, de torrar aquele dinheiro em 4 horas. E era a mulherada, a bebida, o tiro, a facada.

região e sobretudo para conhecer o pessoal. Ai começamos a descobrir que ninguém era daqui. Um detalhe curioso: na cidade vizinha de Luciara alguém era chamado de "Mato Grosso" por ser considerado o único adulto que tinha nascido na região. O resto do pessoal era vindo do exterior do estado: norte, nordeste, sobretudo, Goiás, norte do Goiás. Mesmo os vindos do Goiás, já anteriormente os pais, eles mesmos muitas vezes na infância, vieram do Maranhão, do Piauí, Ceará, Pará, de outros estados do Nordeste. A gente então se encontrava como que de improviso perante um povo nordestino. Um povo nordestino na Amazônia. Sertanejo, como eles chamam. A palavra sertanejo, depois, veio significar para a gente praticamente povo - povo maioria, povo-povo, desta região nova da Prelazia. O povo de Deus no sertão.

Descobrimos as causas da vinda desse povo e esta região. Todos eles vinha tocados (outra expressão cheia de çon-



Nos encontramos perante um mundo não só desconhecido como impossível. A área da Prelazia é de 150 mil km², naquela hora ainda não constituída como tal, mas já sabíamos que ia ser constituída. 150 mil km² para quem vem da Europa são muitos quilômetros. Ficamos como que contemplando o mar.

Sentindo o misterio nas suas profundidades, sem imaginar por onde, como e de que jeito começar o trabalho pastoral. Éramos 2. Fomos alojados numa casinha à beira-rio, histórica, construída pelo Leonardo Villas-Boas.

Tivemos que enfrentar de algum modo a região, a pastoral da região. É no primeiro ano e meio decidimos pela desobriga tradicional praticante. Aquelas visitas do padre num ponto determinado do sertão, onde previamente avisados os moradores da redondeza, a 3, 4, 5, 10, 20 léguas, se reuniam 300, 400 pessoas, 200 animais, mulheres com crianças, mulheres grávidas, o padre passava 1 dia ou 2, confessando, batizando, casando, celebrando missa, distribuindo remédios, às vezes presenciando uma briga, uma facada, um rapto de uma moça, pedindo casamento "no que imo", como se diz na região, casar em cima da hora, a moça roubada, coisa que nós, evidente, de início rejeitamos. Mesmo sendo um sistema pastoral evidentemente ultrapassado, e com o qual a gente não podia concordar de jeito nenhum, serviu-nos para conhecer a

teúdo) pelo latifúndio, pelos donos, pelos senhores, pelos poderes. Tocados pelos donos dos engenhos, das fazendas, dos latifúndios que iam se abrindo no próprio nordeste, tocados às vezes pela seca também. Tocados pelo latifúndio que ia se abrindo no norte do Goiás. Quando eles foram saindo das terras do Norte, do Nordeste, saíram procurando as Terras Gerais, os Gerais, os Campos Gerais do Goiás, do Mato Grosso, as terras de ninguém, as terras devolutas, na consciência deles. Terras de fato de ninguém. Sem cerca, sem cultivo, evidente, sem uma picada ou pinicada, como se diz por aqui, iam se apossando das terras. Entravam, como reconhece com muita força a lei brasileira, no direito de posse, e começavam a plantar.

No norte do Goiás, como aqui no Mato Grosso, as plantações características de mandioca, milho, arroz, um pouco de batatinha doce, as frutas características (mamão, lima, laranja, limão) e as pequenas criações de galinha, porco, pato, com as facilidades de viver muito de caça e de pesca. Era uma terra virgem, uma terra livre. Para quem vinha do nordeste, era uma Terra Prometida. A gente tem dito várias ocasiões que atravessar o Araguaia era como que atravessar o Mar Vermelho. Vindos de uma região de seca, chegavam numa região de mata, de córrego, de rios. Era outro mundo. Quem nunca teve terra própria, que já foi tocado da terra dos pais, chegava

DECLARAÇÕES

Eu, Francisco Alves Feitoza, declaro que fui baleado, no dia 9 de agosto de 1970, 17,00 horas, pelo policial, André, de São Félix, que se encontrava bêbado. Atirou-me sem nenhum motivo, pois eu não estava desacatando a lei e não portava sequer uma arma. Fui baleado no pé e fiquei 9 dias com a bala no corpo. Durante esse tempo, o Sr. Antonio Santana fez alguns curativos. Depois, viajei para São Miguel, onde, finalmente, se extraiu a bala. A operação foi feita pelo Dr. Márcio e toda a despesa importou em \$ 2 mil, que até hoje tenho que arcar com sacrifícios.

Sou um pai de família, tenho dois filhos para criar e me acho sem condições de trabalhar, por causa do balaço que recebi. Minha mulher, àquela época; estava de resguardo, pois tinha dado à luz há apenas 10 (dez) dias, teve que quebrá-lo para trabalhar e cuidar da casa. Por isso, vive até hoje doente.

Quero Justiça:

Declaro tudo que disse como verdade e dou fé.

Eu, Antônio Araújo Bezerra, declaro que no dia 25, Manuel, vaqueiro de Rondon Araújo, residente na ilha do Bananal, veio a São Félix fazer compras. Às 11 hs. da manhã foi preso pela polícia por levar consigo uma simples faquinha comercial. Permaneceu na cadeia desde às 11 hs. da manhã do dia 25 até as 9 horas da noite do dia 27. Durante este tempo, ficou sem comer, sem beber e sem as mínimas condições de higiene. Despido, foi barbaramente espancado e retiraram os \$20 que tinha no bolso.

Após sair da Cadeia, Manuel foi bater em casa e eu tive que dar dinheiro da passagem para que ele pudesse ir para sua casa.

Declaro tudo que disse como verdade.

Eu, Delmiro Rodrigues da Silva, declaro que no dia 27 de setembro de 1971, a polícia prendeu um rapaz por não ter pago uma dívida. Um amigo do detido intercedeu, pedindo à polícia que não batesse e não o levasse preso, pois seria padrinho de casamento.

Os policiais não atenderam, e levaram os dois abraçados para a cadeia. Na cadeia foram espancados.

Declaro também que a polícia tem feito muitos roubos e anda a ameaçar com revólver. O soldado André espancou um rapaz e tomou o dinheiro dele.

mesmo encontrando dificuldades enormes, epopéicas, por causa da bicharada, da total ausência de comunicações, na falta absoluta de assistência, encontravam, digo, terra, que era a obsessão. Terra e água, né. Como que os elementos básicos para a vida. Terra e água.

Fomos tomando os nomes, naquelas listas imensas de 100, 200 batizados, e era sempre os pais e os padrinhos do Maranhão, do Piauí, do norte do Goiás, do Pará.

Relatórios, cartas, reclamações.

Começa a luta.

Lembro o golpe, diríamos, definitivo, de consciência que recebi a respeito do problema dos posseiros; foi na vinda de 6 posseiros, um deles, jamais esquecerei, velho já, de cabeça branca, maranhense (olho de gato, como se diz na região) que vinham da Serra do Roncador. A Serra do Roncador atravessa a Prelazia como um espinho, né. E vinham procurando de mim uma resposta, uma saída, uma solução. Estavam sendo tocados das suas respectivas posses, por um agrimensor, corretor de terras, sei lá, e entraram numa fazenda daquela área. Eu me sentia ante uma pergunta pelo menos sem resposta no momento. Mas me senti confuso perante um desafio. Evidente que se nós queríamos nos encarnar como Igreja e queríamos trabalhar uma pastoral realista e queríamos responder ao que a gente já sentia ou pelo menos vivia teoricamente, uma evangelização libertadora, devíamos enfrentar esse problema.

Esse problema se concretizava numa palavra: terra. A teologia da terra, a pastoral da terra, o sacramento da terra, diria.

Tentei fazer alguma coisa, e começamos a tomar dados, a arquivar, a escrever. Os problemas, as situações semelhantes, iam se multiplicando.

Começamos a mandar cartas, documentos, relatórios, pedidos, reclamações, às diferentes autoridades estaduais e federais. Nosso conflito não foi diretamente nunca com o Exército ou Polícia, outras instituições do governo. Nosso conflito inicialmente se configurou com o latifúndio capitalista, que esmagava o nosso povo e impossibilitava o futuro do nosso povo. É uma questão de vida e morte que nós tentamos resolver. Automaticamente, como esse latifúndio capitalista vinha acobertado por um sistema, por um governo, por uns órgãos de segurança, da Polícia, nosso conflito foi se globalizando, não de nossa parte, mas da parte deles.

No norte do Mato Grosso, norte da Prelazia, já quase limitando com o Pará, o padre Francisco Jentel vinha trabalhando fazia quase 15 anos. E ele pertencia, até aquele momento, à Prelazia de Conceição do Araguaia. Foi da Prelazia de Conceição, da Prelazia da Cristalândia, e da atual Prelazia de Guiratinga que se desmembrou esta nova Prelazia de São Félix. Fundada, quer dizer, erigida, criada no ano 71, 23 de outubro. O padre Francisco nos tinha precedido nessa obsessão de contar, mais fundamentalmente de apelar para as autoridades superiores à base de documentos e de visitas. Padre Jentel foi incansável viajante à procura da justiça, da lei. Eu o acusei diante do tribunal da Auditoria Militar do Campo Grande como de super-legalista. Eu tenho desafiado e desafio qualquer um do Brasil que me apresente nesses últimos 10 ou 15 anos um homem de ação pública mais legalista do que o padre Jentel. Em todos os órgãos e ministérios mais ou menos relacionados com o problema terra e com esta região, os funcionários chegavam a se encher das visitas, da presença, das reclamações, dos detalhes do padre Jentel em busca da via da Justiça para o povo de Santa Terezinha na luta com a famosa, a famigerada (como diziam as emissoras) fazenda Codeara.

A gente começou a ter uma visão de conjunto. Estávamos dentro de uma área visada pelos programas especiais como sendo terra do gado. Lembro que, ao ser sagrado bispo, pensei mais de uma vez que acabaria sendo bispo de bois. E de vacas. (risos).

A Sudam mandava, fazia e desfazia

"Trem prá comprar tinha era demais. Dinheiro que não."

CONTINUA

nesta área. Esta era estritamente área da Sudam. Para o latifúndio. Para o latifúndio do gado.

Vaticano põe fé na Suiá-Missu

A grande fazenda, que naquela hora dominava, de nome e de fato a região, era a Suiá-Missu. Fazenda realmente imensa, com mais de 300 mil alqueires, 5 vezes o antigo Estado da Guanabara, uma fazenda cujas histórias iniciais são francamente tristes. Para os índios xavante, que foram tirados da área, da sede da fazenda. E que nessa viagem, transferidos por avião da FAB, morreram 60, por causa de sarampo, contato com os brancos.

Era notório e é, via testemunhos de

to a par do assunto. Tomei nota, passados alguns meses, não recebi resposta. Escrevi diretamente ao Núncio Villot, Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Villot. Depois de mais 3 meses, me respondeu através da Nunciatura, também com palavras bastante diplomáticas. Entendi que o Vaticano não teria ações na Liguigás. Talvez não teria já mais ações. É curioso porque o próprio diretor-superintendente da Suiá-Missu, Mário Gorla, teria dito para o secretário da CNBB, dom Ivo Lorscheiter que o Vaticano tinha de fato 8,5%. Foi o Vaticano acionista, deixou de ser, ainda é, indiretamente, sei lá...

Nesses dias a Suiá-Missu acaba de despedir todos os peões e praticamte todos os pequenos funcionários. Está se dizendo que vai fazer uns 2 meses de revisão, sei lá. É triste advertir que vários deles tem sido despedidos sem nenhuma atenção dos direitos já adquiridos. Ainda anteontem, um deles daqui de São Félix,



muitas testemunhas vivas, presenciais, o que aconteceu na Suiá-Missu naqueles primeiros tempos, não só com os posseiros que foram tocados da área, como os peões. Peão era mesmo morto. Peão sumia. Peão era materialmente ameaçado de ser enterrado vivo. Gerente e jagunço eram a mesma coisa. A Suiá-Missu poderá se apresentar agora como fazenda-modelo nos aspectos de produtividade, né, de organização, e assim mesmo está em pecado original.

Naquela época, Suiá-Missu era dos Ometto, atualmente é do grupo Liguigás. Aliás, essa transferência de uns donos para outros, nistem custado certos desgostos. A Liguigás, grupo italiano, é considerada como um grupo com ações do Vaticano. Eu acredito que fosse verdade mesmo, em Europa essa era opinião geral, com notícias nos jornais, revistas econômicas, etc.

Quando a Liguigás comprou a Suiá-Missu - lembro, eu estava nessa hora no gabinete do ministério da Agricultura, e me disse um alto funcionário do gabinete que o presidente Médici estava assinando um decreto especial pelo qual um grupo estritamente estrangeiro podia comprar na íntegra uma fazenda.

Tenhamos saber o que havia de verdade nessa história do Vaticano ser dono da Suiá-Missu. Eu procurei pessoalmente o Núncio Apostólico. Acabava de chegar no Brasil e me disse com um sorriso diplomático que não estava mui-

falava com a irmã: 12 anos que vem trabalhando na Suiá-Missu; saiu, como entrou.

Começaram a abrir já, também, algumas fazendas nas áreas do Xingu. E nas proximidades da estrada nova iam surgindo as novas fazendas. Ultimamente essa estrada está materialmente coberta de fazendas. Da Barra até São Félix (700 km de distância - N.R.). Cada viagem que a gente faz de ônibus surgem lado a lado as novas placas. Pode-se dizer que na realidade não existe mais terra devoluta nesta região. Isso tem significado para nós um beco sem saída. Um desafio desesperante. Lembro que no Encontro da Pastoral da Amazônia, celebrado em fins de junho em Goiânia, perguntei concretamente a um dos diretores nacionais do Inbra, presente umas horas na reunião: que perspectivas teria para os posseiros desse Polos-Amazônica oficialmente destinados só à pecuária ou à mineração. Ele me disse que não havia perspectiva nenhuma.

Devo dizer que nosso relacionamento com as fazendas não foi a priori um relacionamento de conflito. É evidente que desde o início achamos uma situação injusta. Porém, era essa a situação e devíamos trabalhar como que nós encontramos. E fomos celebrar missa nas fazendas... eu mesmo utilizei várias vezes os carros da Suiá-Missu, até algumas vezes o teco-teco. Mas fomos vendo que não dava para conjugar a celebração

DECLARAÇÕES

EX-16

O soldado Geraldo tomou o relógio de um rapaz de Santo Antônio e deu-o depois de presente à sogra.

Escutei a seguinte conversa do soldado Armando que falava ao Benigno:

- Benigno, cadê o dinheiro que tem por aí? Respondeu o Benigno: "O Dinheiro está por aí, em mãos dos peões!" Tornou o soldado: - Então, hoje vou enquadrar uns quatro peões para tomar o dinheiro.

Aconteceu um crime no "Pingo" (cabaré). O criminoso ofereceu \$1 mil para o sargento livrá-lo. O sargento achou pouco e exigiu \$2 mil. E toda a cobertura foi dada ao criminoso.

Um rapaz veio a São Félix se casar. Uma testemunha do noivo se encontrava num boteco, quando chegou o cabo e pediu-lhe para pagar 2 cervejas. O rapaz não quis pagar e o cabo prendeu-o. O noivo soube que a testemunha estava preso e pediu para que o soltasse. Prenderam também o noivo e tomaram o dinheiro dos dois.

Declaro tudo o que disse, como verdade.

Eu, Edimundo José dos Santos, declaro que vi 2 soldados pegando um rapaz, e dando pancadas nele, até sair sangue.

Declaro também que vi um outro rapaz espancado duramente. Escutei os gritos da cadeia.

Bateram numa mulher, só porque ela foi bater num filho.

Bateram num rapaz, que foi preso sem nenhum motivo. Batiam nele todos os dias, e o mandaram capinar. Esteve uns 8 dias.

Quando morreu um peão no cabaré, ele estava com \$725. Foi feito o enterro e os gastos foram \$ 125. E o restante do dinheiro ficou com o Sargento Abdias.

Joaquim Martins da Cunha, residente no Bairro da Lagoa, distrito de S. Félix, MT, declara que sua filha menor, com 14 anos de idade, fora aliciada. O Cabo Aristides, da polícia local, ao saber que ele, Joaquim, pretendia esclarecer o caso e tomar as devidas providências legais, foi à casa da menor, apanhou a menina, sem autorização do pai, e a mandou para S. Miguel do Araguaia. O cabo recebera dinheiro do criminoso para evitar contratempos com o pai da menina.

(de "Uma Igreja da Amazônia Em Conflito Com o Latifúndio e a Marginalização", de Pedro Casaldáliga, 1971).

EX-16

da Eucaristia com aquele regime de escravidão que nas fazendas se dava. Quando falo em escravidão estou me referindo aos peões.

E a palavra não é metafórica. A própria Polícia Federal no inquérito que em parte se fez público, contra a Codeara, publicado nos jornais do país (fevereiro de 1971 - N.R.), denunciava o caso dos peões da Codeara como o maior caso de escravidão branca em toda a História do país.

Um historiador tem dito que os historiadores atuais do Brasil têm a vantagem de poder viver, numa época só, todas as épocas da História humana. Época da escravidão, época do feudalismo e as últimas épocas da História Moderna, da História atual.

Escravidão e Feudalismo foram o título "Escravidão e Feudalismo no Norte de Mato Grosso" do primeiro relatório mais completo que mandei à Presidência da República, ao Ministério do Interior, ao Ministério da Agricultura, acho que ao Ministério da Justiça, ao Governador do Mato Grosso, à Presidência da CNBB e ao Núncio do Papa. Aliás, o Sr. Núncio me respondeu elogiando a preocupação pastoral... mas me pedindo que evitasse que o relatório aparecesse na imprensa do exterior, porque poderia ser utilizado para denigrar a imagem do Brasil. (Eu tenho enterrado vários peões nesse cemitério de São Félix, algumas vezes sem caixão, muitas vezes sem nome, um simples apelido de "Baiano" ou Zé ou Pretnho, etc...)

Não podíamos agir nas fazendas. Não tínhamos condições de resolver nenhum problema trabalhista dos peões, que ainda hoje continuam praticamente à margem das leis trabalhistas do país. Mas podíamos gritar, devíamos denunciar.

Um livro que já foi público

Publiquei o livro, Uma Igreja da Amazônia Em Conflito Com o Latifúndio e a Marginalização Social em 23 de outubro, de 71. Pelo menos fizemos questões de que não fosse um livro teórico, apriorístico. A gente documentou seriamente o livro, e até agora ninguém, nem de organismos oficiais nem de donos ou particulares nos contestou aqueles dados. O livro é suficiente para ter uma idéia clara e profunda e dramática do que até aquela hora vinha sendo esta Amazônia Legal, mais concretamente esta região da Prelazia de São Félix. Porque nos limitamos praticamente ao que se referia à nossa região.

Esse livro já foi público. E esse livro já desencadeou uma perseguição, um repressão que nunca mais se fechou. Que foi crescendo até os momentos que estamos vivendo do intento de expulsão do país. O próprio general Canepa, naquela hora chefe da Polícia Federal me disse que se viu obrigado a proibir o livro. O Estado de São Paulo publicou um editorial violento, outros jornais do país reagiram de modo diferente, o Jornal do Brasil reagiu com um editorial bastante digno. O próprio presidente do Inca, naquela hora Moura Cavalcanti, aceitou as colocações e considerou que o livro era uma contribuição às preocupações do Inca. Falando em Moura Cavalcanti, falando em Inca, falando no Ministério da Agricultura, devo dizer que naqueles tempos, sobretudo quando já estourou em termos mais definitivos o conflito Codeara - Santa Terezinha o ministério da Agricultura estava em evidente tensão com o Ministério da Fazenda. Delfim Neto contra Cirne Lima. E acho que essa tensão favoreceu os nossos gritos, as nossas pretensões em favor deste povo. E em parte, se os posseiros de Santa Terezinha conseguiram alguma coisa mínima e ainda não definitivamente outorgada, talvez se deveu a essa tensão.

O confronto Codeara posseiros de Santa Terezinha vinha se criando fazia uns anos já. Mais concretamente a partir de 66, quando a Codeara como tal tomou conta da fazenda.

O padre Jentel tentou de muitos modos e maneiras dialogar, apelar para autoridades de diferentes organismos. E nunca conseguiu uma solução. Chegou um momento que depois de terem sofrido

"Agora vai ter até Bradesco, esse predio mais alto aí

CONTINUA

do, como consta em documentos mandados por nós para diferentes autoridades do país, depois de terem sofrido os posseiros os máximos vexames de parte da Codeara... roças queimadas... cercas, casas derrubadas, queimadas, animais dos posseiros castrados, posseiros perseguidos, ameaçados. A jagunçada apavorando o povo.

Chegou um momento em que a Missão, eu já sendo bispo, decidiu construir um ambulatório dentro das ruas de Santa Terezinha. Desde o início a Missão tomou conta do setor Saúde por causa de que não havia nenhum posto de saúde, nenhum tipo de assistência oficial em Saúde e nenhum hospital na região toda (fora o Hospital do Índio em Santa Izabel da Ilha do Bananal), em condições muito tristes sempre, pelo menos no que se refere ao atendimento.

Nós tínhamos um terreno, que já era de propriedade da antiga Prelazia de Conceição do Araguaia. Estávamos plena-

mentar novamente pelo menos apavorar aos pedreiros, pedi ao padre Jentel que comunicasse ao povo o que significava a construção do ambulatório. Que tomassem consciência. Não era evidentemente do interesse dos elementos da equipe pastoral; era uma obra em favor do povo.

O povo por iniciativa própria entendeu essa colocação. E com bastante ingenuidade se propôs defender a construção. Seguramente, nem eles nem nós imaginamos que a Codeara fosse reagir como reagiu.

Estava um grupo de sertanejos, posseiros, 15 naquela hora, com suas miseráveis armas, sustentando, garantindo, acobertando o trabalho dos pedreiros na nova construção do ambulatório, atrás, num bananal, dentro de uma sanja que foi considerada depois dramaticamente pela polícia, como sendo uma trincheira, né, de alguém que já tivesse feito estudos de estratégia militar,



mente legitimados para construir um ambulatório na rua. O povo estava sendo atendido a 1 quilômetro e meio da cidade, na antiga casa da Missão, lá no morro, perto do Araguaia e significava uma dificuldade tanto para os doentes quanto para a enfermeira.

Começamos a construir o ambulatório.

A Codeara sentiu que a construção de um prédio da Prelazia significava como que atentado contra sua cobiça de se apoderar da cidade toda de Santa Terezinha e transformá-la praticamente em sede da fazenda. Se a Prelazia se estabelecia dentro da rua, com prédio próprio, os outros moradores se sentiam fortalecidos, como que garantidos.

E, os pedreiros em santa paz, chegaram os jagunços da Codeara e com trator de esteira derrubaram a construção iniciada, os montes de alvenaria acumulada lá perto, tijolos, telha e entupiram um poço do quintal que dava água a vários moradores da rua.

Padre Francisco veio me procurar. O caso Codeara era um caso significativo entre os muitos na região e em muitas partes de toda a Amazônia.

Eu dei ordem ao padre Jentel de que se reiniciasse a construção. Não tinha sentido aceitar um tipo de desafio brutal, absurdo, contra toda a Justiça, contra todo o Direito, contra toda a Lei. Agora, pressentindo que a Codeara pudesse

de guerrilha, sei lá. Fizeram questão de demonstrar que o Padre Francisco teria estado na Argélia, enfim, não sei (risos)... quando posso demonstrar que padre Francisco nunca jamais atirou nem para matar um pássaro.

Chegaram! novamente os carros da Codeara, desta vez não só jagunços, estritamente jagunços, mas também com a polícia. Polícia Militar.

Vários, inúmeros e 2 capitães. O capitão Moacir comandando a operação. E carregando consigo um telegrama do chefe da segurança que significou para nós uma revelação. Deveremos prender os pedreiros. E quando os primeiros jagunços entraram na área da construção os posseiros surpreendidos beatificamente descascando lima naquela hora começaram a atirar. E feriram alguns dos assaltantes.

Um Visita Ameaçadora Na Aldeia Tapirapé

No dia 29 de setembro de 1975 chegaram à aldeia Tapirapé a Dra. Gisela, geóloga, o Dr. Alceu, do DGPC e o Sr. Quirino, agrimensor, todos da Funai, acompanhados do Dr. Eduardo, um dos Diretores da Companhia Tapiraguá e do chefe do Posto Indígena, Sr. Juraci Andrade.

NESTE NATAL LEMBRE-SE DE NÓS.
COMPRE EX-17 ESPECIAL (\$ 10,00)

**COMPRE 2,3, COMPRE 1.000
EX-17 \$ 10,00 (ESPECIAL)**

"Faço tijolo. E vou vivendo. Como muitos aqui, faz muito tempo."

SEBASTIÃO DO PIAUÍ

Essa visita foi notoriamente desrespeitosa e agressiva. Para os índios, para as Irmãs (missionárias há 20 anos morando com os Tapirapé - N.R.) e para o casal de professores da aldeia. Uma visita de tipo policial, para impor a arbitrariedade e criar confusão e medo.

Os representantes da Funai afirmaram categoricamente que a Missão só devia se preocupar com o trabalho espiritual, sem se envolver com os problemas de terra: e o representante da Fazenda Tapiraguaiá se permitiu definir a área de terra que os Tapirapé precisariam no futuro, dizendo que o Parque do Araguaia foi feito também para eles.

A partir dessa repressão - prisões, inquéritos que todos tivemos que responder, eu mesmo pessoalmente respondi durante 16 horas o inquérito presidido pelo bacharel Francisco de Barros Lima, atual Chefe da Polícia Federal de Goiás... a partir, digo, dessa invasão vandálica, desse inquérito, nunca jamais a

mesmo, patrocinado aliás pela Bradesco. É significativo destacar esse dado. Todos sabemos, todos os que estão mais ou menos sabendo dos submundos, dos interesses no Brasil, todos sabemos das ligações da Rede Globo no país e fora do país. E Bradesco tem uma grande fazenda no sul do Pará. Como tem a Volkswagen. E esses grupos, Bordon, Suiá-Missu, Reunidas, Codeara significam em termos de programa oficial, no Polo Amazônia, a um setor só: é o 1º Polo Amazônia. Já mais significativo também porque na área que abrange o Mato Grosso segue os limites estritos da Prelazia de São Félix.

Muitos sentiram que a campanha de difamação através da TV Globo, fazia parte da campanha da expulsão. Preparando o processo de expulsão. E, sucessivamente, os dados foram multiplicando e se configurou realmente esse processo.

A polícia foi criando um clima de boa-



repressão cessou. Foram se cortando todas as nossas possibilidades de trabalhar no ensino oficial, no setor Saúde oficial também.

Celebrou-se em fins de junho, em Goiânia, o Encontro de Pastoral da Amazônia, sobre o problema terra e migração. Esse encontro, de fato, praticamente foi iniciativa da gente. Mas assumido oficialmente pela CNBB, e pela sessão brasileira da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz. Foi um encontro público, ninguém quis fazer segredo, vamos discutir com todo realismo um problema que interessava ao país, a migração e a terra na área toda da Amazônia legal e de retruque em outros setores do país não-amazonico.

Surpreendeu-nos a todos ver como a repressão caiu sobre o Encontro em termos de alarme. Dom Fernando, outros bispos, outro pessoal participante, foram seguidos nas ruas de Goiânia pela polícia, a imprensa foi drasticamente proibida de publicar, uma jornalista do New York Times dizia que nunca jamais na vida profissional em nenhum canto do mundo se encontrava com um esquema de segurança tal como o da chegada dela no aeroporto de Goiânia aquele dia. Uma identificação rigorosa.

No 2º dia do Encontro, a Tv Globo lançou o 1º programa em caráter nacional, de difamação da gente. Veio um 2º e um 3º, este no programa Fantástico, de domingo, de característica nacional

to, de procura de fotografias, de ameaças contra nós. Alguns oficiais de polícia chegaram a me dizer que o bispo e os padres só podiam ser resolvidos à base do tiro. Se tentou entre os posseiros que fizessem um abaixo-assinado dizendo que eu os tinha incitado, de maneira semelhante a Santa Terezinha, a um conflito armado.

A Nunciatura, mandando uma advertência contra os meus poemas, me indicava a possibilidade de eu ter que sair um dia desta região, do país.

Gosto, dramaticamente, e concordo plenamente, da afirmação de dom Paulo Evaristo, que o máximo problema pastoral do Brasil nesta hora é a migração. A migração de norte a sul. No Nordeste, no Centro, na Amazônia toda, em São Paulo, no Rio e no sul do país. Ou como ponto de partida, ou como passagem, ou como ponto de chegada e de conflito último nos grandes conglomerados de marginalizados e marginais que se concentram já de modo impossível, absurdo e fatal, nas grandes cidades.

Imediatamente depois do Encontro Pastoral da Amazônia celebramos a 1ª Assembléia Nacional Indigenista, um ato importantíssimo que coroava um dos trabalhos pastorais mais sérios e mais eficientes da Igreja do Brasil estes últimos anos. O trabalho do Cimi (Conselho Missionário) e toda sua repercussão nas bases missionárias dedicadas diretamente às populações indígenas.

Essa 1ª Assembléia Nacional definiu as linhas de nossa Pastoral, em termos estritamente antropológicos, sociológicos, políticos, evangélicos. Até o ponto de que um antropólogo considerava essas linhas definitórias como sumamente conseguidas em termos mesmo de antropologia. E definimos também as prioridades para o nosso trabalho com a Pastoral Indígena. Imediatamente, as iras da Funai descarregaram sobre a gente também, de modo mais ou menos incompreensível. E foi durante o mês de julho que o general Ismarth, presidente da Funai, deu a ordem de proibição de minha entrada em qualquer área indígena, e de prisão, caso entrasse.

Penso que essa ordem só foi possível por causa do processo de expulsão que a vinha acobertando. Parece-me de outra parte uma ordem simplesmente absurda. Há outras figuras bem mais importantes no trabalho pastoral indigenista e há outras figuras importantes que tem tido um tipo de atrito mais conflitivo com a Funai.

Seria então problema terras, seja no que se refere a posseiros e peões, seja no que se refere a índios, seria então o interesse do latifúndio, das companhias nacionais e internacionais, o interesse das chamadas estradas de penetração, estradas de integração nacional, que em tantos aspectos desintegram a natureza, a fauna, a flora da Amazônia, desintegram as nossas populações indígenas, desintegram a alma, a roça, a sobrevivência, o futuro do povo sertanejo. E desintegram também a própria economia do país, partindo para uma pecuária extensiva, quando seria bem mais interessante que nos preocupássemos com uma agricultura estritamente nacional, popular. O padre Jentel fez um cálculo - sabia fazer cálculos certos - seguinte: se o governo destinasse 1% dos incentivos fiscais que investia pela Sudam para as grandes empresas nacionais e multinacionais (essa é a maior tristeza) o governo conseguiria dar uma cobertura de assistência básica a todos os sertanejos, posseiros da Amazônia legal, em termos de terra, saúde, escola, comunicação.

Naturalizado pelo ipê amarelo, pela mata verde.

Para mim, o mundo todo é pátria. Em termos de homem, cidadão do mundo, e em termos de cristão, missionário. Em segundo lugar, me considero a estas alturas muito mais brasileiro que muitos brasileiros que vivem e mandam por aí. Depois de 8 anos de Amazonia tenho direito a uma espécie de carta espontânea de cidadania.

Sempre foi minha intenção me naturalizar. Quando passaram os 5 anos requeridos naquela época já estávamos em plena briga, diríamos, e não tive possibilidade de intentar. Agora, evidentemente, pareceria até um sacasmo. Por outra parte, penso que o povo já me naturalizou. É interessante destacar por ocasião dessa notícia do processo de expulsão, quando tentávamos explicar, conscientizar o povo dessa região a respeito do que isso significaria, das causas, das consequências, no momento em que a Irmã estava explicando numa celebração num bairro aqui de São Félix, a Lagoa, que se me queira expulsar não como bispo, para não entrar em conflito com a grande Igreja, senão como estrangeiro, um velho sertanejo cortou a Irmã e olhou para mim e para o padre espanhol, Pedro Mari Sola, vigário de São Félix, olhou e nos disse em voz alta: "Eu aqui não conheço estrangeiro nenhum. Continue, irmã".

Me sinto, digo, com carta de cidadania. Acho que me naturalizei no que tem de bom e no que tem de difícil neste país e nesta região. Me naturalizei na luta do povo, no conflito da terra, nas angústias, nos processos, na prisão, nas ameaças de morte, me naturalizei dando mais que uma vez a vida, sabendo que podia ser matado de um modo ou de outro.

Me naturalizei no carinho que sinto por este povo, por esta natureza, esta floresta, esses pássaros do Araguaia, esses peixes. Sinto o ipê amarelo e o verde da floresta como uma bandeira à qual tenho pleno direito, e não preciso de outro tipo de documentação, por hora. Vim aqui para viver aqui, para trabalhar aqui, para morrer aqui.

A MATA É MAIOR



Cemitério de Sertão

Para descansar
eu quero só
esta cruz de pau
com chuva e sol,
estes sete palmos
e a Ressurreição!
Mas para viver,
eu já quero ter
a parte que me cabe
no latifúndio seu:
que a terra não é sua,
seu doutor Ninguém!
A terra é de todos
porque é de Deus!
Para descansar...
Mas para viver,
terra eu quero ter.
Com Incra ou sem Incra,
com lei ou sem lei.
Que outra Lei mais alta
Já a Terra nos deu
a todos os pobres
sem voz e sem vez;
que os filhos da gente
são gente também!
Para descansar...

Mas para viver,
Terra exijo: ter
Dinheiro e arame
não nos vão deter.
Mil facões zangados
cortam pra valer.
Dois mil braços juntos
cercam terra e céu.
Para descansar...
Mas para viver,
terra e liberdade
eu preciso ter.
E não peço esmola
nem compro o que é meu.
A Sudam e o diabo
podem se vender:
gente não se vende,
nem se compra Deus!

América Nuestra!

América Índia Todavía
madre en la Libertad Y en la Sabiduría!
América Ayer Española
romántica novia!
América Libre Nueva Manaña
hermana!

Epilogo Abierto

Yo me atendo a lo dicho:
La Justicia,
a pesar de la Ley Y la Costumbre,
a pesar del Dinero y la Limosna.
La Humildad,
para ser yo, verdadero.
La Libertad,
para ser hombre.
Y la Pobreza,
Para ser libre.
La Fe, cristiana,
para andar de noche,
y, sobre todo, para andar de día.
Y, en todo caso, hermanos,
yo me atengo a lo dicho:
la Esperanza!

de "Tierra Nuestra, Libertad",
de Pedro Casaldáliga, Buenos
Aires, 1974

TEXTO E FOTOS DE ALEX SOLNIK,
ENVIADO ESPECIAL

Dom Ivo nega comunismo em contestação a Passarinho

Ao contestar as acusações do senador Jarbas Passarinho, de que existiria infiltração comunistas no clero, o secretário-geral da CNBB, D. Ivo Lorscheiter, afirmou ontem que "a Igreja foi e será sempre contrária ao comunismo, mas gostaríamos de viver não de um anticomunismo simplesmente, mas de valores positivos de promoção do homem".

— Nem tudo que classificam de comunismo é comunismo. A promoção dos pobres é uma exigência do Evangelho: todos querem isso. Queremos esta promoção de homem, e não por esquemas materialistas, e muitos parecem querer confundir isso — acrescentou D. Lorscheiter.

Quanto à denúncia do senador arenista, apontando especificamente o bispo de São Félix de Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, como exemplo de infiltração comunista na Igreja, o secretário-geral da CNBB também contestou: "É bom lembrar que o jornal oficial da Santa Sé, o *L'osservatore Romano*, publicou um comentário do padre jesuíta Giovanni Caprile, elogiando o livro de D. Pedro Casaldáliga. O padre Caprile é também um dos redatores da revista *Atividade Católica*, de Roma, e a edição, em português do *Observadores Romanos*, publica o mesmo artigo. Como um padre desses, então, que é um homem fora de qualquer suspeição, poderia elogiar o livro de D. Casaldáliga?"

Dom Ivo Lorscheiter estranhou, também, a observação do senador Jarbas Passarinho que afirmou nada ver de escandaloso que os órgãos de segurança investigassem o clero. "Então, este formulário deveria perguntar especificamente se o padre é ou não comunista, e não perguntar como pratica a liturgia, que imagem tem de Deus, entre outras questões. São perguntas exorbitantes. Reafirmo que a Igreja sempre foi e será contra o comunismo, mas não podemos confundir a ação pastoral de clero com isso. É mais importante promover o homem do que se viver somente de anticomunismo".

Pedro Casaldáliga

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

DOM PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÁ

- Bispo de São Félix-MT
- Nacionalidade: Espanhola - 47 anos.
- Chegou ao Brasil em 1968.
- Residente em São Félix-MT - Sede da Prelazia.
- Vive viajando em visita a povoados e posseiros. Possui uma lancha - das mais velozes no Araguaia - que ele mesmo dirige.
- Visita, periodicamente, a Cidade de LUCIARA, que não tem pároco, onde faz as chamadas "desobrigas" e reza missa na igreja local.
- Em 1971 divulgou uma pastoral intitulada "UMA IGREJA DA AMAZÔNIA EM CONFLITO COM O LATIFÚNDIO E A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL", que repercutiu, intimamente, no âmbito nacional, agitando a área de Santa Terezinha-MT, Município de LUCIARA, sendo a primeira manifestação de que há perfeita conjugação entre as suas atividades e as do Pe. JENTEL.
- Tem atuado junto aos posseiros da área e incentivado atitudes contra a ordem e as autoridades.
- Em 1972, juntamente com o Pe. JENTEL, insuflou os posseiros contra a CODEARA, fomentando as agitações de Santa Terezinha que culminou com o choque armado de um grupo de civis, chefiados pelo Pe. JENTEL, e a Polícia Militar de Mato Grosso.
- Autor de um poema exaltando o terrorista e guerrilheiro CHE

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -

- GUEVARA e autor do livro "TIERRA NUESTRA, LIBERTAD", impresso pela editorial Guadalupe, Mansilla 3865 - Buenos Aires-Argentina, em forma de poema, contendo uma epístola ao autor, assinada pelo marxista Ernesto Cardenal.
- Seus artigos são largamente publicados pelos órgãos de difusão das organizações subversiva, em particular, no exterior.
 - Em março de 1973 foi encontrado no "aparelho", de GABRIEL PRADO MENDES, do MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO POPULAR - MOLIPO, um panfleto subversivo assinado pelo epigrafeado, incitando o homem rural à luta armada para se apossarem de terras.
 - Um dos autores do Documento de Urgência - "Y-JUCA-PIRAMA" - o Índio: Aquele que deve morrer - trata-se de uma propaganda branca, cuja fonte aparece perfeitamente identificada, como sendo de um grupo do chamado "clero progressista", caracterizado pela nítida posição anti-Revolução e bastante vinculado e comprometido com a subversão marxista-leninista. Não é um documento da Igreja ou de qualquer organização religiosa, sendo sua autoria atribuída, pela publicação, ao seguinte grupo de bispos e missionários: DOM MAXIMO MIENNES, Bispo de Cáceres-MT, DOM HÉLIO CAMPOS, Bispo de Viana-MA, DOM ESTEVÃO CARDOSO DE AVELLAR, Bispo de Marabá-PA, DOM THOMAZ BALDUÍNO, Bispo de Goiás, DOM AGOSTINHO JOSÉ SARTORI, Bispo de Palmas-PR, PADRE ANTÔNIO IASI JÚNIOR, Missionário de Diamantino-MT, FREI DÔMINGOS MAIA LEITE, Missionário de Conceição do Araguaia-PA, PADRE ANTÔNIO-CANUTO, Missionário de São Félix-MT, PADRE LEONILDO BRUSTOLIN, Missionário de Palmas-PR, PADRE THOMAZ DE AQUINO LISBOA, Missionário de Diamantino-MT.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 3 -

- Autor de um manifesto de 'alto teor subversivo, publicado na Folha da Prelazia de São Félix, sob o título "CARTA DE ENCORAJAMENTO AO POVO DA PRELAZIA DE SÃO FÉLIX".
- O inquérito Policial de março de 1972 que indiciou o Pe. JENTEL sugere, em sua fase de conclusão, o afastamento, através da Nunciatura Apostólica, do Bispo da Prelazia de São Félix.
- Declarou à Imprensa que aprovava a posição tomada pelo Pe. JENTEL no litígio de Santa Terezinha-MT.
- Um dos autores do documento dos Bispos do Centro-Oeste, "MARGINALIZAÇÃO DE UM POVO", de março de 1973 - incentivando a luta de classes e jogando o trabalhador rural contra o Governo.

1. HISTÓRICO

Desde 1967, vem este Centro acompanhando os acontecimentos no NE do Estado de MT, área para onde, em face dos incentivos fiscais, converge grande soma de capitais, aplicados por Companhias de Desenvolvimento, com projetos aprovados e orientados pela SUDAM.

As comarcas de BARRA DO GARÇAS e de LUCIARA contam com vários desses projetos, relacionados a empreendimentos agro pecuários a provados pela SUDAM e em plena execução.

A sistemática adotada prevê a aquisição prévia das terras necessárias pelos empresários, a elaboração dos respectivos projetos técnicos que são submetidos a um Conselho Técnico da SUDAM, que também aprova a liberação de recursos para atendimento de uma parte das inversões programadas.

Normalmente, durante o período de elaboração e tramitação do projeto, os empresários iniciam atividades de caráter preparatório tais como: demarcação de divisas, abertura de estradas, construção de casas para os primeiros empregados, assistência social aos mesmos, etc...

Nas glebas destinadas aos projetos, existem, em clareiras abertas, posseiros rurais, os quais promovem exploração agrícola de subsistência. Também outros vivem pobremente, em casas de construção precária, em núcleos como os de SANTA TEREZINHA, TAPIRAPE, PONTINÓPOLIS, PORTO ALEGRE, GUEDOLÂNDIA, SERRA NOVA, etc..

CONTINUA...

PSS. 553, p. 17/280

A demarcação das terras destinadas à execução dos projetos a gro-pecuários tem trazido, desde 1967, problemas de disputa de terras e tensões na área, entre os posseiros já instalados e as Cias de Desenvolvimento e Colonização.

Tais casos, equacionados devidamente, têm sido objeto de atenção deste Centro, bem como de intervenção do INCRA, visando a eliminação da tensão social e o estabelecimento de acordos julgados justos pelas partes interessadas.

Entre as Cias que acusaram tais problemas, podemos citar:

- Companhia de Desenvolvimento do Araguaia - CODEARA
- Agro Pecuária Suiã-Missu S.A.
- Agro Pecuária Vale do Juruena S.A.
- Agrotep - Agropecuária Teixeira Posses S.A.
- Agro Pecuária Nova Amazônia S.A. - FRENOVA
- Piracema Agro Pecuária S.A.
- Piraguassu Agro Pecuária S.A.
- Bordon S.A. - Agro Pecuária da Amazônia
- Tapiraguaia Agrícola e Pecuária
- Agro Pecuária Tapirapê Ltda.

Os problemas apresentados foram equacionados através os seguintes órgãos:

- Governo do Estado de MT (Particularmente com as Sec Int e Just, Sec Seg Pub, Sec Ed e Cultura e CODEMAT);
- INCRA (através Superintendência Regional de Campo Grande);
- Cias de Desenvolvimento já mencionadas;
- Prefeituras municipais de Barra do Garças e Luciara, com a coordenação e o acionamento realizados pela 9a R M.

2. ANTECEDENTES

A Cia de Desenvolvimento do Araguaia, CODEARA, por ser a primeira empresa a iniciar e intensificar suas atividades, na fase inicial de seus trabalhos encontrou uma séria oposição a suas ações por parte do Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL, de nacionalidade francesa, pároco de SANTA TEREZINHA, que se intitulava "representante e defensor" dos posseiros residentes na região.

A situação agravou-se de tal forma que exigiu a intervenção da Secretaria de Segurança de MT, através da PMMT.

As providências adotadas não foram suficientes para solucionar o problema, exigindo, então, a intervenção de tropa do Exército

...os ânimos, criando condições para a ação dos órgãos federais e estaduais da área, visando a dirimir os conflitos existentes e o retorno à tranquilidade.

Dos acontecimentos que deram curso a intervenção da 9a RM, o riginária de um conflito entre posseiros, membros da CODEARA e elementos da PMMT, resultou um IPM, que entre outros, indiciou o Padre FRANÇOIS J. JENTEL. Tal processo encontra-se em fase de julgamento na Auditoria da 9a RM.

Durante a ação realizada pelo Exército na região de SANTA TEREZINHA, foram levantados dados que reunidos às informações já conhecidas, permitiram caracterizar como nitidamente subversiva a ação desenvolvida pelo Padre JENTEL na área. Também nas diligências procedidas durante a operação, verificou-se a presença dos seguintes elementos ligados as atividades do citado Padre:

- Em SÃO FELIX
 - PEDRO CASALDÁLIGA - Bispo da Diocese

- Em SANTA TEREZINHA
 - Padre ANTONIO CANUTO - Secretário do Bispo de SÃO FELIX
 - TEREZINHA BRAGA (oriunda de VITÓRIA-ES onde residia a rua 7 de Setembro. Contadora formada).
 - ELY PIRES, ANTONIO TADEU ESCAME e EVA CARLOS PEREIRA (professoras e professor da Escola Paroquial. Possivelmente oriundos de CAMPINAS-SP).
 - TEREZA CRUZ TEIXEIRA (residente a rua Dr Barros Jr 670 - SANTOS-SP. Enfermeira da Missão Tapirapê).
 - MARIA APARECIDA MATIELO (origem não apurada-Enfermeira).

- Na VILA DE PORTO ALEGRE
 - JOÃO DA PONTE (origem e qualificação ignoradas).

- Em PONTINÓPOLIS
 - JOSÉ CUNHA e HELENA CUNHA (Professores da Escola Municipal - origem e qualificação não apuradas).

Posteriormente, em face de novas informações recebidas, foram comprovadas as presenças de novos elementos, a saber:

- Em SANTA TEREZINHA
 - JOSÉ PONTIM

- Em PORTO ALEGRE
 - Padre EUGÊNIO
 - ATAÍDE SILVA

CONTINUA...

PSS.553,0.18/286



- Em PONTINÓPOLIS

✓ MANOEL DO PADRE

✓ DAUTA BATISTA

- Em GUEDOLÂNDIA

✓ ANTONIO CARLOS DE MOURA FERREIRA

Durante o mês de Nov 72, a 2a Bda Ms realizou manobras na região, visando, entre outros objetivos, verificar a real situação na área. Notou-se, então, que os problemas de SANTA TEREZINHA, principalmente no que diziam respeito à disputa de terras entre CODEARA e POSSEIROS, apesar de equacionados, apresentavam uma morosidade enorme quanto a execução. As dificuldades opostas pela ação do clero liderado pelo Bispo CASALDÁLIGA, juntava-se a distância dos centros de decisão e a falta de meios de ligação dos mesmos e as sedes dos municípios.

Foram novamente acionados os órgãos federais e estaduais, e as medidas tomadas intensificaram o ritmo dos trabalhos, fazendo prever uma real solução em curto prazo.

Entretanto, a par desses fatos, notou-se o recrudescimento da ação do Padre JENTEL em outros povoados e áreas destinadas a projetos agropecuários. A disseminação dos elementos ligados ao bispo e ao padre nesses povoados e áreas, fazia prever o surgimento de novas questões de terras, servindo como argumento básico para a reunião dos posseiros, e a posterior doutrinação em termos de subversão e oposição as iniciativas objetivando o desenvolvimento da região.

Em todas as ocasiões, procurou-se sempre não dar aos elemen-tos do clero o "status" que pretendiam de "representantes dos posseiros". Tal atitude visava a não lhes dar condições de aglutinarem elementos, instalando na área um clima de discórdia e revolta que desse como produto a luta armada.

Após as ações realizadas na região de MARABÁ/XAMBIOÁ, por tropas do CMA e CMP, maior tornou-se a vigilância em BARRA DO GARÇAS/LUCIARA, pois corriam notícias de que alguns subversivos foragidos daquelas áreas, navegando o RIO ARAGUAIA, teriam se estabelecido em SANTA TEREZINHA e SÃO FELIX, sob a proteção e guarida do Bispo CASALDÁLIGA e do Padre JENTEL.

O arquivamento, se efetivamente ocorreu, do processo de expulsão contra o Padre JENTEL, notícia largamente difundida e explo-



CONTINUA...

rada na área, constituiu sem dúvida um aumento de prestígio para o mesmo, dando-lhe condições de, distorcendo os motivos, aparecer como gozando de um grande prestígio na área do Min da Justiça e, conseqüentemente, do Governo Federal.

Para agravar mais ainda os problemas existentes, uma das Cias de Desenvolvimento, a PIRAGUASSU - Agro Pecuária S.A., por intermédio do Engº JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELLES, realizou um acordo, denominado "protocolo", com o Bispo CASALDÁLIGA e o Padre JENTEL, caracterizando-os como "representantes dos interesses dos moradores da localidade de PORTO ALEGRE-MT", dando assim aos mesmos, o "status" que eles pretendem adquirir em toda a região, e propiciando condições para a condução, dentro de seus propósitos, do elemento humano na área. (Anexo nº 019).

3. SITUAÇÃO ATUAL

Em que pesem os esforços dos órgãos federais (INCRA), e das autoridades estaduais, ainda existem muitos problemas a resolver.

As Cias que desenvolvem projetos agropecuários na região, ainda não se compenetraram que ao serem auxiliadas pelo Governo Federal, através do recebimento de incentivos, contraem também compromissos com a comunidade. A adoção de processos desumanos para o recrutamento da mão de obra necessária e a discriminação, em termos de assistência social, entre empregados e moradores, particularmente no que tange a parte de saúde, tornam as mesmas facilmente assemelhadas à figura de "opressoras e exploradoras".

Por outro lado, há uma lei muito simples e compreensível sobre o poder, expressa na assertiva de que "o poder não admite o vácuo". Ora, como na área não há nenhuma pessoa com atribuições para manter a ordem e fazer valer os direitos prejudicados, o próprio povo elege aquele que mais o assiste e que lhe é mais dedicado, passando a seguir, cegamente, sua orientação.

Tal situação é aproveitada pelos elementos do clero local. Levados por seus objetivos ideológicos, assistem aos peões e posseiros nos momentos difíceis, proporcionam educação dentro de seus princípios a população escolar, e assistência de saúde a todos os habitantes dos povoados.

Tais fatos e atitudes, vêm agravando cada vez mais as disputas entre as Agropecuárias e peões e posseiros orientados pelos padres.



Nesta estrutura ressaltam os seguintes pontos:

- 1) A presença do Bispo ALMIR, faz supor uma ligação mais íntima entre o problema existente na área MARABÁ/XAMBIOÁ e as ações atuais de organização de núcleos ativos em BARRA DO GARÇAS/LUCIARA;
 - 2) O fato de TOMAZ BALDUINO ter estreito contato com a CNBB e PEDRO CASALDÁLIGA pertencer a Comissão Regional dos Bispos da Amazônia, conduz a uma hipótese de integração de esforços das duas organizações do clero, e uma possível participação e orientação nas atividades desenvolvidas na região;
 - 3) Pelas observações realizadas, informes e informações colhidas, os elementos mais ativos em cada localidade, excetuando os bispos e padres, são:
 - a) Em PONTINÓPOLIS
 - JOSÉ CUNHA
 - MANOEL DO PADRE
 - b) Na FAZ CADETES
 - ANTONIO TADEU MARTINS ESCAME
 - c) Na VILA DE PORTO ALEGRE
 - ATAIDE DA SILVA
 - d) Em SANTA TEREZINHA
 - TEREZINHA BRAGA
 - ELY PIRES
- b. Por outro lado, a maneira como são conduzidas as ações e atividades dos elementos citados, levanta a possibilidade de existência de uma rede rádio clandestina. Sabe-se da existência de uma estação em SANTA TEREZINHA; nos demais locais ainda não se positivou tal fato, pela dificuldade de acesso e também porque, às instalações dos padres, é vedada a entrada de todo aquele que não pertença a seu meio ou que não goze de sua confiança.
- c. Confirmou-se, ainda, possuírem os padres para seus deslocamentos frequentes pela região vários aviões de pequeno porte, bem como uma lancha potente para navegação no Rio Araguaia e afluentes.



CONTINUA...

dentro dos seguintes propósitos:

- 1) Numa la fase, conseguir o reconhecimento por parte das companhias Agropecuárias, de que o Bispo CASALDÁLIGA e o Padre JENTEL, representam os posseiros e moradores das pequenas localidades existentes;
- 2) Conseguído o reconhecimento pelas Cias de Desenvolvimento, impor o fato como verdade consumada às autoridades com jurisdição e atribuições na região;
- 3) Simultaneamente, aglutinar e doutrinar o elemento humano na área, estabelecendo o controle sobre o mesmo;
- 4) Numa 2a fase, reconhecidos como líderes de direito e de fato, intensificar o trabalho de doutrinação, visando o domínio total do potencial humano da região, e a condução do mesmo de acordo com seus objetivos;
- 5) Conseguído isto, estará pronto o ambiente para o desencadeamento de qualquer ação ou atividade desejada.

e. Na evolução dessa conquista de objetivos, analisando-se os últimos fatos conhecidos, pode-se considerar que já estão em execução as ações caracterizadas no nº 2) da letra d.

f. Quanto ao anexo, cabe observar:

- 1) Foi efetivamente assinado um acordo entre a PIRAGUASSU AGROPECUÁRIA S.A., representada no ato pelo Eng JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELLES, e os moradores da localidade de PORTO ALEGRE, município de LUCIARA-MT.
- 2) No acordo, chamado de "PROTOCOLO", o Bispo PEDRO CASALDÁLIGA e o Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL, são citados como "representantes dos interesses dos moradores de PORTO ALEGRE e arredores".
- 3) O chamado "PROTOCOLO" estabelece entre outras providências:
 - ações a serem executadas pelo INCRA;
 - a delimitação da área para localização dos moradores.
- 4) No texto do documento, faz-se menção a reuniões gerais promovidas pelo Bispo CASALDÁLIGA e o Padre JENTEL com os moradores.

CONTINUA...

- 5) Sobre as ações presumidas de serem executadas pelo INCRA, o seu Superintendente Regional em MT informou o seguinte:
- a) Somente pelos jornais "O GLOBO" da GB e "CORREIO DO ESTADO" de MT, teve conhecimento do chamado "PROTOCOLO".
 - b) Não recebeu nenhuma determinação da Direção do INCRA para executar qualquer medida decorrente do "PROTOCOLO" firmado pela PIRAGUASSU AGROPECUÁRIA S.A.
 - c) Também não foi solicitado a nenhuma atividade pela própria Agropecuária.
 - d) Considera o "PROTOCOLO" um documento de caráter particular da Firma. O INCRA estabelece nos casos de posseiros uma destinação de 50 hectares por posseiro. (O documento estabelece 100 Ha).
- 6) No "PROTOCOLO" está caracterizada a posição da região dentro do município de LUCIARA, no território do Estado de MT.
- 7) É desconhecido o número de posseiros existentes na área da AGROPECUÁRIA, nem o "PROTOCOLO" faz referência a esse número, limitando-se a prescrever uma superfície, sem citar quantidade.



Em resposta aos EEI da presente OM, informo-vos:

- 1 - Foi constatada a presença de elementos estranhos na Aldeia Tapirapés (um casal) e por informações - nas localidades - de Campo Limpo (margem da estrada que liga Barra do Garças a São Felix) e Rio dos Porcos (Serra Nova) dentro da gleba pertencente ao Frigorífico Bordon. São contratados pela Missão dos padres Claretianos, ordem a que pertence o bispo PEDRO CASSALDALIGA, de quem recebem orientação e ficam diretamente subordinados.
Os objetivos, segundo consta, seriam a catequese, alfabetização e esclarecimentos aos posseiros sobre o direito às glebas que ocupam, conforme estabelecem os estatutos do INCRA - que às vezes, por má interpretação ou má fé, tem gerado conflitos como o caso de Santa Terezinha e mais recentemente Campo Limpo;
- 2 - Na área do município de Barra do Garças-MT, com o objetivo já especificado em (1) e sob orientação do bispo PEDRO CASSALDALIGA;
- 3 - Nas localidades de Santa Terezinha, Luciara e São Felix, não existem sindicatos rurais e não se teve conhecimento de que alguém por lá tenha aparecido intitulado-se representante desse órgão de classe;
- 4 - Não foram identificados elementos pertencentes ao PC. Realizam trabalhos junto à população urbana e rural, os padres FRANCISCO JENTEL e ANTONIO CANUTO (foto nº 1) e dona LIA ou LI (foto nº 2) que chegou à região em meados de 1972, constando para uns que é de Goiânia-GO, quando ela própria afirma ser de Campinas-SP. É a atual Diretora do Grupo Escolar local e professora de um curso de alfabetização de adultos mantido pela paróquia. Vive na mesma casa ocupada pelos padres. (Este item refere-se a área de Santa Terezinha exclusivamente)



OUTRAS INFORMAÇÕES

A - Campo Social

1 - SAÚDE

SANTA TEREZINHA : Assistência por órgão do Governo inexistente. Antes do conflito CODEARA x Padre JENTEL, este mantinha um ambulatório precário - que prestava alguma assistência e distribuía medicamentos à população. No intuito de reduzir a influência do padre junto à população, foi providenciado o fechamento desse ambulatório e iniciaram a construção de um Posto de Saúde sob a responsabilidade da Secretaria de Saúde do Estado do Mato Grosso o qual está semi-concluído, obra paralizada há cerca de dois meses, sendo danificada pelo cupim e pelas condições climáticas da região. A população é atendida na medida do possível, no precaríssimo hospital da CODEARA, cuja assistência, instalações anti-higiênicas e acanhadas, deixam muito a desejar se considerarmos o vultoso empreendimento colonizador. Não existe médico e quando da nossa chegada havia um prático em enfermagem. Os casos mais graves entre peões, são tratados nas cidades de Gurupi ou Porto Nacional. Em se tratando de malária ou acidente em serviço, as despesas são por conta da Cia. Nos demais casos, por conta do peão que, não sendo assistido por instituto de previdência - contrai dívidas - com o empreiteiro, transformando-se em "propriedade" deste.

SÃO FELIX : Existe um hospital particular ainda com muitas deficiências.

Anterior ao apoio do bispo PEDRO CASSALDALIGA ao procedimento do padre JENTEL, havia em São Felix um ambulatório médico mantido pela missão religiosa. Hoje, a exemplo do que foi feito em Santa Terezinha, o ambulatório passou à responsabilidade do Estado que alugou o prédio e ali mantém atendimento enquanto é concluído o posto de saúde. Mesmo havendo a responsabilidade do Estado, o controle ainda está nas mãos da missão que lá mantém algumas irmãs e transporta doentes em viaturas a eles pertencentes. A higiene na localidade é precária havendo observado que agulhas e aparelhos de aplicar injeções da principal farmácia local (Farmácia Limeiro) propriedade do vice-prefeito de Barra do Garças, é



(Campo Social - Saúde) Fls II

lavado na barranca do rio Araguaia onde o lixo é jogado por muitos, inclusive pelo hospital.

LUCIARA : O hospital particular está fechado. Não existe médico nem ambulatório.

2 - EDUCAÇÃO

SANTA TEREZINHA : Existe uma escola municipal (foto nº 3) em péssimo estado de conservação, uma escola mantida pela CODEARA, um curso de alfabetização de adultos mantido pela paróquia e um curso do MOBRAL para os trabalhadores da CODEARA, único em funcionamento enquanto as demais permanecem fechadas por falta de material didático que ainda não veio de Barra do Garças. É Diretora da Escola Municipal e do curso de alfabetização de adultos, dona LIA ou LI, ligada ao clero local. A escola que vinha sendo construída pelo padre JENTEL - ao que consta - teria sido encampada pelo Estado e ainda se encontra paralisada na fase de acabamento.

LUCIARA : Existe um grupo escolar e um ginásio do Estado, em funcionamento. Professores matogrossenses e goianos. Conta ainda com escola municipal. É Secretário do Ensino do Município EDVALDO PEREIRA DOS REIS que esteve preso em Cuiabá por haver sido considerado líder dos posseiros e peões, conduzindo-os à violência contra a CODEARA - na área de Santa Terezinha.

SÃO FELIX : Anterior a sagração de PEDRO CASSALDALIGA como bispo e aos seus pronunciamentos de cunho político duvidoso, o ensino estava inteiramente nas mãos da missão religiosa ali radicada. Atualmente, o Estado aluga o prédio propriedade da missão e contrata os professores para o ginásio. Soube-se que esses professores, desde a fundação do ginásio há quatro anos, têm sido selecionados em São Paulo, (Campinas) pela ordem religiosa do bispo CASSALDALIGA. Com exceção de ELMO JOSÉ AMADOR MALAGOTE que exerce a função de Diretor, os demais têm se renovado anualmente. São tidos como universitários pobres que lá passam um ano para depois continuarem custeando os estudos.



(Campo Social - Educação) Fls III

O ginásio vem funcionando em três períodos com apenas cinco professores: O Diretor, TEREZA GOMES, natural de Santos, o japonês LUIZ GOYA, WAINER JOÃO ROCHA, e o pároco PEDRO MÁRIO.

- Não foi possível apurar o vencimento dos professores, soube-se porém, que a título de ajuda - a missão religiosa dá alimentação e os aloja na casa paroquial.
- Como atividade extra-curricular têm sido apresentadas por grupos de alunos, atualmente orientados pelo professor LUIZ GOYA, algumas peças teatrais. Para dia 28/ABR/73 estava programada a encenação de "O Telescópio" da autoria de JORGE ANDRADE - que como as demais - aborda problemas de terra.
- O ensino está atualizado e os alunos da primeira turma de formandos - 1972 - que prestaram exames de seleção em Goiânia para cursar o colegial, foram todos aprovados. Não se observou nem se teve conhecimento de que os professores tenham outra ocupação paralela ao ensino. Gozam de bom conceito junto a população.

3 - C L E R O

SANTA TEREZINHA : A paróquia conta atualmente com dois padres: FRANCISCO JENTEL e ANTONIO CANUTO (foto nº 1). Possui uma máquina de beneficiar arroz, três tratores e implementos agrícolas que são alugados aos posseiros. (Até 1972, a Cooperativa Mista do Araguaia, controlada pelos padres, comprava toda a produção de arroz - ao que consta - por preço irrisório. Este ano, 1973, a CODEARA se propõe a comprar aquilo que for produzido, pagando Cr\$35/36,00 por saca de 50 quilos. Para beneficiamento está cobrando Cr\$ 3,00, exatamente a metade do que cobra a Cooperativa). FRANCISCO JENTEL, ANTONIO CANUTO e o próprio bispo PEDRO CASSALDALIGA, com frequência visitam os posseiros da região, viajando de barco, jeep ou mesmo a pé. Quando da nossa chegada a Santa Terezinha - o padre JENTEL estava ausente há cerca de uns 15 dias - retornando à região procedente de Goiânia-GO, no início da semana santa, participando a seguir, na Aldeia Tapirapé, de uma reunião a que estiveram presentes os bispos Dom TOMAZ - de Goiás e CASSALDALIGA - de São Felix. Quanto à presença de outras pessoas não foi possível apurar.



(Campo Social - Clero) Fls IV

Com a chegada do padre JENTEL a Santa Terezinha, Antonio CANUTO viajou - ao que consta - para Goiânia-GO.

Consta que esporadicamente chegam a Santa Terezinha, em avião ou barco, grupos de jovens que por alguns dias se hospedam na casa paroquial ou em duas residências que os padres normalmente mantêm fechadas. Raramente são vistas mulheres como integrantes desses grupos.

Dois domingos consecutivos pôde-se observar que os capítulos do Evangelho eram escolhidos de maneira a permitir comparações com fatos comuns à vida da comunidade. O oficiante (Padre CANUTO), à medida que ia lendo, perguntava alternadamente aos presentes (maioria mulheres idosas), citando o nome de cada um - o que entendeu. Devido ao grande número de analfabetos - as respostas eram induzidas pelo oficiante.-

Domingo 08/ABR, o Evangelho abordava o egoísmo. Ao término da leitura o padre CANUTO, entre outras coisas, disse: "... não devemos ser egoístas fechando-nos em nossas casas ou casca, como o grão de arroz - devemos olhar pelo nosso irmão e se preciso for - dar a vida por ele - para que - morrendo - aqueles que ficarem possam colher os frutos do nosso sacrifício". A seguir indagava sobre quem conhecia um caso de solidariedade e amor ao próximo. Um dos presentes, uma mulher, mencionou: "nossa luta com a CODEARA - quando todos se uniram na defesa dos interesses de alguns". O padre aprovando essa citação mencionou que já havia alguns posseiros com situação definida, outros aguardando uma solução - mas havia também aqueles que embora tenham lutado e sido perseguidos pela solidariedade aos seus irmãos - nada receberiam.

Quando das orações o padre pergunta se desejam rezar por alguém ou pela solução de algum problema. Houve pedidos - pela saúde de enfermos - pela proteção daqueles que estavam na mata e dona LIA ou LI, pediu pela vitória da causa dos irmãos, de Cascalheira.

Ao findar a missa o padre leu rascunho de carta que enviaria ao povo de Campo Limpo - em resposta à missiva enviada pelo bispo CASSALDALIGA em 1/ABR e que dava conta de um problema de terra idêntico àquele vivido pela população de Santa Terezinha. O rascunho falava na experiência



(Campo Social - Clero) Fls V

experiência obtida naquela modalidade de luta, aconselhava que fossem perseverantes e que estivessem preparados para as perseguições que por certo sofreriam.

Soube-se posteriormente que o padre CANUTO teria convidado alguns moradores de Santa Terezinha para que se deslocassem para a região de Campo Limpo a fim de auxiliarem os moradores na luta que desencadeavam pela manutenção das poses que ocupavam. Não se comprovou qualquer deslocamento.

Soube-se ainda que o padre CANUTO costuma promover reuniões com alguns moradores - desconhecendo assunto e finalidade.

Domingo 15/ABR, dia de ramos. Verifica-se que a igreja está repleta e havia alguns homens - ausentes no domingo anterior. O Evangelho foi sobre a condenação de Cristo que por haver se manifestado contra os ricos e a favor dos pobres, - fora levado à presença de Pilatos - como agitador. Disse o oficiante (Padre CANUTO) que Pilatos ao concluir o interrogatório de Cristo teria dito que aquele homem era inocente, - para depois -, no intuito de agradar aos ricos e poderosos - condená-lo à morte. Neste ponto indagou se alguém conhecia outro fato semelhante - ocorrido na localidade. Alguns fiéis mencionaram o Padre FRANCISCO JENTEL que estava sendo perseguido e processado por defender os pobres. O padre - CANUTO prosseguindo traçou um paralelo entre Cristo e JENTEL. Finalizou dizendo não a creditar na absolvição daquele padre.

SÃO FELIX : é a sede da prelazia e residência do bispo - PEDRO CASSALDALIGA que vive viajando em visita a povoados e posseiros. Possui uma lancha - das mais velozes no Araguaia - que ele mesmo dirige. Quinta-feira, dia 19/ABR, viajou em companhia de três irmãs religiosas, descendo o rio. Soube-se que rezou missa em LUCIARA, e, depois, em avião, seguiu para a Aldeia Tapirapé onde o aguardava o bispo de Goiás, - Dom TOMAZ.

Presentemente é o pároco da localidade - o padre PEDRO MÁRIO, que exerce, também, a função de professor no ginásio. A população é muito grata ao bispo e à missão religiosa, a quem procuram para resolver problemas de toda a espécie. - Por várias vezes foram vistos - na biblioteca da casa paroquial - homens com aparência de peões.



(Campo Social - Clero) Fls VI

Observou-se que o bispo dispensa o tratamento e honrarias inerentes ao posto que ocupa - veste-se com humildade e as pessoas que o cercam chamam-no de PEDRO simplesmente.- Pareceu-nos um fiel seguidor das inovações introduzidas pelo Papa JOÃO XXIII.

LUCIARA : Não tem pároco. Periódicamente é visitada pelo bispo CASSALDALIGA que faz as chamadas "desobrigas" e reza missa na igreja local.

SERRA NOVA : Consta que aqui estaria radicado o padre - EUGENIO - ordenado em São Felix.

4 - AERÓDROMOS

Há um grande número de campos de pouso na região. Maioria é propriedade dos empreendimentos colonizadores. Para muitos ainda é o avião o único meio de transporte.

Observam-se alguns campos abandonados - ao que consta - pela transferência das sedes das fazendas.

SANTA TEREZINHA possui uma pista homologada, cuja falta de conservação teria levado a VASP a suspender os vôos que para lá mantinha. A PLANTA COMERCIAL, firma pertencente ao grupo do BCN, mantém um posto de abastecimento e por ser dos poucos que mantém estoque permanente de gasolina, observa-se um movimento apreciável de aviões (média de 8 a 10 por dia) em sua maioria propriedade dos projetos agropecuários instalados na área. Atualmente, o abastecedor registra na nota fiscal, a matrícula, propriedade, procedência e destino das aeronaves. Foi sugerido pelo piloto da CODEARA, a adoção de um livro para registro do movimento de aviões, a exemplo do que acontece nos aeródromos controlados pela DAC. Diz a direção da CODEARA que ainda não instituiu esse livro por falta de uma determinação da DAC - a qual daria força ao funcionário para exigir dos tripulantes as informações necessárias.

SÃO FELIX possui um movimento de aeronaves maior que o de Santa Terezinha. Existem cinco aviões baseados no aeroporto local que também mantém abastecimento. Este movimento talvez se justifique pelo fato de alguns projetos manterem



(Campo Social - Aerodromos) Fls VII

convênios com o hospital local, por ser a localidade dotada de algumas casas comerciais com estoques consideráveis, tem uma farmácia capaz de fornecer medicamentos para todo norte do Mato Grosso e ainda é um local de contratação de peões que, vindos de outros Estados - lá permanecem à espera dos empreiteiros.

5 - POLÍCIA DE MT

Os policiais de um modo geral, não gozam de bom prestígio junto à população. Os problemas em Santa Terezinha são os mesmos de São Felix. Consta que é cobrada uma taxa dita de carceragem - Cr\$50,00 por prêso. Quando há pagamento nos projetos e os peões se dirigem aos povoados - as cadeias ficam lotadas e não raro - desaparece o dinheiro dos presos. A população de um modo geral, leva os problemas ao conhecimento dos padres, quando, na realidade, caberia à polícia resolver. Tivemos oportunidade de ouvir um peão que fora queixar-se ao padre CANUTO que o empreiteiro havia espancado um seu colega. Em São Felix ouvimos de um cidadão que a polícia não resolve problema de pobre.

6 - DIVERSOS

Aldeia MACAUBA - região norte da Ilha do Bananal - índios Carajá. - Consta que a sífilis e a tuberculose estão alastradas nesta aldeia. Atualmente devido à morte do funcionário da FUNAI que trabalhava naquela área, os índios estão abandonados à própria sorte, vivendo na mais absoluta miséria, sem qualquer assistência - inclusive sem Cacique, pois o herdeiro natural do posto - segundo tradições indígenas - teria sido rejeitado pela FUNAI, que por sua vez - impôs um outro que a tribo não reconhece.

Aldeia Tapirapé - entre Santa Terezinha e Luciara - índios Tapirapés - Observamos nesta localidade, cuja tribo está há cerca de 18 anos sob orietação das freiras pertencentes à ordem denominada "Irmazinhas de Jesus" - a presença de um casal de jovens com um filho de apenas sete meses. Ele diz ser natural do Paraná, chamar-se LUIZ PAULO GOUVEA. Sobre



(Diversos)

Fls VIII

Sobre ela nada ficamos sabendo além de que ambos se conheceram em São Felix - anos atrás - quando lá lecionavam e que hoje voltaram contratados pela Missão para alfabetizar os índios. Estão inicialmente apreendendo o idioma dos Tapirapés para depois iniciarem o trabalho.

Devido ao mau tempo na ocasião e à curta permanência no local, não foi possível uma observação mais detalhada - embora se fizesse necessária por ser voz corrente que o padre JENTEL lá teria algumas armas guardadas e exercer junto com o bispo CASSALDALIGA, grande influência sobre as religiosas e os índios.

O aspecto físico da tribo e o que nos foi dado ver das habitações, imprecionou-nos favoravelmente.

As freiras em número de três, além da assistência social, trabalham na lavoura com os índios que são agricultores - por tradição.

Medicamentos, segundo nos informaram, são fornecidos pela Missão do bispo CASSALDALIGA que os recebe do exterior. A quantidade que recebem tem sido suficiente inclusive para socorrerem uma aldeia Carajá nas imediações a qual, embora esteja sob a responsabilidade da FUNAI, enfrenta grandes dificuldades.

Existe entre os riachos Crisostomo e Antonio Rosa - ao norte de Santa Terezinha - uma gleba de terra que dizem pertencer ao ex-presidente JOÃO GOULART. Aí vivem, a margem do Araguaia e dos riachos mencionados, cerca de quarenta posseiros que, periodicamente, são visitados pelos padres de Santa Terezinha. A área que utilizam, segundo consta, é pequena, havendo muitos alqueires de mata virgem. Na época das chuvas o acesso é possível somente pelo rio - na seca pode-se chegar ao local, partindo de Santa Terezinha, até de automóvel. Estariam chegando novos posseiros para a área.

Soube-se em Santa Terezinha que THADEU MARTINS DE MACEDO, - Diretor da Comercial Macedo, administrador de uma cadeia de hotéis - ao que consta no Rio de Janeiro - comprou na localidade, uma casa onde deixou uma estatueta do Buda em madeira e sob a mesma uma nota de CEM CRUZEIROS. Deixou a casa aos cuidados de um morador no povoado, conhecido pela



(Diversos)

Fls IX

pela alcunha de "QUERO MAIS" - o qual passou a residir ali com a família - pois a sua residência havia sido destruída por um incêndio. THADEU apareceu no povoado pela primeira vez - em janeiro/73, acompanhado por outras pessoas que com ele viajavam em um bi-motor - turbo-hélice. Já nessa primeira viagem - comprou a casa e andou distribuindo regular quantia em dinheiro para algumas pessoas. No início do mes de abril/73, voltou a Santa Terezinha e havendo constatado o desaparecimento do dinheiro que deixara sob a estatuetta, falou da maldição que recairia sobre aquele que havia roubado o dinheiro e lá colocou uma nota de QUINHENTOS CRUZEIROS - tirou algumas fotografias e no mesmo dia seguiu destino. Ao motorista que nesse dia lhe dera uma carona do campo de pouso ao povoado (uns dois quilômetros) entregou uma nota de CEM CRUZEIROS dizendo que era um presente aos seus filhos.

Na área de Santa Terezinha onde a permanência foi maior e contamos com meios de locomoção, pareceu-nos que a área - ocupada pelos posseiros - embora numa extrema miséria - está vivendo momentos de calma - com alguns empenhados em ampliar suas lavouras de arroz, cuja comercialização vem melhorando desde o início dos trabalhos na CODEARA. Por outro lado, a ignorância, simplicidade e ausência de qualquer assistência, torna esta gente - campo fértil para a subversão. É de se considerar também, a influência exercida pelo padre JENTEL, líder indiscutível na região e as pregações sutis do padre CANUTO - as quais - para que se chegue a uma conclusão sobre seus reais objetivos, haveria a necessidade de uma observação contínua e prolongada. Não houve oportunidade para acompanhar a atuação do padre JENTEL - cuja chegada coincidiu com nossa partida.

A utilização da região para instalação de núcleo de guerrilha, sem a conivência dos padres - na época chuvosa - é pouco provável dado as dificuldades enormes para locomoção, escassez de caça e pesca e um deslocamento para o interior, parte alta, conduziria às áreas que estão sendo colonizadas. Não existe campo de pouso que possibilite suprimento de gêneros - sem chamar atenção.

Foram feitas incursões no interior da mata, num raio de até 80 quilômetros - partindo de Santa Terezinha e nada de anormal foi verificado.

encontrado no "aparelho" de GABRIEL PRADO MENDES, ?DO "MOLIPO"?

Vêr a data que é recente!



CONFLITOS DE TERRA E CARRANCISMO EM CAMPOS LIMPOS, MATO GROSSO

Campos Limpos, município de Barra do Garças, MT, à beira da estrada BR-158, abrange os dois povoados muito próximos de Ribeirão e Cascalheira. Com um total de umas trezentas e cinquenta famílias dentro da "rua" (área urbana) e mais outras quinhentas aproximadamente no sertão. Uma maioria de talvez 85% dos moradores é de posseiros, sem terra garantida, já "tocados" do Norte e do Centro do país pelo latifúndio e pela sempre inutilmente esperada Reforma Agrária.

A cidadezinha, sobretudo no Ribeirão, está profundamente marcada por um clima de carrancismo, far-west, crime e arbitrariedade policial. É ponto de passagem e de "despejo" dos peões de várias grandes agropecuárias vizinhas, com todas as consequências de miséria, bebedeira, briga e prostituição, anexas a esse trágico fenômeno social do latifúndio que os exploradores e o povo - com diferente sentido e com diversa/responsabilidade - chamam de "peonada". Caminhonadas de peões se alternam nessa estrada com caminhonadas de gado. Este, com frequência, bem mais zelado e mais compadecido. No último mês passaram por esta estrada mil e quatrocentos peões, grande parte deles para a Fazenda Bordon, S.A. Um marreteiro de homens que trafica no Goiás, particularmente em Santa Helena, para as fazendas deste Norte do Mato Grosso, ganha 200 cruzeiros por cada cabeça de gado humano que entrega ao Latifúndio.

Não seria fácil contar as mortes e os ferimentos graves acontecidos em Campos Limpos; as noites de terror; a assombração que paira sobre o córrego Suiazinho que dá nome ao Ribeirão. A gozação vizinha chamou o lugar de "Tirolândia".

Atualmente não há policiamento em Campos Limpos. E a gente se pergunta se isso é uma deficiência ou se é um benefício; visto ser até agora a policia que aqui residiu culpada de tantos abusos - espancamentos, roubos, bebedeiras, agressões - e tão abertamente vendida ao carrancismo local e ao latifúndio circundante. O próprio Exército, em ação antiguerrilha por esta região, em setembro de 1972, surpreendeu um peão amarrado a um pau e espancado brutalmente pela policia. Os culpados, soldados Armando e André, da PM, já culpados anteriormente de semelhantes ações em São Félix e redondezas, continuam policiando na região. Recentemente os policiais Armando e Félix, de triste reputação, depois de ameaçar de prisão ao posseiro de 68 anos, Sr. Oseias Rodrigues de Araujo, exigiram-lhe 1.500 (mil e quinhentos) cruzeiros, dizendo ser ordem do capitão; sem intimação judicial e sem lhe dar recibo algum. Entretanto/ o conhecido criminoso Aurino, principal responsável na briga com o filho do Sr. Oséias, não foi punido absolutamente. Tres pistoleiros, Omar, João e José, conhecidos como "Os Cabeludos", e foragidos do Goiás por vários crimes, semearam o terror na Cascalheira, atirando na rua e matando e ferindo. Foram presos na Delegacia de Barra do Garças, encarregado da região, em novembro de 1972 e já em dezembro foram impunemente libertados...

Nunca as Autoridades superiores da Policia Estadual atenderam / as reclamações do povo e das vítimas ou os vários documentos e depoimentos que eu e outros demos a essas mesmas autoridades ou a Policia Federal, SNI, ao proprio Exército, ao Ministério de Justiça e a opinião pública do país.

O carrancismo local centra-se particularmente na figura do comerciante e politico, Sr. Zacarias Guedes de Moura, - que deu mais um nome, "Guediolândia", ao Ribeirão - e dos seus bate-paus, como Abraão / Barros.

A administração pública é sumamente precária, nula. Não há Grupo Escolar construído nem no Ribeirão nem na Cascalheira. Não há Posto de Saúde. Nem Correio. A única estrada, BR-158, esta praticamente / intransitável.

O CONFLITO DE TERRAS, geral, crescente, fatídico, em toda essa área e em toda a Amazônia legal - apesar dos decretos-lei e de alguns / detalhes de aparência contrária - vêm provocando, nos últimos meses, em Campos Limpos, atritos e tensões que culminaram no incidente do pp. dia 13.

Além das grandes Companhias financiadas pela SUDAM, entre o Araguaís e o Xingu, e de algumas firmas particulares, nas imediações / de Campos Limpos esses últimos conflitos provêm do proprio Sr. Zacarias Guedes e do Sr. "Paulo Guasca", filhos e capangas. O grupo "Guasca" vêm ameaçando e expulsando posseiros, até na bala. Nunca mostrou título de terra, como lhe fora pedido. Trouxe dois pistoleiros do Rio Grande do Sul, "para matar posseiros", segundo declaração insolente dos tais "Guasca".

Em 15 de outubro de 1972 foi encaminhado à sede central do INCRA em Mato Grosso um abaixo-assinado, com 88 assinaturas, do qual / são os seguintes itens:

"... O povoado (de Cascalheira)... (tem) sua sobrevivência ameaçada por indivíduos perigosos que apareceram recentemente aqui, dizendo-se donos de terras. Trata-se do Sr. Paulo "Guasca" ("Guacho"), com seus filhos, que estão fazendo picadas que atravessam cercas de posseiros velhos; estão proibindo todo o povo de plantar suas roças, com ameaças à vidas dos posseiros..."

"... Todos os lavradores estão com seus serviços interrompidos, e a fome ameaça os lares da Cascalheira, caso as roças não sejam plantadas.

Diversas pessoas, inclusive o dono do Cartório de Barra do Garças, (Sr. Valdon Varjon, atualmente Prefeito da cidade), têm afirmado que o sr. Paulo Guasca e seus filhos não tem aqui um único palmo de terra, / sendo, portanto, grileiros..."

Até agora não veio resposta nenhuma a esse abaixo-assinado.

Um novo abaixo-assinado esta sendo encaminhado ao INCRA, em Brasília. Desta vez com as assinaturas dos representantes dos posseiros / das glebas "do Paulo Guasca", Barreiro ("do Diogo Nunes"), Piabanha (da Amélia Junqueira), Gengibre, Mata de Banana e Suiazinho. Um grito desesperado de um total de 500 posseiros aproximadamente.

Transcrevo, a seguir, o relatório da equipe da Prelazia, residente em Campos Limpos:

"No dia 10 de fevereiro passado, o posseiro Bento Pereira dos Santos veio nos procurar para levar ao nosso conhecimento o conflito que / existe entre ele e o Sr. Zacarias Guedes de Moura.

"Fazia poucos dias que o seu Zacarias tinha colocado uma cerca de arame, fechando a fonte de água e uma estrada pública. O posseiro tinha sido proibido de "tocar mais serviço" com ameaça de expulsão. O seu Bento nos convidou para ir na casa dele, observar os seus serviços e, aproveitando a oportunidade, ter uma reunião e uma reza com todos os meradores do arredor.

"No dia 15, nós, Pe. Maunel e Ilda, fomos de tropa até a casa do posseiro Bento - 6 léguas -. Lá nos esperavam outros posseiros, moradores "gleba do seu Z." e outros moradores do Gengibre e São João.

"Todos esses posseiros nos colocaram a par da problemática cada vez mais tensa que existe entre eles e os que se dizem "donos" daquelas terras: indenizações absurdas, ameaças, coação, etc.

"Nós tentamos esclarecer-lhes o Decreto-lei núm. 70.430, assinado pelo Presidente da República no dia 17 de Abril de 1972.



"Após esta visita, o seu Zacarias começou a criar problemas começando a iniciar uma campanha de difamação, no Patrimônio, contra o Bispo Pedro, o Pe. Manuel, as irmãs Beatriz e Madalena e a professora Ilda: "Seríamos comunistas e subversivos, seríamos imorais, o Padre não seria Padre, etc..."

"A situação tornou-se cada vez mais tensa no povoado e no sertão, e explodiu quando precisava ser resolvido o problema da escola e das professoras. Sem consultar a ninguém o seu Z. foi até Barra do Garças, sede do Município, para apresentar 4 professoras, inclusive sua própria filha. Os pais, desaprovando essa atitude, fizeram uma reunião, estando o seu Z. presente, com o objetivo de pedir ao Secretário de Educação da Prefeitura a nomeação da Ilda como professora e coordenadora da escola local. O pedido foi assinado por umas 70 pessoas e levado pelo representante dos pais as mãos do Secretário municipal de Educação. Durante a reunião o seu Z. quis impedir o abaixo-assinado dizendo, para atemorizar aos presentes, que o documento chegaria ao conhecimento da Polícia Federal (!)... O povo não ligou com essas assombrações, e desde já intensificou-se o atrito entre a população e o seu Zacarias.

"No dia 13 pp., pela volta das 14 horas, o seu Z. veio procurar o Pe. Manuel que estava asentado no alpendre da casa, e logo, numa atitude e modo de falar agressivo, fez alusão a uma carta do bispo Pedro ao posseiro Bento. Após se referiu também a nossa visita à casa do dito / posseiro. Sempre mais se exaltando. O Pe. Manuel tentou, com calma, explicar-lhe a sua intervenção no problema do posseiro, explicitando simplesmente o Decreto Lei núm. 70.430 que o seu Z. recusava-se a aceitar. Este gritando que não tolerava que o Padre interviesse nisso, agrediu fisicamente o Pe. Manuel sacudindo-o e derrubando-o de costa para a rua Dona Joana Alves de Abreu, de 63 anos, presenciou e testemunha a agressão. Beatriz e Madalena, escutando os gritos, saíram correndo e encontraram já o Pe. Manuel no chão. Beatriz colocou-se entre a vítima e o agressor que estava puxando o seu revólver 38 e que tinha no cinto uma pexeira. "O sr. pode me matar, disse Beatriz, mas não bata no Padre... E o seu Z., surpreso, sumiu murmurando palavras ininteligíveis. Várias pessoas viram o Padre no chão e outra testemunharam a presença / próxima, na rua, do filho do seu Z., Jorge, e do citado malfeitor Abraão."

Sabedor do acontecido, com o atraso característico destas paragens, vim a Campos Limpos o dia 16, e encontrei o povo aterrorizado. Para maior desfaçatez do carrancismo, no dia 15 o sr. Zacarias reteve a seu serviço, e na sua casa, o cabo Messias Martim dos Reis e o soldado João, da PM., que passavam por aqui a caminho de Luciara, e repetiu publicamente que ia trazer "o capitão de Barra e o Exército", todos / para após-16..., porque se o povo estava contra ele, as Autoridades / estavam a seu favor.

Todos confirmamos de novo a plena cobertura que a policia dava ao sr. Zacarias. Falei com o cabo e o soldado e estes sempre tentaram / excusar a agressão do mesmo: os culpados seriam os posseiros; os amigos do Padre seriam os ofensores e possuiriam armas "todas smith", e, com um prodigioso complexo de Segurança Nacional, acabava de descobrir "guerra civil" e "guerrilha" onde havia apenas interesse particular, coronelismo e politicagem. (Ainda, ontem o sr. Zacarias fez de "mediador" entre pobres mulheres, cujos maridos estão foragidos por arbitrariedade policial e a cobiça do cabo Messias que exigiu delas 200 cruzeiros para que os maridos pudessem regressar).

E o sr. Zacarias continua ameaçando. Agora até o bispo ia "entrar no pau". O Jorge e o soldado João foram anteontem às casas dos / posseiros que o sr. Zacarias pretende desalojar Com algemas, e prometendo aos filhos do sr. Bento que o pai seria amarrado e que eles, os policiais, voltariam dentro de tres dias. A esposa assombrada, sofreu / uma alteração na sua gravidez. (os posseiros estavam, nessa hora, foragidos, largadas as famílias e a colheita de arroz).

4

O PROBLEMA NÃO É MAIS UM PADRE AGREDIDO, quando são milhares os posseiros e os peões agredidos impunemente. Nem se trata de processar a um seu fulando de tal... Esses dados são mais um episódio da história, atual, de escravidão e feudalismo que estamos tolerando neste norte do Mato Grosso, para não falar em outras regiões do país.

Trata-se de processar à Injustiça vigente.

O incidente do dia 13 até que pode ser esquecido com um pouco de perdão cristão. Já o clima da arbitrariedade e terror, a impunidade das culpas, a conivência - por comissão ou por omissão - de autoridades superiores e, sobretudo, o desamparo das 1.000 famílias deste povoado e sertão, não podem ser preteridos ou protelados sem uma desumana passividade.

Problema de posseiro está virando pesadelo social. E urge que rer reconhecer e sanar suas causas; a origem destes retirantes e o seu duro peregrinar; os motivos prementes que os arrancaram do solo nativo e de outros sucessivos solos, sempre açambarcados pelo privilégio. Ainda hoje dizia-me um cearense que já viu morto o seu irmão mais velho nas mãos dos tubarões: "A fome do Nordeste não é da seca; é da falta de terra para os pobres..."

O Decreto-Lei 70.430, que seria relativamente válido, torna-se burocraticamente "impraticável" para os pobres lavradores largados por essas matas e sertões. Só com muito padrinho e com muito barulho, vem o Decreto a concretizar-se em algo real... O INCRA é importante frente a tantos interesses onipotentes, dentro de um sistema de idólatrico desenvolvimento. Cada-dia sentimos mais aqui - como povo e como igreja - a iníqua e sofisticada estrutura da opressão. Estamos condenados ao Latifúndio capitalista... Morra o homem, viva o boi!

Deus me perdoe o sarcasmo que talvez seja só dolorida conivência com este povo, e Ele nos siga dando lucidez e coragem evangélicas.

Não sei muito bem a quem encaminhar este novo relatório. Um alto dirigente militar da SUDAM, numa entrevista dada a um jornalista estrangeiro há poucas semanas, censurava-me, irritado, como sendo eu uma espécie de criador profissional de corrupção... Lamento deveras que a calúnia dos poderosos não possa melhorar a esmagada sobrevivência do nosso povo.

Pedro Casaldáliga

bispo de São Félix, MT.

Ribeirão / Cascalheira, MT.

19 de março de 1973.

25 anivers. da Declaração Universal dos
Direitos Humanos.

1



Padre ANTONIO CANUTO - um dos párocos em Santa Terezinha-MT

2



Dona LIA ou LI - Diretora do Grupo Escola em Santa Terezinha



Bispo PEDRO DE MORAES, Bispo de Caxias-MT e a universitária - professora em Caxias de Mindicade - MARIA de SAZ GOMES.



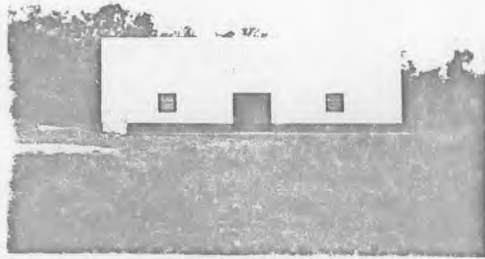
Padre PEDRO MÁRIO - pároco de São Felix-MT e professor no ginásio local.



O bispo CASSALDALIGA, os universitários-professores em São Felix-MT WAINER JOÃO ROCHA e LUIZ GOYA.



Padre JOÃO



Posto de Saúde em construção.



Cooperativa Agrícola Mista do Araguaia



Máquina de beneficiar arroz, propriedade da Cooperativa



FALA DE DOM FERNANDO -

Referindo-se aos acontecimentos sangrentos entre posseiros e elementos da Companhia CODEARA, assim se expressou o Arcebispo Metropolitano de Goiânia : "A Imprensa goiana tem publicado os acontecimentos de Santa Terezinha, Paróquia da Prelazia de S. Felix-MT. A História é longa e de alguns anos. O Bispo da Prelazia, Dom Pedro Cassaldáliga, no dia de sua sa gração episcopal, em 22/10/71, divulgou sua carta pastoral, - relatando com farta documentação as circunstâncias socio-econômicas-religiosas daquela circunscrição eclesiástica, consti tuida de 150.000 km 2. O importante documento tem despertado/ a consciência Cristã do Povo de Deus não obstante as críticas/ em contrário.

A Paróquia de Santa Terezinha está situada na área de influência da CODEARA, Companhia de Desenvolvimento do Ara guaiá. Nesses últimos meses tem se agravado o conflito entre a CODEARA e os posseiros. O vigário da paróquia, pe.Francisco Jentel, sacerdote francês de grande atividade e zelo apostóli co, luta há 5 anos em defesa dos direitos do povo simples e sofredor de sua Paróquia. Esse comportamento do vigário não agrada aos agentes da Cia. que o consideram "subversivo". En- tretanto, o Padre em todos os conflitos procura pessoalmente/ as autoridades, quer do Est. de MT, quer do Governo Federal, - expondo os fatos, devidamente documentados. O bispo no cumpri mento de sua missão, acompanha todo o desenrolar dos aconteci mentos, solidário com o povo desassistido e sem garantias. - Confirma e apoia as atitudes do vigário. Pessoalmente tem pro curado as autoridades competentes. Na entrevista que teve com o Sr. Ministro da Justiça acompanhado pelo Secretário Geral da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, no dia 20 de Janeiro, depois de mostrar a documentação em seu poder, comprometeu-se, por soli citação do Sr. Ministro da Justiça a durante 30 dias não to- mar nenhuma atitude para que o ministério pudesse tomar as - providências que o caso exige.

Nesse intervalo agravou-se a situação de Sta. Terezi-
nha. Dom Pedro Cassaldáliga, terminado o prazo de um mês, apre-
senta-se ao Ministério da Justiça e a outros órgãos Federais/
relatando os últimos incidentes.

Considerando que a imprensa goiana publicou, com des-
taque, a versão da CODEARA, com ataques descabidos ao Pe. Fran-
cisco Jentel, os Bispos de Goiás no dia 10 deste mês, levaram
a público uma nota de solidariedade à atitude do prelado, su-
gerindo ao Gov. Federal que assuma o controle da área em con-
flito. O Arcebispo de Goiânia, na qualidade de presidente do
Regional Centro-Oeste da CNBB, no dia 14 deste mês, enviou o
seguinte telegrama ao Sr. Ministro da Justiça: "Diante do a-
gravamento da situação em Sta. Terezinha, MT, expressamos a V.
Excia. o apelo dos Bispos de Goiás, solidários ao prelado de
S. Felix, no sentido de o Gov. Federal, assumir o controle da
área abalada pelo conflito entre elementos da Codeara e pos-
seiros. A Imparcialidade do Ministério da Justiça será a ma-
neira eficaz para a restauração da paz, condição necessária -
para o autêntico desenvolvimento".

Chega-nos agora, a cópia da carta que o Pe. Antonio
Canuto, que está substituindo o Pe. Jentel na Paróquia de Sta
Terezinha, dirigiu ao Cel. Ivo de Albuquerque, Secretário da
Seg. Pública de MT. O Pe. Canuto, brasileiro, expôs os últi-
mos acontecimentos com tranquilidade e segurança. Dom Pedro
Cassaldáliga, declara o seguinte: "Esta carta do meu secretá-
rio, Pe. Canuto, é entregue às supremas autoridades competen-
tes e à opinião pública do País. Eu a faço minha, palavra por
palavra e espero que não seja inútil. Seria de mais...Ó Deus
dos Oprimidos toque o coração de quantos a leiam. Ele faça -
Justiça. Brasília 13/3/1972".

O texto da carta do Pe. Canuto ao Cel. Ivo, de 10/3/
72, publicado na folha de Goiás, é o seguinte:

"Na qualidade de Secretário de Dom Pedro, e substituto interi-
no do Sr. Pe. Jentel na direção desta Paróquia, como Padre e
sobretudo como homem cidadão brasileiro, sinto ser uma grave/
omissão minha se não me pronunciar diante do encaminhamento -
dos fatos nesta localidade ou levado a isto pelo clima de in-
segurança, instabilidade e temor que se instalou aqui e que
se torna cada vês mais acentuado, clima este fortalecido pela
presença da Força Policial que teria como missão, garantir a



tranquilidade e a segurança dos moradores e isto afeta grandemente a economia minguada deste povo, pois, a colheita de muitos está se perdendo no receio de trabalhar, devido à repressão, que é grande. Acho que nada disso é sem fundamento, nem peroração demagógica. Pois só quem vive em contato com o povo é que pode sentir sua angústia, perceber sua insegurança.

Alguns fatos mostram a realidade do afirmado. No dia 4, dia imediatamente posterior aos acontecimentos que trouxeram V. S. aqui, o posseiro Luiz Balduino da Costa, vindo de suas roças para fazer compras na rua, ao passar em território da CODEARA foi barrado por 2 policiais e cercado por peões. Como estivesse a cavalo, conseguiu romper o cerco. Foi perseguido por viaturas e atirado sem ter sido atingido.

Tive conhecimento da prisão de pelo menos 4 posseiros/ indefesos que foram tirados de seus trabalhos e trasidos como perigosos criminosos. Até uma mulher foi presa, Dona Benvinda/ Pereira de Souza, presa no dia 8, foi ameaçada de morte para que contasse o que não sabia e trasida à delegacia local, assinou depoimento cujo teor desconheço. Sua irmã, Maria Raimunda Pereira de Souza, grávida, prestes a dar a luz, foi ameaçada com metrelhadora encostada em sua barriga. E a filha menor de Dna. Benvinda, que não deve contar com mais de 10 anos de idade, foi afastada de sua mãe com um fuzil. A residência do Sr. José Carlos Pereira foi invadida pela força policial, e ele se encontra detido, não se sabe porque. Como força de argumentação e persuasão é usada constantemente a mentira e a ameaça como eu mesmo tive ocasião de presenciar no dia 8.

Tudo isto cria um clima que me referia acima. E se tem a impressão de que os objetivos da presente investigação já estavam anteriormente traçados como já se podia descobrir pelo teor do rádio de 2/3 e pela lista de indivíduos marcados, elaborada pela CODEARA e policiais, antes do desfecho do dia 3.

Sr. Cel. é demonstração de discernimento atacar a causa dos males, visto que uma vez atingida, as consequências cessarão. No caso em foco, estou assistindo ao desgaste da força humana da digna Polícia Estadual, para tratar de uma consequência, grave sim, enquanto que a causa nem sequer é tocada. Ainda mais que os agressores e provocadores de toda esta crise violenta, circulam livremente pelas ruas do povoado, transportando comandos de V.S., agregando-se à demonstração de força que se está fazendo em Sta. Terezinha. Enquanto isto, os pobres e indefesos posseiros são caçados como perigosos terroristas, co



mo provocadores de desordem social. As construções de carater/ escolar e hospitalar foram arbitrariamente suspensas por V.S., servindo-se para isto dos argumentos e platea do agressor. Estou surpreso ao vêr a vinculação e a manipulação da força encarregada de manter a ordem e zelar pela tranquilidade do povo, por interesses nem sempre claros.

Desculpe-me a sinceridade... neste sertão esquecido do Mato Grosso, como em qualquer parte, é também missão do Padre interpretar os anseios do povo, ser a voz daqueles que não tem condições para se fazer ouvir.

É missão da Igreja estar ao lado dos pobres, dos esquecidos. O Mestre a quem V.S. faz questão de mencionar sempre, - veio para anunciar "a boa nova aos pobres e libertar os oprimidos" (L.c.4, 1861). Isto deve ser feito pela Igreja, hoje, se quiser ser fiel. V.S. sabe que ameaças não me intimidam, pois, quem tem a convicção e a certeza de estar lutando pela Justiça e pela Verdade, nada há que possa intimidar.

Sem mais, para o momento, atenciosamente
Padre Antonio Canuto"



An 4



CONFIDENCIAL


A Nunciatura Apostólica recebeu, no dia 2 de setembro de 1971, a visita do Sr. José A. Ribeiro Leme, Diretor-Superintendente da BORDON S/A. AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA, acompanhado do Padre Pedro Sbardellotto, S.D.E., Vigário de Xavantina - MT, que veio dar conhecimento ao Sr. Nuncio Apostólico da situação e das tensões que se registram na área da Prelazia de São Félix - MT e das atitudes do Prelado, Mons. Pedro Casaldaliga.

O Sr. Leme fez amplo relato, secundado pelo Padre Sbardellotto, que conhece bem a região e a situação, manifestou a disposição de evitar choques, embora as Autoridades competentes já tenham tomado as providências cabíveis. Tais choques teriam profundas repercussões negativas, sobretudo tendo em vista de o P. Casaldaliga ter sido recentemente nomeado Bispo.

Ao Sr. Leme foi assegurado que o seu relato e as suas ponderações serão integralmente levadas ao conhecimento do Sr. Nuncio Apostólico, para sua norma e para as providências que julgar oportunas.

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1971.



P. Tertuliano Rodrigues Neto
P. Tertuliano Rodrigues Neto
Secretário

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA

RUA 15 DE NOVEMBRO, 208 - 10.º ANDAR - 8/1004 - BELÉM - ESTADO DO PARÁ
End. Teleg. "FRIGOBORDON"
Estrada do Anastácio, 9 - Fone 260-1011 - Cx. Postal, 11.976 - LAPA - SÃO PAULO



SÃO PAULO, 18 DE NOVEMBRO DE 1971
BAPA-51

**ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS
AGROPECUÁRIOS DA AMAZÔNIA
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 69 - 4º AND.
M E S T A**

PREZADOS SENHORES,

DAMOS ABAIXO O RESUMO DOS ACONTECIMENTOS GERADOS PELO BISPO PEDRO CA
SALDÁLIGA, EM PROPRIEDADE DA BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA:

RETROSPECTOS- EM FEVEREIRO DE 1971, O FRIGORÍFICO BORDON S/A ADQUI-
RIU UMA GLEBA DE 10,000 ALQUEIRES PAULISTAS, NO MUNI-
CÍPIO DE BARRA DO GARÇAS, NO ESTADO DE MATO GROSSO, VIZINHA À SUÍÁ
MISSÓ, OBRA GIGANTESCA DO GRUPO OLMETO.

NESTE MESMO MÊS, CONTRATOU COM A CONSULPLAN CONSULTORIA E PLANEJA-
MENTO A ELABORAÇÃO DE UM PROJETO AGROPECUÁRIO, ATENDENDO AO APÊLO -
DO GOVERNO BRASILEIRO PARA POVOAR A AMAZÔNIA.

EM ABRIL DO CORRENTE ANO, ESTE PROJETO FOI PROTOCOLADO NA SUDAM SU-
PERINTENDÊNCIA DA AMAZÔNIA, ONDE SE ENCONTRA EM FASE DE APROVAÇÃO.

NA CERTEZA DE UM PRONUNCIAMENTO FAVORÁVEL AO SEU PROJETO, A BORDON
S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA, INDEPENDENTE DE QUALQUER APROVAÇÃO O-
FICIAL, COM RECURSOS PRÓPRIOS, INICIOU A DERRUBADA DE 1.800 ALQUEI-
RES, FÊZ OBRA DE ARTE, CONSTRUIU ESTRADAS, CAMPO DE POUSO, COMPROU
VEÍCULOS E DENAIS BENEFICÓRIAS, ESTANDO, NESTE MOMENTO, SENEANDO O
CAPIM COLONIAÇÃO.

ESTÁVAMOS NÓS, NO ENTUSIASMO PRÓPRIO DE QUEM DESEJA CONSTRUIR ALGO,
RECEDEDORES QUE FOMOS DA CONFIANÇA QUE O GOVERNO DEPOSITOU EM TODOS
OS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA, QUANDO RECEDEMOS EM NOSSOS ESCRITÓRIOS
A VISITA DO PADRE PEDRO CASALDÁLIGA, NOJE BISPO DE SÃO FELIX, NO ES-
TADO DE MATO GROSSO.

Beira

CONFIDENCIAL

PSS. 553, p. 49/286

CONFIDENCIAL

BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA

RUA 15 DE NOVEMBRO, 208 — 10.º ANDAR — 8/1004 BELÉM — ESTADO DO PARÁ
End. Telegr. "FRIGOBORDON"
Estrada do Anastácio, 9 — Fone 260-1011 — Cx. Postal, 11.976 — LAPA — SÃO PAULO



FL.2

NESTA OPORTUNIDADE, O REFERIDO PADRE PEDRO NOS INFORMAVA QUE OS MORADORES DO PATRIMÔNIO DE INHANHA, HOJE SERRA NOVA, E SEUS FIÉIS, HAVIAM FEITO UMA DERRUBADA DE UNS 26 ALQUEIRES DENTRO DE NOSSA PROPRIEDADE. ALEGAVA ELE, QUE ESTAS TERRAS ERAM AS ÚNICAS APROPRIADAS PARA A CULTURA DE SUBSISTÊNCIA DÊSTES MORADORES, O QUE, EVIDENTEMENTE, NÃO ERA POSSÍVEL ENTENDER, ISTO PORQUE O REFERIDO PATRIMÔNIO FICAVA A 3 QUILOMETROS DE DISTÂNCIA DA NOSSA DIVISA.

NÃO ERA POSSÍVEL QUE ENTRE ÊSTE ESPAÇO DE 3.000 METROS QUE SEPARA A NOSSA DIVISA E O PATRIMÔNIO, NÃO HOUVESSE NADA QUE PRESTASSE PARA A CULTURA DE CEREALIS; E SÔNTE AS TERRAS POSTERIORMENTE LIGADAS À P/CADA DIVISÓRIA É QUE ESTAVAM EM CONDIÇÕES IDEAIS PARA O PLANTIO. ELE PEDIA QUE DOÁSSEMOS UMA ÁREA DE 4,5 QUILOMETROS DE COMPRIMENTO POR 2,5 DE LARGURA, PARA QUE OS MORADORES DE SERRA NOVA PÚDESSEM SEMPRE TER UM LOCAL PERMANENTE DE CULTURA. EXPUS AO PADRE PEDRO QUE AS SUAS PRETENÇÕES NÃO PODERIAM SER ATENDIDAS, POIS O TOTAL DA CLEBA ESTAVA INCORPORADO A UM PROJETO DE AGROPECUÁRIA, PROJETO ÊSTE QUE ESTAVA SENDO ENVIADO PARA A SUDAN E, PORTANTO, A TOTALIDADE DO IMOBILIZADO PERTENCIA A ELE.

NO ENTANTO, NOS COMPROMETÍAMOS A NÃO MEXER NAS TERRAS DERRUBADAS ATÉ O FIM DÊSTE ANO, TEMPO MAIS DO QUE SUFICIENTE PARA QUE OS SEUS FIÉIS COLHESSEN O PRODUTO DO SEU TRABALHO. DEPOIS DÊSTE PRAZO, NOSSAS TURMAS ENCARREGADAS DAS DERRUBADAS IRIAM EXECUTAR OS SERVIÇOS NECESSÁRIOS ATÉ A NOSSA DIVISA. NÃO SATISFEITO COM NOSSA PROPOSTA, BASTANTE IRRITADO, NOS DISSE QUE ÊSTES MORADORES ERAM ELEMENTOS JÁ ESCORRAÇADOS DÊSTE BRASIL AFÓRA, E QUE DE MANEIRA ALGUMA IRIAM ABANDONAR O LOCAL QUE TINHAM COMO O IDEAL. DEPOIS DE MAIS ALGUNS COMENTÁRIOS DESAGRADÁVEIS DE SUA PARTE, SUGERIMOS AO PADRE PEDRO CASALDÁ LIMA QUE PROCURASSE O INCRA, PARA QUE SEUS FIÉIS FOSSEM ENCAMINHADOS À TRANSAMAZÔNICA, ONDE O GOVÊRNO ESTAVA DANDO TÔDAS AS FACILIDADES POSSÍVEIS PARA IMPLANTAR NÚCLEOS EM TÔRNO DA MESMA. ERA UMA OPORTUNIDADE IDEAL, ONDE ELES PODERIAM SER PROPRIETÁRIOS E NÃO INVADIDORES DE PROPRIEDADE PARTICULAR.

CONFIDENCIAL

/s/

CONFIDENCIAL**BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 288 — 10.º ANDAR — 8/1004 BELÉM — ESTADO DO PARÁ
 End. Telegr. "FRIGOBORDON"
 Estrada do Anastácio, 9 — Fone 260-1011 — Cx. Postal, 11.976 — LAPA — SÃO PAULO

FL. 3

NESTE MOMENTO, O PADRE PEDRO FICOU COLÉRICO COM A NOSSA SUGESTÃO, E DISSE QUE ESTA MEDIDA QUE O GOVÉRNO ESTAVA TOMANDO DE LEVAR FARI — LIAS NECESSITADAS PARA POVOAR A TRANSAMAZÔNICA ERA O MAIOR VERGONHA QUE SE PODERIA IMPINGIR A UM POVO. ALÉM DÊSTE COMENTÁRIO PERIGOSO E NÃO PRÓPRIO DE UM SACERDOTE, OUTROS FORAM DITOS, MOMENTO EM QUE DEMOS POR ENCERRADA SUA VISITA E QUALQUER DIÁLOGO. PEDÍ A ÊLE QUE SE RETIRASSE, OCASIÃO EM QUE ÊLE, PADRE, NOS AMEAÇOU, DIZENDO QUE IRÍA NOS NOS ARREPENDER, POIS, ATÉ O FIN DÊSTE ANO ÊLE SERIA SAGRADO BISPO, E ENTÃO, NINGUÉM MAIS LHE PORIA A MÃO. NÃO DEMOS MAIOR IMPORTÂNCIA ÀS SUAS AMEAÇAS, MAS MANTIVEMOS A PROMESSA DE RESPEITAR ATÉ O FIN DÊSTE ANO AS DERRUBADAS FEITAS EM NOSSAS TERRAS.

DECORRIDOS UNS 40 DIAS, RECEBEROS UMA CARTA, NA QUAL ÊLE FAZ MENÇÃO A UM ENCONTRO QUE O NOSSO DIRETOR JOSÉ A. RIBEIRO LEME TERIA MARCADO E AO QUAL NÃO TERIA COMPARECIDO (CÓPIA ANEXA), COMPROMISSO ÊSTE JAMAIS CELEBRADO, POIS, JÁ HAVÍAMOS DADO POR ENCERRADO NOSSAS CONVERSÇÕES.

OS NOSSOS TRABALHOS ESTAVAM SENDO NORMALMENTE EXECUTADOS, QUANDO RECEBEROS COMUNICAÇÃO DE QUE O PADRE E SEUS ELEMENTOS ESTAVAM DERRUBANDO MAIS MATOS, AUMENTANDO SUA ÁREA DE INVASÃO. MANDAMOS ENISSÁRIO TENTAR UM DIÁLOGO, MAS FOI EM VÃO, POIS, O PADRE DISSE QUE NINGUÉM OS FARIA RECUAR, E QUE QUALQUER MEDIDA POR NÓS TORADA SERIA SER ENFRENTADA.

PREOCUPADOS QUE ESTÁVAMOS COM O DESENVOLVIMENTO DOS ACONTECIMENTOS, POIS, O ELEMENTO (PADRE) JÁ HAVIA SE IDENTIFICADO, EM COMPANHIA DO SR. ARIOSTO DA RIVA E DE NOSSO ENISIÁRIO JAIR, FOMOS AO S.N.I. EM SÃO PAULO.

FOMOS RECEBIDOS PELO MAJOR DEL NERO, A QUEM EXPUSEMOS OS FATOS CONPROMETEDORES; E, PARA SURPRESA NOSSA, O S.N.I. JÁ TINHA CONHECIMENTO DAS ATIVIDADES DO PADRE PEDRO. O MAJOR DEL NERO NOS INFORMOU QUE IRIA COMUNICAR AO COMANDANTE DA REGIÃO EM CAMPO GRANDE, E TAMBÉM AO GOVÉRNO DE MATO GROSSO; QUE ERA A PRIMEIRA AUTORIDADE MILITAR DO ESTADO QUE DEVERIA PROSEGUIR SOLUCINDO O PROBLEMA NO LOCAL.

CONFIDENCIAL**BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 700 - 10.º ANDAR - 8/ 1004 BELÉM - ESTADO DO PARÁ

End. Telegr. "FRIGOBORDON"

Estrada de Anastácio, 9 - Fone 260-1011 - Cx. Postal, 11.976 - LAPA - SÃO PAULO

FL. 4

ESTE TRABALHO FOI CONCLUÍDO E POSTERIORMENTE REMETIDO AO SECRETÁRIO DA SEGURANÇA DE MATO GROSSO, ISTO PORQUE RECEBEMOS UMA ORDEM DE LEVANTARMOS UMA CÊRCA NA DIVISA, E AGUARDARMOS OS ACONTECIMENTOS. I - MEDIATAMENTE COMEÇAMOS OS SERVIÇOS, E INCONTINENTE RECEBEMOS A VISITA DO PADRE PEDRO, DIZENDO QUE CORTARIA A MESMA, ASSIM QUE CONCLUÍDA. NESTE MOMENTO PROCURAMOS MANTER NOVO DIÁLOGO AFIM DE EVITAR MAIORES CONSEQUÊNCIAS, CHEGANDO MESMO A PROPOR A INDENIZAÇÃO AOS HOMENS QUE HAVIAM FEITO AS DERRUBADAS. O PADRE PEDRO, NESTE MOMENTO, DISSE QUE QUALQUER DÊLES QUE RECEBESSE INDENIZAÇÃO, TERIA QUE ABANDONAR O RANCHO NO PATRIMÔNIO, E QUE ÊLE, PADRE, TAMBÉM PAGARIA A MESMA IMPORTÂNCIA. SÓMENTE UM ESTAVA DE ACÓRDO E RECEBEU A IMPORTÂNCIA DEVIDA, E NESTE MOMENTO ESTÁ TRABALHANDO EM NOSSOS SERVIÇOS; OS DEMAIS, COM MEDO DO PADRE, NÃO ACEITARAM.

DURANTE ESTE PERÍODO, FOMOS PROCURADOS PELO PADRE PEDRO SBARDELLOTTI, VIGÁRIO DE XAVANTINA, QUE ANTECEDEU NA PREGAZIA DE SÃO FELIX AO PADRE PEDRO CASALDÁLIGA, PROFUNDO CONHECEDOR DA REGIÃO, E BASTANTE CIENTE DAS ATIVIDADES "EXTRA" SACERDOTAIS DO NOJE BISPO.

O PADRE SBARDELLOTTI SUGERIU QUE FOSSEMOS ATÉ O RIO DE JANEIRO RELATAR AO NÚNCIO APOSTÓLICO, QUE É O EMBAIXADOR DO VATICANO NO BRASIL, E PORTANTO, AUTORIDADE QUE TERIA CONDIÇÃO DE RESOLVER EM PARTE O PROBLEMA. POR MOTIVOS QUE NÃO DESEJAMOS AQUI RELATAR, NÃO FOMOS RECEBIDOS PELO NÚNCIO APOSTÓLICO, O QUAL DESIGNOU UM SEU SECRETÁRIO PARA NOS ATENDER. EXPUSEMOS A ÊLE QUAL O MOTIVO DA NOSSA PRESENÇA, E, PARA SURPRESA NOSSA (PADRE SBARDELLOTTI E O SIGNATÁRIO DESTA), A NUNCIATURA JÁ TINHA CONHECIMENTO DAS ATIVIDADES PERIGOSAS DO PADRE CASALDÁLIGA, TAL QUAL O S.N.I. NESTE MOMENTO EXIGIU DO SECRETÁRIO DA NUNCIATURA APOSTÓLICA, QUE NOS FORNECESSE UM DOCUMENTO, ATESTANDO A NOSSA PRESENÇA E O MOTIVO DA MESMA; ESTE DOCUMENTO ESTÁ ANEXADO A ESTA EM FOTOCÓPIA, E OUTRA INVIADA AO S.N.I.

AGORA, DECORRIDOS UNS 20 DIAS APÓS A CONCLUSÃO DA CÊRCA, RECEBEMOS UM LIVRETO, NO QUAL O PADRE CASALDÁLIGA RELATA FATOS OCORRIDOS EM NOSSA GLEBA, FATOS ÊSTES TOTALMENTE DETURPADOS, FALSOS E ATÉ DESUMOS, QUE TERÍAMOS CONEYIDO. ESTA PUBLICAÇÃO EVIDENCIA OS PROPÓSITOS SUBVERSIVOS DO BISPO DE SÃO FELIX, QUE NÃO SÓ ATAÇA OS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA, COMO AO PRÓPRIO GOVERNO BRASILEIRO. TUDO O QUE ACIMA

CONFIDENCIAL**BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA**RUA 15 DE NOVEMBRO, 208 — 10.º ANDAR — B/ 1004 BELÉM — ESTADO DO PARÁ
End. Telegr. "FRIGOBORDON"Estrada do Anastácio, 9 — Fone 260-1011 — Cx. Postal, 11.976 — LAPA — SÃO PAULO

FL. 5

RELATAMOS, JÁ FOI VERIFICADO EM INQUÉRITO MILITAR, E PORTANTO, DEIXAMOS DE JUNTAR TESTEMUNHOS A NÃO SER OS DOCUMENTOS 1 E 2 ANEXOS A ÊSTE RESUMO.

ESTAMOS RECEBENDO NÊSTE MOMENTO, A NOTÍCIA DE QUE O PADRE OU BISPO DE SÃO FELIX CUMPRIU SUA AMEAÇA DE CORTAR A CÊRCA DIVISÓRIA, E QUE TAMBÉM FOI MANDADO UM CONTINGENTE POLICIAL COM O OBJETIVO DE PRENDER OS ELEMENTOS RESPONSÁVEIS.

ACREDITAMOS QUE ÊSTE PEQUENO RESUMO POSSA FORNECER MATERIAL CONCRETO PARA QUE OS SENHORES DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA POSSAM ELABORAR UM TRABALHO, E COBRAR EM DEFINITIVO DAS AUTORIDADES COMPETENTES, UMA AÇÃO ENÉRGICA, AFIM DE DAR PARADESRO, A ÊSTE BISPO SUBVERSIVO DE SÃO FELIX, NO ESTADO DE MATO GROSSO.

ATENCIOSAMENTE,

CONFIDENCIAL

BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA

2

RUA 15 DE NOVEMBRO, 208 - 10.º ANDAR - 8/1004 BELÉM - ESTADO DO PARÁ
End. Telegr. "FRIGOBORDON"
Estrada do Anestócio, 9 - Fone 260-1011 - Cx. Postal 11.976 - LAPA - SÃO PAULO

SÃO PAULO, 18 DE NOVEMBRO DE 1971
BAPA-51

**ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS
AGROPECUÁRIOS DA AMAZÔNIA
RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 69 - 42 AND.
M E S T A**

PREZADOS SENHORES,

DAMOS ABAIXO O RESUMO DOS ACONTECIMENTOS GERADOS PELO BISPO PEDRO CA
SALDÁLICA, EM PROPRIEDADE DA BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA:

RETROSPECTOS: EM FEVEREIRO DE 1971, O FRIGORÍFICO BORDON S/A ADQUI-
RIU UMA CLEBA DE 10,000 ALQUEIRES PAULISTAS, NO MUNI-
CÍPIO DE BARRA DO GARÇAS, NO ESTADO DE MATO GROSSO, VIZINHA À SUIÁ
MISSÚ, OBRA GIGANTESCA DO GRUPO OLNETO.

NÊSTE MESMO MÊS, CONTRATOU COM A CONSULPLAN CONSULTORIA E PLANEJA-
MENTO A ELABORAÇÃO DE UM PROJETO AGROPECUÁRIO, ATENDENDO AO APÊLO -
DO GOVÊRNO BRASILEIRO PARA POVOAR A AMAZÔNIA.

EM ABRIL DO CORRENTE ANO, ÊSTE PROJETO FOI PROTOCOLADO NA SUDAM SU-
PERINTENDÊNCIA DA AMAZÔNIA, ONDE SE ENCONTRA EM FASE DE APROVAÇÃO.

NA CERTEZA DE UM PRONUNCIAMENTO FAVORÁVEL AO SEU PROJETO, A BORDON
S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA, INDEPENDENTE DE QUALQUER APROVAÇÃO O-
FICIAL, COM RECURSOS PRÓPRIOS, INICIOU A DERRUBADA DE 1.800 ALQUEI-
RES, FÊZ OBRA DE ARTE, CONSTRUIU ESTRADAS, CAMPO DE POUSO, COMPROU
VEÍCULOS E BENEFICÊNCIAS, ESTANDO, NÊSTE MOMENTO, SENEANDO O
CAPIM COLONIAÇÃO.

ESTÁVAMOS NÓS NO ENTUSSIASMO PRÓPRIO DE QUEM DESEJA CONSTRUIR ALGO,
NECESSIDADES QUE FORAM DA CONFIANÇA QUE O GOVÊRNO DEPOSITOU EM TODOS
OS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA, QUANDO RECEBEMOS EM NOSSOS ESCRITÓRIOS
A VISITA DO PADRE PEDRO CASALDÁLICA, HOJE BISPO DE SÃO FELIX, NO ES-
TADO DE MATO GROSSO.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL**BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA**

RUA 16 DE NOVEMBRO, 208 - 10.º ANDAR - 8/1004 BELÉM - ESTADO DO PARÁ

End. Telegr. "FRIGOBORDON"

Estrada do Anastácio, 9 - Fone 260-1011 - Cx. Postal, 11.976 - LAPA - SÃO PAULO

FL.2

NESTA OPORTUNIDADE, O REFERIDO PADRE PEDRO NOS INFORMAVA QUE OS MORADORES DO PATRIMÔNIO DE INHANHA, HOJE SERRA NOVA, E SEUS FIÉIS, HAVIAM FEITO UMA DERRUBADA DE UNS 26 ALQUEIRES DENTRO DE NOSSA PROPRIEDADE. ALEGAVA ELE, QUE ESTAS TERRAS ERAM AS ÚNICAS APROPRIADAS PARA A CULTURA DE SUBSISTÊNCIA DÊSTES MORADORES, O QUE, EVIDENTEMENTE, NÃO ERA POSSÍVEL ENTENDER, ISTO PORQUE O REFERIDO PATRIMÔNIO FICAVA A 3 QUILOMETROS DE DISTÂNCIA DA NOSSA DIVISA.

NÃO ERA POSSÍVEL QUE ENTRE ÊSTE ESPAÇO DE 3.000 METROS QUE SEPARA A NOSSA DIVISA E O PATRIMÔNIO, NÃO HOUVESSE NADA QUE PRESTASSE PARA A CULTURA DE CEREAIS; E SOMENTE AS TERRAS POSTERIORMENTE LIGADAS À PICADA DIVISÓRIA É QUE ESTAVAM EM CONDIÇÕES IDEAIS PARA O PLANTIO. ELE PEDIA QUE DOÁSSEMOS UMA ÁREA DE 4,5 QUILOMETROS DE COMPRIMENTO POR 2,5 DE LARGURA, PARA QUE OS MORADORES DE SERRA NOVA PUDESSEM SEMPRE TER UM LOCAL PERMANENTE DE CULTURA. EXPUS AO PADRE PEDRO QUE AS SUAS PRETENÇÕES NÃO PODERIAM SER ATENDIDAS, POIS O TOTAL DA GLEBA ESTAVA INCORPORADO A UM PROJETO DE AGROPECUÁRIA, PROJETO ÊSTE QUE ESTAVA SENDO ENVIADO PARA A SUOM E, PORTANTO, A TOTALIDADE DO IMOBILIZADO PERTENCIA A ELE.

NO ENTANTO, NOS COMPROMETÍAMOS A NÃO MEXER NAS TERRAS DERRUBADAS ATÉ O FIM DÊSTE ANO, TEMPO MAIS DO QUE SUFICIENTE PARA QUE OS SEUS FIÉIS COLHESSEN O PRODUTO DO SEU TRABALHO. DEPOIS DÊSTE PRAZO, NOSSAS TURMAS ENCARREGADAS DAS DERRUBADAS IRIAM EXECUTAR OS SERVIÇOS NECESSÁRIOS ATÉ A NOSSA DIVISA. NÃO SATISFEITO COM NOSSA PROPOSTA, BASTANTE IRRITADO, NOS DISSE QUE ÊSTES MORADORES ERAM ELEMENTOS JÁ ESCORRAÇADOS DÊSTE BRASIL AFÓRA, E QUE DE MANEIRA ALGUNA IRIAM ABANDONAR O LOCAL QUE TINHAM COMO O IDEAL. DEPOIS DE MAIS ALGUNS COMENTÁRIOS DESAGRADÁVEIS DE SUA PARTE, CUGERIMOS AO PADRE PEDRO CASALDÁ LICA QUE PROCURASSE O INCRA, PARA QUE SEUS FIÉIS FOSSEM ENCAMINHADOS À TRANSAMAZÔNICA, ONDE O GOVÊRNO ESTAVA DANDO TÓDAS AS FACILIDADES POSSÍVEIS PARA IMPLANTAR NÚCLEOS EM TÔRNO DA MESMA. ERA UMA OPORTUNIDADE IDEAL, ONDE ELES PODERIAM SER PROPRIETÁRIOS E NÃO INVAZORES DE PROPRIEDADE PARTICULAR.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA

RUA 15 DE NOVEMBRO, 208 - 10.º ANDAR - 3/1004 BELÉM - ESTADO DO PARÁ

End. Telegr. "FRIGOBORDON"

Estrada do Anastácio, 9 - Fone 260-1011 - Cx. Postal, 11.976 - LAPA - SÃO PAULO

FL.3

NESTE MOMENTO, O PADRE PEDRO FICOU COLÉRICO COM A NOSSA SUGESTÃO, E DISSE QUE ESTA MEDIDA QUE O GOVERNO ESTAVA TORANDO DE LEVAR FARI - LIAS NECESSITADAS PARA POVOAR A TRANSAMAZÔNICA ERA O MAIOR VERGONHA QUE SE PODERIA IMPINGIR A UM POVO. ALÉM DÊSTE COSENTÁRIO PERIGOSO E NÃO PRÓPRIO DE UM SACERDOTE, OUTROS FORAM DITOS, MOMENTO EM QUE DENOS POR ENCERRADA SUA VISITA E QUALQUER DIÁLOGO. PEDÍ A ÊLE QUE SE RETIRASSE, OCASIÃO EM QUE ÊLE, PADRE, NOS AMEAÇOU, DIZENDO QUE IRÍA NOS NOS ARREPENDER, POIS, ATÉ O FIM DÊSTE ANO ÊLE SERIA SACRADO BISPO, E ENTÃO, NINGUÉM MAIS LHE PORIA A MÃO. NÃO DENOS MAIOR IMPORTÂNCIA ÀS SUAS AMEAÇAS, MAS MANTIVEMOS A PROMESSA DE RESPEITAR ATÉ O FIM DÊSTE ANO AS DERRUBADAS FEITAS EM NOSSAS TERRAS.

DECORRIDOS UNS 40 DIAS, RECEBEROS UMA CARTA, NA QUAL ÊLE FAZ MENÇÃO A UM ENCONTRO QUE O NOSSO DIRETOR JOSÉ A. RIBEIRO LENE TERIA MARCADO E AO QUAL NÃO TERIA COMPARECIDO (CÓPIA ANEXA), COMPROMISSO ÊSTE JAMAIS CELEBRADO, POIS, JÁ HAVÍAMOS DADO POR ENCERRADO NOSSAS CONVERSÇÕES.

OS NOSSOS TRABALHOS ESTAVAM SENDO NORMALMENTE EXECUTADOS, QUANDO RECEBEROS COMUNICAÇÃO DE QUE O PADRE E SEUS ILENTOS ESTAVAM DERRUBANDO MAIS MATOS, AUMENTANDO SUA ÁREA DE INVASÃO. MANDAMOS ENISSÁRIO TENTAR UM DIÁLOGO, MAS FOI EM VÃO, POIS, O PADRE DISSE QUE NINGUÉM OS FARIA REGUAR, E QUE QUALQUER MEDIDA POR NÓS TORADA SERIA SER ENFRENTADA.

PREOCUPADOS QUE ESTÁVAMOS COM O DESENVOLVAR DOS ACONTECIMENTOS, POIS, O ELEMENTO (PADRE) JÁ HAVIA SE IDENTIFICADO, EM COMPANHIA DO SR. - ARIOSTO DA RIVA E DE NOSSO ENISIÁRIO JAIM, FOROS AO S.N.I. EM SÃO PAULO.

FOROS RECEBIDOS PELO MAJOR DEL NERO, A QUEM EXPUSEROS OS FATOS CONCRETEDORES; E, PARA SURPRESA NOSSA, O S.N.I. JÁ TINHA CONHECIMENTO DAS ATIVIDADES DO PADRE PEDRO. O MAJOR DEL NERO NOS INFORMOU QUE IRIA COMUNICAR AO COMANDANTE DA REGIÃO EM CAMPO GRANDE, E TAMBÉM AO GOVERNO DE MATO GROSSO; QUE ERA A PRIMEIRA AUTORIDADE MILITAR DO ESTADO QUE DEVERIA PROSEGUIR SOLHINDO O TESTEMUNHO NO LOCAL.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL**BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA**

RUA 18 DE NOVEMBRO, 208 — 10.º ANDAR — 8/ 1004 BELÉM — ESTADO DO PARÁ

End. Telegr. "FRIGOBORDON"

Estrada de Anastácio, 9 — Fone 260-1011 — Cx. Postal, 11.976 — LAPA — SÃO PAULO

FL. 4

ESTE TRABALHO FOI CONCLUÍDO E POSTERIORMENTE REENTREGIDO AO SECRETÁRIO DA SEGURANÇA DE MATO GROSSO, ISTO PORQUE RECEBEMOS UMA ORDEN DE LEVANTARMOS UMA CÊRCA NA DIVISA, E AGUARDARMOS OS ACONTECIMENTOS. I - MEDIATAMENTE COMEÇAMOS OS SERVIÇOS, E INCONTINENTE RECEBEMOS A VISITA DO PADRE PEDRO, DIZENDO QUE CORTARIA A MESMA, ASSIM QUE CONCLUÍDA. NÊSTE MOMENTO PROCURAMOS MANTER NOVO DIÁLOGO AFIM DE EVITAR - MAIORES CONSEQUÊNCIAS, CHEGANDO MESMO A PROPOR A INDENIZAÇÃO AOS MOBENS QUE HAVIAM FEITO AS DERRUBADAS. O PADRE PEDRO, NÊSTE MOMENTO, DISSE QUE QUALQUER DÊLES QUE RECEBESSE INDENIZAÇÃO, TERIA QUE ABANDONAR O RANCHO NO PATRIMÔNIO, E QUE ÊLE, PADRE, TAMBÉM PAGARIA A MESMA IMPORTÂNCIA. SÔNTE UM ESTAVA DE ACÔRDO E RECEBEU A IMPORTÂNCIA DEVIDA, E NÊSTE MOMENTO ESTÁ TRABALHANDO EM NOSSOS SERVIÇOS; OS DEMAIS, COM MEDO DO PADRE, NÃO ACEITARAM.

DURANTE ÊSTE PERÍODO, FOMOS PROCURADOS PELO PADRE PEDRO SBARDELLOTTO, VICÁRIO DE XAVANTINA, QUE ANTECEDEU NA PREGAZIA DE SÃO FELIX AO PADRE PEDRO CASALDÁLIGA, PROFUNDO CONHECEDOR DA REGIÃO, E BASTANTE CIENTE DAS ATIVIDADES "EXTRA" SACERDOTAIS DO NOJE BISPO.

O PADRE SBARDELLOTTO SUGERIU QUE FOSSEMOS ATÉ O RIO DE JANEIRO RELATAR AO NÚNCIO APOSTÓLICO, QUE É O ENBAIXADOR DO VATICANO NO BRASIL, E PORTANTO, AUTORIDADE QUE TERIA CONDIÇÃO DE RESOLVER EM PARTE O PROBLEMA. POR MOTIVOS QUE NÃO DESEJAMOS AQUI RELATAR, NÃO FOMOS RECEBIDOS PELO NÚNCIO APOSTÓLICO, O QUAL DESIGNOU UM SEU SECRETÁRIO - PARA NOS ATENDER. EXPUSEMOS A ÊLE QUAL O MOTIVO DA NOSSA PRESENÇA, E, PARA SURPRÊSA NOSSA (PADRE SBARDELLOTTO E O SIGNATÁRIO DESTA), A NUNCIATURA JÁ TINHA CONHECIMENTO DAS ATIVIDADES PERIGOSAS DO PADRE CASALDÁLIGA, TAL QUAL O S.N.I. NÊSTE MOMENTO EXIGÍ DO SECRETÁRIO DA NUNCIATURA APOSTÓLICA, QUE NOS FORNECESSE UM DOCUMENTO, ATESTANDO - NOSSA PRESENÇA E O MOTIVO DA MESMA; ÊSTE DOCUMENTO ESTÁ ANEXADO A ESTA EM FOTOCÓPIA, E OUTRA ENVIADA AO S.N.I.

AGORA, DECORRIDOS UNS 20 DIAS APÓS A CONCLUSÃO DA CÊRCA, RECEBEMOS UM LIVRETO, NO QUAL O PADRE CASALDÁLIGA RELATA FATOS OCORRIDOS EM NOSSA GLEBA, FATOS ÊSTES TOTALMENTE DETURPADOS, FALSOS E ATÉ DESUMOS, QUE TERÍAMOS COMETIDO. ESTA PUBLICAÇÃO EVIDENCIA OS PROPÓSITOS SUBVERSIVOS DO BISPO DE SÃO FELIX, QUE NÃO SÔ ATACA OS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA, COMO AO PRÓPRIO GOVÊRNO BRASILEIRO. TUDO O QUE ACIMA -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

BORDON S/A AGROPECUÁRIA DA AMAZÔNIA

RUA 15 DE NOVEMBRO, 288 - 10.º ANDAR - B/1004 BELÉM - ESTADO DO PARÁ.
End. Telegr. "FRIGOBORDON"
Estrada do Anastácio, 9 - Fone 260-1011 - Cx. Postal, 11.976 - LAPA - SÃO PAULO



FL. 5

RELATAMOS, JÁ FOI VERIFICADO EM INQUÉRITO MILITAR, E PORTANTO, DEIXAMOS DE JUNTAR TESTEMUNHOS A NÃO SER OS DOCUMENTOS 1 E 2 ANEXOS A ÊSTE RESUMO.

ESTAMOS RECEBENDO NÊSTE MOMENTO, A NOTÍCIA DE QUE O PADRE OU BISPO DE SÃO FELIX CUMPRIU SUA AMEAÇA DE CORTAR A CÊRCA DIVISÓRIA, E QUE TAMBÉM FOI MANDADO UM CONTINGENTE POLICIAL COM O OBJETIVO DE PRENDER OS ELEMENTOS RESPONSÁVEIS.

ACREDITAMOS QUE ÊSTE PEQUENO RESUMO, POSSA FORNECER MATERIAL CONCRETO PARA QUE OS SENHORES DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DA AMAZÔNIA POSSAM ELABORAR UN TRABALHO, E COBRAR EM DEFINITIVO DAS AUTORIDADES COMPETENTES, UNA AÇÃO ENÉRGICA, AFIM DE DAR PARADEIRO A ÊSTE BISPO SUBVERSIVO DE SÃO FELIX, NO ESTADO DE MATO GROSSO.

ATENCIOSAMENTE,

CONFIDENCIAL

JL/12

CONFIDENCIAL



RELATÓRIO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA FACE AO MOVIMENTO ARMADO OCORRIDO NO POVOADO DE SANTA TEREZINHA, MUNICÍPIO DE LUCIARA, NO DIA 03 DE MARÇO DE 1.972.

CÓPIA

1. CAUSAS REMOTAS

A ocorrência de litígios entre as empresas agropecuárias instaladas ao Nordeste e Leste mato-grossense e os prelados da região, que se intitulam protetores e defensores dos pequenos agricultores, criadores e residentes nos municípios e povoados ali existentes, vem se verificando desde o ano de 1.967, e constitui já objeto de um número de investigações, bem como de solicitações e de adoção de providências por parte de diversos órgãos estaduais e federais, particularmente a SUDAM, o INCRA (ex-IBRA), o DPF, o SNI, a 9ª RM e a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Mato Grosso. Os relatórios de Informações, assim como os de Comissões de Fiscalização e de Inquéritos Policiais, constituem já volumosa e farta documentação. Paralelamente, as atitudes das Empresas Agropecuárias, particularmente da Companhia de Desenvolvimento do Araguaia (CODEARA), traduzidas, também, em farta correspondência endereçada a diversas autoridades e órgãos federais, estaduais e municipais, inclusive ao Conselho de Segurança Nacional, constituem outros tantos volumes de documentação.

Nada há, assim, que possa ser acrescentado às causas remotas do conflito armado verificado em Santa Terezinha no dia 03 de março último, por serem as mesmas sobejamente conhecidas por parte de todos os órgãos retrocitados, particularmente dos órgãos de Segurança.

2. CAUSAS IMEDIATAS

a. As terras adquiridas pela CODEARA, num total de 196.838 hectares e 8.435 m², conforme escritura pública de compra e venda com cessão e transferência, (Certidão anexo nº 1), representadas no mapa anexo nº 2, englobou, entre outras áreas, a do povoado de Santa Terezinha.

O projeto de urbanização do povoado, traduzido na planta da cidade de Santa Terezinha (anexo nº 3), está aprovado pela Prefeitura Municipal de Luciara, bem como a referida planta, (anexo nº 4 e 5).

CONFIDENCIAL



Fl.-2-

b. Para execução do projeto de urbanização estabeleceu-se um modelo de contrato a ser firmado entre a CODEARA e os posseiros urbanos residentes no povoado antes da instalação da Companhia, segundo o qual a CODEARA efetuará a doação a cada um dos posseiros, cujas propriedades tivessem de ser removidas, de um ou mais lotes do terreno constante da planta, e bem assim, indenizaria as benfeitorias existentes nas antigas posses.

Foi, então, elaborada uma relação dos posseiros que assinaram o acordo com a Companhia (anexo nº 6) sendo que dos 104 posseiros urbanos cadastrados, apenas 43 assinaram o aludido contrato.

Sob orientação do padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL, a maioria dos posseiros que firmaram o contrato deixaram de dar cumprimento às cláusulas contratuais, particularmente no que concerne o prazo estipulado para desocupação dos imóveis anteriormente ocupados e mudança para as outras propriedades, muito embora vários deles houvessem já recebido o valor total ou parcial das indenizações pelas benfeitorias.

A existência de um elemento intermediário entre a Companhia e os posseiros, visando facilitar os entendimentos entre ambos, originou reclamações por parte de algumas famílias, que se julgaram prejudicadas nas negociações, em virtude das indenizações proibidas não serem suficientes para a edificação de novas residências, muito embora houvesse a Companhia, contribuído com o fornecimento e o transporte gratuito de materiais. Nesse particular há que se levar em conta, de um lado, o excesso de benefícios pleiteados pelos posseiros e de outro, os inconvenientes decorrentes do fato de ser a avaliação das benfeitorias efetuadas pela Companhia, ainda que em termos de acordo entre as partes. Acresça-se, ainda o fato de não ter sido a planta da cidade de Santa Teresinha registrada pelo órgão competente (INCRA) muito embora se encontra em "fase final de estudos" naquele Instituto desde outubro de 1.970, conforme se verifica no documento anexo nº 7. Tais fatos se constituem em argumentos defendidos pelo padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL, que não reconhece a validade da planta aprovada pela Prefeitura Municipal de Luciana e promove verdadeira campanha difamatória contra aqueles que assinaram o acordo e os que efetivaram a transferência de suas residências.

Registra-se, ainda, o caso de alguns posseiros que, tendo assinado o acordo e recebido a importância correspondente à indenização,

CONFIDENCIAL



Fl-3-

efetuaram a venda de suas posse a terceiros e construíram novas residências fora dos limites e traçados da planta da cidade.

c. Alegando ser propriedade da paróquia a área correspondente aos lotes nº 1, 2 e 3 e à rua nº 46 da planta da cidade (calço anexo nº 8), iniciou o padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL a construção, nessa área, de dois prédios, destinados respectivamente, a uma escola e a um ambulatório.

Ainda durante a fase inicial da construção foi o referido padre procurado pelo gerente da CODEARA, Sr. JOSÉ SILVEIRA, que solicitou a interrupção da obra naquele local, esclarecendo que a mesma poderia ser efetivada nas áreas destinadas pela planta à construção de escolas e de hospitais, bastando, para tanto, que êle, padre JENTEL, endereçasse uma carta à direção da Companhia solicitando a doação dos terrenos para aqueles fins. A reação do padre, segundo depoimento do próprio gerente, se traduziu em resposta negativa e áspera, complementada com a afirmação de que "fazia questão de desconhecer a planta, pois ela era ilegal". Nessa mesma oportunidade, o empreiteiro da obra, senhor ROBERTO MARTINS, contratado pelo padre JENTEL, propôs que se fizesse uma modificação na construção do ambulatório, de modo que o mesmo não ficasse situado sobre a projetada rua nº 46. Tal proposta foi também recusada pelo padre, que afirmou seu desejo de construir "em cima da rua".

Diante disso, foi encaminhada ao padre, por escrito, uma solicitação da Companhia para que as obras fossem interrompidas (carta anexo nº 9), documento esse entregue ao cidadão FRANCISCO MERRINI ROMERO, pessoa intimamente ligada ao padre JENTEL e que o substituiu eventualmente no acompanhamento das obras, e qual se recusou a recebê-la, alegando desconhecimento da validade da planta.

Ocorreu, então, a alegada agressão praticada pelo gerente da Companhia que utilizando um trator, materializou, no terreno, a projetada rua nº 46, demolindo nessa operação, parte dos alicerces do prédio destinado ao ambulatório, um poço e algumas bancadas.

A partir dessa ocorrência, e sob o pretexto de defender "uma obra do povo" contra novas agressões por parte da Companhia, foram convocados todos os posseiros da área, com este trabalho já iniciada e concluída a construção de uma posição fortificada (fotografias em anexo nº 10 a 15), bem como foi efetuada a distribuição de armas e munici-

CONFIDENCIAL

Fl-4-

ções através da Cooperativa, tanto na sede desta como no próprio local das fortificações.

As informações relativas à existências no local da construção - litigiosa, de armas e munições a serem distribuídas pelo padre JENYER aos posseiros convocados, motivou a ida àquele local do Cap. FM EDNO DOS SANTOS MORENO, Delegado Especial, nomeado para apurar os fatos - constantes do pedido de busca nº 276/71, oriundo da 9ª RM, o qual se fazia acompanhar do Delegado Regional de Polícia de Barra do Garças, Cap. FM MOACYR DO COUTO e de cinco praças FM.

Como desconhecessem o local da construção foram os policiais militares guiados pelo gerente da Cia. CODEARA, Sr. JOSÉ SILVEIRA, que os conduziu em uma Viatura da empresa por ele dirigida.

A garantia da presença dos policiais na área fez com que outros empregados da Cia. se dirigissem para o local da investigação, curiosidade essa encorajada com naturalidade pelo Delegado Especial que, prudentemente, proibiu o porte de qualquer tipo de arma.

Chegando ao local indicado, e diante da reação de fuga esboçada pelos elementos que ali se encontravam, posteriormente identificados como empregados do empreiteiro encarregado da construção, determinou-lhes o Delegado Especial que parassem, pois desejava falar-lhes a todos. Não sendo atendido, reiterou a ordem dada, ameaçando inclusive prender-los caso não parassem. A resposta se fez ouvir através uma saracivada de balas partidas de todas as direções ao redor da construção, acima do local onde se encontravam os policiais, que rapidamente se abrigaram.

Os empregados da CODEARA, alguns ainda emboracados, outros saltando da viatura em que se achavam, foram apanhados de surpresa, resultando daí o elevado número de vítimas verificado.

A atuação dos policiais militares, apesar de ataque de surpresa de que foram alvo, caracterizou-se pela serenidade, devido, principalmente, às atitudes tomadas pelo Delegado Especial que impediu qualquer resposta da parte de seus subordinados aos tiros recebidos e, que logrou obter a cessação do fogo, lançando um "ultimatum", aos agressores e mantendo os pedreiros sob a mira das armas dos policiais.

Uma vez interrompido o tiroteio ordenou, juntamente com seus subordinados, de remover os feridos, que foram transferidos para São Félix e Goiânia, em função da gravidade dos ferimentos.

CONFIDENCIAL



A argumentação utilizada pelo padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL perante os posseiros relativamente à necessidade de ser defendida a construção, baseou-se, segundo depoimento constante dos autos do Inquérito Policial instaurado a respeito, em "apoio da Polícia Federal" e "distribuição de terras em caso de vitória na luta contra a CODEA RA".

3. ACÕES DESENVOLVIDAS PELA SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

1) Em 30 Dez 71, foi recebido o pedido de busca nº 276/71, da 9a RM, relacionado com a atuação do padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL e de um elemento não identificado, autor de um relatório, sobre o município de Santa Terezinha, apreendido no "Aparelho" do terrorista JOAQUIM CAMARA FERREIRA, e que, posteriormente, foi identificado como sendo FRANCISCO NEGRINI ROMERO.

2) Em 24 Jan 72, foi a Secretaria de Segurança informada pelo Delegado Regional de Barra do Garças da construção em Santa Terezinha, de obras assistenciais por parte do padre JENTEL em terrenos reservados a ruas e lotes residenciais (anexo nº 16).

3) Pela Portaria nº 01/72/RESERVADA, de 21 de fevereiro de 1.972, (anexo nº 17), foi designado o Cap. EL EDNO DOS SANTOS MORENO, para proceder a uma sindicância em caráter reservado, na região de Santa-Terezinha, a fim de averiguar os fatos de que tratava o pedido de busca nº 276/71, da 9a RM.

4) A evolução dos acontecimentos foi transmitida à Secretaria de Segurança pelo Delegado Regional de Barra do Garças (anexos nºs 18 a 19) dos quais resultaram as seguintes providências:

- Informação aos Exm^{os}. Srs. Ministros da Justiça, (Anexo nº 20) e o Comandante da 9a Região Militar (anexo nº 21).

- Determinação de medidas ao Delegado Regional de Polícia de Barra do Garças (anexos nºs 22 e 24).

5) Em resposta às informações e às determinações expostas, recebeu a Secretaria de Segurança recomendação do Exm^o Sr. Gen. Gnt^o da 9a RM (anexo nº 25) e novas informações do Delegado Regional de Barra do Garças, (Anexo nºs 26 e 27).

6) A partir do recebimento da informação relativa à marcha dos

CONFIDENCIAL



MI-6-

posseiros contra a CODEARA, foi determinada a entrada em prontidão de um Pelotão PM do 1º BPM em condições de seguir via rodoviária para Barra do Garças. Tal providência foi atenuada após o recebimento da comunicação do que o efetivo na área daquela Delegacia Regional era suficiente para manter a ordem na referida área.

Face ao agravamento da situação, e tão logo foi cientificado da eclosão do movimento armado e da emboscada contra as autoridades policiais, o Secretário de Segurança Pública, após inteirar o Excmº Sr. Governador do Estado das últimas ocorrências verificadas, decidiu deslocar-se via aérea para a região de Santa Terezinha, a fim de verificar "in locum" a exata extensão dos acontecimentos, e bem assim determinar o restabelecimento da prontidão anterior, a qual foi estendida ao 2º BPM de Campo Grande.

Da ocorrência do movimento e das providências adotadas, foi dada ciência ao Excmº Sr. Ministro da Justiça pelo Excmº Sr. Governador do Estado (anexo nº 28), que solicitou fosse a situação acompanhada por outros órgãos federais, face as prováveis implicações decorrentes das ações repressivas, implicações essas atualmente caracterizadas pelas investidas efetuadas pelo titular da prelaia de São Félix através da imprensa, em comunicações e notas alarmantes, e bem assim, em acusações explícitas contra o Secretário de Segurança.

7) Devido à dificuldade de meios de transporte aéreo para a região, foi efetuada ligação pessoal do Secretário de Segurança com o Comandante da 9ª RM por cujo intermédio foi solicitada o apoio da Base Aérea de Campo Grande para efetuar o transporte de dois Pelotões da PM para Santa Terezinha, o que se verificou nos dias 4 e 5 de março. Permaneceram prontos nas sedes dos 1º e 2º BPM, em condições de emprego mais dois Pelotões PM.

4. AÇÕES POLICIAIS - MILITARES REALIZADAS

Logo após a chegada a Santa Terezinha junto com o primeiro escalão da força policial-militar, foram estabelecidas por este Secretário as seguintes medidas;

- a. Confinamento dos funcionários e empregados da CODEARA na área da fazenda;
- b. Controle do movimento de aeronaves e passageiros no campo de

CONFIDENCIAL



Fl-7-

pouso da localidade;

c. Intensificação do policiamento ostensivos em todo o perímetro urbano da localidade;

d. Reconhecimento da área de conflito e ocupação das posições fortificadas ali existentes;

e. Ligação com o responsável pela direção da paróquia na ausência de seu titular, padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL, que segundo informações, se evadira na noite de 3 Mar 72, com vistas a:

- 1) Convocação de uma reunião com todos os posseiros da área;
- 2) Designação de cinco elementos para proceder ao desmantelamento das posições fortificadas, sob supervisão da tropa policial-militar em operações;
- 3) Obtenção de informações sobre os acontecimentos.

f. Busca de informes valada em toda a área, com vistas à identificação dos elementos participantes do movimento armado;

g. Ações de relações públicas e psicológica, com vista à captação da confiança e da cooperação da população;

h. Inspeção das posições fortificadas, pelo Secretário de Segurança e Oficiais participantes da operação, em companhia do padre ANTONIO CAUETO e de um dos professores residente na Casa Paroquial, ambos convidados a percorrer as ditas posições (medida complementar de segurança);

i. Instalação da Tropa;

j. Prosseguimento do Inquérito Policial instaurado;

A partir de 5 Mar 72, 2a Feira, foram ampliadas as missões de busca de informes e iniciado o planejamento das diligências para captura dos elementos diretamente envolvidos no movimento armado, os quais, segundo as informações obtidas, haviam se refugiado nas matas circunvizinhas, e bem assim, a apreensão de armas e munições. Tais operações foram objeto de meticolosos estudos, particularmente quanto ao aspecto logístico, devido às grandes distâncias a serem percorridas, à dificuldades de utilização de transportes terrestres, por força do alagamento da vasta área em redor do povoado, e às dificuldades de suprimento para a tropa empenhada. A cada diligência efetuada correspondeu um número de ordem, que foi acrescido à denominação genérica de OPERAÇÃO SOBRIA, e para cada operação realizada foi elaborado correspondente relatório.

CONFIDENCIAL



Fls. 9 -

carta originou a expedição de mensagem pessoal deste Secretário ao Exm^o Sr. Gen. Comandante da 9a. RM (anexo nº 31) a quem foi solicitada retransmissão a todas as altas autoridades destinatárias do documento de autoria do padre em questão. Cumpre aqui ressaltar que, tanto os boatos lançados como as inverdades constantes do documento retrocitado, foram objeto de desmentido público por este Secretário perante considerável massa de 283 pessoas reunidas em praça pública, e o que é mais importante, em presença do referido padre (anexo nº 32).

b. O fato de manterem os membros da prelazia de São Félix frequentes contatos com autoridades federais e estaduais vem sendo utilizado pelos mesmos como instrumento de prestígio junto aos posseiros, que consideram aqueles prelados reunidos de "garantias para brigar". A maior demonstração do grau de influência exercido sobre os referidos posseiros reside na indução dos mesmos à participação no movimento armado, com desrespeito, inclusive, à presença de autoridade policial.

respeito constante à autoridades constituídas, tanto no âmbito federal como no Estadual e Municipal.

A experiência decorrente de atitudes assumidas anteriormente pelos integrantes da prelazia de São Félix recomenda que sejam eliminadas, a fim de ordem e de respeito às instituições, as exceções por eles praticadas, sob o falso pretexto de efetuarem "graves denúncias", e de "defender os interesses dos pobres". Acobertando-se com o encaminhamento de documentos de sua posse às autoridades maiores do país, e, o que lhes é mais favorável, aos órgãos de imprensa que, invariavelmente, dão guarida e ampla divulgação a alegações colocadas por aqueles prelados transformados em verdadeiras agitações sob a impunidade, ampliam cada vez mais a utilização desses recursos, graças aos quais vem conseguindo retardar e dificultar a implantação, na área sob seu jugo, dos projetos governamentais destinados a promover o rápido desenvolvimento econômico e social daquela parte da região Centro-Oeste.

CONFIDENCIAL



- Fls. 10 -

6. AÇÕES SUBVERSIVAS

A existência, na área da prelazia de São Félix, de outros elementos subversivos além dos padres-agitadores, das "irmãzinhas-avanzadas" e dos professores leigos, estes procedentes particularmente de São Paulo e que vem "cooperar com a missão religiosa", no "trabalho com o povo", "particularmente na luta contra a Cia." e na "preparação da missa, com adaptações de músicas nordestinas e outras mensagens através do evangelho, bem ao nível deles", enquanto "esperam mais centenas a fim de preparar trabalhos mais eficientes", está perfeitamente caracterizada no documento que originou o pedido de busca nº 276/72 da Sa. M. Alguns desses elementos estão já identificados como FRANCISCO INACIATO ROMERO, MARIA ROSA ROMERO PAREIRA, SALVADOR TENES e ARAÚJO DE SAZ, este último atuante junto aos posseiros do povoado de Porto Alegre, onde, por constatação pessoal deste Secretário, existe o mesmo clima de agitação contra a Cia. Agropecuária IRENOVA.

Não há, pois, no ver deste Secretário, como dissociar as ações desenvolvidas pelos titulares e subalternos da prelazia de São Félix, juntamente com seus auxiliares imediatos, do movimento subversivo que, comprovadamente, se implanta naquela região.

Acredita-se, ainda, a influência exercida pelos membros da prelazia de São Félix, particularmente pelo padre François Jacques Jentel, sobre as populações indígenas, cujo potencial humano é computado como peça de manobra (reforço) das forças mobilizadas do "exercito dos padres", representadas, essas, pelos posseiros rurais e urbanos. O relatório do indigenista da FUNAI enviado à região (anexo 3) para averiguar a participação dos índios Tapirapés no movimento do dia 03 Março, em Santa Terezinha é suficientemente elucidativo e com prova integralmente a ação criminosa desenvolvida pelo padre François Jacques Jentel no aliciamento e na incitação, também, dos silvícolas.

Os esforços desenvolvidos pelos ditos religiosos com vistas à ampla difusão, através da imprensa, das ocorrências verificadas no povoado de Santa Terezinha, habilmente deturpadas, em especial no que concerne à atuação da Polícia estadual, com o propósito evidente de atrair para a área forças federais e, através do mesmo sistema, procurar desmoralizá-las, e bem assim o empenho revelado em conduzir a opinião pública, através comunicados, notas oficiais e entrevistas



CONFIDENCIAL

capciosas e inverídicas, emolduradas por citações do Evangelho, não deixam dúvidas quanto aos verdadeiros objetivos do movimento armado levado a efeito com a utilização dos iludidos e ignorantes posseiros, abandonados à própria sorte pelos mentores do referido movimento, os quais, para estupefação nossa, ainda circulam livremente - apesar do pedido de prisão dos mesmos já encaminhado pelo encarregado do Inquérito Policial ao Departamento de Polícia Federal - (anexo nº 34) concedem entrevistas à imprensa e prosseguem, acintosamente, na obra arditamente arquitetada, e, o que é lamentável, ostensivamente prestigiada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e, em caráter particular, por alguns bispos que já manifestaram publicamente sua solidariedade ao prelado de São Félix e seus sequeiros (anexo nº 35).

CONCLUSÃO

1. À luz do acima exposto, e com base nas observações constatadas efetuadas por este Secretário "in loco" durante dos (10) dias de permanência na área, esta Secretaria proclama a necessidade imperiosa e urgente da adoção das seguintes medidas imprescindíveis à redução e à gradual eliminação das tensões reinantes na área de jurisdição da prelazia de São Félix:

a. Afastamento imediato de todos os atuais integrantes daquela prelazia - religiosos, leigos e professores contratados - e, devendo ser renovados, em caráter prioritário, o Bispo D. Pedro Casaldaliga e o padre François Jacques Jentel, este foragido e já indiciado no Inquérito Policial ali instaurado em decorrência do movimento armado ocorrido no dia 03 março, pela prática de diversos atos capitulados como crime na Lei de Segurança Nacional;

b. Expedição, pelo INCRA, de instruções especiais à Comissão de Discriminação de Terras, no Estado de Mato Grosso, para em caráter prioritário, e imediato, solucionar todos os problemas pendentes relativos à legalização das situações dos posseiros urbanos e rurais localizados na área, partindo os acordos já firmados entre estes e os proprietários das terras (Companhias Agropecuárias);

c. Conclusão imediata pelo INCRA dos estudos relativos à legalização referida no item b acima, tais como indenizações de benfeitorias, mudanças dos posseiros, etc.



CONFIDENCIAL

d. Acompanhamento, pelo INCRA, das gestões em curso entre as Companhias Agropecuárias instaladas na região de Araguaia e posseiros rurais de São Félix, Serra Nova, Porto Alegre e Pontenópolis.

e. Acompanhamento e fiscalização, pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, das operações de recrutamento e mão-de-obra levadas a efeito pelas Companhias Agropecuárias e do cumprimento, pelos empregadores e empregados, das disposições contratuais e demais exigências estatuídas pela Legislação Trabalhista.

f. Acompanhamento, pelos órgãos de segurança da área, da movimentação de elementos estranhos, ou não, à região e que desenvolvam atividades junto aos elementos locais, notadamente no que diz respeito à instrução, à direção e organismos de classes etc.

g. Prestação de assistência médico-sanitária aos moradores das regiões não atendidas pelos serviços próprios das Companhias Agropecuárias.

2. As providências a cargo desta Secretaria, com vistas à garantia da manutenção da ordem após a retirada da força policial militar em operações incluem:

a. Manutenção de um grupo policial na sede do povoado de Santa Teresinha durante, pelo menos, todas as fases do Inquérito Policial instaurado para apurar responsabilidades pela oclosão de movimento armado ali verificado;

b. Aumento do efetivo policial-militar na área da Delegacia Regional de Polícia de Serra de Carajás, a fim de melhor atender às necessidades de policiamento nas regiões cercantes da presença continuada e de pronta ação policial, como sejam Lago Grande, Pontenópolis, Serra Nova, Sedrolândia e Porto Alegre.

Guará, 26 de março de 1972.

IVO DE ALBUQUERQUE - GEN. BR.

Resp. Secretaria de Segurança Pública

CÓPIA

CONFIDENCIAL

- Croqui -
(Apd ao An "A")

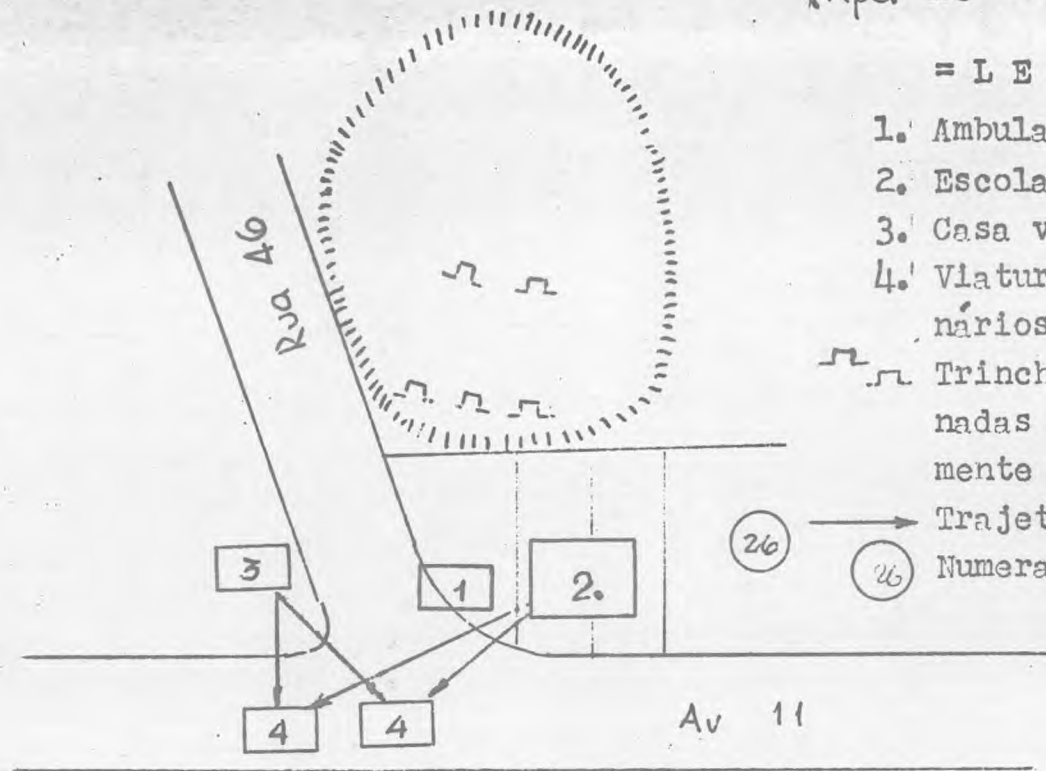
= L E G E N D A =

1. Ambulatório (construção)
2. Escola (em construção)
3. Casa velha
4. Viaturas da CODEARA com funcionários e Dst PM.

Trincheiras preparadas, escalonadas em profundidade e posteriormente ocupadas.

Trajetória das balas.

Numeração da quadra.

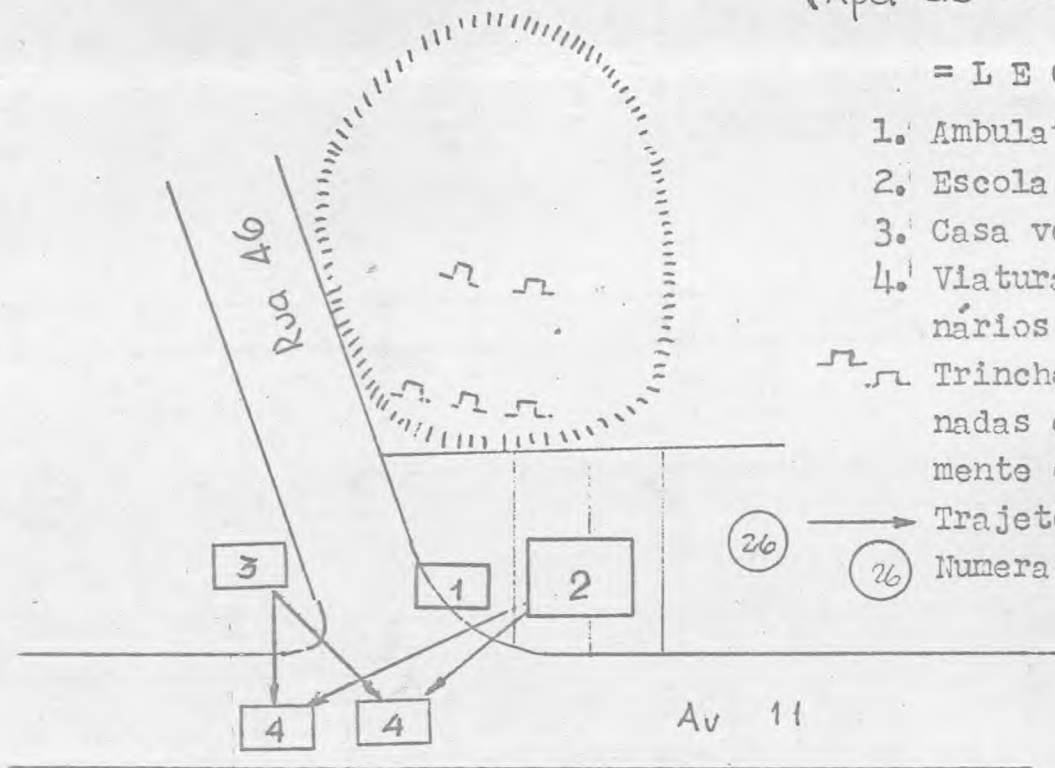


CONFIDENCIAL

PSS.553/P.71/986

CONFIDENCIAL

- Croqui -
(Apd ao An "A")



= L E G E N D A =

1. Ambulatório (construção)
2. Escola (em construção)
3. Casa velha
4. Viaturas da CODEARA com funcionários e Dst PM.

Trincheiras preparadas, escalonadas em profundidade e posteriormente ocupados.

→ Trajetória das balas.

○ 26 ○ Numeração da quadra.



CONFIDENCIAL

PS. 5531 P. 12/1986

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

Coordenação Regional do Arquivo Nacional no DF- COREG

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSB. AAB. PSS. 553, p. 73/286

Dados do documento especial

Característica:

Grande Formato

Conteúdo:

Recorte de Jornal

(Cópia)

Localização:

caixa 26

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

Documento não
digitalizado

Justiça investiga luta por terras

O Ministro da Justiça disse ontem ao secretário-geral do CNBB, D. Ivo Lorscheiter, que havia determinado a ida de autoridades federais a Santa Terezinha, no Mato Grosso, para fazer um levantamento sobre os incidentes que culminaram com o tiroteio da última sexta-feira naquela localidade.

Na resposta que havia prometido a D. Ivo e a D. Pedro Cassaldáliga, para dentro de 48 horas, o encontro que mantiveram na segunda-feira, o Professor Alfredo Buzaid afirmou que a partir desse levantamento é que vai tomar as providências na sua área e encaminhá-las aos outros Ministérios envolvidos: Agricultura e Trabalho.

RAZES

D. Pedro Cassaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix, a que está subordinada a paróquia de Santa Terezinha, o sugeriu que a averiguação do Ministério da Justiça não se concentrasse apenas no conflito em si, mas que fossa às raízes do problema.

Afirma o bispo que Santa Terezinha não é um problema isolado: "Trata-se de um do peramente conflito agrário, em que um povo de lavradores reclama seus direitos de ter uma terra e trabalhá-la, protegidos apenas pela lei, que é desprezada. E assim é em grande parte da Amazônia legal".

NA POLÍCIA FEDERAL

D. Ivo Lorscheiter, que conversou com o Ministro Alfredo Buzaid pelo telefone, esteve também no gabinete do diretor geral do Departamento de Polícia Federal, expondo o problema e pedindo providências ao general Nilo Canepa.

Por sua vez, a Polícia Federal desmentiu ontem a notícia veiculada nos jornais de que um grupo de seus agentes havia se deslocado para Santa Terezinha com a missão de prender o Padre Francisco Jentell, o pároco daquele povoado.

Em Brasília, desde sábado à noite, o Padre Jentell manteve, inclusive, um encontro com o general Nilo Canepa, autoridades do SNI e uma alta fonte da Presidência da República, entregando um relatório sobre as causas do incidente de sexta-feira na sua paróquia.

Pe. Jentel faz relato da tensão

Esteve ontem na redação do "Correio Braziliense" o padre Francisco Jentel, de nacionalidade francesa, pároco da localidade de Santa Terezinha, em Mato Grosso, e citando nos acontecimentos que culminaram com o choque armado entre os posseiros e empregados da Companhia de Desenvolvimento do Araguaia - CODEARA.

Informou o sacerdote que chegou a esta capital sábado último, tendo comparecido na segunda-feira no Serviço Nacional de Informações, e anteontem entrevistou-se com o General Nilo Caneppa, diretor do Departamento de Polícia Federal, ocasião em que apresentou aos dois órgãos relatórios sobre o clima de tensão reinante em Santa Terezinha. No documento o padre Francisco Jentel contesta as afirmações veiculados pela imprensa, segundo as quais seria o organizador da emboscada dos posseiros contra o pessoal da CODEARA, de que resultou a morte de quatorze pessoas. Negou também que os posseiros estivessem armados de metralhadoras

Adiantou ainda à reportagem o padre Francisco Jentel que não tem fundamento a notícia de que estaria sendo procurado por agentes do Departamento de Polícia Federal.



O padre Francisco Jentel quando prestava esclarecimentos ao CB



CONFIDENCIAL

RELATÓRIO ESPECIAL DE INFORMAÇÕES

1. PRELIMINARES

- a . O presente Relatório é consequência de determinação verbal do Exmº Sr Cmt do II Exército , que me incumbiu de proceder a um estudo "in loco" das circunstâncias que cercaram o conflito havido na localidade de SANTA TEREZINHA - Município de LUCIÁRA - MT entre posseiros e empregados da CODEARA - Companhia de Desenvolvimento do Araguaia .
- b . A missão foi definida como de caráter político e teve como principal finalidade levantar as possíveis soluções para o problema que se afigurava , após auscultar as partes litigantes .
- c . Após o deslocamento até CUIABÁ , fui informado pelo Cmt do 16º BC do seguinte :
- (1) Ao Governador do Estado fôra atribuída a missão pelo Ministro da Justiça , de tentar resolver a questão após ouvir as partes .
- (2) O Governador tencionava convocar representantes dos posseiros e da CODEARA como forma de solucionar o impasse.
- d . Este fato , aliado ao caráter também político de minha gestão , serviu para definir a maneira como eu deveria abordar o problema , bem como a forma de obter as informações de que necessitava.
- e . Levantada a hipótese , posteriormente abandonada , segundo a qual o móvel principal da disputa se relacionava com a existência de minérios raros na região , solicitei do Cmt / do Batalhão o concurso de um seu Oficial - Cap ALLIS BONOW MENDES , interessado e conhecedor do assunto para me acompanhar até SANTA TEREZINHA , no que fui atendido .
- f . Às 09:30 hs do dia seguinte a bordo de um CESSA - Skylane, decolamos de CUIABÁ e , na rota CUIABÁ - ARAGARÇAS - SANTA TEREZINHA , chegamos ao destino às 14:50 hs , consumindo / um total de 5 horas e 20 minutos de viagem .

2. A SITUAÇÃO

- a . As Agropecuárias na Área da SUDAM
- (1) Face ao problema do grande vazio demográfico e o desafio aceito para a conquista da "Hiloea" , optou o Govern

CONFIDENCIAL



no como forma de ocupação , a utilização de incentivos fiscais em projetos agropecuários na área da SUDAM .

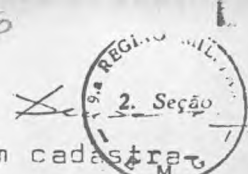
- (2) Ao determinar a estratégia , sabia o Governo que seria esse o meio mais econômico e viável que se apresentava na época para um país carente de capitais como o nosso.
- (3) Dentro desse espírito , foram autorizadas a se estabelecer ao Norte de MATO GROSSO e Sul do PARÁ , principalmente , várias empresas que se propunham a desenvolver e ocupar a área , aceitando desta forma o Grande / Desafio do Século . Entre estas firmas estavam a BORDON e SUIÁ-MISSÚ , a CODESPAR , a FRENQVA e a CODEARA - Companhia de Desenvolvimento do Araguaia .

b . A CODEARA

- (1) A CODEARA foi criada em 1966 e adquiriu a faixa de terra situada a Oeste do Rio ARAGUAIA , em frente à Ilha de JANANAL (An 1) , numa extensão de aproximadamente / 190.000 Ha . Esta área é fruto de desmembramento das terras da antiga CIVA - Companhia Imobiliária do Vale do ARAGUAIA e seus títulos de posse acham-se registrados no Cartório de Registro da Comarca de BARRA DO GARÇAS - MT .
- (2) O Povoado de SANTA TEREZINHA , Município de LUCIÁRA , achava-se encravado na gleba e em conseqüência incorporou-se aos domínios da CODEARA . Além disso , como aliás ocorre na maioria das agropecuárias , havia inúmeros posseiros espalhados pela gleba inteira .
- (3) Do choque de interesses surgiram dois problemas na área :
 - O primeiro , urbano , envolvendo os posseiros urbanos do núcleo populacional de SANTA TEREZINHA , e ,
 - O segundo , de caráter rural , envolvendo os posseiros rurais ocupantes da gleba ;
 Ambos relacionados com a CODEARA .

c . O Problema Urbano

- (1) Do plano de desenvolvimento da área , constava a urbanização do atual povoado de SANTA TEREZINHA , segundo normas modernas e racionais .
- (2) Para corrigir o arruamento antigo e adequá-lo à Planta de Urbanização (An 2) , a CODEARA avaliou cada lote / juntamente com as benfeitorias existentes e propôs a cada posseiro a troca por um novo lote , proporcional ao antigo , pagando ainda indenização pelas benfeitorias.



- (3) Entre Março e Novembro de 1969 , foi feito um cadastramento dos posseiros urbanos que acusou um total de 104 dos quais , 43 já acordaram com a CODEARA , receberam / suas indenizações e já ocupam novos lotes de acôrdo com Planta de Urbanização . Os que aceitam as condições da CODEARA , sofrem tremenda coação moral por parte do Padre FRANCÇOIS JACQUES JENTEL , sobre quem falaremos mais adiante .
- (4) A Planta de Urbanização para ter validade , deve ter a seguinte tramitação :
- 1ª - Ser aprovada pela Prefeitura de LUCIÁRA ;
Já o foi pelas Leis de nº 18 de 14 Nov 68 e 29 de 6 Jun 69 .
 - 2ª - Ser aprovada pelo INCRA ;
Encontra-se nessa repartição aguardando aprovação.
 - 3ª - Ser registrada no Cartório da Comarca de BARRA DO GARÇAS - MT ;
Sõmente poderá sê-lo , após a aprovação pelo INCRA.
Em vista disso o Pe. JENTEL não aceita a validade da / Planta .
- (5) O Padre afirma que a Missão do Tapirapé é proprietária do morro (onde ocorrerem as ações armadas) porém não apresentou documentação hábil .
- (6) Há certo tempo atrás , contratou o Padre a construção / de uma escola e de um ambulatório em terrenos de sua / propriedade , digo , de propriedade da Missão . A escola está quase tôda coberta e ocupa os lotes 2 e 3 da quadra 26 ; o ambulatório porém ocupa o lote 1 da mesma / quadra e parte da rua Projetada 46 (An 2) .
O próprio empreiteiro sugeriu que se fizesse um rebatimento da planta para encaixar o ambulatório dentro do lote 1 todavia o Padre se negou terminantemente a aceitar a sugestão .
Em vista disso , a Companhia solicitou do Padre a suspensão da construção e , na falta de atendimento empreendeu uma ação no local , aliás intempestiva , desfazendo os alicerces da obra (10 Fev 72).
Esse antagonismo provocaria nos primeiros dias de Março o conflito .
- (7) Em resumo podemos afirmar que :
- (a) A nova Planta de Urbanização carece de aprovação pelo INCRA , encontrando-se presentemente naquêl Ins



tituto.

- (b) Em vista disso o Padre JENTEL não aceita o loteamento.
- (c) Se a mesma viesse a ser aprovada e registrada em Cartório, como exige a Lei, mesmo assim a Missão recorreria, pois acha que "a CODEARA se julga dona de tudo em só sabe explorar o povo".
- (8) Há algum tempo atrás foi apresentado à Câmara Municipal de LUCIÁRA, um projeto de desapropriação de 2.450 Ha de área urbana de SANTA TEREZINHA e de 4.500 Ha de PÔRTO ALEGRE (povoado vizinho e com problema semelhante). Aprovado pela Câmara não foi no entanto sancionado pelo Prefeito de LUCIÁRA.
- Houve desacôrdo entre o Padre e o Prefeito quanto à maneira de recolher o dinheiro da desapropriação e também sobre a nova posse das terras: o Padre desejava que as terras passassem para a Missão enquanto o Prefeito queria que as mesmas se incorporassem às terras do Município.
- (9) Dêsse conflito de idéias poderiam surgir três soluções:
- (a) Desapropriação em nome da Missão do Tapirapé.
- É a única solução que satisfaz o Padre
 - Representa uma volta ao "status quo" antes da CODEARA se instalar
 - A cidade cresceria sem disciplina e sem previsão
- (b) Desapropriação em nome da Prefeitura de LUCIÁRA.
- Daria um caráter público à vila de SANTA TEREZINHA, porém, aquela Prefeitura não teria no momento, capacitação técnica e física para acompanhar o desenvolvimento harmônico da área urbana de acôrdo com a Planta de Urbanização.
- (c) Permanência da Planta de Urbanização a cargo da CODEARA.
- Dá continuidade a um Plano de Urbanização bem elaborado;
 - Atende aos interesses de cerca de 50% dos posseiros que já o aceitaram e constroem suas casas de conformidade com o Plano;
 - Permite que outros posseiros façam o mesmo (e é o isso que a maioria deles deseja), desde que cessem as pressões do Padre;
 - Valoriza o planejamento da CODEARA e com isto o trabalho que vem desenvolvendo visando a humanização da área.



d . O Problema Rural

- (1) Ao ser criada a CODEARA , vários posseiros utilizavam-se de suas terras .

Pensou inicialmente a CODEARA em despejar os posseiros de suas terras , alojando-os em uma gleba ao fundo da propriedade ; a má qualidade das terras (varjões alagadiços) e a distância do povoado , provocaram desentendimentos e culminaram em 1967 com iminência de choque armado (semelhante àquele que ocorreria nos primeiros dias deste mês .

- (2) Como consequência desse conflito , escolheu o Padre / JENTEL em 1969 , uma gleba de 5.582 Ha para ser destinada aos posseiros .

Essa gleba se constitui das melhores terras da fazenda, grandes faixas de terra fértil , boas aguadas e matas abundantes , além do acesso à vila de SANTA TEREZINHA numa distância não superior a 6 km . Sua dimensão permite a distribuição a cada posseiro de um lote correspondente ao que já possui , permanecendo ainda uma boa faixa sem ocupação .

A CODEARA , visando solucionar de vez o problema , aceitou fazer a doação dessa gleba aos posseiros .

- (3) Assim , em 5 de Maio de 1970 no TABELIÃO NOBRE - Rua / 24 de Maio 207 - SÃO PAULO (Livro nº 1.207 - fls 95) , foi firmada uma Escritura de Doação com Encargos , sendo outorgante a CODEARA e outorgada a Prefeitura Municipal de LUCIARA .

- (4) Através esse instrumento , que coroou o acordo entre / as partes e buscou a solução definitiva do problema , a CODEARA fazia a doação de 5.582 Ha à Prefeitura Municipal de LUCIARA e , em resumo dizia o seguinte :

(a) Deveres da CODEARA :

1º - Planificar o loteamento da gleba já demarcada dentro de 60 dias ; execução material a cargo da Prefeitura com colaboração da CODEARA na / parte referente a :

- Estrada de acesso à vila
- Transporte para a mudança dos posseiros .

2º - Indenizar os posseiros pelas benfeitorias e existentes segundo avaliação feita pelo INCRA.

(b) Deveres da Prefeitura Municipal de LUCIARA :

1º - Transferir os posseiros para a nova área , dentro de 180 dias após a aprovação do loteamen-

- 6 CONFIDENCIAL



to pelo INCRA e sob a supervisão d'êste

2º - Não dispor e não alienar qualquer lote aos posseiros inclusive a porção remanescente da gleba, sem autorização do INCRA.

(c) Deveres do INCRA :

- Designação de funcionários para prestar assistência e fiscalização no loteamento e supervisão na transferência e localização dos posseiros na gleba.

(5) Desde 1970 até a presente data o INCRA ainda não se pronunciou sobre êsse loteamento. Apesar da expectativa, vários posseiros já se mudaram para a nova gleba e suas roças já começam a surgir.

Os posseiros mais prósperos são aquêles que melhor se harmonizam com a CODEARA e não aceitam a ingerência do Padre Jentel em suas decisões; foram os primeiros a escolher seus novos lotes.

(6) Com a fixação dos limites da gleba destinada aos posseiros, passou a Cia a delimitar suas área através de cercamentos.

Uma destas cercas interrompeu o caminho (picada) que conduzia os posseiros até SANTA TEREZINHA, passando pela sede da CODEARA.

Para compensar êsse fato, a Cia destinou aos posseiros uma estrada que alonga em cerca de 1,3 km o trajeto anterior (An 3).

Instigados pelo Padre, alguns posseiros romperam por duas vèzes a cerca (An 3) visando restabelecer o caminho antigo e assim foi criado mais um ponto de fricção entre as partes.

(7) O Problema Rural no entanto apresenta-se mais próximo da solução do que o Urbano pois o acréscimo na extensão da estrada destinada aos posseiros não excede aquele estipulado em lei.

(8) A solução final do problema depende das seguintes providências urgentes do INCRA :

- (a) Aprovação do loteamento da gleba dos posseiros;
- (b) Designação de funcionários para prestar assistência e fiscalização no loteamento e supervisão na transferência e localização dos posseiros;
- (c) Avaliação das indenizações a serem pagas pela CODEARA aos posseiros pelas benfeitorias existentes em suas antigas posses.

CONFIDENCIAL



e . O Padre JENTEL e o Conflito

- (1) O Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL , ou ERANCISCO JOAQUIM GENTEL , francês , chegou ao povoado de SANTA TEREZINHA por volta de 1960.
- (2) Consta que , durante a 2a. Grande Guerra integrou os "maquis" da Resistência .
- (3) Possui grande mobilidade devido aos meios de transporte que utiliza (avião e lancha) e exerce influência em vasta área , englobando o triângulo SANTA TEREZINHA - Aldeia TAPIRAPÉ - SÃO FELIX , além de outras áreas mais ao Sul (An 1).
- (4) Fundou em SANTA TEREZINHA uma Cooperativa Agrícola cujo contador até 1970 (?) ^{foi} EDIVAL REIS , agitador , substituído por FRANCISCO NEGRINE ROMEIRO (CHICO) que lá chegou acompanhado de sua esposa MARIA ROSA ROMEIRO / PALMEIRA , professora , e que é tido como autor de relatório sobre a região , encontrado em aparelho subversivo da capital de SÃO PAULO .
- (5) A Cooperativa do Padre adquire produtos agrícolas dos posseiros e dos índios Tapirapés a preços ínfimos e os revende a estes mesmos homens a preços de mercado. A título de "Contribuição dos índios Tapirapés nas Despesas" , o Padre se apossa de 10% da produção agrícola daquela tribo .
- (6) Promove entre os índios campanha desmoralizadora contra a FUNAI .
- (7) Orientou todos os trabalhos de preparação do local das trincheiras e deu ordem à Cooperativa para o fornecimento de munição aos posseiros .
- (8) Orientou o chefe dos posseiros para atirar em quem pretendesse penetrar na construção .
- (9) No dia 03 de Março , não estava no local da construção no momento da emboscada e nesse noite fugiu até a aldeia dos Tapirapés onde pernitoiu .
- (10) No dia 04 de Março os Tapirapés estavam prontos para se deslocarem para SANTA TEREZINHA em auxílio dos posseiros , instigados que foram pelo Pe. JENTEL . Em declarações à imprensa assumiria posteriormente a responsabilidade por tudo aquilo que ocorreu em SANTA TEREZINHA.
- (11) No Inquérito Policial mandado instaurar pelo Secretário de Segurança Pública de MATO GROSSO , surge o nome do Pe. JENTEL como enquadrado em vários artigos da Lei de Segurança Nacional (Dec-Lei nº 898 , de 29 Set. 69).

CONFIDENCIAL

- 8 -



- (12) Instiga os posseiros urbanos a construírem suas casas fora do alinhamento da Planta e exerce coação moral sobre aqueles que não o atendem .
- (13) Na visita realizada pelo sindicante na Missão do Tapitapé , foi constatada a presença na Casa Paroquial de vários "voluntários" (professores de filosofia , jovens etc) oriundos principalmente de CAMPINAS - SP e SÃO / PAULO - Capital . Foram anotados os nomes de SALVADOR IENES e ALTAIR de Tal .

3 . CONCLUSÕES

Pelos dados colhidos , entrevistas realizadas , sobrevãos efetuados , consultas a documentos e visita aos mais diversos locais , conclui-se que :

- a . As agropecuárias , incentivadas a estabelecer projetos na área da SUDAM representa^mo grande meio para se chegar à ocupação e desenvolvimento da Amazônia . A falta de Segurança poderá atrasar os cronogramas fixados e impedir a implantação de novos polos de desenvolvimento .
- b . Há , da parte da Prelazia de SÃO FELIX , cujo titular é o Bispo Dom PEDRO CASALDÁLIGA , uma ação coordenada em toda a área contra os Projetos Agropecuários da SUDAM .
- c . Este Bispo exerce influência em vasta área do Nordeste Mato-grossense , notadamente ao Norte do paralelo 16º (Amazônia).
- c . A Missão do Tapitapé , dos padres claretianos , atua dentro das diretrizes do Bispo CASALDÁLIGA e se encarrega de agravar os antagonismos entre os posseiros e as agropecuárias situadas em sua respectiva zona de influência .
- d . Ao contrário do que possa parecer à primeira vista , qualquer concessão por parte das agropecuárias ou mesmo do Governo não irá resolver o problema . Sempre haverá algo mais a pedir e uma bandeira a mais para agitar .
- e . A Missão não busca melhorar as condições de vida do posseiro mas sim evitar que as Agropecuárias progridam e em consequência acumulem êxitos para o Governo da Revolução que aceitou corajosamente o Desafio da Amazônia .
- f . Existem providências que devem ser tomadas urgentemente pelo INCRA para resolver os problemas da CODEARA , entretanto é bom assinalar , outros problemas surgirão não só com a CODEARA mas também com a BORDON (An 4) , SUIÁ-MISSÚ (idealista empreendimento do Grupo OMETTO , de São Paulo) , FRE

CONFIDENCIAL



NOVA , e quaisquer outras Empresas Agropecuárias , sempre envolvendo posseiros instigados pelo Bispo de SÃO FELIX D. PEDRO CASALDÁLIGA e seu principal agente - Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL .

- gg. Qualquer solução que se queira definitiva deverá incluir o brigatoriamente o afastamento desses elementos da area e a delimitação taxativa das atribuições espirituais das Missões de Evangelização .
- h . Esta providência não exclue aquela ação fiscalizadora que o Governo deve exercer sobre as Companhias Agropecuarias / por intermédio principalmente do Ministério do Interior / (SUDAM) , do da Agricultura (INCRA) , do da Saúde (SUCAM) e do Ministério do Trabalho e Previdência Social , tudo visando coibir possíveis abusos.
- i . Os conflitos entre posseiros e Cias Agropecuárias , de uma forma geral são artificiais e facilmente solucionáveis amigavelmente desde que o Bispo CASALDÁLIGA e o Pe. JENTEL não instiguem os posseiros ; os órgãos do Governo têm meios de substituir estas lideranças .
- j . O conflito que ocorreu agora é em todo semelhante àquele / verificado em 1967 e não diferirá no futuro de outros que fatalmente ocorrerão .
- l . O Inquérito Policial instaurado por ordem do Secretário de Segurança de MATO GROSSO , em fase de conclusão , enquadra o Pe. JENTEL em vários Artigos da LEI DE SEGURANÇA NACIONAL (Dec-Lei nº 898 de 29 Set 69).
- m . A Missão do Tapirapé em SANTA TEREZINHA e outras , permitem em muito boas condições o homizio de terroristas e subversivos de outras áreas do BRASIL.
- n . A Missão do Tapirapé , mesmo sem a presença de seu titular Pe. FRANÇOIS JENTEL , demonstrou estar perfeitamente integrada no esquema de difusão e repercussão nacional e internacional da CNBB .

Um ofício enviado de inverdades e calúnias , entregue ao / Secretário de Segurança de MATO GROSSO , presente naquele longínquo rincão , atingiu em menos de 24 horas os principais meios de comunicação de massas do país e as primeiras autoridades da República , não permitindo a oportuna / reposição da verdade dos fatos por parte dos órgãos do Governo .

- 10 - CONFIDENCIAL

4 . PARECER

Pelas conclusões apresentadas , êste sindicante é de parecer , salvo melhor juízo , que :

- a . As Agropecuárias , juntamente com a abertura dos grandes eixos transemazônicos constituem no momento presente a melhor forma para se realizar a penetração e ocupação da Amazônia; cabe ao Governo proporcionar-lhes a conveniente Segurança.
- b . Vários órgãos do Governo têm que ser acionados para terem uma atuação mais intensa na área , a fim de disciplinar e ação das Agropecuárias , substituindo lideranças que nem sempre colimam os mesmos objetivos do Governo da Revolução.
- c . Convém a adoção das medidas :
 - (1) Afastamento através a Junziatura Apostólica , do Bispo da Prelazia de SÃO FELIX - DOM PEDRO CASALDÁLIGA e do Pároco de SANTA TEREZINHA - PADRE FRANÇOIS JACQUES JENTEL .
 - (2) Face às conclusões do Inquérito Policial em curso , expulsar o Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL do País .
- d . É conveniente ainda a realização de "Operações Presença" / por parte do Exército , acompanhadas de Ação Cívica Militar , junto a êsses núcleos populacionais com finalidades entre outras de verificar áreas de homizio de subversivos.
- e . Deve ser feita promoção junto à Imprensa , de campanha visando a reposição da verdade dos fatos.
- f . Finalmente , deve haver uma ação mais enérgica da Censura sobre as divulgações da CNBB .

CAMPO GRANDE , 14 de Março de 1972

L. Gonzaga de Toledo Camargo

LUIZ GONZAGA DE TOLEDO CAMARGO -Maj Art
Maj Art QEMA QEMA



CONFIDENCIAL



1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
525	525	525	525	525	525	525	525	525	525	525	525	525	525	525	525

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800	800



CONFIDENCIAL

PSS-5531 P 88/286 An 2

An 2

CONCLUSÃO

1. A luz do acima exposto, e com base nas observações e constatações efetuadas por este Secretário "in locum" durante dez(10) dias de permanência na área, esta Secretaria proclama a necessidade imperiosa e urgente de adoção das seguintes medidas imprescindíveis à redução e à gradual eliminação das tensões reinantes na área de jurisdição da prelazia de São Felix:

a. Afastamento imediato de todos os atuais integrantes daquela prelazia - religiosos, leigos e professores contratados - , devendo ser removidos, em caráter prioritário , o Bispo D. Pedro Casáldaliga e o padre François Jacques Jentel, este foragido e já indiciado no Inquérito Policial ali instaurado em decorrência do movimento armado ocorrido no dia 03 março, pela prática de diversos atos capitulados como crime na Lei de Segurança Nacional.

b. Expedição, pelo INCRA, e instruções especiais à Comissão de Discriminação de Terras, no Estado de Mato Grosso, para, em caráter prioritário, e imediato, solucionar todos os problemas pendentes relativos à legalização das situações dos posseiros urbanos e rurais localizados na área, partindo dos acordos já firmados entre estes e os proprietários das terras (Companhias Agropecuárias).

c. Conclusão imediata pelo INCRA dos estudos relativos à aprovação da planta da cidade de Santa Terezinha e adoção de medidas necessárias à legalização referida no item b. acima, tais como indenizações de benfeitorias, mudança dos posseiros, etc.

d. Acompanhamento, pelo INCRA, das gestões em curso entre as Companhias Agropecuárias instaladas na região do Araguaia e posseiros rurais de São Felix, Serra Nova, Pôrto Alegre e Pontenópolis.

e. Acompanhamento e fiscalização, pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, das operações de recrutamento de mão-de-obra levadas a efeito pelas Companhias Agropecuárias e do cumprimento, pelos empregadores e empregados, das disposições contratuais e demais exigências estatuidas pela Legislação Trabalhista.

f. Acompanhamento, pelos órgãos de segurança da área, da movimentação de elementos estranhos, ou não, à região e que desenvolvam atividades junto aos elementos locais, notadamente no que diz respeito à instrução, à direção de organismos de classe etc.

g. Prestação de assistência médico-sanitária aos moradores das regiões não atendidos pelos serviços próprios das Companhias Agropecuárias.

2. As providências a cargo desta Secretaria, com vistas à garantia da manutenção da ordem após a retirada da fôrça policial militar em operações incluem :

a. Manutenção de um grupo policial na sede do povoado de Santa Terezinha durante, pelo menos, tôdas as fases do Inquérito Policial instaurado para apurar responsabilidades pela eclosão do movimento armado ali verificado;

b. Aumento do efetivo policial-militar na área da Delegacia Regional de Polícia de Barra do Garças, a fim de melhor atender às necessidades de policiamento nas regiões carentes da presença continuada e de pronta ação policial, como sejam Lago Grande, Pontenópolis, Serra Nova, Sedrolândia e Porto Alegre.

Cuiabá, 16 de março de 1.972.

Ivo de Albuquerque
IVO DE ALBUQUERQUE - CEL. PV.

Resp. Secretaria de Segurança Pública

CONFIDENCIAL

- 1- Pe Francisco Jentel F
- 2- Salvador - Aux. F
- 3- Edgar - Enfermeiro F
- 4- José Carlos - Chefe da Cooperativa G
- 5- Jair - Balconista
- 6- Jayme -
- 7- Divino
- 8- Francisco Negrini Romero - Contador F
- 9- Agostinho (filho azedo) — POSSEIROS
- 10- Gerson Soares Cardoso
- 11- Durval Pereira (Abdias)
- 12- Emilianão
- 13- Antº Grosso
- 14- José Piaui (Filhos e Parastes)
- 15- Antº Paslandi
- 16- Jose Papamel (Antº s/geuro)
- 17- José Lúcio e Luiz da Mata
- 18- Filhos de Joaquim da Mata
- 19- José quiriba
- 20- Bento Nunes e Waldemar Nunes
- 21- Eloy e Levino
- 22- Massa Bruta (José)
- 23- Joaquim Gonçalves
- 24- Agostinho Borges
- 25- André Avelino
- 26- Antonio Luiz
- 27- Chicão
- 28- Antoneão
- 29- Porfirio
- 30- Pedro Barbosa
- 31- Cícero de tal
- 32- Simão
- 33- Romão
- 34- Elpidio
- 35- Altair (Professor)
- 36- Felipe (Filho de Antº pretinho)
- 37- Vicente
- 38- *Atirac* *cy*
- 39- *Arnan* *cy*
- 40- *Blacanal Roxo* *(Fidel)*

Oleguiv. r - 27.4.72.
Ful

RELATÓRIO DEPOIMENTOS:Fl. 1

Após o período de Derrubada na área da Séde, em janeiro/71, quando as Autoridades Policiais foram solicitadas para garantir a vida dos peões e o andamento dos trabalhos, as relações CODEARA e Padre eram apazentamente boas e esperanças. Tanto é assim que, por várias vezes o representante dos posseiros se utilizou da Oficina Mecânica da Cia. para reparos rápidos de seus veículos e máquinas usando aparelhos de solda, aparelho de borracharia etc., gratuitamente. A Cia também se valeu de sua Organização quando tomou emprestado em novembro de 1971 seis pares de suportes de escovas de um gerador de luz, devolvendo-lhe imediatamente.

Em dezembro de 1971 o Padre François (Francôa) se retirou segundo consta, para um retiro espiritual no Nordeste. Veio para Santa Therezinha o Bispo Casaldáliga (Espanhol), muito conhecida, principalmente no estrangeiro, pelo livro que assinou (Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social).

Começaram as frequentes reuniões com posseiros na Casa Paroquial, para conscientização (segundo os Padres) dos mesmos Posseiros. Sua última reunião foi por ocasião da formatura dos Quartanistas Primários da Escola Paroquial. Nesta oportunidade, segunda depoimentos ouvido, da Diretora do Grupo Municipal e outras pessoas, no inquérito presidido pela Polícia Militar Estadual, na pessoa do Sr. Secretária de Segurança Pública, o Bispo conclamava o povo e os alunos que tomassem posição definitiva contra a Cia. e pessoas do povoado que estivessem ligados à Cia. Dizia-lhes a Missão está preparada com Professores (Francisco Negrini Romero e sua esposa - De Rosa Romero), com psicólogas (Salvador e Wagner), inclusive com vários estudantes de Nível Universitário que dispõem a colaborar com a Missão se propõem a instruir o povo em todos os sentidos. Isto realmente estava acontecendo, pois, vários eram os elementos novos no Povoado a serviço da Missão.

Fl.2

A Cia. começou a perceber e sentir os ensinamentos desta gente a medida que suas cêreas eram cartadas (vários lugares), quando o capim plantado na área da Séde ia sendo arrancado, quando os animais de posseiros eram propositalmente colocados nas roças de arroz e milho. Todas estas ocorrências eram levadas ao conhecimento do Cabo - Comandante do Destacamento de Santa Therezinha. - Os instrumentos eram tão bem ministrados que só conseguimos pegar a esposa de um posseiro (Gregório) que manda que fôsemos nos entender com seu Protetor - Padre Pedro (Bispo - Casaldaliga).

Quando em dezembro de 1971, a Missão iniciou os alicerces de uma Escola e um Ambulatório, em terrenos que não lhe pertence, inclusive tomando a Rua 46 - da Planta de Urbanização da Cidade, - Plano este aprovado pela Lei Municipal nº 18, de 14/11/68, mais a Lei nº 29, de 06/06/69, que aprovou igualmente o Aditamento feito, Protocolada no INCRA sob o nº 1.544 para aprovação.

Quando tomamos conhecimento desta irregularidade, convidamos o Representante da Missão para discutir o assunto. Ponderamos na ocasião que não havia necessidade de uma invasão desta ordem, pois a Planta de Urbanização previa uma área de 18.000 m² para Obras desta natureza. Bastaria que a Missão solicitasse através de uma carta endereçada à Diretoria da Cia. a doação da área. Tudo seria colocado em seu devido lugar. Salientamos também que quanto mais recursos para o povoado, melhor, porque a Cia. também mantém funcionando um Hospital com 80 leitos (Inaugurado pelo Sr. Ministro - Costa Cavalcante) e um médico residente distante da Obra pretendida pelo Padre François - 1.500 ms. mais ou menos, atendendo a toda a região.

Diante do Cabo, Comandante do Destacamento de Santa Therezinha, que foi convidado para assistir as conversações, o Representante da Missão se negou inclusive a receber uma carta, na qual a Cia. solicitava o que já descrevemos acima, alegando que desconhecia a existência de um Planejamento oficial, e que tudo o que existia foi feito arbitrariamente e a poder de dinheiro e que a meta da Missão seria cumprida a todo o custo, pois, esta era a ordem do Bispo Casaldaliga.

Esgotados os recursos procurados para solução amistosa do problema; amparada pelo que determina o Código Civil, abrimos a Rua 46, destruindo parte dos alicerces e um poço de água plantado no meio da Rua citada. -- Imediatamente a Obra foi reiniciada. Ameaças de toda ordem eram feitas pelo Padre François que já voltara de seu Retiro espiritual. O Bispo já havia voltado para sua Séde. Recados dos mais audaciosos e comprometedores eram enviados para a Gerência da Cia, e mais especificamente dirigidos a mim. Considerando o último recado recebido através do Administrador da Cia., bem como, do Contador que estavam juntos na Vila, quando foram procurados pelo Padre -- que dizia: -- Diga a seu Chefe Silveira que venha à lá mesmo desmanchar de novo minha Obra que eu tenho um Presente para ele e para o Trator.

procedendo

Ciente das intenções do Padre, que com esta guerra fria, forçava a Gerência a tomar uma medida mais enérgica para fazer valer seu direito de propriedade, que o colocaria como Mártir, parti para Barra do Garças, Séde Geral do Comando da Polícia Militar afim de expôr os fatos às autoridades, e, solicitar reforços para o Destacamento local (que na ocasião se compunha de um Cabo e um Soldado). Nestas alturas dos acontecimentos o Padre François já chamava e denunciava posseiros e abria trincheiras em lugares estratégicos conforme foi constatado depois dos acontecimentos.

Identificados com o clima da tensão em Santa Therezinha, o Capitão Moacyr Cauto (Delegado Regional) viajou para esta localidade trazendo consigo inclusive novos elementos para compôr o Destacamento local. -- Aquí chegando no dia 3 de março esta Autoridade foi informada por Funcionários da Cia. -- que o movimento do Padre François havia tomado corpo e que era grande o movimento de armas e munições na Vila, principalmente em duas Casas de moradia próximas a construção da Missão. Foi informado igualmente que Índios da Tribo Tapirapés estavam sendo usados pelo Padre François para providenciar alimentos para os homens reunidos. Depois ficou-se sabendo que quatro Índios foram armados pelo Padre François.

Fl. 4

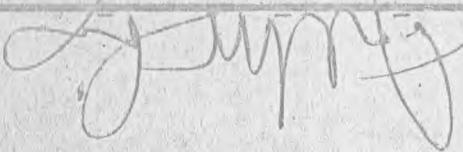
A par de todos estes acontecimentos, o Capitão Maacyr Couto pediu aos homens da Cia. que o acompanhassem desarmados até o local onde se sabia existir armas. Feito isto, rumamos para o local indicado. Chegando ao povoado em duas Camionetas Willys e um Jeep, as autoridades se apressaram em impedir a fuga de pedreiros da Obra. Ato contínuo, ainda descendo dos veículos, abriu-se fogo dos posseiros (todos ao mesmo tempo). A maioria dos homens da Cia., recebeu bala ainda em cima dos veículos que ficaram totalmente marcados.

Após uma hora e tanto de tiros (apenas de um lado), sem que os Policiais disparassem nenhum tiro, o Comandante ordenou em voz alta que se o fogo não cessasse, ele ordenaria o fuzilamento dos pedreiros. Foi quando o Capitão pôde retirar os feridos e encaminhá-los primeiramente para o Hospital da Fazenda, em seguida retirando os mais gravemente feridos para o Hospital São Thomé, de São Félix. Já eram 6 horas da tarde.

No dia seguinte (4 de março) pela manhã os dois Capitães rumaram para Barra do Garças para entendimentos em seus superiores e nós seguimos viagem para Goiânia com quatro dos sete mais gravemente feridos para melhor socorro.

Os intrincheirados permaneceram em suas trincheiras por ordem do Padre François até a madrugada do dia 5. O Padre e seus 3 imediatos fugiram na mesma noite do dia 3 para a Aldeia dos Tapirapés e de lá na madrugada do dia 4 tomaram o avião de prefixo ATP pilotado pelo Sr. But Ramo, tomando rumo ignorado. Já no dia 4, por volta das 10 hs. chegava a Santa Therezinha o Padre Antonio Canuto (Secretário da Prelazia de São Félix), acompanhado de 3 desconhecidos (jovens) para tomar a frente da Paróquia. No dia 4 chegaram também a Santa Therezinha os Capitães da Polícia Militar Estadual, João Evangelista e Edno Moreno, que começaram a colocar ordem no povoado.

~~SECRETARIA DE DEFESA NACIONAL~~
~~MINISTERIO DA DEFESA~~
José Roberto Silveira



Santa Theresinha-MG, 17 de março de 1972.

No dia 5 chegou em avião Djalma de Faria, tra-
sendo o Secretário de Segurança Pública do Estado, Coronel
Ivo e Tropas da Polícia. O Inquérito foi iniciado.
O Padre Antonio Cernito e seus Auxiliares -
continuam trabalhando e atuando apesar da presença de Au-
toridades Policiais no local.

M. 5

PSS.553/P.96/286

INFORMAÇÃO N.º 856/S-102-S3-CIE =

1. ASSUNTO: Bispo PEDRO CASALDÁLIGA e Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL.
2. ORIGEM: CIE
3. DIFUSÃO: I-II-III-IV Ex-CMA-CMP-SNI/AC-CI/DPF-DSI/MRE-DSI/MJ-DSI/MI-DSI
4. DIFUSÃO ANTERIOR:
5. REFERÊNCIA:
6. ANEXO:

Em fins do ano passado, o Bispo PEDRO CASALDÁLIGA, da Prelazia de SÃO FELIX(MT) divulgou uma pastoral intitulada "UMA IGREJA DA AMAZÔNIA EM CONFLITO COM O LATIFÚNDIO E A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL".

A pastoral repercutiu intimamente no âmbito nacional e internacional e agitou a área de SANTA TEREZINHA, Município de LUCIARA, que é abrangido pela referida Prelazia.

Os fatos que se desenvolveram naquela região, estão sendo motivo de estudo e análise na esfera ministerial.

Os Órgãos de Segurança acompanharam o desenrolar do problema, cumprindo, nesta oportunidade, difundir uma apreciação das figuras focais da questão.

1. Bispo PEDRO CASALDÁLIGA:

- a. O bispo PEDRO CASALDÁLIGA é espanhol. Há uns 4 anos é missionário em MATO GROSSO.

No segundo semestre de 1971 foi nomeado bispo efetivo da Prelazia de SÃO FELIX. Esta Prelazia estende-se por 150.000 km², a NE de MATO GROSSO, entre os rios ARAGUAIA e XINGU.

- b. Na ESPANHA deixou renome como diretor de grande revista e pessoa muito relacionada.

Em fins do ano passado escreveu uma pastoral de 123 páginas intitulada "UMA IGREJA DA AMAZÔNIA EM CONFLITO COM O LATIFÚNDIO E A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL".

- c. De seu opúsculo os jornais publicaram só pequeno e parcelado resumo, insistindo na questão referente aos índios, suas

CONTINUA...

SS, DSI, MA

PROTOCOLO N.º 950

EM, 16/04/1972

terras e a ganância de garimpeiros, seringueiros, etc.

Como tais fatos são notórios por todos quantos visitam aquelas regiões, o bispo recebeu adesões até de pessoas que jamais lhes teriam dado, se lessem toda a sua obra.

Além do que acima foi aludido, o bispo insurge-se contra o latifúndio matogrossense, incentivos fiscais, as indústrias, escravidão de trabalhadores, etc, dando nomes e indignando pessoas e empresas com a maior nitidez.

- d. Mas o bispo CASALDÁLIGA é também um esquerdista católico. Segue as muitas teorias dessa corrente. Não pode, entretanto, ser taxado de subversivo político, e sim religioso. Marxista não o é e seria ridículo acusá-lo disso. Caberia perguntar:

Esquerdista, mas contido ?

- e. O principal perigo está no fato de o bispo indicar outros abusos, que realmente existem, mas sugerindo soluções que são, por sua vez, outros abusos. Quem lê, aceita a crítica dos abusos e aceita, também, as soluções por ele apresentadas pois, via de regra, todos acham que deve haver soluções.
- f. A CNBB, como consequência e como era de esperar-se agitou-se.

2. Padre FRANÇOIS (FRANCISCO) JACQUES JENTEL:

- a. FRANÇOIS JACQUES JENTEL, mais conhecido como Padre FRANCISCO JENTEL, é sacerdote, domiciliado e residente em SANTA TEREZINHA, município de LUCIARA.
- b. Nasceu na FRANÇA, passando sua juventude em plena II Guerra Mundial, entrou para um Seminário onde ordenou-se. Foi designado para o BRASIL não lhe tendo sido fornecido nem os meios para a sua condução, o que fez com que o mesmo solicitasse favores e esmolas até chegar a LUCIARA.
- c. Cumpre assinalar que decorridos apenas 12 anos (1968) o referido padre tem uma área de terra regular, onde fica situada a Igreja e mais dois conjuntos, uma barcaça, uma lancha com motor, dois grupos geradores e uma cooperativa que vende de tudo para os posseiros.

Observa-se, ainda, que o Padre JENTEL preocupa-se mais

com o comércio do que com seus deveres religiosos.

d. Em 1966, quando a COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO ARAGUAIA (CODEARA) instalou-se em terras situadas entre SANTA TEREZINHA e RIBEIRÃO CRISÓSTOMO, teve início o litígio entre essa Companhia e o Padre JENTEL, que se arvorou em líder dos posseiros existentes na região, e sobre os quais possui grande ascendência. De igual forma é respeitado pelos índios TAPIRAPÊ, que pensam pela cabeça do padre.

e. Com cerca de 40 anos de idade, o Padre JENTEL é considerado um homem violento e impulsivo, inconstante em suas opiniões, fazendo afirmativas com segurança para negá-las momentos depois.

O Arcebispo de BELÉM, Dom ALBERTO RAMOS, declarou que o mesmo "é realmente irrequieto e impulsivo".

Em 1968 também esteve naquela região, o Vigário Geral da Arquidiocese e Secretário do Regional Extremo-Oeste da CNBB, Monsenhor BUENO MARIANO, que observou as ocorrências que ali se passavam e expressou-se: "é minha impressão tratar-se de um indivíduo nervoso e algumas vezes violento. Pela luta insana que sustenta parece um elemento esgotado".

f. No dia 29 um destacamento da PMMT encontrava-se na área de SANTA TEREZINHA, processando um PB da 9ª RM, quando soube que o Padre FRANCISCO JENTEL organizara um grupo de 110 homens armados (sendo 40 índios) para marchar contra o CODEARA, a qual sabedora do motivo da mesma, suspendeu as medidas que tomaria contra os posseiros, conseguindo, desta forma, esva-ziar a manifestação.

g. No dia 3 Mar, o Delegado de Polícia de BARRA DO PAÇO, à frente de um grupo de elementos da PM e da CODEARA, foi averiguar denúncia da existência de armas nas obras de construção do Ambulatório de SANTA TEREZINHA, executada pelo Padre JENTEL. Ao desembarcar da viatura foi recebido a tiros, o que resultou ferimento em 9 funcionários da CODEARA. Após a emboscada, utilizando-se de um avião, vários elementos fugiram da área, entre os quais o Padre JENTEL, e o Bispo PEDRO CASALDÁLIGA.

h. Pelo que se pode depreender, em que pesem os erros da CODEARA

que, salvo melhor juízo, devem ser apurados em sua totalidade e punidos os seus responsáveis, o Padre JENTEL é ponto focal no problema. É um elemento agitador, nocivo à região de SANTA TEREZINHA e a todo o País, que procura explorar a miséria alheia contra as autoridades.

- - - 000 - -

Lamp

Padre em M. Grosso lidera ataque de peões e índios a empregados do Codeara

Cuiabá (Correspondente) — Dezessete pessoas, entre peões e funcionários da Companhia de Desenvolvimento do Araguaia — Codeara — foram feridas na tarde de anteontem, em conflito assistido por um capitão, um cabo e cinco soldados da Polícia Militar do Mato Grosso, dentro de Santa Teresinha. Os agressores — mais de 50 posseiros e alguns índios da tribo tapirapés — eram liderados pelo padre François Jentel, que há sete anos é pároco no pequeno povoado às margens do rio Araguaia.

Três feridos permanecem internados no Hospital de São Félix. Outros, com menor gravidade, foram medicados na enfermaria da Codeara e quatro funcionários estão em Goiânia, sendo três no Hospital São Francisco de Assis. Desde a instalação da Codeara vêm ocorrendo atritos com a participação ativa do padre François Jentel e recentemente ele construiu uma casa invadindo uma rua de Santa Teresinha, sendo a causa principal da fuzilaria de sexta-feira.

ANIMOSIDADE

Com a instalação da sede da Codeara junto ao povoado de Santa Teresinha, nasceu a animosidade entre o sacerdote e o pessoal do projeto. O padre não vendo cumpridas algumas de suas exigências, e também recebendo denúncias, por parte de posseiros, que eram vítimas de violências, passou a liderar um movimento na região. Tudo o que acontecia de anormal na fazenda era denunciado pelo religioso, em Brasília, para onde se deslocava frequentemente.

A situação dentro de Santa Teresinha já esteve tensa, quando a administração da Codeara foi ampliada fiscalizada pela Polícia Federal, ante as denúncias de esbranquiamento branco. O Ministério do Trabalho, no ano passado, enviou uma equipe para o projeto e todos os funcionários e peões receberam suas carteiras de trabalho e foram submetidos a exame médico. Com isso acabou a maioria dos problemas, restando somente a briga entre o padre e a gerência da Codeara, até o ponto em que chegou anteontem.

Com a construção de uma casa invadindo uma rua de Santa Teresinha, a gerência da Codeara embargou o trabalho do padre. A empresa pediu ajuda à polícia de Mato Grosso, tendo o destacamento de Barra do Garça, com sete homens, se deslocado para Santa Teresinha, de avião, na manhã de anteontem.

Os policiais, liberados pelo capitão Moacir Couto, solicitaram à gerência da Co-

deara que mostrasse o local onde os posseiros e índios estavam concentrados sob a liderança do padre François. Durante a viagem, o capitão Moacir pediu para que todos os funcionários da Codeara deixassem suas armas em casa, "pois a polícia está armada e ela resolve tudo."

Quando chegaram perto da construção foram todos recebidos por uma chuva de balas, disparadas por armas de vários calibres, inclusive metralhadoras. Os soldados, que portavam cada um uma metralhadora, não dispararam nenhum tiro e depois de quase meia hora de tiroteio, o capitão Moacir Couto gritou para que os agressores deixassem os feridos saírem do local, caso contrário daria ordens de fogo e mataria 16 posseiros que estavam por perto e em tocaia. O padre ordenou o cessar-fogo, atendendo o pedido do militar.

FERIDOS

Foram feridos, com certa gravidade José Silveira, gerente da Codeara, que está com uma tala incrustada no braço direito; José Ferreira da Silva, que recebeu uma descarga de cartucheira, estando internado em Goiânia com nove chumbos espalhados no corpo; Percillano de Oliveira, com quatro projéteis no peito, costas e braços; Carlos Ribeiro, ferimento de bala calibre 45 no rosto; Arantino Cardoso de Sousa, atingido por uma bala calibre 38 no olho direito; Adi, ferido no braço; e Nonato, com um tiro de arma calibre 22 no braço direito.

Arca CASALOTTI



Foto do correspondente em Campo Grande

Diante de cada acusação da Promotoria, Jentel e o advogado Heleno Fragoso faziam comentários

Jentel condenado a 10 anos

Do correspondente em
CAMPO GRANDE

O padre Francisco Jacques Jentel foi condenado a 10 anos de reclusão, sob acusação de ter levado os posseiros de Santa Terezinha a resistirem armados à ação da Companhia de Desenvolvimento do Alto Araguaia — Codeara — no conflito que sete pessoas ficaram feridas, em março de 1972.

O julgamento foi realizado ontem na auditoria da 9.ª Circunscrição Judiciária Militar, em Campo Grande. A decisão do Conselho Permanente de Justiça foi por quatro votos contra um.

Logo depois do julgamento, o padre Jentel foi conduzido ao quartel do 2.º Batalhão de Polícia, onde cumprirá pena, gozando do benefício da prisão especial, requerida por seu advogado, Nelson Trad. O outro envolvido, José Norberto da Silveira, gerente da Codeara, teve seu caso transferido para a Justiça civil de Barra de Garças, onde deverá responder a novo processo.

TESTEMUNHAS

O promotor Flavio Benjamin Correa de Andrade baseou a acusação no depoimento das testemunhas, acentuando: "É triste que um sacerdote dê armas para que os semelhantes se matem. Um homem que devia pregar o amor a Deus pregava a violência e a morte dos homens".

Em seu depoimento, a testemunha Luzia Dias de

Oliveira afirmou que ouviu o padre mandar atirar e que depois um posseiro lhe trouxe recado: "Quem não correu está no chão". Também Zacaria Gomes, outra testemunha, confirmou que o bispo de São Félix, Dom Pedro Casaldáliga, conhecia e autorizava o movimento.

DEFESA

Depois da acusação, que durou meia hora, os advogados Nelson Trad e Heleno Fragoso tiveram 30 minutos para defender o padre Jentel. Apenas Heleno falou,

ocupando todo o tempo na sustentação da tese da falta de provas. O próprio advogado reconheceu que era uma defesa acadêmica, pois não tinha vivência jurídica.

PREOCUPAÇÃO

Durante todo o julgamento, o padre Jentel se manteve sorridente. Apesar de demonstrar preocupação, ao ser lida a sentença, não esboçou qualquer reação nem protesto. Após a leitura de sua condenação, Jentel ficou só no recinto do julgamento, até ser conduzido pe-

lo oficial de Justiça ao delegado.

A SESSÃO

O julgamento começou às 8 horas, trabalhando na auditoria o advogado Plínio Barbosa Martins; na presidência do conselho, o major José Maciel de Moura; como juizes, os segundos-tenentes Luiz Gonzaga Quilão, José Luiz da Silva e Eduardo Tavares Maciel. O trabalho da defesa foi encerrado às 14 e 40 e a sentença foi lida meia hora depois.

Agitador, diz a acusação

Do Serviço Especial

A Companhia de Desenvolvimento do Alto Araguaia — Codeara — registrou a planta da futura cidade de Santa Terezinha, no cartório de Barra do Garça, em 1968. O plano foi aprovado pela Câmara de Luciara — município onde estão as terras — e a empresa foi autorizada a executar o projeto. A maioria das construções existentes estava em desacordo com as plantas da Codeara e, desde então, começaram a surgir desentendimentos com os moradores — posseiros — motivados pela proibição de reformas e pressões para que derrubassem as velhas habitações.

Liderados pelo padre Jentel, os posseiros conseguiram que a Câmara de Luciara autorizasse a Prefeitura a desapropriar a área urbana de Santa Terezinha. Essa lei, porém, nunca foi cumprida.

Diversos atritos envolveram, depois, a empresa, a polícia e os posseiros. De um lado, o padre Jentel e o bispo Casaldáliga denunciavam violência da Codeara e da Polícia Militar às autoridades federais. De outro, a companhia acusava o padre Jentel de agitar os moradores.

A denúncia do procurador Flavio Benjamin Correa de Andrade diz que "a agitação aumentava dia a dia" e que para isso "muito contribuía a ação dos dirigentes da Codeara", aos quais atribuiu a destruição de casebre e pequenas roças.

Em dezembro de 1971 o padre Jentel resolveu construir, no terreno da missão, uma escola e um ambulatório. Segundo as plantas da Codeara, o ambulatório ocuparia pedaço de uma rua projetada. O gerente da empresa, José Norberto Silveira, diz que ofereceu ao padre a doação de outro terreno, mas que Jentel não oficializou o pedido à companhia.

Quando as paredes da cons-

trução já estavam com meio metro de altura, no dia 10 de fevereiro, Silveira juntou seu pessoal e, com ajuda de um trator, destruiu as obras. No dia 28, o padre Jentel ordenou que a construção recomeçasse.

Os religiosos de São Félix dizem que os posseiros se ofereceram para defender o ambulatório de nova destruição. O inquerito assinado pelo capitão da PM João Evangelista do Nascimento, citando depoimento de testemunhas, afirma estar plenamente comprovado que o padre Jentel distribuiu armas e munições.

No dia 3 de março do ano passado, os posseiros estavam em trincheiras protegidas por barricadas, esperando os funcionários da Codeara, que chegaram juntos com policiais. O tiroteio durou 45 minutos e sete homens ficaram feridos. O padre Jentel desapareceu depois do incidente e a sua expulsão do País esteve iminente, em razão das denúncias apresentadas

"A"

Y - JUCA - PIRAMA

O ÍNDIO: AQUELE QUE
DEVE
MORRER

Documento de Urgência de
Bispos e Missionários

DOCUMENTO DE URGÊNCIA ASSINADO PELOS
BISPOS E MISSIONÁRIOS:

- Dom Máximo Blencis*
Bispo de Cáceres — MT
- Dom Hélio Campos*
Bispo de Viana — MA
- Dom Estevão Cardoso de Avelar*
Bispo de Marabá — PA
- Dom Pedro Casaldáliga*
Bispo de São Félix — MT ←
- Dom Tomás Balduino*
Bispo de Goiás — GO
- Dom Agostinho José Sartori*
Bispo de Palmas — PR
- Frei Gil Gomes Leitão*
Missionário de Marabá — PA
- Pe. Antonio Iasi*
Missionário de Diamantino — MT
- Frei Domingos Mata Leite*
Missionário de Conceição do Araguaia — PA
- Pe. Antonio Canuto*
Missionário de São Félix — MT ←
- Pe. Leonildo Brustella*
Missionário de Palmas — PR
- Pe. Tomás Lisboa*
Missionário de Diamantino — MT

No vigésimo quinto aniversário da Declaração Universal dos
Direitos Humanos
desafiados pela nossa consciência e pela nossa missão e pelo
choque da realidade que nos envolve
entregamos à consciência nacional e em particular a quantos
comungam conosco a mesma esperança
este manifesto de urgência
sobre a dramática condição dos povos indígenas do Brasil.

25 de Dezembro de 1973

NATAL DE JESUS

NATAL DO HOMEM

1 — SITUAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Os Bispos da região Extremo Oeste declararam a 12-11-1971: "Assistimos em todo o país à invasão e gradativo esbulho das terras dos índios. Praticamente não são reconhecidos os seus direitos humanos, o que os leva paulatinamente à morte cultural e também biológica, como já sucedeu a muitas tribos brasileiras" (1).

O documento firmado por 80 homens de ciência em Curitiba dizia: "Os que assinam o presente, ligados ao problema do índio por razões de atividade profissional ou por vinculação de sentido puramente humanístico, sentem-se no dever de dirigir-se, de público, às autoridades do país e à própria consciência nacional, com o propósito de despertar o interesse e a atenção para as ameaças que se renovam contra os direitos mais elementares das populações indígenas brasileiras" (2).

Para avaliar o alcance da afirmação dos Bispos e dos cientistas acima citados e para verificar que não há apenas ameaças mas reais violações dos direitos das populações indígenas, apresentamos algumas notícias publicadas em jornais e revistas somente nos últimos dois anos, a partir do início da construção das estradas na Amazônia.

"Respondendo às críticas dos Irmãos Villas Boas à construção da BR-80, disse o presidente da FUNAI, General Bandeira de Mello que a estrada não vai criar problema para os índios" (3).

Não criar problemas para os índios significa não violar o seu direito à terra, não levar a eles a morte pelas enfermidades e pelos conflitos violentos, não os dispersar, não destruir enfim sua cultura.

Entretanto um antropólogo, assessor do próprio presidente da FUNAI, afirmou: "Todos sabem que uma estrada, cortando reservas indígenas, é um veículo que traz enormes problemas para os índios e conseqüentemente para a FUNAI" (4). Referindo-se à BR-80 assim falou o sertanista Orlando Villas Boas: "Não tem levado para a região senão cachaca, prostituição, aventureiros e depredadores da natureza" (5).

No princípio deste ano, os jornais noticiavam: "Os três funcionários da FUNAI do subposto de Alalau (Roraima) foram assassinados por vingança pelos índios Waimiris-Atroaris que, em junho de 1972, haviam sido desrespeitados por mateiros contratados para apoiar os trabalhadores da estrada Manaus-Caracará" (6).

A mesma coisa poderá acontecer em outras áreas, como afirmou o Professor Eduardo Galvão do Museu Goeldi de Belém, ao prever "choques entre as populações indígenas e o elemento colonizador na rodovia perimetral Norte" (7).

Nessa perimetral, além das mortes violentas, há ainda, como em todos os casos de contato dos índios com as frentes de penetração, a morte causada pelas enfermidades: "14 índios Waimiri-Atroari, vítimas da gripe fog" (8).

A respeito da situação dos índios de Marabá, dizia um jornal de Manaus: "O índio foi e continua sendo sempre a vítima indefesa. Suas terras são invadidas, suas reservas roubadas, suas mulheres ultrajadas. A polícia de Boa Vista sabe disso... a FUNAI também o sabe...; só nós não sabemos porque o índio deve continuar a ser exterminado sob o olhar tutelar da FUNAI..." (9).

A BR-80 que dividiu a tribo Tukaramãe provocou toda uma reação em cadeia. "Como conseqüência daquela reação em cadeia, outros problemas virão e, quando forem constatados, muitos índios já terão morrido" (10). Isto, infelizmente, já está acontecendo: "4 mortos, 20 doentes em perigo de vida e 70 internados são o resultado do surto de sarampo que atingiu os índios Tukaramãe, numa das mais graves crises de doenças do Parque Nacional do Xingu, agora cortado pela BR-80" (11).

Essa calamidade, porém, se justifica dentro da visão do sistema "pois o Parque Nacional do Xingu não pode impedir o progresso do país", como afirmou o presidente da FUNAI, General Bandeira de Mello (12). A respeito disso já foi dada antecipadamente pelo poeta: "... chame-lhe progresso quem do extermínio secular se ufana; eu, modesto cantor do povo extinto, chorarei nos vastíssimos sepulcros que vão do mar aos Andes e do Prata ao largo e doce mar das Amazonas" (13).

Tal violação dos direitos dos índios não constitui problema para a FUNAI que, na opinião do Deputado Jerônimo Santana, "perdeu o sentido da mensagem do Marechal Rondon — morrer se preciso for, matar nunca —, e hoje em dia, para defender seus interesses, o que o órgão leva menos em conta é o próprio índio" (14).

A linguagem do General Bandeira de Mello parece menos a do presidente do órgão criado para defender os direitos dos índios, que o eco das palavras dos latifundiários da Amazônia: "Referindo-se às diretrizes da FUNAI para 1972, voltou a ressaltar que o índio não pode deter o desenvolvimento" (15).

ps. 553, p. 100/286

A simples construção de uma estrada em área indígena constitui uma violação do direito que os índios têm sobre suas terras. No dizer de quem é autoridade no assunto, Gonzalo Rúbio, Diretor do Instituto Indigenista Interamericano: "A ação dos aventureiros e exploradores de ontem, contra os indígenas, se somam hoje os elementos novos, as estradas e as forças progresso — os quais, mesmo sem intenção de produzir danos, atrapalham inegavelmente a vida dos grupos que ainda restam" (16). Tal assertiva encontra eloquente comprovação no que disse o engenheiro Claudio Pontes, da Empresa Industrial e Técnica, uma das que vão construir a Perimetral Norte: "Em momento algum o trabalho será interrompido, mesmo que surjam problemas com índios" (17).

Os conflitos surgem inevitavelmente: "Trabalhadores e engenheiros da COTERRA — companhia de terraplenagem que constroa a BR-80 — foram recebidos à bala, quando tentaram se aproximar da aldeia dos índios Tukarramã..." (18).

"Um ultimato, um furto e um tiroteio, com a agravante da tensão na área, provaram, há duas semanas, que os índios do Xingu não aceitam ainda a estrada" (19).

Resumindo: "A Transamazônica e outras estradas em construção no Norte do país estão formando o cerco em volta de 80 mil índios brasileiros, condenando-os à extinção" (20).

Aliás a Amazônia é tida como terra de ninguém e o triste exemplo de desrespeito aos direitos de seus legítimos ocupantes lamentavelmente vem de cima: "Quando se quer fazer alguma coisa na Amazônia, não se deve pedir licença: faz-se", afirma o Coronel Carlos Aloísio Weber (21).

Que outros órgãos do governo, responsáveis pelos bens materiais da Amazônia, sejam omissos, já é intolerável pois constitui, na expressão do General Olímpio Mourão Filho: "um absurdo o que se faz atualmente na Amazônia. Acabaremos transformando a selva num deserto" (22) Ultrapassa, portanto, o absurdo que o órgão nato para a defesa dos direitos dos índios seja "o grande ausente nos sertões amazônicos", como teve oportunidade de confirmar, em sua segunda viagem ao Norte, o General Frederico Rondon (23).

A imagem que temos da Amazônia, essa vastidão plena de mistérios e de desafios, que oferece tanto espaço para o mito da "conquista" pode facilmente atenuar ou encobrir a responsabilidade da FUNAI. Se, porém, passarmos para o extremo sul do país, encontramos melancólicos depoimentos como este de Carlos de Araujo Moreira Neto: "Em relação ao

problema que vem sendo especificamente discutido, isto é, a situação atual dos índios Kaingang do Rio Grande do Sul, principalmente no que se refere às sucessivas invasões de Nonoai por intrusos, a posição da FUNAI e de outros atores oficiais interessados, é caracteristicamente cautelosa e dilatória o que leva ao fortalecimento do "status-quo". Nesse sentido não há diferença entre a ação da FUNAI e a do SPI, ambos incapazes de uma modificação significativa no sistema geral de expolição e aviltamento a que esteve (e está) submetido" (24).

Ainda a propósito dos índios do Sul, podemos citar a opinião de outro antropólogo, o Professor Sílvio Coelho dos Santos, diretor do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina: "... conheço a situação dos índios nos Estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pois desenvolvi extenso projeto de pesquisa nessa área. A situação não é boa em nenhum dos postos que conhecemos, mas é sempre pior quando os indígenas estão em contato com os brancos" (25).

"Bêbados, maltrapilhos e famintos, escondidos no mato ou vagando pelas estradas a esmolar, os poucos milhares de índios das reservas do Rio Grande do Sul, passam quase ignorados durante os últimos meses de farto noticiário acerca de seus irmãos de raça". (26) :

"O engenheiro Moisés Westphalen, professor universitário e grande estudioso do problema indígena, afirmou: "O governo gaúcho sempre participou da expolição da terra dos índios e a FUNAI é uma morta-viva. O que estão fazendo com os índios no Rio Grande do Sul é um genocídio, porque eles não podem viver sem terra" (27).

Seguindo o roteiro da miséria e da fome do índio brasileiro, encontramos-os também em S. Paulo onde "passam o dia mendigando, dormindo sob as pontes e bebendo a cachaca que podem comprar ou que os moradores de outros barracos lhes oferecem. Vestem-se de farrapos e perambulam pelos bairros próximos de Santo Amaro (28).

No Mato Grosso os Xavantes estão "em pé de guerra e dispostos a reagir a qualquer invasão de suas reservas" (29). Os Tapirapés foram recentemente "ameaçados de ser retirados de suas terras pela FUNAI" que desejava "transferi-los para a Ilha do Bananal, cedendo às pressões da Companhia Colonizadora Tapiraguaiá (30).

"Os índios Galera e Sararé do grupo Nhambiquara, que a FUNAI está transferindo para uma reserva indígena, encontram-se em estado de saúde tão precário que, há poucos meses,

um surto de gripe, decorrente do contato com os brancos, dizimou toda a população tribal na faixa dos 15 anos" (31). A transferência dos índios Nambikuara se prende à necessidade de ceder suas terras a poderosos grupos econômicos.

Notícias provenientes de Cuiabá dão conta de que os Kaiabi foram solicitar armas à FUNAI "para enfrentar alguns fazendeiros da localidades de Porto dos Gaúchos que continuam invadindo suas terras (32).

Em Goiás informa-se que "250 índios Xerentes tentam assumir o controle do município de Tocantins, tendo já saqueado algumas fazendas. Os índios reclamam a propriedade das terras em que vivem" (33).

A respeito dos índios Karajá da Ilha do Bananal, Estado de Goiás, lemos depoimentos como este: "Vejam: os civilizados construíram aqui os seus hotéis para assistir a decadência de outra civilização. É uma barbárie". A barbárie a que se refere o oficial da FAB é o espetáculo visto da varanda do hotel Kennedy naquela ilha: "Os índios karajás voltando bêbados da cidade mato-grossense de S. Félix. Os índios atravessam o rio saltando longos "uivos" dentro da noite" (34). Ainda sobre os Karajás: chegou-nos ao conhecimento uma carta de Luciara, no dia do índio, (19-4-73), assinada por 125 moradores daquele lugarejo e endereçada ao Diretor do Parque Indígena do Araguaia, Ilha do Bananal. Entre outras coisas, dizia: "Pedimos em favor deles (índios Karajás em Luciara) uma urgente intervenção da FUNAI. Alguns gravemente doentes (tuberculose) e todos absolutamente abandonados, precisam de uma assistência excepcional e permanente".

Na Bahia, não obstante o reduzido número de índios lá existentes, encontramos a mesma violação dos seus direitos, com todas as conseqüências que daí derivam: "Homens entregues à bebida, mulheres transformadas em empregadas domésticas, crianças que morrem antes de completar 1 ano de idade, assim vivem os índios Quiriris, tribo em decadência atualmente, localizada na Vila de Mirandelo a 293 Ks. de Salvador" (35).

Os índios Pataxós, como aliás todos os outros, nos planos oficiais, valem até menos que a flora e a fauna: "A proteção deles deveria unir-se ou mesmo sobrepor-se à defesa da flora e da fauna do lugar" (36). E se sua transferência for concretizada, "decretará" o fim do último direito que a tribo ainda tem de viver na terra onde nasceu" (37). O protesto dos índios Pataxós é patético: "Nós, índios, somos como a planta que, quando mudada de lugar, se não morre pelo menos se resente muito. Não aceitamos sair daqui por-

que muitos anos antes de existir o parque, a gente já estava nesta terra que, boa ou ruim, é nossa e é onde nascemos, se criamos, morremos e estão enterrados nossos pais e avós" (38).

No Pará, "os índios (Gaviões) acabaram sendo removidos para outra área pela FUNAI. Mas estavam tão transformados que as mulheres chegaram ao ponto de praticar abortos para que não nascessem crianças, pois os bebês, segundo elas, dificultavam a locomoção da tribo. E a tribo estava sempre mudando de lugar, fugindo dos brancos" (39). Um grupo deles "maltrapilho e faminto, chegou a Fortaleza para pedir ajuda" e na sua linguagem simples fizeram a denúncia contra a FUNAI porque ela é dirigida por um homem civilizado e homem civilizado engana o índio" (40).

O mesmo drama do índio pode ser presenciado no Nordeste onde "Xucurus", Fulniôs, Pankararús e Hamués ... sobrevivem apesar de confinados em parcelas de seus antigos territórios e "perambulam" de um lado para outro, sempre es-corraçados" (41).

"Em Rondônia, a ocupação afeta índio e ecologia" (42). Surgem mortes de parte a parte e os responsáveis são "os grileiros, garimpeiros e seringueiros, que invadem as terras dos índios" é o que se vê obrigado a reconhecer o próprio presidente da FUNAI (43). Mas a verdadeira responsabilidade recai sobre a FUNAI porque "tem dado permissão a empresas de mineração para explorarem minério na área indígena", como foi afirmado na Câmara dos Deputados em Brasília (44).

Nesta rápida amostragem da situação dos índios, ficou bem claro que "o índio brasileiro está sendo exterminado. Com o avanço da civilização branca tem havido choques e sempre o índio brasileiro leva a pior. Esse extermínio não se faz apenas através de armas mais poderosas, mas também por causas biológicas introduzidas pelo branco", como afirmou o Professor Newton Freire Mala, Diretor do Departamento de Genética da Universidade do Paraná (45).

Não obstante a criação do novo órgão para atender às populações indígenas, a situação destas continua a mesma senão pior que a descrita pelo Grupo de Trabalho constituído por decreto presidencial, maio de 1968: "Em que pese à forte legislação que, desde o período colonial procura amparar o nosso índio, continua o desrespeito pelo silvícola. As dificuldades para o cumprimento dessas leis e a morosidade do rito processual nos casos de invasão ou posse, são incentivos para a continuação da expoliação de suas terras. Sem-

pre de maneira ilegítima, por fraude ou violência, foram as terras tiradas a seu dono. E, não raro, para "legitimar" o esbulho, há a acobertá-lo um decreto, uma lei ou um ato administrativo qualquer (46). "FUNAI, SPI mesma coisa!" exclamava com amargura um chefe Karajá...

"Os Villas Boas protestam" faz a manchete da notícia da verdadeira trama contra o Parque Indígena do Xingu, patrocinada pela FUNAI e defendida pelo General Ismarth de Araújo, superintendente do órgão, sob pretexto de integração: "Índio integrado, segundo os boletins do órgão, é aquele que se converte em mão de obra". Para os sertanistas, é um mal. Essa política caracterizou-se pela opressão" (47). O problema de fundo continua o mesmo, em que pese à explicação posterior do Superintendente que persiste em defender a "Integração", mesmo que a qualifique de "lenta e harmoniosa" (48).

Para encerrar esse levantamento de dados, passemos a palavra a um dos nossos mais sensíveis poetas atuais: "Homens esquecidos do arco-e-flecha — deixam-se consumir em nome — da integração que desintegra — a raiz do ser e do viver. — "Vocês têm obrigação de usar calça — camisa paletó sapato e lenço — enquanto no Leblon nos despedimos — de toda a convenção e viva a natureza..." — Noel, tu o disseste: — a civilização que sacrifica povos e culturas anti-quíssimas — é uma farsa amoral" (49).

2. — AS CAUSAS DA EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS

Este sucinto e incompleto levantamento da situação das nossas populações indígenas já teria sentido para nós, se, com ele, conseguíssemos alertar a consciência de todos os brasileiros, correspondendo ao apelo do General Antonio Coutinho, Delegado da FUNAI: "Se a Igreja não botar a boca no mundo, os índios... vão ser sempre massacrados" (50).

Sinais de um despertar da consciência se vislumbram nos índios mas, diante da sombria realidade, não conseguem vencer uma "enorme sensação de remorso", porque "no fundo, no fundo, o que a gente faz é um crime", como melancolicamente confessava o sertanista Antonio Cotrim Neto (51).

Cumpramos reconhecer que tem sido farto o noticiário dos jornais sobre os índios, mas esbarra na indiferença do nosso povo que tem uma visão errônea, superficial e tendenciosa a respeito das populações indígenas. Para a maioria, o índio não passa de um "selvagem" ou de uma figura de museu.

Para alertar e melhor interpretar essa problemática que, queramos ou não, é também nossa, apresentamos algumas pistas para a análise das causas que produzem essa morte lenta das populações indígenas.

2.1. — A POLÍTICA INDIGENISTA DO GOVERNO

As populações indígenas são vítimas de todas as injustiças. A própria política indigenista, por ser mais política do que indigenista, está merecendo as mais severas críticas, a ponto de ser considerada "carente de qualquer mérito e um amontoado de contradições" (52).

"A reformulação urgente dos métodos adotados pela FUNAI é a única maneira de evitar que os índios brasileiros sejam destruídos pela civilização", afirmou o sertanista Cotrim (52).

Antes dos próprios métodos, há algo bem mais profundo a ser reformulado: "A única solução para o problema dos índios brasileiros será a total reformulação da atual política adotada pela FUNAI, disse o General Frederico Rondon" (54).

"Aparentemente a FUNAI é uma instituição muito dinâmica, à qual o país deveria inestimáveis serviços. Rara é a semana em que a imprensa não registra declaração de seu presidente sobre os projetos da entidade e as complexas tarefas realizadas por seus funcionários. Infelizmente essa imagem idílica da Fundação Nacional do Índio não passa de um mito" (55).

Dos altos escalões às simples equipes de atração, ressaltando uns poucos e heróicos sertanistas, o que caracteriza a FUNAI é o despreparo para a missão que foi chamada a desempenhar. Ela se transformou numa enorme máquina burocrática centralizada em Brasília e "cujas opções são alheias ao bem-estar da comunidade indígena" segundo ressaltou o Dr. Amaury Sadock (56).

O Dr. Sadock era o único dos altos funcionários da FUNAI que entendia de índio, mas teve que se demitir, dadas as irregularidades existentes no órgão que, na opinião do Gal. Badeira de Mello "atingem a quase todos os setores da FUNAI, envolvendo inclusive a nossa prestação de contas" (57).

É impossível reformular uma autêntica política indigenista sem a redefinição de princípios e conceitos e sem situá-la no conjunto da política nacional. Nem mesmo o conteúdo antropológico de certas palavras como "aculturação" e "integração" tem sido respeitado no jogo de prestidigitamento.

ção de certos conferencistas que a FUNAI tem enviado ao estrangeiro, na sua preocupação com a "boa imagem". A própria Convenção N.º 107 da Organização Internacional do Trabalho é utilizada dentro de outro esquema mental, dentro de uma realidade diferente e com outros objetivos.

"Declarações atribuídas a altos dirigentes da Fundação Nacional do Índio... vieram aumentar a distância que separa os que têm interesse no índio sob o ponto de vista teórico mas que não podem nem devem deixar de olhá-lo também como ser humano" (58). A reformulação da política indigenista urge mais até porque se tornou "uma política contrária aos princípios que ela defendia quando foi criada" (59).

A doença que se manifesta em um órgão só poderá ser convenientemente diagnosticada se o exame se estender ao corpo inteiro. Será que não teremos mais elementos e mais esclarecedores se estendermos nosso exame à política global?

2. 2. — A POLÍTICA DO "MODELO BRASILEIRO"

Os dirigentes políticos brasileiros, no afã do "desenvolvimento", promovem os interesses econômicos de grupos internacionais e de uma minoria de brasileiros a eles integrada. Só podem fazer e de fato só fazem uma política economicista, sobrepondo o produto aos produtores, a renda nacional à capacidade aquisitiva da população, o lucro ao trabalho, a afirmação da grandeza nacional à vida dos brasileiros, a pretensão de hegemonia sobre a América Latina ao crescimento harmônico do Continente. Já está mais do que provado e disto nossas autoridades não fazem segredo, que foi aceito o caminho do "capitalismo integrado e dependente" para o nosso "progresso". Mais provado ainda está que o "modelo brasileiro" visa um "desenvolvimento" que é só um enriquecimento econômico de uma pequena minoria. Este enriquecimento da minoria será fruto da concentração planejada da riqueza nacional que, em termos mais simples, é o roubo do resultado do trabalho e do sofrimento da quase totalidade da população que progressivamente se irá empobrecendo (60).

Essa opção equivocadamente desenvolvimentista tem como consequência a crescente marginalização do povo brasileiro, seja operário, sub-operário, seja pequeno proprietário da cidade ou do campo, seja arrendatário, posseiro, mezeiro, peão, sub-empregado ou desempregado. Mais grave ainda é que se aprofunda a dependência do país em relação a outros países mais ricos e fortes, impedindo uma experiência de desen-

volvimento nacional, definido e assumido pelos próprios brasileiros.

Em função dessa opção "desenvolvimentista" assim caracterizada é que se constituem os organismos administrativos, como a FUNAI. Muito a propósito vem as recentes palavras do etnólogo Carlos Moreira Neto, do Conselho Nacional de Pesquisas: "O Brasil passa por uma febre desenvolvimentista que pode estar influenciando maleficamente a FUNAI" (61).

Todos os setores da administração devem colaborar para alcançar os mesmos objetivos. Portanto, todos estão dependendo das diretrizes econômicas e a elas devem servir. Tendo estas uma linha antinacional e antipopular, é necessário que estes órgãos administrativos amortecem e controlem as tensões sociais que apareçam. No nosso caso, "quando o território onde vivem apenas índios começa a receber colonos, madeireiros e grupos exploradores de minérios, as autoridades resolvem o inevitável conflito entre índios e brancos — quando ainda restam índios — transferindo o grupo indígena para outro local mais afastado da civilização e às vezes já povoados por tribos inimigas das que chegam" (62). Nisto se reflete o fenômeno geral: o que importa não será promover algo mas "integrar" a população que puder ser integrada ao sistema adotado, servindo ao "modelo brasileiro".

Todos percebem que, com uma mentalidade e programa assim desenvolvimentistas que tem presente "somente o rendimento econômico, caminharemos fatalmente para a extinção total das populações indígenas, por mais belas sejam as nossas intenções, estatutos e leis" (63). O ex-diretor do SPI e experiente indigenista, Gama Malcher afirmou que "a política definida como de "proteção ao índio", na realidade transforma o silvícola em justificativa para a existência de um aparato burocrático que relega os interesses dos indígenas a um segundo plano afim de atender prioritariamente as pressões e interesses de latifundiários" (64). Com energia, o deputado Jerônimo Santana denuncia: "A FUNAI... se transformou num órgão de que os grupos se valem para explorar os recursos naturais das reservas onde os índios vivem. Hoje o índio é o que menos importa. O índio é uma coisa e a política posta em prática pela FUNAI o prova" (65). "As palavras "progresso" e "desenvolvimento" servem de escudo para destruição do ambiente natural brasileiro e para o extermínio dos indígenas" é a conclusão a que chega a equipe do "O Estado de São Paulo" que fez uma alentada pesquisa sobre "o indígena no Brasil" (66).

Para o povo pobre do Brasil o futuro que o sistema oferece é uma marginalização cada dia maior. Para os índios, o futuro oferecido é a morte. O insuspeito "Osservatore della Demencia" do Vaticano comenta: "esse progresso (do Brasil) no entanto tem um preço ecológico: a extinção dos índios" (67).

Da política global de desenvolvimento econômico do governo faz parte a "ocupação da Amazônia" (e do território nacional) mesmo que seja feita por companhias estrangeiras ou multinacionais que ali encontram grandes oportunidades de investimentos altamente lucrativos, na exploração de minérios e de madeiras ou na organização de "empresas agro-pecuárias".

Se para isso é necessário continuar os métodos importados e tradicionais de depredação da natureza, não importa. "Diz-se que é preciso abrir estradas para povoar, fixar o homem na Amazônia. Agora que as estradas estão abertas verifica-se que o deserto de homens permanece. Derubam-se as matas não só para abrir estradas mas também para introduzir o boi. Garante-se que só com a pata do boi a Amazônia será conquistada. . . Em nome disso, expulsam-se os índios de suas reservas, mutila-se fortemente nosso equilíbrio ecológico", diz severamente Claudio Villas Boas (68).

Se para isso é necessário abrir grandes rodovias, sejam abertas mesmo que os "males sejam grandes", segundo Orlando Villas Boas que a propósito da BR-60. frisa: "Estrada política e não de interiorização" (69). Se é necessário expulsar os posseiros ali radicados há anos que, depois dos índios, foram os únicos defensores daquelas riquezas, sejam expulsos a qualquer custo, conforme a vigorosa denúncia até hoje irrespondida do Prelado de São Felix do Araguaia (70). Se necessário matar, mata-se.

E se ali se encontrarem os índios? Eles não podem impedir a marcha do "desenvolvimento" e devem ser "integrados", "aculturados" para colaborar no crescimento nacional. "O desenvolvimento da Amazônia não pára por causa dos índios" é o título de declarações do Ministro Costa Cavalcanti que exclama pateticamente: "E por que eles não de ficar sempre índios?" (71).

Se os índios ali estão mas não produzem segundo os critérios do capitalismo integrado e dependente, se não possuem propriedade legal da terra, se não são proprietários de empresas agrícolas, então devem dar lugar aos novos "bandeirantes", devem retirar-se destas terras que nunca lhes pertenceram e que só agora a "civilização" dá ou vende

aqueles que vão desenvolver o país! Podem estes últimos explorar (ou roubar) nossas riquezas naturais que vão aumentar as riquezas dos países ricos. . . deles é o direito a apropriação daquelas terras. Se os índios assim provocados e expoliados do seu direito reconhecido teoricamente e do seu modo natural de viver, morrerem, pois que morram! Se reagirem, sejam enfrentados como se fossem eles os invasores dessas terras! O Marechal Rondon, em trágica profecia, já em 1916 dizia: "Mais tarde ou mais cedo, conforme lhes soprar o vento dos interesses pessoais, esses proprietários — coram Deum soboles (ante a face de Deus) — expelirão dali os índios que, por uma inversão monstruosa dos fatos, da razão e da moral, serão considerados e tratados como se fossem eles os intrusos, salteadores e ladrões" (72).

Fazendo eco à profecia do Marechal Rondon, diz o Xavante Juruma: ". . . a terra é a única riqueza que o índio tem na vida. Sem ela, ele vira um bicho, um cachorro que está sempre triste. . . Eles (os Kranhacacores) precisam saber que o branco quer sempre enganar para ficar com as terras" (73). Não falta razão aos irmãos Villas Boas quando clamam: "Nossos índios estão morrendo, desaparecendo numa paisagem em que o boi e o capim vão expulsando definitivamente o homem. Agora, diante do processo de ocupação da Amazônia, vemos o índio ao largo do desenvolvimento como mera paisagem" (74).

Se apresentamos aqui a atual política indigenista como a causa mais próxima da situação em que vivem (ou morrem) nossos índios, temos clara consciência de que a CAUSA real e verdadeira está na própria formulação global da política do "modelo brasileiro". E se dizemos que é necessário modificar profundamente a política da FUNAI, afirmamos que isto somente será possível com uma modificação radical de toda a política brasileira. Sem esta modificação global, não poderá a FUNAI ou outro organismo passar dos limites de um assistencialismo barato e farisaico aos condenados à morte, para camuflar o inconfessado apoio aos grandes proprietários e exploradores das riquezas nacionais. Neste contexto, o decantado Estatuto do Índio não passará de uma publicidade oportunista ou uma homenagem póstuma.

De nada adiantaria reformular a FUNAI se a psicose desenvolvimentista, motivada por exclusivos critérios econômicos e por um falso prestígio nacional, continuasse a dominar a política global do país. Seria o mesmo que reformar um dos vagões, não modificando o trilho-sistema que está estragado: o desastre é inevitável

3 — O FUTURO DO ÍNDIO

Depois desta sumária análise das causas da situação das populações indígenas: a política indigenista oficial, fruto da política global do sistema brasileiro, a conclusão imediatista seria que não existe nenhuma solução para o problema. Sertanistas, funcionários e missionários, que atraem novos grupos de índios, sentem-se angustiados pela consciência de que o resultado de seu trabalho foi apenas atrasar (ou acelerar?) de alguns anos a extinção de tais grupos.

"É com tristeza, diz Apoena de Meireles, que tentamos atraí-los, sabendo-se que um futuro sem perspectivas os aguarda" (75).

Esta mesma nostalgia se encontra em declarações de outros conhecidos sertanistas. Orlando Villas Boas, em setembro deste ano, voltando de uma frente de atração "parecia preocupado com o destino dos índios, que chama de tragédia" (76). Mas já em fevereiro, assim desabafava: "E quantos de nós, por força de miseráveis e desgraçadas circunstâncias os estamos traindo naquele exato momento do aperto de mão, do abraço, do sorrir, do gesto enfim de afeição. Desgraçados que somos, é a verdade. (77) Seu irmão Cláudio comenta com melancolia: "Levamo-lhes (aos índios) nossas doenças, intolerância e muitas vezes o extermínio criminoso, assumido, proclamado" (78).

No mesmo tom, falava Antonio Cotrim Neto: "Não pretendo contribuir para o enriquecimento de grupos econômicos à custa da extinção das culturas primitivas. (...) A política indigenista desenvolvida aceita a tese de que as culturas primitivas são quistos ao desenvolvimento nacional. Já estou cansado de ser covreiro de índio: transformei-me em administrador de cemitérios indígenas" (79).

Muitos Missionários fariam suas as enérgicas palavras do missionário jesuíta, P. Tomás de Aquino Lisboa no Simpósio sobre o futuro dos índios Cinta-Larga em março deste ano:

"O Parque Aripuanã será cortado como o foi o Parque do Xingu. O trabalho já está iniciado. Eu, como responsável pela atração desse grupo Cinta-Larga, não estou mais animado a fazê-la, a não ser que as regras do jogo sejam obedecidas: respeitar os índios, interromper os trabalhos da estrada até que se consiga falar com os índios para orientá-los nos seus futuros contatos com os brancos. Pois é melhor que o índio morra lutando pelo que é seu do que viver marginalizado e mendigando o que sempre foi dele" (80).

Será que os índios constituiriam "um povo com os dias contados"? (81), como afirma Claudio Villas Boas "os índios não terão propriamente um destino"? (82) Ou ainda, na melhor das hipóteses, segundo o falecido Francisco Meireles "o índio só tem um destino: a marginalização"? (83)

Não obstante esta trágica perspectiva ou exatamente por isso, é preciso salvar os povos indígenas, ameaçados de desaparecer. Eles mais do que patrimônio-arquivo da humanidade, são humanidade viva.

Eis por que se justifica que somente pessoas ou entidades conscientes, competentes e desinteressadas sejam mobilizadas para equacionar este problema.

Não é possível que se continue a dizer, em alto e bom tom: "Os índios estão cansados de serem índios. Eles querem beneficiar-se com os programas do Governo" (84). Se já é estranho que assim fale o Ministro Mario Andreazza, mais estranho é que o General Frederico Rondon afirme que se deve "promover a integração total (?) mediante a absorção da mão de obra indígena" (85) e o General Bandeira de Mello, diretor da FUNAI, proclame que "a assistência ao índio deve ser a mais completa possível mas não pode obstruir o desenvolvimento da Amazônia" (86). Nesse contexto, não é de estranhar a fanfarronice do Deputado Gastão Müller: "Se os fazendeiros quisessem, poderiam ter partido para uma luta armada e seria muito fácil vencer os índios" (87).

Afirmações como estas, orquestradas por tantos fatos lamentáveis, confirmam as denúncias de genocídio...

Em que pese às reiteradas afirmações do Ministro do Interior de que "o problema dos índios é um problema do Brasil" (88) e "os outros países não tem o menor conhecimento do problema do índio brasileiro" (89), trata-se de um problema da humanidade, talvez melhor conhecido, em suas causas e motivações, nos países onde existe liberdade de informações e de debate. Afinal são milhões de seres humanos nas Américas e alguns milhares no Brasil, que há quatro séculos vêm sofrendo as maiores injustiças por parte de uma "raça" que se pretende superior.

Se o grau de consciência da humanidade correspondesse ao volume das informações, já não se toleraria mais tal situação iníqua. É com os olhos fitos no veredito da História, tradução do julgamento de Deus, que o Brasil deve solucionar o problema do indígena, não como questão de seguran-

ça nacional e economia, mas como imperativo da dignidade humana e da honra do povo brasileiro.

Somente assim seria legítimo que uma política indigenista brasileira se apoiasse num documento internacional (90).

Evidentemente o problema indigena brasileiro não se equaciona e menos ainda se resolve se não for situado em sua dimensão internacional. Mas também é evidente que não encontrará solução adequada, separado de seu contexto nacional, levando em conta que os índios constituem apenas alguns milhares dentro da esmagadora maioria de milhões de brasileiros marginalizados. Todos hão de concordar que "em nome de uma política da integração, que não integrou nem mesmo os civilizados, não se pode violentar uma cultura que, embora primitiva, tem garantido a subsistência secular desses povos. A sociedade civilizada só terá o direito de falar em integração do índio no dia em que, em seu meio, não houver ninguém morrendo de fome" (91).

"Há séculos — afirmam os irmãos Villas Boas sobre os índios — sobrevivem graças à caça, à pesca e a uma rudimentar agricultura. São felizes com suas crenças e seus rituais belíssimos. Por que então destruir essa cultura secular? Apenas para impor nosso sistema de vida aos índios? Civilizar para que? Destruir a organização tribal existente e depois deixar os índios marginalizados na nossa sociedade?" (92)

Sempre na perspectiva de uma mudança profunda da política global do atual modelo brasileiro, impor-se-ia ainda a organização de um grupo diversificado do qual participassem índios, antropólogos e outros cientistas, sertanistas e missionários, para promover o autêntico diálogo intercultural e a harmônica convivência e colaboração dos nossos diferentes povos.

Devemos reconhecer que frequentemente faltou esta visão e consciência sócio-política às entidades cristãs, preocupadas mais em "prestar assistência" aos índios. Em consequência, sob equívocos pretextos de uma caridade alienada, não raro traíram sua missão evangélica de defendê-los tenazmente da morte física e cultural ou de respeitar sua liberdade e dignidade de pessoa humana.

"Os próprios padres católicos — é afirmado em recente artigo da imprensa — após mais de 400 anos de catequese, viram-se obrigados a mudar de tática, pois se continuassem no mesmo propósito de Anchieta e Nóbrega (sic) o que iriam conseguir não seria mais do que a desagregação, margina-

lização, destruição e morte do que resta dos grupos indígenas brasileiros. E essa mudança de tática foi justamente no sentido de respeitar o indígena com suas crenças e seu modo de vida, valorizar a sua cultura ao invés de procurar impor a cultura dos civilizados" (93).

A visão de uma nova política indigenista deveria ser possibilitada e favorecida pela transformação das missões religiosas.

Exigindo que só pessoas devidamente qualificadas e com uma prática conseqüente, interfiram na solução do problema indígena, pensamos na formação adequada que devem ter os missionários, pois seu trabalho de evangelizadores sempre vai atingir o coração, o núcleo central das culturas indígenas. Tocar no coração sem a ciência e a perícia de uma equipe de cardiologistas seria causar fatalmente a morte àquele a quem desejamos fazer o bem.

Gravíssima responsabilidade é a do charlatão em medicina e maior ainda no campo da aculturação, onde se pode causar a morte não apenas a um que outro indivíduo, mas a um povo todo e à sua cultura.

Além disto, para que este trabalho seja eficiente, torna-se necessária uma espécie de assepsia, não no sentido de total isolamento, mas no sentido de preparar as populações envolvidas. Com efeito, para os índios, todos os "brancos" ou "civilizados" representam de certo modo o "cristianismo" de que os missionários se reclamam e portanto também a mensagem que estes querem transmitir. Faz-se pois necessário que medidas análogas sejam tomadas em relação aos evangelizadores dessas populações envolvidas.

Ensina o missionário-antropólogo Adalberto Holanda Pereira: O índio "é apenas diferente de nós e com o direito de continuar a sua vida ao lado da nossa. (...) Dentro da maior simetria entre os sistemas de interação, transmitamos ao índio os traços culturais que ele deseja receber e recebemos dele os que nos possa transmitir" (94).

4 — CAMINHOS DE ESPERANÇA

Mesmo percebendo sinais positivos, como sejam uma nova mentalidade missionária, a criação do CIMI, encontros ecumênicos, não estamos satisfeitos com o nosso trabalho e não podemos esquecer a dramaticidade da situação, descrita na lancinante "Carta dos Caciques de Velouro" (R.G.S.), da qual vamos reproduzir um pequeno trecho, segundo cópia do original:

“Quería ver os senhores de outra origem, não sendo o índio. Quería ver o português passar a nossa passada sem ninguém por ele e outro lado de origem italiana sem ter aquilo que traz o ensino: suas mãos presa seus olhos cego para o ensino seus ouvido surdo para ouvir as enducação, sem direito sociedade nenhuma, sem direito um palmo de terra, sem direito educar os filhos... O nosso plano de todos nossos irmãos de terra mundial nós acreditamos que somos iguais que nossos irmãos, corre sangue dos pés à cabeça, carne humana, iguais como qualquer um de nós” (95).

Aí está uma interpelação que suscita uma indispensável pergunta, em sentido contrário: O que seria o Brasil, se contasse *positivamente* com o índio? É bem possível que muitas autoridades e brasileiros de mentalidade capitalista e imperialista tremam diante desta pergunta, o que mostra que, consciente ou inconscientemente, apoiam a extinção dessas populações que constituem, por seus valores positivos, uma contestação viva do sistema capitalista assim como dos tais “valores” de pretensa “civilização cristã”.

Diante de outra pergunta: o que seria a nossa Igreja, se contasse *positivamente* com o índio?, talvez a atitude de muitos irmãos de fé seria igualmente de embaraço. Se olhássemos positivamente para os valores vividos pelos índios criticarem nossos valores, ficaria evidente um incômodo julgamento.

Tanto para a sociedade brasileira quanto para a Igreja, o mesmo aconteceria se perguntássemos o que seria o Brasil ou nossa Igreja, se contássemos *positivamente* com os valores do povo marginalizado das cidades ou dos campos...

Por isso, convidando a todos para assumirem conosco este compromisso, nós nos propomos, em primeiro lugar, a continuar uma esperançosa luta pelos direitos dos povos indígenas. Mesmo que todos os fatos nos incitem ao desânimo ou ao desespero, fazemos nossa a vontade dos nossos irmãos índios de viver e de lutar pela preservação de sua cultura. Não trabalhamos por uma causa perdida, porque se trata de uma causa profundamente humana, pela qual vale a pena até morrer, se preciso for. Seria trair a nossa missão, se nos resignássemos a ser ministros de um Batlmo “*in articulo mortis*”.

Em segundo lugar, não aceitaremos ser instrumentos do sistema capitalista brasileiro. Nada faremos em colaboração com aqueles que visam “atrair”, “pacificar” e “acalmar” os índios para favorecerem o avanço dos latifundiários e dos exploradores de minérios ou outras riquezas. Ao contrário, tal procedimento será objeto de nossa denúncia corajosa ao lado

dos próprios índios. Com eles, não aceitaremos um tipo de “integração” que venha apenas transformá-los em mão de obra barata, avolumando ainda mais as classes marginalizadas que, no funcionamento do sistema de produção, enriquecem somente aos que já são ricos. Menos ainda, por ser mais humilhante e criminoso, colaboraremos com um trabalho que vise transformar o índio em um ser humano necessitado de tutela, pois ele não é um menor nem um inválido, e sua maioria de indivíduo ou de povo, garantida pela própria lei na Natureza e por Deus, Senhor das consciências e fiador dos direitos humanos, não pode ficar condicionada a critérios de uma suposta “integração”.

Em terceiro lugar, o objetivo do nosso trabalho não será “civilizar” os índios. Estamos convencidos, como o grande precursor Bartolomeu de Las Casas que “muitas lições eles nos podem dar não só para a vida monástica mas também para a vida econômica ou política e poderiam até ensinar-nos os bons costumes” (96). Seria trair o Evangelho, reduzi-lo a instrumento de uma sociedade que “se desumaniza — como diz da cidade Cláudio Villas Boas — tornando o relacionamento entre as pessoas cada vez mais difícil, cada vez mais distante. Tenho pressa em voltar ao Xingu, uma pressa agônica, existencial. Lá, creio que poderei entendê-los melhor. Em síntese: não estando no processo de afogamento, compreenderei melhor o que se está afogando” (97).

Por outro lado, comprometidos com os povos indígenas, afirmamos:

Há entre eles valores vitais que os constituem como povos e, conseqüentemente, os fazem sujeitos de direitos que não podem ser espezinhados. “Como ser humano — proclama Apocena — não pode (o índio) ficar sempre sendo a vítima das decisões muitas vezes arbitrárias dos que pretendem dirigir-lhes o destino” (98). A única atitude válida será respeitá-los como povos e, num diálogo real e positivo, progredirmos juntos como humanidade. Qualquer tipo de intervenção que vise ensinar-lhes costumes e padrões de nossa cultura será ou dominação direta ou caridade farisaica. Só um diálogo assentado no reconhecimento de seus valores e direitos será autêntico e positivo para os dois lados.

Sem assumir a visão idílica de Rousseau, sentimos a urgente necessidade de reconhecer e publicar certos valores que são mais humanos, e assim, mais evangélicos do que os nossos “civilizados” e constituem uma verdadeira contestação à nossa sociedade:

1.º Os povos indígenas, em geral, têm um sistema de uso da terra, baseado no social, não no particular, em profunda consonância com todo o ensinamento bíblico, não só no Antigo mas no Novo Testamento, sobre a posse e o uso da terra (99). Corta-se assim pela raiz a possibilidade de dominação de uns sobre os outros à base da exploração particular de meios de produção. Nota Antônio Cotrim Neto que "com a chegada do branco, estabelece-se o conceito de propriedade particular, surgindo os conflitos na aldeia" (100).

2.º Toda a produção, fruto do trabalho ou do aproveitamento das riquezas da natureza e portanto toda a economia é baseada nas necessidades do povo, não no lucro. Produz-se para viver e não se explora o trabalho para lucrar. "O índio não se preocupa com acumular bens de qualquer natureza — ensina o jesuíta Adalberto Pereira — nem possui o estímulo econômico no sentido de adquirir prestígio ou elevação do "status" social. Não conhece competição econômica e nem atitudes de ambição. Vive o sistema comunitário de produção e consumo, com divisão de trabalho segundo o sexo". (101).

3.º A organização social tem como única finalidade garantir a sobrevivência e os direitos de todos, não os privilégios de alguns. O comunitário prevalece sobre o individual. Toda expressão cultural visa celebrar e aprofundar este senso de comunidade. Eis a fonte da paz e da harmonia de que tem saudades os sertanistas: "nossos irmãos da selva — diz Cláudio Villas Boas — sem possuírem toda esta sofisticação tecnológica, são plenos e felizes, vivendo uma vida equilibrada e harmoniosa (102). Francisco Meireles sonha: "Intimamente gostaria que eles pudessem ser mantidos em suas aldeias e que nós, civilizados, ao invés de incutir-lhes nossos padrões culturais, aprendêssemos com os índios que sempre vivem em harmonia não só no grupo tribal mas com a própria natureza (103).

4.º O processo de educação caracteriza-se pelo exercício da liberdade. "Aprendem a ser livres desde a infância — diz Luiz Salgado Ribeiro — pois um pai nunca obriga o filho a fazer o que ele não quer. Um pai nunca bate no filho, por maior que tenha sido a sua travessura." (...) "O índio é acima de tudo um homem livre. Não depende de ninguém para o sustento de sua família — ele mesmo caça e pesca enquanto sua mulher cuida da pequena lavoura de subsistência — e isso lhe dá condições de não dever favor ou obrigação a ninguém. Nem a seu pai, nem ao chefe da tribo" — (104).

A organização do poder não é despótica mas compartilhada. "Assim o chefe não é aquele que manda, mas sim o sábio que aconselha o que deve ser feito ... Se os índios seguem ou não seus conselhos, o problema não é do chefe. Ele apenas é um líder que aconselha; não um patrão que determina o que tem de ser feito. Mesmo no caso de uma guerra, o chefe nunca poderá determinar que todos os homens participem da luta" (105). (105). Isto significa que, entre eles, a autoridade é realmente um serviço à comunidade, não dominação. Claro que nestas condições não há lugar para instituições de policiamento e coerção.

6.º As populações indígenas vivem em harmonia com a natureza e seus fenômenos, em contraposição à nossa "integração com as diferentes poluições, destroços de uma natureza arrasada e substituída pelo habitat em que vivemos: "Os índios, ao contrário dos brancos, sempre conviveram em perfeita harmonia com a natureza, não havendo casos de tribos que tenham destruído a fauna ou a flora de qualquer região por elas habitada. Esta é a posição de antropólogos e especialistas em indigenismo" (106).

7.º A descoberta, evolução e vivência do sexo entram no ritmo normal da vida do índio, num clima de respeito, sem as características de tabu ou de ídolo que se manifestam em nossa sociedade e tanto a condicionam.

Essa enumeração de valores não pretende ser exaustiva nem eles se realizam uniformemente, mesmo porque cada grupo indígena constitui um povo, com suas características peculiares, cuja expressão maior é a língua. Não ignoramos que também no homem indígena há sinais da sombra do pecado que, sob formas diferentes do egoísmo comum, embaraçam a plena realização e autêntica integração desses valores humanos.

Mas esses valores existem e devem ser respeitados, e promovidos. O trabalho a ser feito será decidido com os índios e nunca para os índios. Eles mesmos desenvolverão seus valores e suas técnicas e decidirão o que accitam de nossa cultura e com isso realizarão seu caminho original, colaborando com o verdadeiro desenvolvimento integral do Brasil e da Humanidade.

Neste ano em que celebramos o 25.º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, se celejássemos esses direitos com a nossa realidade civilizada e com a realidade indígena, talvez tivéssemos a surpresa de descobrir que os índios mais os vivem e respeitam do que as nações que afiançaram sua formulação.

Se tivéssemos a corajosa humildade de aprender com os índios, talvez fôssemos levados a transformar nossa mentalidade individualista e as correspondentes estruturas econômicas, políticas, sociais e religiosas para que, em lugar da dominação de uns sobre os outros, pudéssemos construir o mundo solidário da colaboração.

Se como Igreja ou como pessoas que se pretendem cristãs continuarmos nos apresentando aos índios com belas palavras contraditadas por nossas iniciativas capitalistas, permanente e mais profundo será o escândalo para esses povos. Bem o mostra a pergunta de um índio Tupirapé ao missionário: "Quanto é que as Companhias (agro-pecuárias) pagaram ao Pai do Céu de vocês para ele dar as terras dos índios"?

O cristão só será sinal universal da salvação e revelador do amor do Pai do Céu, em toda parte e, em particular, para os povos indígenas, se for uma presença respeitosa e paciente e esperanças que possa perceber, assumir, viver e revelar os legítimos valores desses povos em que se exprime a milenar ação de Deus em sua vida. Eis o que seria uma prática correta da continuidade da Encarnação de Cristo.

Ele mesmo o fez, antes de iniciar sua atividade pública de profecia, "despojando-se de sua divindade" (Fil. 2,7), para situar-se nos limites de um chão humano onde, homem, aprendeu com os homens, a linguagem do diálogo e o gesto da comunhão, faz abrir os caminhos de uma real libertação.

É preciso o despojamento da cultura para entender o índio, nosso irmão. Se a comunhão com o próximo, o amor, é o núcleo da mensagem evangélica, antes de qualquer proclamação verbal, deve ser atitude de vida. Só através de um processo de encarnação no seio dos povos indígenas, assumindo sua cultura, seu estilo de viver e de pensar, poderá ser demonstrada, de modo convincente, a transcendência do Evangelho tão afirmada teoricamente e tão negada na prática, pelas imposições de um rígido legalismo.

Transmitir o Evangelho é instaurar um processo de revelação libertadora e, antes de tudo, vivê-lo no seu dinamismo. Muitos apelos da presença e da ação do Senhor, sementes do Evangelho, há de receber o evangelizador que real e lealmente se encarne no mundo dos índios. Sentir e decifrar tais apelos será condição preliminar da missão. Juntamente com os índios, é preciso identificar, na vida deles, os rastros de um Deus solícito que percorre e orienta os caminhos de todos os homens, ontem como hoje, para a plenitude dos tempos que é Jesus Cristo, o Homem Novo, cuja ressurreição

radicaliza na história o pioneiro da transformação da Humanidade.

A Ressurreição do Senhor quebra os limites do tempo e do espaço, abrindo os horizontes de uma Nova Humanidade, enquanto autentica os valores pelos quais o Cristo morreu, os valores da Verdade, da Justiça, da Liberdade e do Amor, essenciais para se construir uma sociedade humana fraterna, sacramento, anúncio e revelação de que Deus é o Pai Nosso.

A Ressurreição do Senhor não permite que sua mensagem fique sepultada nos quadros de uma cultura, mesmo que essa cultura se intitule "cristã".

A Ressurreição do Senhor não permite que seus arautos fiquem reduzidos a pioneiros de um sistema desumano, apaziguadores de conflitos a serviço dos poderosos, a anestesistas de povos chamados primitivos ou selvagens para mortíferos transplantes culturais.

A Ressurreição do Senhor, prova de seu poder soberano, não é compatível com qualquer atitude de desânimo ou desalento, porque é a demonstração da lógica divina que, na execução do Reino, se arma da força dos fracos e da sabedoria dos incultos.

A esta altura, não de acusar-nos de ter levantado problemas e não trazer soluções. As soluções só serão encontradas na realidade onde nos precede a ação do Espírito. Não haverá solução, enquanto não mudarmos nossos critérios e continuarmos desenvolvendo uma ação inconsciente e irresponsável, por falta de uma visão lúcida. A luz da fé não anula nem atenua nem substitui, mas antes acentua, aclara e exige uma análise objetiva e portanto global da nossa realidade.

Neste esforço de assumir nossa existência em todas as suas dimensões, sentimo-nos solidários com tudo o que existe no mundo, especialmente na América Latina, em favor da libertação do homem e dos povos, em particular dos povos indígenas.

Enfim, sentimo-nos ligados a toda luta pela configuração de uma solidária experiência nacional, o que não significa um nacionalismo estatista nem tolera qualquer internacionalismo imperialista.

Vivemos sob o signo da morte-ressurreição do Senhor. Nossas populações indígenas, ao longo do tempo, já pagaram à morte o seu doloroso tributo.

Chegou o momento de anunciar, na esperança, que aquele que deveria morrer, é aquele que deve viver.

PSS. 558 p. 115/286

ADENDO

No dia 21 de dezembro p.p., podiam-se ler nos jornais manchetes como esta do Estado de S. Paulo: "Médici veta participação religiosa junto aos índios" ou, no Jornal do Brasil, "Estatuto dos índios é sancionado com vetos", esclarecendo logo na segunda alínea: "Os vetos se referem à participação de missões religiosas ou científicas na assistência às comunidades indígenas e à realização de contatos com índios".

Foi vetado o Parágrafo Único do Art. 2.º assim formulado: "É reconhecido às missões religiosas e científicas o direito de prestar ao índio e às comunidades indígenas serviços de natureza assistencial, respeitadas a legislação em vigor e a orientação do órgão federal competente".

Na justificação do veto, é alegado que "pela própria natureza da assistência ou tutela a ser prestada ao indígena, cumpre-se preservar a unidade de ação e controle sobre as áreas ocupadas pelos silvícolas. A outorga a entidades privadas do direito de participar dessa tarefa criará, não obstante os seus altos propósitos, grave embaraço ao exercício da competência assistencial que é incumbida à Nação".

Logicamente foi também vetado o Artigo 64 e seu parágrafo, nos quais se autoriza e disciplina a prestação de serviços aos índios, sem fins lucrativos, por entidades religiosas, científicas ou filantrópicas.

Foi igualmente vetado o Parágrafo Segundo do Art. 18: "É vedado a terceiros contratar com índios a prática por estes de qualquer das atividades previstas no parágrafo anterior" isto é, "a prática de caça, pesca ou coleta de frutos, assim como de atividades agropecuária ou extrativa".

Da justificação, destacamos a seguinte frase: "...cria esse preceito obstáculos ainda ao cumprimento dos objetivos cardiais do Estatuto, que consistem precisamente na rápida e salutar integração do índio na civilização" (Jornal do Brasil, 21/12/73).

Quando da aprovação da emenda do Senado sobre as missões religiosas e científicas, eis o que dizia o P. Vicente Cesar, presidente do Conselho Indigenista Missionário, no dia 23 de novembro p.p.: "Os missionários defendem os índios há séculos e um direito secularmente respeitado não pode ser transformado subitamente num simples consentimento de ação, sem desprimor para nossa História (O Estado de S. Paulo).

Seria supérfluo qualquer comentário, a esta altura, sobre esses vetos que apenas vêm ilustrar tudo o que já foi exposto: a redução dos índios à condição de pobres tutelados, o comportamento do governo que trata não somente as suas terras, mas suas próprias pessoas como objeto de apropriação e toda a iniquidade da tal integração de que tanto se fala.

Se os missionários podem invocar um direito que lhes é conferido pelo Evangelho, portanto pelo próprio Deus, em termos de um imprescritível mandato, podem os cientistas invocar a outorga de seu direito da própria humanidade a cujo serviço se colocam.

Este adendo, imposto pelo caráter recente dos fatos, pretende simplesmente servir como confirmação de todo este documento.

I — YUCA PIRAMA

ADENDO N.º II

Motivos alheios à vontade dos autores fizeram com que este documento só venha à luz da publicidade três meses após a data para o qual foi preparado. Nas atuais circunstâncias em que vivemos, não será difícil ao leitor identificar o tipo de obstáculos que sua publicação encontrou. Pouparamo-lhe, por isso, o relato de toda essa penosa história que já vale por um tributo pago à defesa dos nossos índios.

As notícias divulgadas pelos mais sérios jornais do país, após a data em que deveria ter vindo a público este documento, confirmam a análise da situação em que se encontram os índios e as críticas à FUNAI. "Ainda há pouco, os jornais estampavam o triste documento fotográfico de índios Kreen-Akarores mendigando na rota Cuiabá-Santarém. Os atritos entre tribos e colonos que lhes cobijam as terras são fatos comuns. Igualmente rotineiras são as notícias de alcoolismo, prostituição, tuberculose e outras doenças contraídas por tribos que o homem civilizado pretende resgatar à vida primitiva" (JORNAL DO BRASIL, 12/3/74).

Os Kreen-Akarores, menos de um ano depois de atraídos, foram iniciados em aberrações, por um funcionário da FUNAI: "O presidente da FUNAI, general Bandeira de Melo, mandou instaurar inquérito para apurar as responsabilidades do sertanista (...) acusado de prática homossexualista, envolvendo índios Kreen-Akarores" (O POPULAR de Goiânia, 8/1/74).

A propósito desse lamentável fato, o missionário jesuíta Antônio Iasi Junior, comentava: "os índios estão sempre levando a pior, nossa luta em defesa de seus interesses chega a assumir características, de quando em quando, de tarefa insuportável. Sinceramente, não sei por que é que existe tanta insensibilidade, tanto egoísmo e tanta podridão entre os que se dizem, alto e bom som, como defensores dos índios" (VOZ DO PARANÁ, 14-20/1/74).

Novos pronunciamentos foram ouvidos nas Câmaras, como o do deputado Juarez Bernardes, criticando as atividades da FUNAI e classificando-as como "um desastre social" (JORNAL DO BRASIL, 13/3/74).

As declarações de Rangel Reis, atual ministro do Interior, antes da posse, não deixaram de chocar a todos que se interessam pelo problema dos índios. "Novo Ministro quer fim das reservas indígenas" deu manchete de Jornal (JORNAL DO BRASIL, 9/3/74) e mereceram destaque na 1.^a página suas opiniões sobre a "absorção dos índios brasileiros na sociedade civil e o abandono — tão rápido quanto possível — da idéia de reservas indígenas", pois "o problema do índio será tratado dentro da nova ótica, sem romantismos"... (JB, id). Iguãlmente, deve-se partir "para uma política realista e honesta" (O GLOBO, 9/3/74). O nove presidente da FUNAI tentou um "arranjo" para encobrir a nota dissonante de tal declaração, dizendo que "as declarações recentes do Ministro do Interior do novo governo, Sr. Rangel Reis, foram mal interpretadas" (JORNAL DO BRASIL, 12/3/74).

Mas a confusão continua pois enquanto o Ministro diz que se deve partir "para uma política realista e honesta", o presidente da FUNAI, general Ismarth de Araújo, diz: "Haverá continuidade na política indigenista oficial..." (JORNAL DO BRASIL, 12/3/74).

O mais acertado seria dizer com o Presidente do CIMI: "A política da FUNAI é vacilante" (O ESTADO DE S. PAULO, 13/3/74). Ela deve ir ao sabor da política desenvolvimentista do país, para a qual o índio é visto como um estorvo ao progresso nacional. Entretanto "a questão do índio — como afirma o antropólogo Roberto da Mata, Diretor de Antropologia do Museu Nacional — deve ser colocada de outra maneira, ou seja: como o desenvolvimento brasileiro poderá beneficiar os grupos tribais que vivem em território nacional?" (O GLOBO, 17/3/74).

- 1 — Comunicado mensal da CNBB, n.º 231 — Dezembro, 1971 e L'OSSERVATORE ROMANO — Ed. em Português, 30/1/72.
- 2 — O ESTADO DE S. PAULO — 15/6/1971.
- 3 — O ESTADO DE S. PAULO —
- 4 — O ESTADO DE S. PAULO — 31/3, 1973.
- 5 — JORNAL DO BRASIL — 16/11/1973.
- 6 — O ESTADO DE S. PAULO — 2/2/1973.
- 7 — O ESTADO DE S. PAULO — 18/8/1973.
- 8 — O ESTADO DE S. PAULO — 29/7/1973.
- 9 — A NOTICIA (MANAUS) — 10/1/1971.
- 10 — O GLOBO — 19/7/1971.
- 11 — JORNAL DO BRASIL — 15/11/1973.
- 12 — VISAO — 25/4/1971.
- 13 — GONÇALVES DIAS, Antonio — OS TYMBIRAS, canto III.
- 14 — JORNAL DA TARDE — 8/12/1971.
- 15 — O ESTADO DE S. PAULO — 28/10/1971.
- 16 — O ESTADO DE S. PAULO — 8/8/1972.
- 17 — O ESTADO DE S. PAULO — 15/8/1973.
- 18 — O ESTADO DE S. PAULO — 16/11/1973.
- 19 — JORNAL DO BRASIL — 26-29/11/1971.
- 20 — O ESTADO DE S. PAULO — 12/3/1971.
- 21 — REALIDADE — Outubro de 1971.
- 22 — REALIDADE — Outubro de 1971.
- 23 — O ESTADO DE S. PAULO — 5/11/1973.
- 24 — CARLOS DE ARACJO MOREIRA NETO in "La Situacion del indigena en América del Sur" — Montevideo — Uruguay — 1972, p. 404.
- 25 — O ESTADO DE S. PAULO — 9/5/1971.
- 26 — VEJA — 28/2/1973.
- 27 — O ESTADO DE S. PAULO — 28/3/1972.
- 28 — O ESTADO DE S. PAULO — 19/4/1971.
- 29 — JORNAL DO BRASIL — 8/7/1972.
- 30 — O ESTADO DE S. PAULO — 4/4/1972.
- 31 — O ESTADO DE S. PAULO — 31/5/1972.
- 32 — JORNAL DO BRASIL — 25/10/1973.
- 33 — O ESTADO DE S. PAULO — 3/9/1971.
- 34 — O ESTADO DE S. PAULO — 31/3/1972.
- 35 — O ESTADO DE S. PAULO — .../1/1971.
- 36 — JORNAL DO BRASIL — 24/12/1972.
- 37 — O ESTADO DE S. PAULO — 27/2/1972.
- 38 — JORNAL DO BRASIL — 20-21/2/1972.
- 39 — O ESTADO DE S. PAULO — 25/5/1972.
- 40 — O ESTADO DE S. PAULO — 15/12/1971.
- 41 — O JORNAL — Rio — 29/4/1973.
- 42 — O ESTADO DE S. PAULO — 22/5/1973.
- 43 — O ESTADO DE S. PAULO — 3/12/1971.
- 44 — CORREIO BRASILENSE — 8/12/1971.
- 45 — VEJA — 5/4/1972.
- 46 — O ESTADO DE S. PAULO — 3/10/1971.
- 47 — O ESTADO DE S. PAULO — 20/11/1973.
- 48 — O ESTADO DE S. PAULO — 21/11/1973.
- 49 — JORNAL DO BRASIL — 15/2/1973 — Carlos Drummond de Andrade.

- 50 -- CORREIO BRASILIENSE -- 1/0/1973.
51 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 5/11/1973.
52 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 13/5/1971.
53 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 20/4/1973.
54 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 20/4/1972.
55 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 30/3/1972.
56 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 9/8/1973.
57 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 22/8/1973.
58 -- SILVIO COELHO DOS SANTOS -- Indios e Brancos no Sul do Brasil" -- Florianópolis, 1973 -- pág. 21-22.
59 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 15/5/1971.
60 -- EU OUVI O CLAMOR DO MEU POVO -- Documentos de Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste -- MARGINALIZAÇÃO DE UM POVO, GRITO DAS IGREJAS -- Documento de Bispos do Centro-Oeste.
61 -- O POPULAR -- Goiânia -- 22/11/1973.
62 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 7/11/1972.
63 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 15/4/1971.
64 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 5/11/1972.
65 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 19/1/1972.
66 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 8/11/1972.
67 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 10/8/1972.
68 -- JORNAL DO BRASIL -- 21/4/1973.
69 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 20/11/1973.
70 -- CASALDALIGA, Pedro -- "Uma Igreja contra o latifúndio na Amazônia" -- 1971.
71 -- JORNAL DO BRASIL -- 18/9/1973.
72 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 10/8/1972.
73 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 22/7/1973.
74 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 29/4/1973.
75 -- CORREIO DA MANHÃ -- 19/9/1972.
76 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 19/9/1973.
77 -- JORNAL DO BRASIL -- 14/2/1973.
78 -- JORNAL DO BRASIL -- 21/4/1973.
79 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 8/2/1973.
80 -- Atas do Simpósio sobre o futuro dos Cnta-Largas -- Universidade Federal de Mato Grosso -- Culabá -- Março de 1973.
81 -- ANUARIO DA COMPANHIA DE JESUS -- Roma, 1971/72.
82 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 14/11/1972.
83 -- REALIDADE -- Outubro, 1971.
84 -- DIARIO DE PERNAMBUCO -- 22/7/1973.
85 -- JORNAL DO BRASIL -- 24/5/1972.
86 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 22/5/1971.
87 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 2/9/1973.
88 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 25/3/1972.
89 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 9/11/1973.
90 -- CONVENÇÃO N.º 107 DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, Genebra.
91 -- O POPULAR -- Goiânia -- 22/11/1973.
92 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 7/11/1972.
93 -- O POPULAR -- Goiânia -- 22/11/1973.
94 -- ADALBERTO HOLANDA PEREIRA -- "Questões de Aculturação" In ESSA ONÇA -- Universidade Federal de Mato Grosso -- 4 12 (1973).
95 -- CARTA DOS CACIQUES DE VOTOURO -- 20/5/68 -- Cópia datilografada, pag. 13.

- 96 -- MARIANNE MAHN-LOT -- "Bartholomy de Las Casas" -- L'Evangile et La Force -- Ed. du Cerf, Paris, 1964 -- p. 102.
97 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 29/4/1973.
98 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 26/6/1973.
99 -- DOM FRANZONI -- "La Terra é di Dio".
100 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 20/8/1972.
101 -- ADALBERTO HOLANDA PEREIRA -- "Questões de Aculturação" In ESSA ONÇA -- Univ. Fed. de Mato Grosso -- 1973. 4 18
102 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 29/4/1973.
103 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 26/6/1973.
104 -- A VOZ DO PARANÁ -- 30/9-6/10/1973.
106 -- O ESTADO DE S. PAULO -- 5/3/1972.

JORNAL DO BRASIL

Expulsão de Jentel pode sair hoje - 26/5/42

Brasília (Sucursal) — O Ministro Alfredo Buzaid, da Justiça, admitiu ontem que o decreto de expulsão do padre Francisco Jentel do território nacional poderá ser divulgado ainda hoje. Ao ser interrogado ontem sobre o assunto, após seu despacho com o Presidente da República, o Ministro disse que provavelmente hoje sairia o decreto.

A expulsão do padre Jentel era iminente desde há alguns dias, sendo aguardada já no último despacho do Ministro da Justiça com o Presidente, na quinta-feira passada. O processo de expulsão daquele sacerdote foi aberto pela Delegacia Regional de Polícia Federal de Cuiabá, sob a acusação de que o padre teria liderado posseiros naquele Estado contra elementos de uma companhia colonizadora de terras.

EXPULSÃO DE JENTEL SAI

Depois de despachar, ontem, com o Presidente Médici, o Ministro da Justiça, professor Alfredo Buzaid, informou que o decreto de expulsão do padre francês Francisco Jentel poderá sair hoje.

O padre Jentel, titular da paróquia de Santa Terezinha, em Mato Grosso, é acusado de liderar posseiros naquele Município, contra elementos de colonização de terras.

Reconhecendo a boa vontade existente entre as partes e no intuito de encaminhar uma solução para os moradores do Fôrto Alegre e arredores no município de Luciara-MT, reuniram-se nos dias 28 e 29 de dezembro de 1972, D. Pedro Casaldáliga bispo de Felix e padre Francisco Jentel como representantes dos interesses dos referidos moradores, com o superintendente da PIRAGUASSU - Aggro Pecuária S/A. - Dog. JOÃO CARLOS DE SOUZA MEIRELLES, quando elaboraram proposta a ser apresentada aos interessados.

D. PEDRO CASALDÁLIGA e PADRE FRANCISCO JENTEL promoveram nos mesmos dias 28 e 29 de dezembro reuniões gerais dos moradores do Fôrto Alegre, para expôr a proposta de solução encontrada, ouvir sugestões e obter a aceitação de mesma.

A proposta aprovada em princípio pela empresa e pelos moradores seria encaminhada ao INCRA para sua definitiva aprovação e execução. A proposta é a seguinte:

- 1ª) a identificação dos posseiros e a determinação de seu número total seria efetuada pelo INCRA, segundo os critérios do órgão.
- 2ª) a área indicada de comum acôrdo pela empresa e pelos moradores, para localização dos mesmos é a que se segue:
 - a) área ao sul do rio Tapirapê (margem direita), com as seguintes confrontações: a leste a divisa da Fazenda Frenova; ao norte o rio Tapirapê; a oeste uma linha na direção norte sul verdadeiro partindo do rio Tapirapê até a desembocadura no brejo do Borá no Ribeirão Cedrolândia (o ponto fica a aproximadamente 1,5 km. do rio Tapirapê) e daí ao longo do Ribeirão da Cedrolândia até o Ribeirão Samambaia, seguindo por este até a sua nascente e no Fôrto-caso, daí em diante, por uma linha no sentido do sul verdadeiro; ao sul por uma linha na direção leste-oeste verdadeiro, na latitude conveniente de tal forma que a área acima descrita seja igual ao número de posseiros multiplicado por 100 (100) hectares.
 - b) área ao norte do rio Tapirapê (margem esquerda) contígua a área descrita no item a) com as seguintes confrontações: a leste o Ribeirão Sabino desde sua desembocadura no rio Tapirapê (margem direita do Ribeirão Sabino); ao sul e a oeste o rio Tapirapê (margem esquerda); ao norte por uma linha na direção leste-oeste verdadeiro, localizada de tal forma que a área contenha 10 ha. (100.000.000) de matas raras (não alagáveis) multiplicada pelo número de posseiros e acrescidas de eventual parte inundada necessária para que se consiga a área total indicada.

Estado de acôrdo, firmam o presente.

Fazenda Frenova - Luciara - MT, 29 de dezembro de 1972, S.

D. PEDRO CASALDÁLIGA

JOÃO CARLOS DE S. MEIRELLES



CONFIDENCIAL

YSS.553, p. 22/286

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
ASSESSORIA DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES
INFORMAÇÃO Nº 240/72



DATA : 03/08/72
ASSUNTO : TRÁFICO DE ESCRAVOS EM BARRA DO GARÇAS - ATIVIDADES
DE SACERDOTES NO XINGU - COMPRA DE TERRAS NO XINGU
REFERÊNCIA : POR ESTRANGEIROS.
DIFUSÃO : DGEPI/FUNAI.

1. A revista "O CRUZEIRO", em seu número 30, de 26.07.72, publica um artigo do Sr. DAVID NASSER, intitulado "BARRIL DE PÓLVORA NO XINGU".
2. O referido jornalista faz uma série de denúncias graves sobre o tráfico de escravos em BARRA DO GARÇAS, apontando como responsáveis: FRANCISCO MUNHOZ, JOÃO HIDALGO e ANTONIO DIAS, que são protegidos pelo bispo de SÃO FELIX, PEDRO CASALDÁLIGA e pelo Pe. FRANÇOIS JENTEL (expulso do país, mas continua na área).
3. Indica também o bispo de SÃO FELIX como responsável pela subversão na área, não só atacando os empresários da AMAZÔNIA, como o próprio governo brasileiro.
4. Chama atenção das autoridades sobre a compra de terras por estrangeiros, em uma região ideal para implantação de uma base para guerrilhas rurais
5. O assunto em tela foi objeto de uma série de três reportagens publicadas na revista "O CRUZEIRO" de números 28, 29 e 30, de autoria do Sr. DAVID NASSER. Os NOTICIÁRIOS DE IMPRENSA nº 129, de 01/06/72 e nº 144, de 19/06/72, fazem referências aos citados sacerdotes, em anexo.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTA
DOCUMENTO (ART. 62 - DEC. N.º 60.417/55
REGULAMENTO PARA SALVAGUARDA
7 ASSUNTOS SIGILOSOS.

*Acerte, Aquino, de
em 15/08/72
Helio Rom*

CONFIDENCIAL

LIVRO DE MEMÓRIAS

DAVID NASSER



O TRÁFICO DE ESCRAVOS EM BARRA DO GARÇAS



DAVID NASSER

Senhor Presidente

Se um dia Vossa Mercê aprear na Serra do Roncoador, lá pelas bandas do Xingu, saberá que um bando de loucos cria as bases da maior Invernada de bois de todo o mundo. Antes do ano 2000, mais de cem milhões de cabeças estarão pastando naquela área quase plana e da melhor terra de colônião, em nada ficando a dever às glebas do Novíssimo Paraná. Cinquenta por cento do mato de cada propriedade é derrubado e o restante fica para o melhor pasto. Bandeirantes de fibra, homens de tãmpera de aço, chegaram àquelas planícies há alguns anos e ali deixaram os melhores anos de sua vida. Falei no Zezinho, de Arapatuba. Rico, ri-

quíssimo, riquíssimo — despejou-se no Xingu contra a vontade da família, e de pára-quadras iniciou a abertura de uma fazenda. Levava os burros anestesiados no aviãozinho. Os porcos, os bezerros, as novilhas viajavam pelos ares, pois não havia estrada. Hoje, a BR-80, que parou inexplicavelmente a poucas centenas de km de Brasília, passa em sua porta. O Zezinho apanhou maleta, comeu peixe de rio durante meses, mas deixou a sua marca. Assim sucedeu ao Ariosto da Riva, ao Abelardo Vilela, ao Orlando Ometo e seus irmãos, ao Marcelo, do Nacional, ao Renato do Bordon, ao Renato de Almeida Prado —

alma de pioneiros. Bem que podiam aplicar seus recursos no bem-estar da cidade, especular, gozar no asfalto, mas eram paulistas e mineiros, tinham espírito de bandeirantes, acrecaram na Revolução — o foram plantar a sua estância na terra virgem do Xingu. Assim sucedeu a mim, que profetizei o Suiá-Miçu a St. Moritz. E sem o auxílio da Sudam, criando boia em vez de mulheres. Presidente, não deixe que a esperança se retire do Xingu, tangida pela subversão.

A região era livre de posseiros e a mão-de-obra escassa. Todo é qualquer trabalhador que chegasse por lá era bem recebido, tinha seu pedaço de chão para plantar e comer. Trabalho não falta lá.

O CRUZEIRO, 26-7-1973

O BRAVO CAPITÃO PM JOAO EVANGELISTA (Barra do Garças) é a voz isolada contra o tráfico humano e a adubação da terra para as futuras guerrilhas naquela região, tão distante do Brasil e tão perto de Brasília. Luta sem meios. O Governador do Mato Grosso, através da Secretaria de Segurança, faz o que pode. Esta é uma reportagem de advertência para evitar mal maior e repercussão no exterior.



O GATO. Seu nome, Antônio Dias. "Era minha função — confessou — desviar os homens que eu mesmo contratara na vila, levando-os para a Cabeça Branca, que os venderia a outras fazendas. Depois, o lucro era dividido entre o administrador da fazenda prejudicada, o Cabeça Branca e eu." Só de uma propriedade, quase 300 homens foram retirados e conduzidos a outras, a 100 cruzados por cabeça. Os pobres vendidos ficavam livres das dívidas, dos adiantamentos. E esse era o seu lucro.

O TRAFICANTE DE HOMENS. Francisco Munhoz, o Cabeça Branca, veio de Matia Mogiana (São João da Boa Vista) e em Mato Grosso se dedica a comprar pau-de-cara das diversas fazendas e os vender a outras — que deveriam investigar melhor a procedência. Protegido do bispo de São Félix e do padre francês (apesar de expulso, continua lá) François Jentel, vindo da Argélia — serve aos sacerdotes que não representam a verdadeira Igreja do Cristo nessa tarefa de sementar a intranquilidade, a desordem, a guerrilha.

O ADMINISTRADOR-CUMPLICE. Para a compra de escravos é necessária a anuência do encarregado da fazenda. Na foto, Joazinho (João Hidalgo), que era responsável pela Bela Menhã e vendia homens a seu comparsa Francisco Munhoz, o Cabeça Branca, um paulista safado e vigarista, que se dedica ao tráfico de braços humanos, em um illo que lhe foi cedido pelo bispo de S. Félix, intencional em criar um clima de guerrilhas naquela região fadada a ser a maior invernada da boia de todo o mundo.

O TRAFICANTE, O ADMINISTRADOR-CUMPLICE E O GATO na mesma foto, quando interrogados pela polícia, depois de se apropriarem de centenas de homens no município de Barra do Garças. Ante as provas acumuladas, não puderam negar, mas sabem que uma forte proteção lhes seria dada depois. E a história continua a mesma.

UM BISPO ESPANHOL E UM PADRE DA ARGÉLIA ACITAM O XINGU



nas regiões perdidas. A decepção, a insegurança grassam nas terras onde o próprio Governo manda paradoxalmente concentrar os incentivos fiscais — a Sudam. Terra onde o Condepe faz milagres. Ontem era um arcebispo na Sudene. Hoje é um bispo na Amazônia Legal. Tudo na cara do Governo, num desafio à Revolução. Vejam só o depoimento de José Ribeiro Leme, da Bordon, que tentava impedir, por parte do bispo de São Félix, a invasão de suas terras, onde instala um frigorífico:

Estávamos no entusiasmo próprio de quem deseja construir algo, mercedores que fomos da confiança que o Governo depositou em todos os empresários da Amazônia, quando recebemos em nossos escritórios a visita do padre Pedro Casaldáliga, hoje bispo de São Félix, no Estado de Mato Grosso.

Ele pedia que doássemos uma área de 4,5 quilômetros de comprimento por 2,5 de largura, para que os moradores de Serra Nova pudessem ter um local permanente de cultura. Expus ao padre Pedro que as suas pretensões não poderiam ser atendidas, pois o total da gleba estava incorporado a um projeto de agropecuária, projeto este que estava sendo enviado para a Sudam e, portanto, a totalidade do imóvel pertencia a ele.

Não satisfeito, bastan-

te irritado, nos disse que esses moradores eram elementos já es-corraçados deste Brasil a fora e que de maneira alguma iriam abandonar o local que tinham como o ideal. Depois de mais alguns comentários desagradáveis de sua parte, sugerimos ao padre Pedro Casaldáliga que procurasse o Inora, para que seus fiéis fossem encaminhados à Transamazônica, onde o Governo estava dando todas as facilidades possíveis para implantar núcleos em torno da mesma. Era uma oportunidade ideal, onde eles poderiam ser proprietários e não invasores de propriedade particular."

O padre Pedro ficou colérico e disse que esta medida que o Governo estava tomando de levar famílias necessitadas para povoar a Transamazônica era a maior vergonha que se poderia impingir a um povo. Além deste comentário perigoso e não próprio de um sacerdote, outros foram feitos, momento em que demos por encerrada sua visita e qualquer diálogo. Pedi a ele que se retirasse, ocasião em que ele, padre, nos amea-

çou, dizendo que iria nos arrepender, pois, até o fim deste ano, ele seria sagrado bispo e, então, ninguém mais lhe poria a mão. Não demos maior importância às suas ameaças, mas mantivemos a promessa de respeitá-lo até o fim deste ano as derrubadas feitas em nossas terras.

Agora, decorridos uns 20 dias após a conclusão da cerca, recebemos um livreto, no qual o padre Casaldáliga relatei fatos ocorridos em nossa gleba, fatos estes totalmente deturpados, falsos e até desumanos, que teríamos cometido. Esta publicação evidenciava os propósitos subversivos do bispo de São Félix, que não só ataca os empresários da Amazônia, como o próprio Governo brasileiro. Tudo o que acima relatamos já foi verificado em Inquérito Militar.

Estamos recebendo, neste momento, a notícia de que o padre ou bispo de São Félix cumpriu sua ameaça de cortar a cerca divisória, e que também foi mandado um contingente policial com o objetivo de prender os elementos responsáveis.

Acreditamos que este pequeno resumo possa fornecer material concreto para que os senhores da Associação dos Empresários da Amazônia elaborem um trabalho, e cobrem, em definitivo, das autoridades competentes, uma ação enérgica, a fim de dar paradeiro a esse bispo subversivo de São Félix, no Estado de Mato Grosso."

D

residente Médico:

Os brasileiros que foram para a Amazônia Legal, atendendo a uma convocação do governo revolucionário, são os mesmos que um dia irão desbravar as margens da Transamazônica. Os Da Riva, os Vilela, os Bordon, os Marcelo, os Almeida Prado, os Lezinho, os Argeu, tantos outros bandeirantes, têm a vocação do mato, o instinto do colonizador, a bravura do pioneiro. (O velho Mato Grosso lembra ainda seus colonizadores da marca do Bechara Selamone, de Aquidauana.) Qualquer deles tem dinheiro para levar o resto da vida de papa pro ar ou fazendo a ponte aérea Rio ou S. Paulo—Paris, transformar-se em milionários parasitas. Em vez disso, acreditando na promessa da Revolução, julgando que os tempos do Francisco Julião, do padre Mello e de outros enganadores e demagogos haviam passado — embrenharam-se na selva, abriram fazendas, semearam capim de avião, plantaram bois como quem planta civilização. No seu rastro viram os semeadores da desordem, de batina e sem batina.

Do Xingu, Senhor Presidente, estão se retirando os pioneiros. O Omato já vendeu a Suíça, Migu a estrangeiros, a maior fazenda de criação do mundo, que ele abriu na floresta virgem. O Almeida Prado já se foi. Não tardem a partir os sa-lteanos, missionários da boa Igreja. Tudo isso como se os fatos acontecessem antes de 1984. Mande alguém já. Exija tratamento humano de patrão a empregado. Que a lei seja cumprida. Mas — antes que me chamem de Cassandra e que um barril de pólvora se encrave definitivamente a alguns km de Brasília — leve a Revolução até o Xingu.

Do seu pátrio e companheiro de ideal,

David Nasser.

ALVORADA

Folha da Prelazia de São Félix, MT.



maio de 1974

PENTECOSTES, VINDA DO ESPÍRITO SANTO

Celebramos a liturgia da Páscoa

- temos pensado na presença do Cristo ressuscitado, vivo e glorioso no meio de nós,
- temos acompanhado a vida dos primeiros cristãos, os primeiros passos da igreja, o povo de Deus reunido pelo Cristo;
- temos visto como esses primeiros seguidores de Jesus levavam uma vida de fé e de unidade; como precisavam enfrentar perseguições e sofrimentos de todo o jeito;
- temos contemplado a coragem dos apóstolos diante das autoridades que queriam impedi-los de falarem o nome de Jesus.

Nestes próximos dias celebraremos a festa de Pentecostes, isto é a vinda do Espírito Santo sobre a primeira comunidade cristã reunida em Jerusalém.

E celebrando Pentecostes, entenderemos que a unidade, a alegria, a coragem dos primeiros cristãos, o evangelho anunciado a todos os povos, tudo isso é obra do Espírito de Jesus Cristo, presente na sua igreja.

Dado a cada cristão nos sacramentos, principalmente no batismo e confirmação, o Espírito Santo, que é Espírito de liberdade, nos ajuda a nos libertar de todo medo, de toda escravidão, de todo pecado.

Somente por ele é possível viver na fidelidade, na paz, na caridade.

Tendo o Espírito de Cristo em nós, devemos viver de acordo com esse Espírito, hoje, aqui, nas nossas lutas, como então, nos dias de Pentecostes, vivia aquela primeira comunidade de igreja. É o mesmo Espírito de Jesus ressuscitado que vive em nós e nos conduz.



NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA SOBRE O NOSSO PADRE FRANCISCO

Após vinte anos de generoso serviço aos índios e sertanejos, após um ano de processo, um ano de prisão e quase um ano de apelação ao Superior Tribunal Militar, o Padre Francisco foi finalmente absolvido da condenação injusta a dez anos de prisão.

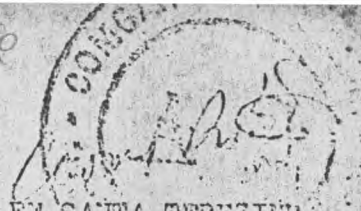
Porém o nosso Francisco, absolvido pelo Superior Tribunal Militar, foi obrigado a sair imediatamente de Campo Grande para a França, sem poder nos visitar, sem poder pisar sequer em Santa Terezinha.

Qualquer um compreenderá que mais uma vez não se fez justiça. Todos nós sabemos o acúmulo de pressões e de interesses que se vem movimentado sordidamente em torno desse longo processo.

Logo mais nosso Bispo Pedro escreverá dando maiores esclarecimentos. De qualquer forma, nós que ficamos, continuaremos a luta do Padre Francisco, porque ela não foi terminada; ainda não se fez justiça para os posseiros do nosso sertão.

Queremos ser fiéis apesar do risco, ao mesmo evangelho que levou o Padre Francisco à prisão e ao afastamento de nós.

Para nós, o Padre Francisco não foi embora: ele está na nossa oração, ele anima o nosso compromisso.



NA ESPERA DO SENHOR JULHO

O inverno já passou... durante esse tempo por diversas razões: as chuvas foram poucas e exageradas neste ano e houve enchentes; casas alagadas, muita lavoura perdida, muita febre e sobretudo muito isolamento por falta de estradas que mereçam este nome. Três meses sem sombra de ônibus!

O povo de Serra Nova, sem condução nenhuma durante todo o inverno, completamente descrente das pessoas encarregadas do bem público, exprimiu assim o seu desabafo:

- Felizmente aí vem o Sr. Julho, e com o seu sol seca as estradas. Depois dele vem o Sr. Agosto e também o Sr. Setembro. São os únicos Senhores que ligam para o povo. Mas quando eles forem embora de novo, começa tudo outra vez: o isolamento, a fome, a febre, a impossibilidade de se chegar até aos hospitais.

E a estória vai se repetindo mais um ano: durante o verão as máquinas não chegam, - e se chegam, é para serviços de particulares, como no ano passado, ou para serviços mal feitos, que não encasquilham direito, que não firmam as pinguelas, que não aterram os lugares alagadiços.

Quando chegar o inverno novamente nada se poderá fazer.

Conste isto como reclamação séria e urgente para as autoridades responsáveis.

MAIS DUAS IRMÃS NA EQUIPE PASTORAL

A Cooperativa de saúde da Santa Teresinha está funcionando bem mesmo. Passa de cem o número de sócios.

Por causa disso, a Irmã Edna está contando agora com uma nova colaboradora: Irmã Bertila.

Também o pessoal do Ribeirão receberá em sua equipe a Irmã Efigênia; ambas vieram do Paraná a serviço do povo desta Prelazia.

O ANO DA FAMÍLIA

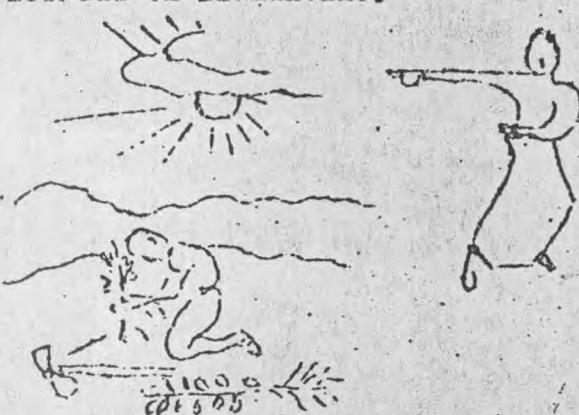
Em todo o mundo se celebra durante 1974 o "Ano da População". Por cause disto a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil decidiu celebrar no país o Ano da Família. Para nós é muito importante pensar nesse tema, porque no nosso sertão há tantas famílias que vivem na insegurança: sem terra, sem escola, sem assistência médica, sem garantias no trabalho; tantas que vivem na desunião: marido largado, mulher largada, filhos sem pais... tantas que ainda não sentiram a dignidade e a alegria de uma família verdadeiramente cristã.

REUNIÃO INDIGENISTA EM SANTA TERESINHA

Nos dias 20, 21 e 22 de abril, reuniram-se em Santa Teresinha nosso Padre Pedro e alguns membros da equipe pastoral mais ligados ao trabalho com os índios.

Era preciso tratar dos problemas que vivem as aldeias de nossa Prelazia e planejar a parte que nos cabe no serviço aos nossos irmãos índios.

Dom Tomás Balduino, membro do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), também participou desse encontro. Na ocasião regressava, juntamente com o chefe dos Tapirapé Txáko'iampane, o Luiz, professor da aldeia, da primeira Assembléia de chefes indígenas celebrada em Diamantino.



PONTINÓPOLIS - DE NOVO O ASSUNTO TERRAS

Há bem pouco tempo Pontinópolis foi o local escolhido para um grande espetáculo de promessas: seria terra legalizada, seria uma cooperativa agrícola, seria todo um equipamento para educação...

Infelizmente tudo não passou de uma comédia: a cooperativa morreu antes de nascer; a escola está em situação sumamente precária e nem a metade das crianças está estudando.

E as terras?

Altos funcionários da Sulamissú continuam apertando os posseiros. O pouco de terra que ainda restaria ao povo está sendo alvo de divisões fraudulentas.

E o povo continua sendo violado no seu direito fundamental de viver.

PENTECOSTES é a festa da manifestação da igreja.

Dias bons estes de PENTECOSTES para meditar, para sentir, para viver o tema de nossa Assembléia: SOMOS A IGREJA, SOMOS O POVO DE DEUS.

JORNAL DE BRASÍLIA - 28/05/74

Padre Jentel, libertado, já está na França

Viajou domingo de regresso à França o padre Francisco Jentel, libertado quinta-feira à noite da prisão de Campo Grande, onde vinha cumprindo pena de dez anos em virtude de condenação pela Justiça Militar de Mato Grosso.

A libertação do sacerdote francês foi ordenada pelo Superior Tribunal Militar, que na terça-feira passada o absolveu por unanimidade de votos da acusação de incitamento à subversão, julgando-se incompetente para decidir sobre seu caso, que assim, passou à Justiça comum.

JORNAL DE BRASÍLIA - 28/05/74

ALVORADA

Folha da Prelazia de São Félix

Agosto de 1974

MUITOS TÍTULOS E UMA GLÓRIA SÓ: MÃE DE JESUS, MÃE DA IGREJA

Maria, moça de Nazaré, foi escolhida por Deus para ser a Mãe de Jesus, o Messias esperado, o Salvador do mundo. E sendo a Mãe do Cristo, Tronco do Novo Povo de Deus, Maria naturalmente passava a ser também Mãe e Protetora desse Povo, a Igreja,

A Igreja de Jesus Cristo foi sempre marcada pela presença de Nossa Senhora. Na Cruz, antes de morrer, Cristo confirmou esta missão de Maria como Mãe dos Discípulos e de todos os homens.

No dia de Pentecostes, solene manifestação do Espírito Santo sobre a Igreja, que se firmava na fé do Cristo Ressuscitado, Maria se achava no meio dos Apóstolos. Rezando com eles, fortalecendo-os, alimentando sua esperança.

E quando, pela morte e assunção, Ela foi glorificada, os cristãos continuaram a contar com a sua proteção, a ver nela a Mãe que se faz presente em toda a vida dos filhos, que procuram viver a Vida do seu Filho, Jesus.

E na exuberância de sua fé, os cristãos deram e dão a Maria muitos títulos que expressam diferentes mistérios da vida de Nossa Senhora, como "Imaculada Conceição", "Santíssima Virgem", "Assunção", ou imploram sua proteção para um lugar, para uma comunidade, para uma situação particular, como "Nossa Senhora de Lourdes", "Nossa Senhora Aparecida", "Nossa Senhora da Guia", "Libertadora dos cativos", "Estrela do Mar", "Nossa Senhora dos posseiros"...

Cada país, cada povo, cada época, conforme as circunstâncias, foi aumentando esta ladainha de títulos.

Em nossa Prelazia, várias comunidades celebram seus festejos, nestes meses de agosto e setembro, glorificando a Deus, na Mãe de Jesus, com a mesma fé, de diferentes modos.

SÃO FÉLIX, no dia 15 de agosto, celebra a Assunção de Nossa Senhora.

Maria, já glorificada nos Céus, é um sinal de esperança para todos os que ainda caminhamos aqui na terra. Ela nos ajuda a ser fiéis ao Evangelho de Jesus, mesmo no sofrimento e na perseguição.

LUCIARA, no dia 28 de agosto, invoca Nossa Senhora das Graças.

Maria, dando-nos Jesus Cristo, nos traz a Vida de Deus, a Graça de Deus. Por isso a chamamos Mãe da Divina Graça, Nossa Senhora das Graças.

SERRA NOVA, no dia 8 de setembro, recorre a Nossa Senhora dos Posseiros.

O povoado de Serra Nova, cercado de cercas por todo lado, violado em seus direitos de terra e sobrevivência, deu a Maria o título de "Nossa Senhora dos Posseiros". E para ela canta: "Ó minha Nossa Senhora, / Padroeira de todo rincão, / acompanhai nesta hora / nossa luta pelo chão... / Dai-nos Deus, Nossa Senhora, / e agasalhai nosso sertão".

LAGO GRANDE, já no extremo da Prelazia, quase no Pará, celebra seus festejos do Nossa Senhora de Nazaré, no dia 8 de setembro.

Maria, mulher do povo, simples e trabalhadeira, mãe de família, é modelo e força de toda vida humilde e sincera.

PORTO ALEGRE glorifica Nossa Senhora da Libertação, no dia 24 de setembro, que é uma data em que, desde a antiguidade se venera a Nossa Senhora como "Libertadora dos cativos".

Porto Alegre, como outros patrimônios irmãos, têm sofrido a ambição e as arbitrariedades dos que se julgam donos da terra e senhores dos seus semelhantes. E por isso têm sentido também, como todos eles, a fome de Justiça e de Libertação.

ALVORADA

HOSPITAL DO INDÍO

Nossos irmãos índios tiveram agora, com uma nova presença amiga: uma Irmã enfermeira no Hospital de Santa Isabel, na Ilha do Bananal.

Trata-se da Irmã Mercedes Setom, paulista, que, solicitada pela Presidência da FUNAI, foi contratada como enfermeira para esse Hospital.

A Irmã Mercedes pertence à mesma Congregação das Irmãs que trabalham em São Félix.

Nós esperamos que cada dia mais os índios contem com um maior respeito e maior amizade por parte de todas as autoridades e povo.

POSTO DE SAÚDE DE SÃO FÉLIX

Atendimento às gestantes

Dr. Homero está programando o atendimento às mulheres gestantes, no Posto de Saúde. Para isso será determinado um dia na semana, que oportunamente será comunicado.

Toda gestante poderá se apresentar no Posto, a partir do terceiro mês, e terá direito a uma consulta mensal gratuita. Essa visita periódica ao médico dará à mãe maior segurança durante a gestação e poderá preveni-la de perigos até graves.

O médico se preocupará de dar a cada uma o tratamento necessário, inclusive com fortificantes. No sexto mês receberão a primeira dose de vacina antitetânica; a segunda dose, no sétimo mês, e a terceira no oitavo. Essa vacina é para eliminar o perigo de tétano umbilical, mais conhecido como mal de sétimo dia.

Falha do Estado

Lamentavelmente o Estado nunca contratou alguém como auxiliar para o Posto de Saúde de São Félix. As 4 atendentes que por ele passaram nunca foram contratadas e, não recebendo pagamento, tiveram que abandonar o cargo.

Igualmente, por falta de condições de funcionamento, o FUNRURAL cortou o convênio que mantinha com esse Posto, transferindo-o para o Hospital "São Thomé".

ATENDIMENTO GRATUITO AS FAMÍLIAS DE LAVRADORES

Por causa desse convênio do FUNRURAL, o "Hospital São Thomé", de São Félix, passa a atender gratuitamente os lavradores fracos de recursos, os posseiros e suas famílias: todos os homens do campo que são pobres e não trabalham em Companhias ou Fazendas.

Esse atendimento compreende consultas, tratamentos comuns de malária, verminose, pneumonia, desidratação, etc., e cirurgias de urgência. Naturalmente os interessados devem se apresentar com documentação.

FESTA DO LUGAR, ENCONTRO DOS IRMÃOS

Durante estes meses de Agosto e Setembro, época boa de seca para se viajar, as comunidades de SÃO FÉLIX, LUCIARA, SÃO JOÃO DO JAVAE, SERRA NOVA, LAGO GRANDE e PORTO ALEGRE celebram seus festejos.

Por ocasião dos festejos os irmãos se reúnem para, juntos, dar graças a Deus e pedir a proteção do Pai para o ano; para se celebrar a Eucaristia, que é a grande Festa dos cristãos porque é a Páscoa de Jesus; para se encontrar e animar uns aos outros na luta e na Esperança da vida.

São Félix, Luciara, Serra Nova e Porto Alegre celebram sua novena, este ano, em Igreja Nossa Senhora, Serra Nova e Porto Alegre com a satisfação de ter sido o próprio povo quem construiu seu local de oração e de encontro.

Em São João do Javai presidirá as celebrações o Pe. Leo. Sabemos que o povo do lugar está querendo enfrentar de uma vez a construção de sua igreja, para a qual já tem uma boa quantia arrecadada nos anos anteriores.

Como é costume, por ocasião dos festejos, nesses lugares haverá BATIZADOS, com a devida preparação.

MAIS TERRA, MAIS GADO, MAIS DINHEIRO SÓ PARA OS GRANDES
ISSO NÃO É PROGRESSO IRMÃO.

UMA REGIÃO, UM PAÍS SÓ PROSPERAM
QUANDO O DESENVOLVIMENTO É DE TODOS E PARA TODOS.

"AVISO URGENTE AOS POSSEIROS DA REGIÃO"

Com esse título, numa folha de "ALVORADA", de 6 do agosto, está se dando uma orientação aos posseiros da nossa região, nesta hora decisiva para eles.

Infelizmente, os donos da política, do poder e do dinheiro, se interessam bem pouco pelos posseiros e pelos outros pobres.

Se essa folha de "AVISO URGENTE..." explica para os posseiros os passos da discriminação que o INCRA está fazendo, não é porque concordamos com essa política de favor ao Latifúndio que acabará deixando milhares de famílias desta Amazônia Legal sem terras e sem rumo; é só para acompanhar o povo dos posseiros também neste beco sem saída em que os coloca uma Lei injusta.

Nosso bispo Pedro dizia, estes dias, para um funcionário do INCRA, de boa vontade: "Vocês estão expedindo o atestado de óbito do povo dos posseiros".

E é por causa disso que a folha conclui dizendo, em letras maiúsculas, qual é a verdadeira Lei e o justo Direito:

"DE TODO JEITO É BOM NÃO ESQUECER QUE DEUS FEZ A TERRA PARA TODOS, E NUNCA SERÁ JUSTO QUE MUITOS FIQUEM SEM TERRA NENHUMA ENQUANTO ALGUNS POUCCOS TÊM TERRA DEMAIS".

OUTRA VEZ, A AZULONA

Os posseiros da Azulona que já estão abusados de arbitrariedades, foram agora surpreendidos por outra forte, premeditada, pressão. O dono da AGROPASA pediu e conseguiu do Chefe do Regional do INCRA uma equipe técnica para apressar a saída dos posseiros da área.

Os moradores sentiram-se desorientados. Por um lado, tinham recebido orientação do INCRA de São Félix e sabiam que a "Primeira Discriminação" não atinge sua área.

Por outro lado, viam o INCRA acompanhado de opressores conhecidos demais e escutavam umas propostas que ofendiam tanto os direitos de sobrevivência como a moral.

Por três vezes, os "donos" e o INCRA tentaram reunir o povo. Poucos moradores participaram dessas reuniões; porém, mais alguns, cansados de tanta luta e sem nenhum amparo legal, aceitaram a mísera indenização que os condenará a redar, com tantos outros, sem chão e sem futuro.

REUNIÃO DA EQUIPE PASTORAL DA PRELAZIA

Nos últimos dias de julho a equipe pastoral da Prelazia reuniu-se em Santa Terezinha, para avaliar o trabalho, planejar e partilhar lutas e esperanças, no estudo e na oração comunitárias.

Participou da reunião um rapaz, próximo a ordenar-se sacerdote, José Lliço, que acaba de chegar da Espanha, para integrar a nossa equipe. Nestes meses próximos estará estudando português, e no ano que vem estará no meio de nós.

Entre os assuntos importantes da reunião, tratou-se novamente da PRIMEIRA ASSEMBLÉIA DA PRELAZIA que será realizada nos dias 27, 28 e 29 de setembro em Santa Terezinha. O tema é o nosso tema do ano: "IGREJA, POVO DE DEUS".

SANTO ANTÔNIO

No dia 3 de julho pp., 11 posseiros de Santo Antônio e proximidades, entregaram ao INCRA de São Félix um relatório assinado, que eles intitularam "Notícia de perseguição".

Trata-se de violenta pressão feita a um deles pelo Gerente da Fazenda dos Abdalla, Sr. Décio Felipe, o Vice Prefeito do Município, Sr. Limoeiro, e o Delegado de Polícia de São Félix, Sr. Waldir Teixeira Silva.

No final do relatório se lê:

"Nós todos sentimos a dor uns dos outros, então esperamos que o INCRA tome providência para proteger os direitos dos pobres posseiros humilhados e desamparados.

O que aconteceu com o X. aconteceu com muitos outros que também nós sabemos; Nós não podemos ficar quietos com essa injustiça, e foi por isso que nós todos ficamos parados no serviço nestes dias e viemos procurar a Lei que nos defenda. A Lei que venha libertar a nossa terra própria".

ALVORADA

PSS. 553 1P-133/266

Folha da Prelazia de São Félix

MÊS DE TODOS OS SANTOS

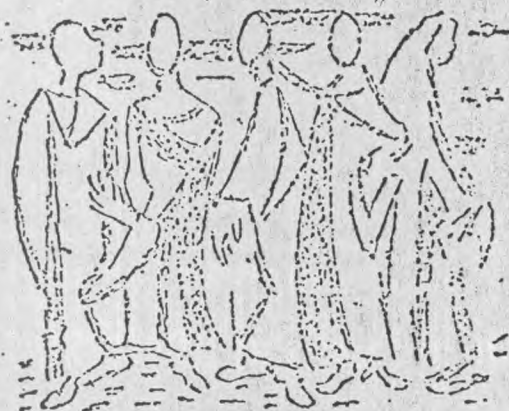
novembro 1974

O mês de novembro se abre com a memória dos mortos e com a Festa de todos os santos. Uma só coisa para os que temos esperança.

Infelizmente, por superstição, por tradição popular e por falta de uma Fé mais esclarecida, temos nos apoiado demais ao aspecto fúnebre da morte: os sete palmos, as velas, os espíritos, o medo... E temos esquecido a realidade em que já vivem nossos defuntos, marcados pelo Batismo, filhos do Deus Vivo e ressuscitados com Cristo Ressuscitado.

A Igreja, por boca de São João, no livro do Apocalipse, nos fala dos Novos Céus e da Nova Terra, da Jerusalém celeste, onde vivem gloriosos, com o Cordeiro, todos aqueles que "foram marcados com o carimbo de Deus em suas testas". Eles seguiram aqui na terra o caminho áspero das Benaventurancas, "passaram corajosamente pela grande tribulação" e agora reinam com o Senhor. Para pro Ele "será o pastor deles e os guiará para as fontes das águas da Vida. E Deus enxugará dos olhos deles toda lágrima".

Essa é nossa Esperança. Nós somos um povo que caminha para a vida.



ASSEMBLÉIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

No final de setembro, em Santa Terezinha, nós tivemos primeira assembléia da Prelazia. Representantes de quase todas as comunidades, em número de 60, estivemos reunidos num clima de amizade e de Fé, meditando a parábola do Trecho e dos palhos, sentindo-nos Igreja e nos comprometendo, em nome dos nossos irmãos, com os problemas e as aspirações da vida do povo da região.

Fra a pequena assembléia da Igreja particular de São Félix, presidida pelo nosso bispo Pedro.

Neste mês de novembro, do dia 19 ao dia 27, em Itaipava, S.P., todos os bispos do Brasil, uns 250, estarão reunidos em Assembléia Geral, representando todas as igrejas particulares do Brasil - todas as dioceses e prelazias-. Encarregados por Deus para dirigir o seu Povo, os bispos, os pastores, se reúnem para tratar dos problemas e das aspirações da Igreja em âmbito nacional. O que precisa, o que pretende, o que deve fazer nesta hora a Igreja de Cristo que está no Brasil.

Nossa assembléia geral será eleita a nova presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CADA DIOCESE OU PRELAZIA, CADA IGREJA PARTICULAR TEM O SEU BISPO.

OS BISPOS DE TODO O MUNDO, COM O PAPA, BISPO DE ROMA E PASTOR DA IGREJA UNIVERSAL, FORMAM O COLEGIO EPISCOPAL.

TODOS OS BISPOS DE UM PAIS FORMAM A CONFERENCIA EPISCOPAL. ASSIM OS BISPOS TODOS DE NOSSO PAIS FORMAM A CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL.

ESTA CONFERENCIA, MAIS BREVEMENTE, CHAMA-SE C. N. B. B.

Olha a broca no pau vizinho Folha da Prelazia de São Félix

Olha a flor no campo irmão

No final de outubro, os posseiros da rodondoza de Santa Teresinha, de Lago Grande, da Ponta da Ilha, de Antonio Rosa, Crisóstomo, Lago do Arroz, Lagoa Grande, Lagoa da Jovita, Capão do Mariano, Boloza, Juruna, Chapada de Areia, Capão do Pedra, Varedeão, foram visitados pelo Padre Caputo. Houve celebrações de Eucaristia e Batizados em todos esses lugares, o bate-papo amigável. E o povo expressou mais uma vez suas mágoas e suas esperanças.

A um grupo de posseiros, no meio dos quais algum esmorecido abandonou a luta da terra e vendeu a posse, o P. Caputo escreveu esta carta, que transcrevemos, para lição e estímulo de todos os posseiros.

Carta de alerta e estímulo a todos os posseiros

"Desejava ir visitá-los logo, mas não posso agora, por isso lhes escrevo esta carta.

Quando estive por aí, pela primeira vez, em 1972, fiquei entusiasmado com as pessoas que encontrei, com a disposição de trabalho, com os serviços feitos, com a vontade de ir para frente.

E falei muitas vezes em vocês, elogiando seu trabalho.

De lá para cá tenho visitado a todos algumas vezes, conservando sempre a mesma admiração.

Mas tive uma grande decepção quando dois companheiros seus acabaram vendendo o gamba-bão de suas famílias, ou melhor, jogando fora, de graça, aquilo que tantos anos de sofrimento, de luta e sacrifícios custou.

E agora estou ouvindo dizer que há vários outros fazendo o mesmo. Isto é demais. É arrancar o pão da boca dos filhos para o jogar aos cachorros. É uma grande falta de sentimento e de pensamento. Parece que não custou nada esta terra. Ninguém mais se lembra disto: de quanto companheiros seus pagaram para obter a defesa de um direito que estava sendo recusado. Vocês se esquecem dos irmãos de vocês que foram presos, alguns espancados, para conseguir que cada um tivesse um pedaço do chão onde se agasalhar com sua família e assim garantir o dia de amanhã.

Não se lembram de que para conseguir esta terra o Pe. Francisco labutou durante anos, agüentou um ano de cadeia e não pode retornar para ver o povo de Santa Teresinha, tendo que viajar para sua terra, a França.

Parece que o cão está entrando na cabeça de vocês, fazendo pensar que alguns mil cruzeiros vão lhes dar a felicidade. O dinheiro na mão acaba logo. A terra dura e permanece, e é fonte de trabalho para vocês, seus filhos e seus netos. De lá vocês tiram o do comer, o vestuário, o remédio, tudo. O resultado disto é vocês se tornarem peões das fazendas, que, quando não precisarem mais de seus serviços, os dispensarão.

E como vão viver? Será seu futuro comer capim? Outra terra não vai ser fácil encontrar. A próxima terra que vocês vão encontrar será só sete palmos...

Gente que só honra e se proza não faz o que alguns de vocês fizeram. Sinto vergonha por conta disto. É uma grande traição feita aos irmãos e companheiros que tanto lutaram. Sinto pena de seus filhos, pois vão ter que enfrentar uma vida de sujeição muito mais dura do que vocês enfrentaram. E sabendo que seus pais jogaram fora aquilo que lhes poderia dar um conforto.

Se antes eu elogiava vocês, agora não posso mais. A dureza que vão encontrar pela frente os fará lembrar do que fizeram.

Um abraço forte aos que ainda permanecem firmes, aqueles que sabem honrar o que foi conquistado com dor e sacrifício. Que Deus derrame suas abundantes graças sobre estes e lhes dê uma grande colheita. E lhes abra os olhos para não entrarem por este caminho de destruição."

1. As edições, de Set e Out 75, do panfleto "ALVORADA", folha da Prelazia de SÃO FÉLIX/MT, contêm os seguintes tópicos, considerados de maior relevo:

a. Setembro 75 (ANEXO A)

- "Por informações seguras, tanto da Igreja como do Governo, sabemos que está em andamento o processo de expulsão do BRASIL, do nosso bispo, Dom PEDRO CASALDÁLIGA";

- o Governo está considerando Dom PEDRO apenas como cidadão estrangeiro, não levando em conta o "seu caráter de bispo da Igreja";

- faz anos que Dom PEDRO vem sendo perseguido, "sempre por parte de autoridades locais, estaduais e federais; por parte de fazendeiros, militares, polícia, políticos e outros poderosos";

- entre as perseguições desenvolvidas contra o bispo espanhol são citadas:

calúnias; calúnias; riscos de morte; invasões da casa e do arquivo do bispo; prisão, maltratos e tor

*Extrato de
militar*

CONFIDENCIAL

turas sofridos por pessoas do povo, padres e colaboradores do bispo; prisão domiciliar e interrogatório pela Polícia Federal; pressões de autoridades do Exército, da Segurança, do Ensino, da Saúde; fechamento de ambulatórios; impedimento de lecionar; proibição de atendimento aos índios; ameaças aos participantes de eventos programados pela Prelazia;

- anteriormente o Governo quis expulsar o bispo e o Padre JENTEL foi condenado, passou um ano na cadeia e por "treita" foi afastado do BRASIL;

- a campanha de difamação contra o bispo agravou-se ultimamente;

- em 1973, "as forças da repressão" espalharam covardemente em SÃO FÉLIX em folheto calunioso;

- recentemente, em Jul e Ago 75, o Delegado de Polícia de SÃO FÉLIX/MT e outros oficiais procuraram com insistência fotografar Dom PEDRO;

- elementos oficiais alertaram o bispo de que a "sua vida corria perigo" e que poderia ser preso a qualquer momento;

- o Presidente da FUNAI proibiu que Dom PEDRO e mais dois missionários entrem em áreas indígenas;

- em defesa de Dom PEDRO, cuja expulsão seria "um fato muito grave, não somente para nossa Prelazia, mas também para toda a Igreja do BRASIL", a Igreja de todo o BRASIL está reagindo. A presença de D. ALOÍSIO LORSCHIEDER, Presidente da CNBB, na sagração da Catedral, em 17 Ago, em SÃO FÉLIX, demonstra a "comunhão" da CNBB com o bispo CASALDÁLIGA; †

- a Presidência da CNBB tomou uma atitude oficial e pública contra o intento de expulsar Dom PEDRO;

- vários bispos, por intermédio do Cardeal ARNS, levaram ao Papa um documento de protesto, contra a expulsão. Nesse documento apontam as "grandes proporções das

CONFIDENCIAL

conseqüências negativas, no BRASIL e no exterior"; observam que "se a repressão oficial consegue atingir bispos" é "sinal mais do que claro, que ela vem impunemente esmagando", inúmeros cidadãos aos quais "não assistem as mesmas possibilidades de sensibilizar e mobilizar a opinião pública" (grifo nosso);

- muitos amigos de Dom PEDRO e da causa que defende estão se manifestando e como a "censura" corta a voz da Justiça e da Verdade, "a imprensa internacional já está tomando partido em favor desta justa causa";

- o motivo da perseguição é a defesa que faz dos oprimidos é a pregação que faz do Evangelho de Cristo, o Evangelho da Justiça e da Libertação;

- o povo da Prelazia está devidamente informado, não deve dar "ouvidos a boatos e fofocas" e deve manter-se unido; e

- mesmo que o bispo fosse expulso, Dom PEDRO continuaria sendo o "único bispo legítimo" da Prelazia, pois nenhum "poder deste mundo" pode tirar-lhe o caráter de bispo.

b. Outubro 75 (ANEXO B)

- Sabemos de fonte certa, que o processo existe. Entretanto, "autoridades do Governo Federal" desmentiram perante à Presidência da CNBB a existência de qualquer ameaça de expulsão contra o bispo PEDRO. Será que o processo foi barrado? Será apenas uma espera?";

- sabemos agora, também, com maior clareza, que essa perseguição provém das grandes Companhias Agropecuárias, nacionais e multinacionais "acobertadas por certas autoridades civis e militares que lhes facilitam o jogo". Esse "jogo sujo" não assombra a equipe da Prelazia de SÃO FÉLIX;

3 ← - o "ALVORADA" de Setembro espalhou-se por toda a região;

+ dentro e fora do País muitos irmãos manifestaram a sua solidariedade ao bispo;

CONFIDENCIAL

+ a imprensa nacional deu uma "boa cobertura" e a imprensa nacional comunicou a notícia "dentro das limitações da imprensa";

+ estão espalhando fofocas e ameaças para intimidar o povo: que os Búfalos carregarão todos os amigos do padre; desta vez a repressão será pior que em 73; que vão fechar a Igreja e prender os que estiverem dentro, porque os amigos do padre são comunistas; no fim quem vai apanhar são os bobos amigos do padre;

- a Igreja não depende dos poderes deste mundo. Ela se afirma com os poderes de Deus;

+ mesmo expulso, Dom PEDRO, dentro ou fora do País continuaria sendo o "único bispo legítimo" da Prelazia de SÃO FÉLIX;

+ a visita realizada em 29 Set à aldeia "TAPIRAPÉ" por uma equipe da FUNAI, acompanhada por um diretor da Companhia Tapiraguaia e do Chefe do Posto Indígena para tratar da demarcação de terras é considerada pelo panfleto de ameaçadora, desrespeitosa e agressiva.

+ Os visitantes "caluniaram a proposta de demarcação da Reserva Tapirapé, apresentada à FUNAI pela Assessoria para Terras Indígenas do Conselho Indigenista Missionário (CIMI)";

- as irmãzinhas foram interrogadas com bastante ignorância;

+ a Dra. GISELDA, da FUNAI, referindo-se ao bispo teria dito: "Quando o diabo não aparece, manda um secretário";

+ os funcionários da FUNAI fizeram questão de lembrar que pesava sobre o bispo um processo de expulsão;

- os tapirapés, depois dessa desagradável visita, vêm comentando a possibilidade de a Missão ser afastada da aldeia;

CONFIDENCIAL

+ comemorando a passagem da equipe da FUNAI, o Chefe do Posto fez uma festa da qual participaram o gerente da Cia. TAPIRAGUAIA e um pastor americano da Igreja "Novas Tribos", de SANTA TEREZINHA;

+ a FUNAI contrariou o Art. 58 do Estatuto do Índio, autorizando o pouso e a decolagem de aviões de turistas no aeroporto da aldeia;

+ Dom PEDRO e Dom TOMÁS BALDUÍNO, Presidente do CIMI, "visitaram a aldeia para se informar oficialmente de todo o acontecido";

+ o problema da região e de todo o BRASIL é a terra; 10 milhões de famílias brasileiras ligadas à agricultura estão sem terra ou sem terra suficiente para sobreviver; 3/4 dos donos da terra possuem 62% da terra; 51% dos que cultivam a terra possuem apenas 3,4 da terra;

+ a Agricultura do BRASIL ocupa 13 milhões de pessoas; a indústria só 5 milhões. Entretanto, o número de lavradores protegidos pelas Leis Trabalhistas é menor do que o número de operários bem ou mal, amparados por essas leis;

+ o INCRA paralisou-se na região? "Quem pressiona o INCRA? Que poderes estão interessados em abafar o pouco que ainda podia o INCRA fazer?";

- a todos os "desfalques da Administração Pública e à falta de comunicações e de serviço" juntou-se, em LUCIARA, a saída dos posseiros;

- os posseiros de CASCALHEIRA, depois de tantos "sofrimentos, ameaças e insolências de fazendeiros, corretores e polícia", decidiram mandar um abaixo-assinado ao Sr. Presidente da República; e

+ a Fazenda Santa Cruz despejou 40 peões que tinham contratados para uma derrubada, colocando fogo nos barracos, ferramentos e serviços. Os peões que estavam em SANTA TEREZINHA, aguardando o acerto de contas foram roubados e espancados pela Polícia.

2. As edições, de Set e Out 75, do panfleto "ALVORADA", conservam a característica dos anteriores: linguagem insolente; ataques levianos contra a dignidade de pessoas e órgãos governamentais, citados nominalmente; mentiras e incitamento à revolta.

+ É notório que a área abrangida pela Prelazia de SÃO FÉLIX/MT apresenta problemas sócio-econômicas de vulto. Mas não serão as "denúncias" e a atuação subversiva da equipe do Bispo CASALDÁLIGA que irão resolvê-las. Vale observar que é nas áreas problemas que os marxistas colhem melhores resultados em sua atuação deletéria, o que explica a projeção alcançada pelo Bispo de SÃO FÉLIX.

+ Registra-se, finalmente que o panfleto "ALVORADA" confirma a entrega ao Papa de um documento elaborado por alguns bispos defendendo Dom PEDRO CASALDÁLIGA, ao mesmo tempo, que acusa a "repressão oficial" (ANEXO A) e revela que o Bispo de SÃO FÉLIX, mesmo proibido pela FUNAI, visitou a aldeia "TAPIRAPÉ" (ANEXO B).

* * *

CONFIDENCIAL

A N E X O "A"

Cópia xerox do panfleto "ALVORADA",
de Set 75.

* * *

(Set 75)

Comunicado urgente a toda a Prelazia de São Félix, MT

QUEREM EXPULSAR DO PAÍS NOSSO BISPO PEDRO

Por informações seguras, tanto da Igreja como do Governo, sabemos que está em andamento o processo de expulsão do Brasil do nosso bispo, Dom Pedro Casaldáliga.

O Governo está encaminhando este processo como se Dom Pedro fosse apenas um cidadão estrangeiro, não levando em conta seu caráter de bispo da Igreja. As autoridades fariam desse modo para não criar confusão entre a Igreja e o Governo, porque a Igreja é considerada como uma força mundial e porque a maior parte do povo brasileiro se diz católico.

A verdade é que esse estrangeiro é bispo. A verdade é também que a injustiça é um crime seja contra um bispo seja contra um simples cidadão.

Essa perseguição a Dom Pedro e à Prelazia não é de hoje.

Faz anos que vem acontecendo. Sempre, por parte de autoridades locais, estaduais e federais; por parte de fazendeiros, militares, polícia, políticos e outros poderosos.

Todos nós estamos cientes disso.

E todos nós lembramos muito bem os momentos mais duros dessa perseguição:

- as calúnias, as ciladas, os riscos de morte;
- as invasões da casa e arquivo do bispo, e de tantas outras casas de toda a região;
- as prisões, maus tratos e torturas sofridos por tantas pessoas do povo, por padres e outros colaboradores de Dom Pedro;
- a prisão domiciliar do bispo e o inquérito a que ele foi submetido pela Polícia Federal, com 16 horas de interrogatório;
- as dificuldades e pressões de todo tipo a que certas autoridades do Exército, da Segurança, do Ensino e da Saúde vêm colocando no trabalho da Prelazia, fechando ambulatórios, impedindo lecionar, proibindo o atendimento aos índios, e até ameaçando de prisão a quem participasse de reuniões, encontros e celebrações organizados pela Prelazia.

Já anteriormente o Governo quis expulsar o nosso bispo. E o padre Francis Jentel foi condenado a 10 anos de prisão, passou, de fato, um ano na cadeia e, por treita, foi afastado do Brasil.

Ultimamente a campanha de difamação contra o nosso bispo agravou-se bastante, preparando já este processo de expulsão que está correndo.

A televisão Globo, em programas nacionais, por três vezes, nos meses de junho e julho deste ano, fez um ataque direto à pessoa de Dom Pedro, apresentando-o como bispo subversivo e comunista que incitaria o povo à luta armada através dos sacramentos. Para isso a televisão Globo até mostrou ao público uma falsa folha "Alvorada".

É importante notar que essa campanha pública da Televisão começou justamente na ocasião em que se realizava em Goiânia o Encontro Pastoral da Amazônia sobre erra e Retirantes, como nosso bispo explicou em seu último documento de 27 de junho de 1975.

Todos lembramos como no dia 19 de agosto de 1973, durante aquela Missa celebrada à beira do Araguaia, em que tantos bispos nos acompanharam, as forças da repressão espalharam covardemente por São Félix um folheto calunioso contra a Igreja, querendo confundir o povo.

Agora, em julho e agosto, o delegado de Polícia em São Félix e outros oficiais vindos de Barra do Garças e Cuiabá procuraram com insistência fotografias de Dom Pedro. E alguns deles anunciaram que em breve ia estar muito grave contra o bispo e c

Elementos oficiais alertaram Dom Pedro que sua vida corria perigo, que de parte do Governo se armava um processo contra ele e que poderia ser preso a qualquer momento.

Também a Presidência da FJNAI recentemente proibiu a Dom Pedro e a mais dois missionários entrar em áreas indígenas; dando ordem de prisão caso visitassem essas áreas.

A expulsão de Dom Pedro seria um fato muito grave não somente para nossa Prelazia mas também para toda a Igreja do Brasil.

E é por esse motivo que a Igreja de todo o País está reagindo com a maior solidariedade em apoio a nosso bispo e contra essa injustiça e opressão.

No dia 17 de agosto, por ocasião da sagração de nossa igreja catedral, Dom Aloísio Lorscheider, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fez questão de estar presente entre nós e concelebrar com nosso bispo. Demonstrava assim a comunhão da Conferência dos bispos do País com nosso bispo e da Igreja do Brasil com nossa Igreja.

Nestes dias a Presidência da CNBB acaba de tomar uma atitude oficial e pública, com as necessárias medidas, contra esse intento de expulsão de Dom Pedro.

Vários bispos do Brasil, por intermédio do Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, levaram ao Papa um documento de protesto contra essa manobra de expulsão e de plena amizade com Dom Pedro.

Esses senhores bispos afirmam em seu documento:

"... Em nossas reflexões não nos foi difícil avaliar as grandes proporções das consequências negativas, no Brasil e no exterior, da expulsão de Dom Pedro Casaldáliga.

Visto que ele seria alcançado por esta punição oficial em razão de se ter colocado coerentemente ao lado dos oprimidos de sua Igreja, fato este conhecido da opinião pública nacional e internacional, sua expulsão irá desencadear um descontentamento muito grande em amplos setores, não só de dentro como de fora da Igreja, que vêm acompanhando a luta deste pastor fiel.

Não deixa de ser notado também que, se a repressão oficial consegue atingir bispos, negando-lhes a possibilidade de defesa, é sinal mais do que claro que ela que vem impunemente esmagando, desde longa data, inúmeros cidadãos mais anônimos, aos quais não assistem as mesmas possibilidades de sensibilizar e mobilizar a opinião pública.

Sentindo, por isso, no caso de Dom Pedro Casaldáliga, não apenas a causa de um colega no episcopado, mas a causa da Justiça em prol do marginalizado da Amazônia, sertanejo ou índia, causa esta providencialmente assumida por larga faixa de uma população adulta e jovem consciente, de dentro e de fora de nosso País, resolvemos, como Arcebispos de várias Províncias Eclesiásticas do Brasil, tomar uma atitude de firme solidariedade com Dom Pedro Casaldáliga, manifestada em gestos públicos ao alcance de cada um de nós.

E achamos de mais alta urgência e oportunidade dirigir um apelo conjunto à Santa Sé para que, de algum modo, se manifeste a respeito deste grave incidente da história de nossa Igreja do Brasil..."

Ao mesmo tempo, outros muitos amigos de Dom Pedro e da causa que ele defende, dentro e fora do País, estão se manifestando com documentos e atos de solidariedade. E, não podendo a imprensa nacional se manifestar, por causa da Censura que tantas vezes corta a voz da Justiça e da Verdade, a imprensa internacional já está tomando partido em favor desta justa causa.

Todos nós sabemos muito bem, como dizem esses bispos no seu documento, qual motivo da perseguição levantada contra Dom Pedro.

Ele, desde o início de sua missão pastoral neste Mato Grosso, colocou-se ao lado dos pobres e oprimidos. E mais particularmente dos posseiros, dos índios e os peões.

A causa de Dom Pedro é a causa do Povo. O Evangelho que segue é o Evangelho da Justiça e da Libertação.

Na sua vida, nas suas pregações, nos seus escritos, nas suas visitas ao sertão, nos seus apelos às autoridades, nos seus conflitos com os poderosos, ele sempre lutou por esta causa e por este Evangelho.

É lógico então que venham sobre ele essas perseguições. Jesus Cristo as viu e as anunciou para seus discípulos. A Igreja as conhece em sua história de todos os tempos.

Irmãos todos da Prelazia:

Esta hora "é tempo de prova, mas também tempo de fé, de unidade e de firmeza", como dizia nosso bispo nas perseguições de 1973. E é nesta hora que nós todos, que formamos o Povo de Deus nesta região, devemos nos unir conscientes e corajosos.

Quanto mais cresce e nos envolve o poder das trevas, mais deve brilhar a nossa Fé. Quanto mais perseguida for a nossa Igreja, mais viva deve ser a nossa Esperança.

Saibamos assuntar a Palavra do Senhor: Também agora, como no processo contra Jesus, os inimigos estão querendo ferir o pastor para espalhar as ovelhas... (Lucas, 14, 27).

O povo da Prelazia será devidamente informado sobre o que for acontecendo. ninguém de ouvidos a boatos e fofocas.

Dom Pedro continua sendo o nosso bispo e prossegue com o seu ministério ao meio de nós. Em qualquer circunstância ele continuará sendo o nosso bispo.

MESMO SE UM DIA FOSSE EXPULSO, DOM PEDRO CASALDÁLIGA, DENTRO OU FORA DO BRASIL, CONTINUARIA SENDO O ÚNICO BISPO LEGÍTIMO DESTA PRELAZIA DE SÃO FÉLIX. Nenhum poder deste mundo pode tirar de Dom Pedro o caráter de bispo nosso que o Espírito Santo lhe deu naquela consagração de 23 de outubro de 1971 que todos nós acompanhamos emocionados.

Nossa força é o Senhor, cantamos nos Salmos: Ele estará sempre no meio de nós, se nos mantivermos reunidos em seu Nome (Mateus 18, 20). A Ele entregamos a Igreja ainda com maior confiança sua Igreja desta Prelazia de São Félix. A Mãe de Deus que é a Mãe da Igreja, nos agasalha com maior carinho nesta hora.

Equipe Pastoral da Prelazia de São Félix, MT

São Félix, MT - 20 de setembro de 1975

AVISO IMPORTANTE

Para dar testemunho público e comunitário de nossa união com o nosso bispo, no domingo, dia 28 deste mês de setembro, em todas as igrejas ou lugares da Prelazia onde o povo se reúne para orar, haverá Missa ou reza com esta intenção.

... recebimento do banzeiro da perseguição. O Senhor a sofreu e nos preveniu dela,

A N E X O "B"

Cópia xerox do panfleto "ALVORADA",
de Out 75.

* * *



COMO FICOU O PROCESSO DE EXPULSÃO CONTRA O NOSSO BISPO?

Sabemos, de fonte certa, que o processo existe.

Entretanto, "autoridades do Governo" Federal desmentiram perante à Presidência da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) a existência de qualquer ameaça de expulsão do Brasil contra o bispo Pedro.

Será que o processo foi barrado? Será apenas uma espera?

Sabemos agora também, com maior clareza, que essa perseguição toda provém das grandes Companhias Agropecuárias, nacionais e multinacionais, acobertadas por certas autoridades civis e militares que lhes facilitam o jogo.

Nem nos assombra esse jogo sujo, nem nos surpreende essa confusão. Os interesses e o poder se aliam sempre contra o Povo e contra o Evangelho.

Em todo caso, o nosso bispo está aqui, no meio de nós, e a Igreja de São Félix, nossa Prelazia, continua a sua caminhada na liberdade dos filhos de Deus.

IGREJAS IRMÃS E MUITOS AMIGOS NOS ACOMPANHAM

A "ALVORADA" de 20 de setembro último, que trazia por título "Querem expulsar do país nosso bispo Pedro", espalhou-se por toda a região. E os diferentes povoados e comunidades da Prelazia se uniram com renovada Fé e com maior entrosamento, sobretudo no dia 28 de setembro que foi escolhido como o dia de oração da Prelazia.

Dentro do país e no exterior muitos irmãos fizeram questão de mostrar sua solidariedade com nosso bispo Pedro e com nossa Prelazia de São Félix. Por documentos públicos, com celebrações, em encontros, por cartas.

A imprensa internacional deu uma boa cobertura; e a imprensa nacional comunicou a notícia dentro das limitações da censura.

A essas dioceses irmãs, a esses grupos de amigos, a esses jornalistas que reinos manifestar nossa gratidão. Como dá força sentirmo-nos acompanhados pelos que têm a mesma Esperança e lutam pela mesma Causa!

FOFOCAS, AMEAÇAS E MEDO

Certos elementos da região (em São Félix, em Barra do Garças e em Cuiabá) dedicam-se a espalhar fofocas e ameaças para intimidar o povo, para afastá-lo da Igreja, para esmorecer a quantos defendem os seus direitos de terra, de escola, de saúde, de melhora de vida.

As fofocas são desse tipo:

... "Que estão para chegar vários búfalos e carregarão todos os amigos dos padres..."

... "Que desta vez a repressão vai ser pior do que foi em 73..."

... "Que vão fechar a igreja e prender todos os que estiverem dentro, porque todos os amigos dos padres são comunistas..."

... "Que quem vai apanhar, no fim, são os bobos amigos dos padres..."

E outras muitas conversas desta qualidade, para criar confusão.

O inimigo de Deus gostou sempre do truvo.

Pena seria que o Povo de Deus, que é um Povo de filhos da Luz, entrasse nessa jogada e se deixasse amarrar pelo medo.

É bom que a Igreja de Jesus, aqui, como em todo lugar e em todo tempo, vá se acostumando ao banzeiro da perseguição. O Senhor a sofreu e nos preveniu dela,

... muitas vezes, no Evangelho.

A Igreja não depende dos poderes deste mundo. Ela se afirma com os poderes de Deus.

Referente ao nosso bispo, não esqueçamos o que já foi escrito nesse comunicado do dia 20 de setembro:

"Dom Pedro continua sendo o nosso bispo e prossegue o seu ministério no meio de nós. Em qualquer circunstância ele continuará sendo o nosso bispo.

Mesmo se um dia fosse expulso, Dom Pedro Casaldáliga, dentro ou fora do país continuaria sendo o único bispo legítimo desta Prelazia de São Félix".

A VIDA DA NOSSA IGREJA CONTINUA

E continua mais firme e mais sincera do que nunca, pois é nas provações que se depura a nossa Fé.

Continuam nossas missas, celebrações e rezas.

Continuam nossas reuniões, aulas, clubes e atendimento à saúde.

Continuam nossas roças, agora com as novas chuvas, e continuam nossos serviços todos; continua a luta e a Esperança, em casa, na rua e no sertão.

"No mundo vocês terão aflições -disse Jesus-. Não tenham medo. Eu venci o mundo" (João, 16,33).



Dia 1, FESTA DE TODOS OS SANTOS

Dia 2, MEMÓRIA DOS FINADOS

Como o apóstolo Paulo, todos nós carregamos a certeza de que a morte é lei para todos. Todos nós sabemos bem que não temos aqui morada permanente. Todos passaremos pela morte, como nossos finados passaram.

Todos nós porém, os que acreditamos em Cristo e procuramos segui-lo, sabemos que da morte passaremos para a Ressurreição e a Vida. Como já os nossos santos passaram.

O Dia de Finados mais do que dia de acender velas é dia de acender nossa Esperança.

Os nossos mortos estão vivos. O nosso Deus -lembra o próprio Jesus- é um Deus de vivos e não de mortos.

ASSEMBLÉIA DO REGIONAL CENTRO-OESTE - TEMA CENTRAL: A FAMÍLIA

O Regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a que pertence nossa Prelazia, vai se reunir, em Goiânia, nos dias 12,13,14 e 15 de novembro. É o encontro anual das diferentes dioceses e prelazias da região, do qual participam os bispos e representantes dos padres, religiosos e leigos dessas Igrejas.

Nesse encontro se faz revisão do trabalho e dos problemas da Igreja na região, e se programa a caminhada.

O tema central deste ano será a Família, em seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos.

Preparando esse estudo, todas as nossas comunidades fizeram sua pesquisa; e é com base nela que sabemos como está a família entre nós e o que se precisa para melhorá-la.

UMA VISITA AMEAÇADORA NA ALDEIA TAPIRAPÉ

No dia 29 de setembro chegaram à aldeia Tapirapé a Dra. Giselda, geóloga, o Dr. Alceu, do DGPC, e o Sr. Quirino, agrimensor, todos da FUNAI, acompanhados do Dr. Eduardo, um dos Diretores da Companhia TAPIRAGUAIA, e do chefe do Posto Indígena, Sr. Juraci Andrade.

Essa visita foi notoriamente desrespeitosa e agressiva. Para os índios, para as Irmãzinhas e para o casal de professores da aldeia. Uma visita de tipo policial, para impor a arbitrariedade e criar confusão e medo.

Os visitantes caluniaram a proposta de demarcação da Reserva Tapirapé, apresentada à FUNAI pela Assessoria para Terras Indígenas do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Quando os índios ou os missionários tentavam falar, eram cortados ou contados de maneira brusca.

Os índios foram ameaçados de serem transferidos para o Parque do Xingu, caso não aceitassem a demarcação imposta. A essa ameaça um Tapirapé reagiu nobremente respondendo que eles "não eram criação da FUNAI para ser levados de um lado para outro" e que "os Tapirapé iriam morrer ali mesmo".

As irmãzinhas foram interrogadas, com bastante ignorância, sobre o que fizeram durante mais de 20 anos de vida na aldeia. (Os índios Tapirapé, que sobrevivem graças às irmãzinhas, todos os moradores desta região e muitos antropólogos e missionários sabemos perfeitamente o que vêm fazendo as irmãzinhas durante esses generosos anos...)

Os representantes da FUNAI afirmaram categoricamente que a Missão só devia se preocupar do trabalho espiritual, sem se envolver com os problemas de terra.

O representante da TAPIRAGUAIA se permitiu definir quanta terra os Tapirapé precisariam para o futuro, como eles deveriam trabalhar a terra, e afirmou que a Ilha do

Manal (Parque do Araguaia) fora criado também para os Tapirapé e que lá havia mata suficiente para eles... As irmãzinhas lhe responderam que a terra de uma aldeia não é somente para o cultivo imediato, mas a base para manter os valores da cultura de um povo; que ele olhava para a produção, enquanto elas viam antes o homem.

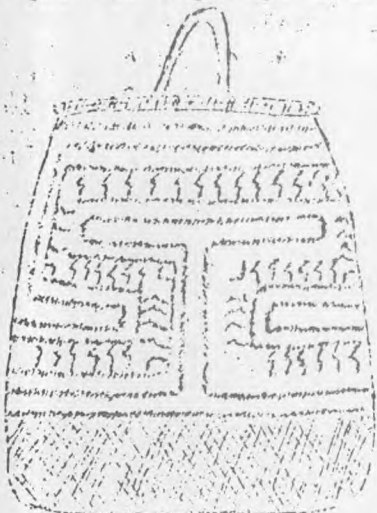
A Dra. Giselda disse textualmente: "Vocês escutem o que vou dizer: Em nome do Presidente da FUNAI, Dom Pedro está proibido de entrar aqui..." A uma resposta dos professores, dizendo que eram sustentados pelo Bispo da Prelazia no trabalho da aldeia, a Dra. Giselda comentou com um seu colega: "Quando o diabo não aparece, manda um secretário".

E os funcionários da FUNAI fizeram questão de lembrar que pesava sobre o bispo Pedro um processo de expulsão...

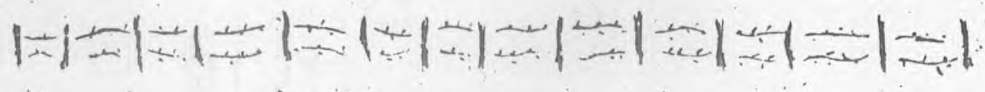
No dia 30, esses funcionários foram levados em carro e avião da TAPIRAGUAIA para a sede da fazenda PORTO VELHO, onde se encontrava a Diretoria desta fazenda, vinda de São Paulo.

O avião sobrevoou a divisa pretendida, e, quando o piloto quis mudar a rota, o Tapirapé que os acompanhava fez corrigir o rumo para sobrevoar a área realmente pretendida pelos índios. A Dra. Giselda quis saber então quem dissera a eles ser de les aquela área; se não havia sido a Missão... Ao que o Tapirapé respondeu que "também eles tinham cabeça e sabiam pensar e sabiam o que eles precisavam..."

Os índios Tapirapé, depois dessa desagradável visita, vêm comentando apreenhivos o que foi repetido diversas vezes por esses elementos da FUNAI - e reafirmado a possibilidade de a Missão ser afastada da aldeia.



QUE FOI DO INCRA?



O problema desta região é a terra. E este problema cresce dia a dia e os incidentes de terra ou as famílias sem terra se multiplicam. O INCRA porém paralizou-se na região. Sus pendeu os serviços e deixou de resolver os conflitos diários. Parou mesmo.

Por quê? Quem pressiona o INCRA? Que poderes estão interessados em abafar o pouco que ainda podia o INCRA fazer?

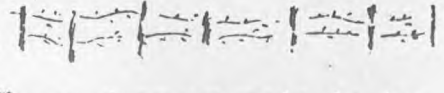
OS POSSEIROS DE LUCIARA ESTÃO ACABANDO



A todos os desfalques da Administração Pública e à falta de comunicações e de serviço, juntou-se, em Luciara, nestes últimos meses, a saída dos posseiros: iludidos ou tocados pelos Sres. Marinho, Bispo Vieira, Vittorio, o "Japonês", o "Jacob", etc. Este último inclusive, prendeu a bicicleta do Pe. Canuto, rasgou um relatório do caderno particular do padre e ameaçou de espancá-lo.

As tradicionais posses das redondezas de Luciara, celeiro da vida da cidade, estão sendo engolidas pelas novas fazendas. E sem possível amparo da Lei, sem intervenção do INCRA, os posseiros saem sem esperança nem rumo, e a cidade fica sem posses e sem vida.

AGRICULTORES DA CASCALHEIRA ESCREVEM AO PRESIDENTE GEISEL



Os posseiros da região da Cascalheira estão se desesperando de toda intervenção eficiente por parte das autoridades responsáveis. O INCRA tem se mostrado impotente para resolver o verdadeiro problema que os aflige. Muitos deles já saíram, tocados, mal indenizados, sem rumo. E agora os que ainda ficam, depois de tantos sofrimentos, ameaças e insolências de fazendeiros, corretores e polícia, dos Guash, do Otaviano, etc., decidiram mandar um abaixo-assinado ao Sr. Presidente da República.

Nesse documento dramático "aguardam providências que venham retirá-los da situação angustiante e oprimida que vêm sofrendo, já que a justiça local está surda aos seus apelos".

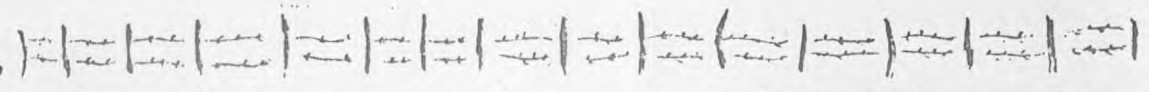
O abaixo-assinado é do dia 15 de setembro último.

OS POSSEIROS DA CANABRAVA,



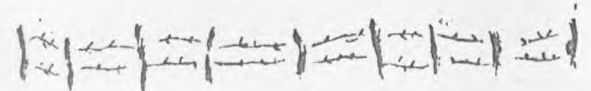
perto de Porto Alegre, nas bandas de Tapirapé, estão começando a sentir também a ameaça das fazendas. Concretamente, o Sr. Abdon, "gerente" da "São João da Liberdade", abriu uma picada que pretendia cortar várias posses. Os posseiros reagiram em tempo, reclamando dos seus direitos e demarcando a terra no seu limite certo. De todojeito, a nova ameaça está aí...

EM PONTINÓPOLIS,



a preocupação dos posseiros é com o Sr. Cardoso, agrimensor da Suia Missu, que ultimamente vem adquirindo posses de maneira confusa em "Três Pontes". O Sr. Cardoso proibiu posseiros da Impuca Grande usar estradas de acesso ao patrimônio, criou conflitos na olaria e ameaçou até de cadeia...

40 PEÕES DESPEJADOS NAS RUAS DE SANTA TEREZINHA



A Fazenda "SANTA CRUZ", de propriedade do Dr. Antônio José Matoso, residente em Goiânia, está situada perto de Santa Terezinha.

A Fazenda "SANTA CRUZ" tinha contratado 40 peões, alguns deles com

flia, para uma derrubada. Depois de dois meses de serviço destes, no dia 30 de agosto último, chegaram ao local 13 homens armados, acompanhados do Dr. Amaury, supervisor do Sr. Flávio Pinho, de quem diziam ser o proprietário daquela fazenda.

Os recém chegados retiraram os peões e os despejaram em Santa Terezinha, colocando fogo nos barracos, ferramentas e serviços.

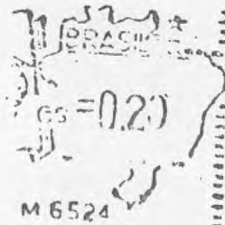
O gerente, Sr. José Teixeira, ordenou aos peões que ficassem em Santa Terezinha por conta da fazenda, aguardando o acerto. Entretanto, ele foi com o vereador Ruy Milhomem buscar a polícia em Luciara. Esta, chegando em Santa Terezinha, cometeu diferentes abusos, roubou, espancou. Um dos peões espancado, Miguel Pereira Oliveira, ficou por causa disso hospitalizado cinco dias.

Amontoados em barracões, ficaram os peões aguardando o Dr. Antônio que só dias depois, acompanhado de 8 policiais. Estes, mais 10 dos peões, foram à Fazenda onde houve troca de tiros com os jagunços.

O Dr. Antônio trouxe policiais, mas não trouxe nenhum dinheiro para o pagamento esperado; prometeu que voltaria, e até hoje...

No dia 26 de setembro, um dos trabalhadores, Miguel Colman, foi a Goiânia procurar o Dr. Antônio; e, depois de esperar oito dias por ele, recebeu como resposta que a ele, o dono não tinha satisfação a dar.

Miguel foi ao Ministério do Trabalho. Lá o encaminharam para a Contag, e Contag para a Federação de Cuiabá. Não conseguiu chegar à Federação, por falta de recursos. E, de esmola, voltou para Santa Terezinha, onde encontrou os companheiros na pior, pois as pensões já tinham cortado a comida visto que nenhum deles podia pagá-la.



CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO N.º 22/308-C/75



1. DATA : 19.03.75
2. ASSUNTO : SUBVERSÃO EM SANTA IZABEL DO MORRO/MT - BISPO PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÁ.
3. ORIGEM : CISA - ESC RCD
4. REFERÊNCIA : X X X X
5. ÁREA : CENTRO-OESTE
6. DIFUSÃO ANTERIOR : X X X X
7. DIFUSÃO : EXMO. SR. MINISTRO DO INTERIOR
8. ANEXO : Documentação com quarenta (40) folhas.

1. - ANTECEDENTES

Os atos praticados pelo Padre FRANÇOIS JACQUES JENTEL, e pelo Bispo de São Felix, PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÁ, subvertendo posseiros e índios Tapirapés, que culminaram por produzir choques armados entre posseiros e funcionários da firma CODEARA, no Vale do Araguaia, tiveram pronta resposta do Governo Federal.

A fim de neutralizar essas ações e apurar sua profundidade, as autoridades responsáveis pela Segurança Interna do Mato Grosso expediram a "Ordem de Operações Luciara" em 31 de março de 1973, cuja missão foi "restabelecer a ordem interna nas regiões de LUCIARA, SANTA TEREZINHA e SÃO FELIX, realizando as ações de Segurança Interna que se fizessem necessárias".

Nesta região, situa-se a missão dos índios Tapirapés, onde vivem os religiosos da Ordem de São José, os quais, passaram a colaborar com a Prelazia de São Felix, sofrendo a influência do Bispo PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÁ, enviado para servir na região em 30 de julho de 1968.

A FAB participou, ativamente, da "Operação Luciara" junto com a PMMT, não só utilizando aviões "Búfalos" para transporte de tropas e de presos, como, também, colaborou nas ações de terra.

Se este motivo não bastasse para acirrar o ódio do Bispo contra a FAB, / outros, mais fortes, viriam surgir, logo após, em complemento à "Operação Luciara". Os Comandantes Militares da área do Mato Grosso, em trabalho conjunto com o Governo do Estado, utilizando-se dos Búfalos da FAB, iniciaram, regularmente,

CONFIDENCIAL

DSI/MINTER Continuação da Informação nº 22/308-C/75 de 19 março de 1975



visando esmagar a ação demagógica do Bispo no Vale do Araguaia, as "Ações Civílicas Sociais" - ACISO - nas áreas de São Felix, Luciara e Santa Terezinha.

Médicos, Enfermeiros e Dentistas das três armas, transportados por aviões da FAB e providos de remédios da CEME, passaram a atender aquelas populações, quinzenalmente.

Além disso, graças aos Búfalos, aceleraram-se os correios, transportaram-se merenda escolar e livros didáticos, e, os Governos Estaduais e Federais apoiados por esta "Linha de Integração Nacional" puderam estar presentes nos locais outrora subvertidos pelo Bispo e pelos seus auxiliares Pe. LEO (LEOPOLDO BELMONTE FERNANDEZ) e Pe. CANUTO (ANTONIO CANUTO) e outros.

A presença do Governo Federal na área, o desbaratamento do esquema subversivo do Bispo, as importantes missões do "Hospital Tático da FAB" atendendo a milhares de pessoas nas áreas de Luciara e Santa Terezinha em 1973, a ação regular quinzenal atual, que mantém os postos da CEME em funcionamento com atendimento médico e distribuição gratuita de remédios, recrudescem o ódio do Bispo contra a FAB.

Utiliza-se, para isto, do panfleto subversivo o "ALVORADA", da Prelazia de São Felix, que não respeitando nem os mortos, aproveitou-se do acidente ocorrido em Ponta Porã, para atacar as Forças Armadas e criticar as "ACISO", deixando transparecer, inclusive, que o Cel Macedo, falecido Comandante da BACG, idealizador de tais missões, era torturador. (anexo 1)

As atividades subversivas e comunistas do Bispo, admirador do marxista ERNESTO CARDENAL e inteiramente contrárias à FUNAI e à política indigenista do Governo Revolucionário, ficam bem claras na obra intitulada "Tierra Nuestra Libertad" (anexo 2) e no Documento de Urgência de Bispos Missionários "O ÍNDIO: aquele que deve morrer" (anexo 4) e nas várias edições do "ALVORADA". (anexo 1)

2. - SITUAÇÃO ATUAL

Não satisfeito com estes ataques, o Bispo de São Felix prepara novas atividades subversivas, procurando, desta vez, inteligentemente, jogar a FAB contra os índios Carajás de Santa Izabel do Morro, isto é, contra a FUNAI.

Pelo Relatório Especial de Informações do VI COMAR (anexo 3), verifica-se que a irmã MERCEDES SETEM, ligada ao Bispo CASALDÁLIGA, ocupa-se em subverter os índios de Santa Izabel do Morro, procurando, claramente, o choque de índios com militares da FAB ali destacados, apesar de ser funcionária da própria FUNAI.

O relatório cita alguns incidentes que poderiam ter consequências mais

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

DSI/MINTER Continuação da Informação nº 22/308-C/75 de 19 março de 1975



graves. Nota-se, pela leitura do documento, a ação inteligente do Bispo, que utiliza-se da Freira para atingir seus objetivos.

Por certo, um incidente mais sério, além de abalar o relacionamento / FAB-FUNAI, renderá ao Bispo, vasta propaganda adversa no exterior.

É sugerido, então, que o Ministério do Interior (FUNAI) e a FAB (VI CO MAR), em trabalho conjunto, tomem providências imediatas que interrompam a ação perniciosa do Bispo e da Irmã MERCEDES, antes que ambos (MINTER e FUNAI) se desgastem inutilmente fazendo justamente o jogo desejado pelo alienígena e comunista D. PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÁ e seus auxiliares.

Entre as providências a serem tomadas, a mais importante, sem dúvida, é o afastamento da Irmã MERCEDES da região, a fim de que volte o antigo clima de tranquilidade existente na Ilha do Bananal.

Por outro lado, torna-se evidente que a permanência no país de D. PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÁ, de nacionalidade espanhola, é, de há muito, indesejável e perniciosa à Segurança Nacional.

Com relação ao assunto, a ASI/FUNAI vem prestando colaboração ao CIE, tendo, inclusive, com a aprovação do Presidente daquele Órgão, designado, reservadamente, o servidor CARLOS ALBERTO MILHOMEM, do Departamento Geral do Patrimônio Indígena -DGPI, para acompanhar os agentes do CIE e SNI em uma viagem àquela área, nos dias 18, 19, 20 e 21 do corrente. A viagem teria como finalidade aparente a visita de técnicos do Planejamento, que verificariam as condições dos Projetos de Bovinocultura da FUNAI, objetivando abertura de crédito para seu desenvolvimento.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTE DOCUMENTO. (Art. 62 - Dec. N.º 60.417/67 Regulamento para Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

CONFIDENCIAL

Nº: 031/GAB/P

De: Sr. Presidente da FUNAI

Em: 30.06.75

DGO-FUNAI
Loc. Sigiloso
N.º 335
PROTOCOLO

Para: Sr. Diretor do DGO

Assunto: Proibição de ingresso em área indígena.-

Face a informações chegadas ao conhecimento desta Presidência, determino as providências desse Departamento no sentido de ser proibido o ingresso de D.PEDRO MARIA CASALDÁLIGA PLÃ, Bispo de São Felix, em qualquer área da FUNAI, em especial no Parque Indígena do Araguaia - PQARA.

Atenciosamente,

Ismarth de Araújo Oliveira

Presidente da FUNAI

PSS.553, p. 157/286

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

ENC. ÀS 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª DRs, PQXIN,
PQARI, AJSP e AJBAURU.

RESERVADO

44

/DGO

L 7 75

CIRC - POR DETERMINAÇÃO /|/|

PRESIDENCIAL FICA PROIBIDA ENTRADA AREAS INDIGENAS BISPO

SFELIX DO ARAGUAIA D PEDRO MARIA PLAH PT DIR DGO /|/|

JJM/bam.

ORIGINAL ASSINADO PELO DIRETOR

Para S.R.A.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
Gabinete do Presidente



Ao Sr. chefe da ASI, pa-
ra arquivo dessa Assessoria
o expediente recebido do
Sr. chefe do GAB/MINTER,
juntamente com cópia do
ofício resposta.

Alc
José ...
CHEFE DO GABINETE

01. VII. 75

Cumpra-se.
Jul. 2/7/75.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
Gabinete do Presidente

OF. Nº 283/GAB

Brasília, 1º de julho de 1975

Senhor Chefe do Gabinete,

Incumbiu-me o Senhor Presidente desta Fundação de acusar o recebimento do expediente Tramitação Preferencial - Confidencial, de 25.06.75, que encaminha cópia da Informação nº 22/308-C/75-DSI.

Outrossim, informo, que a irmã Mercedes Setem já foi dispensada desta Entidade desde abril último, conforme pode ser verificado pela cópia da Portaria nº 232/P, anexa.

Nesta oportunidade, reitero a V. Sa. protestos de consideração e apreço.

JOSE DA AGUIAR
Chefe do Gabinete

Ilmo. Sr.
Dr. ORLANDO DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE
M.º. Chefe do Gabinete/MINTER

Nesta

O ESTADO DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1975

Cardeal Arns leva ao papa o caso do bispo

CIDADE DO VATICANO — O cardeal Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, foi recebido ontem pelo papa Paulo VI, em audiência privada, presumivelmente para discutir o caso de dom Pedro Casaldaliga, bispo de São Félix do Araguaia, no Estado de Mato Grosso, o qual — ao que se informa — está ameaçado de ser expulso do território brasileiro.

O Vaticano não divulgou nenhuma informação sobre o as-

sunto discutido entre o cardeal e o papa, mas algumas fontes eclesásticas recordaram que, no início da semana, dignitários da Igreja no Brasil disseram que o cardeal Arns seria portador de uma carta ao papa defendendo a atuação de dom Pedro em sua diocese. As mesmas fontes indicaram que o bispo de São Félix do Araguaia estaria sendo ameaçado de expulsão por contrariar os interesses das grandes empresas de terras que atuam na Amazônia.

Antes de avistar-se com Paulo VI, o cardeal Arns manteve diversos contatos com personalidades da Secretaria de Estado do Vaticano, às quais apresentou longo relatório verbal sobre o caso do bispo. No entender de algumas fontes eclesásticas, o assunto está sendo conduzido com muita cautela porque, dependendo da solução que for dada ao caso, poderá deteriorar as relações entre a Igreja e o governo brasileiro.

BRAM, BSB AA3. PSS. 553, p. 161/286

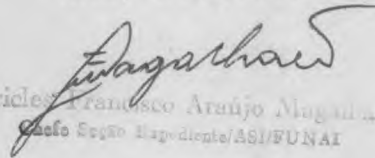
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
Gabinete do Presidente

Sr. Mello,

Já existe vasta documentação sobre o assunto, e, inclusive, foi encaminhado, através da Infão 266-L/75, à DSI/MINTER, o documento em questão.

Sugiro o arquivamento.

BSB, 21.01.76


Péricles Francisco Araújo Magalhães
Chefe do Setor Expediente/ASI/FUNAI

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Memo. Nº 08/PJ-76

Brasília - DF

Em, 20.01.76.

Do: Procurador Geral

Ao: Senhor Chefe da ASI/FUNAI



Senhor Chefe:

Cumprimentando-o, encaminho a anexa folha da Prelazia de São Felix, Estado de Mato Grosso e que me foi entregue pelo José Augusto Leite de Medeiros, proprietário na região.

Atenciosamente,

Cícilio de Barros Barreto
Procurador Geral da
FUNAI

*Para o Sr. Juvencio
21/1/76.*

ALVORADA

Folha da Prelazia de São Félix — MT

outubro de 1975



COMO FICOU O PROCESSO DE EXPULSÃO CONTRA O NOSSO BISPO?

Sabemos, de fonte certa, que o processo existe.

Entretanto, "autoridades do Governo" Federal desmentiram perante à Presidência da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) a existência de qualquer ameaça de expulsão do Brasil contra o bispo Pedro.

Será que o processo foi barrado? Será apenas uma espera?

Sabemos agora também, com maior clareza, que essa perseguição toda provém das grandes Companhias Agropecuárias, nacionais e multinacionais, acobertadas por certas autoridades civis e militares que lhes facilitam o jogo.

Nem nos assombra esse jogo sujo, nem nos surpreende essa confusão. Os interesses e o poder se aliam sempre contra o Povo e contra o Evangelho.

Em todo caso, o nosso bispo está aqui, no meio de nós, e a Igreja de São Félix, nossa Prelazia, continua a sua caminhada na liberdade dos filhos de Deus.

IGREJAS IRMÃS E MUITOS AMIGOS NOS ACOMPANHAM

A "ALVORADA" de 20 de setembro último, que trazia por título "Querem expulsar do país nosso bispo Pedro", espalhou-se por toda a região. E os diferentes povoados e comunidades da Prelazia se uniram com renovada Fé e com maior entrosamento, sobretudo no dia 28 de setembro que foi escolhido como o dia de oração da Prelazia.

Dentro do país e no exterior muitos irmãos fizeram questão de mostrar sua solidariedade com nosso bispo Pedro e com nossa Prelazia de São Félix. Por documentos públicos, com celebrações, em encontros, por cartas.

A imprensa internacional deu uma boa cobertura; e a imprensa nacional comunicou a notícia dentro das limitações da censura.

A essas dioceses irmãs, a esses grupos de amigos, a esses jornalistas que remos manifestar nossa gratidão. Como dá força sentirmo-nos acompanhados pelos que têm a mesma Esperança e lutam pela mesma Causa!

FOFOCAS, AMEAÇAS E MEDO

Certos elementos da região (em São Félix, em Barra do Garças e em Cuiabá) dedicam-se a espalhar fofocas e ameaças para intimidar o povo, para afastá-lo da Igreja, para esmorecer a quantos defendem os seus direitos de terra, de escola, de saúde, de melhora de vida.

As fofocas são desse tipo:

"Que estão para chegar vários Búfalos e carregarão todos os amigos dos padres..."

"Que desta vez a repressão vai ser pior do que foi em 73..."

"Que vão fechar a igreja e prender todos os que estiverem dentro, porque todos os amigos dos padres são comunistas..."

"Que quem vai apanhar, no fim, são os bobos amigos dos padres..."

E outras muitas conversas desta qualidade, para criar confusão.

O inimigo de Deus gostou sempre do truvo.

Pena seria que o Povo de Deus, que é um Povo de filhos da Luz, entrasse nessa jogada e se deixasse amarrar pelo medo.

É bom que a Igreja de Jesus, aqui, como em todo lugar e em todo tempo, vá se acostumando ao banheiro da perseguição. O Senhor a sofreu e nos preveniu dela,

muitas vezes, no Evangelho.

A Igreja não depende dos poderes deste mundo. Ela se afirma com os poderes de Deus.

Referente ao nosso bispo, não esqueçamos o que já foi escrito nesse comunicado do dia 20 de setembro:

"Dom Pedro continua sendo o nosso bispo e prossegue o seu ministério no meio de nós. Em qualquer circunstância ele continuará sendo o nosso bispo.

Mesmo se um dia fosse expulso, Dom Pedro Casaldáliga, dentro ou fora do país continuaria sendo o único bispo legítimo desta Prelazia de São Félix".

A VIDA DA NOSSA IGREJA CONTINUA

E continua mais firme e mais sincera do que nunca, pois é nas provações que se depura a nossa Fé.

Continuam nossas missas, celebrações e rezas.

Continuam nossas reuniões, aulas, clubes e atendimento à saúde.

Continuam nossas roças, agora com as novas chuvas, e continuam nossos serviços todos; continua a luta e a Esperança, em casa, na rua e no sertão.

"No mundo vocês terão aflições -disse Jesus-. Não tenham medo. Eu venci o mundo" (João, 16,33).

Dia 1, FESTA DE TODOS OS SANTOS

Dia 2, MEMÓRIA DOS FINADOS

Como o apóstolo Paulo, todos nós carregamos a certeza de que a morte é lei para todos. Todos nós sabemos bem que não temos aqui morada permanente. Todos passaremos pela morte, como nossos finados passaram.

Todos nós porém, os que acreditamos em Cristo e procuramos segui-lo, sabemos que da morte passaremos para a Ressurreição e a Vida. Como já os nossos santos passaram.

O Dia de Finados mais do que dia de acender velas é dia de acender nossa Esperança.

Os nossos mortos estão vivos. O nosso Deus -lembra o próprio Jesus- é um Deus de vivos e não de mortos.

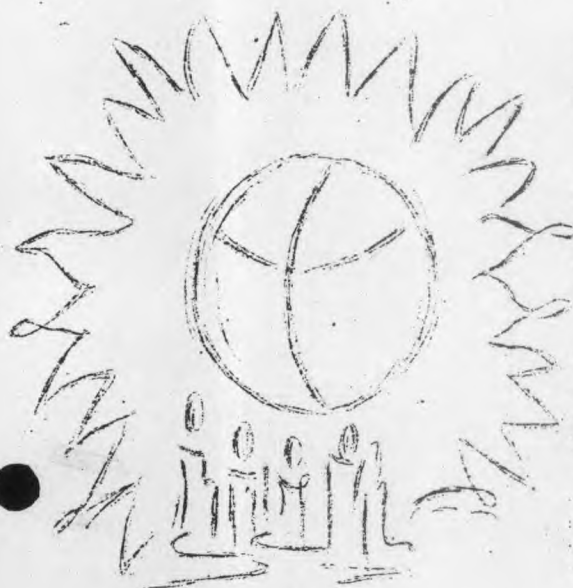
ASSEMBLÉIA DO REGIONAL CENTRO-OESTE - TEMA CENTRAL: A FAMÍLIA

O Regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a que pertence nossa Prelazia, vai se reunir, em Goiânia, nos dias 12,13,14 e 15 de novembro. É o encontro anual das diferentes dioceses e prelazias da região, do qual participam os bispos e representantes dos padres, religiosos e leigos dessas Igrejas.

Nesse encontro se faz revisão do trabalho e dos problemas da Igreja na região, e se programa a caminhada.

O tema central deste ano será a Família, em seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos.

Preparando esse estudo, todas as nossas comunidades fizeram sua pesquisa; e é com base nela que sabemos como está a família entre nós e o que se precisa para melhorá-la.



ALVORADA

Folha da Prelazia de São Félix — MT

- 3 -

UMA VISITA AMEAÇADORA NA ALDEIA TAPIRAPÉ

No dia 29 de setembro chegaram à aldeia Tapirapé a Dra. Giselda, geóloga, o Dr. Alceu, do DGPC, e o Sr. Quirino, agrimensor, todos da FUNAI, acompanhados do Dr. Eduardo, um dos Diretores da Companhia TAPIRAGUAIA, e do chefe do Posto Indígena, Sr. Juraci Andrade.

Essa visita foi notoriamente desrespeitosa e agressiva. Para os índios, para as Irmãzinhas e para o casal de professores da aldeia. Uma visita de tipo policial, para impor a arbitrariedade e criar confusão e medo.

Os visitantes caluniaram a proposta de demarcação da Reserva Tapirapé, apresentada à FUNAI pela Assessoria para Terras Indígenas do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Quando os índios ou os missionários tentavam falar, eram cortados ou contados de maneira brusca.

Os índios foram ameaçados de serem transferidos para o Parque do Xingu, caso não aceitassem a demarcação imposta. A essa ameaça um Tapirapé reagiu nobremente, respondendo que eles "não eram criação da FUNAI para ser levados de um lado para outro" e que "os Tapirapé iam morrer ali mesmo".

As irmãzinhas foram interrogadas, com bastante ignorância, sobre o que fizeram durante mais de 20 anos de vida na aldeia. (Os índios Tapirapé, que sobrevivem graças às irmãzinhas, todos os moradores desta região e muitos antropólogos e missionários sabemos perfeitamente o que vêm fazendo as irmãzinhas durante esses generosos anos...)

Os representantes da FUNAI afirmaram categoricamente que a Missão só devia se preocupar do trabalho espiritual, sem se envolver com os problemas de terra.

O representante da TAPIRAGUAIA se permitiu definir quanta terra os Tapirapé precisariam para o futuro, como eles deveriam trabalhar a terra, e afirmou que a Ilha do

Bananal (Parque do Araguaia) fora criado também para os Tapirapé e que lá havia mata suficiente para eles... As irmãzinhas lhe responderam que a terra de uma aldeia não é somente para o cultivo imediato, mas a base para manter os valores da cultura de um povo; que ele olhava para a produção, enquanto elas viam antes o homem.

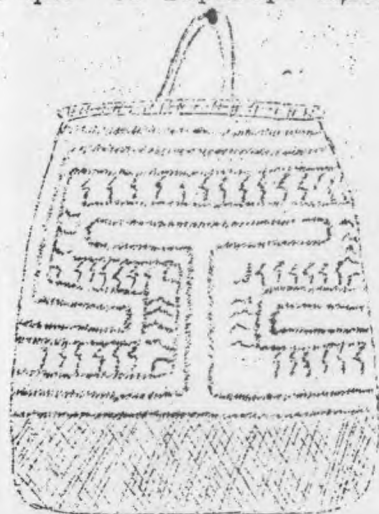
A Dra. Giselda disse textualmente: "Vocês escutem o que vou dizer: Em nome do Presidente da FUNAI, Dom Pedro está proibido de entrar aqui..." A uma resposta dos professores, dizendo que eram sustentados pelo Bispo da Prelazia no trabalho da aldeia, a Dra. Giselda comentou com um seu colega: "Quando o diabo não aparece, manda um secretário".

E os funcionários da FUNAI fizeram questão de lembrar que pesava sobre o bispo Pedro um processo de expulsão...

No dia 30, esses funcionários foram levados em carro e avião da TAPIRAGUAIA para a sede da fazenda PORTO VELHO, onde se encontrava a Diretoria desta fazenda, vinda de São Paulo.

O avião sobrevoou a divisa pretendida, e quando o piloto quis mudar a rota, o Tapirapé que os acompanhava fez corrigir o rumo para sobrevoar a área realmente pretendida pelos índios. A Dra. Giselda quis saber então quem dissera a eles ser de les aquela área; se não havia sido a Missão... Ao que o Tapirapé respondeu que "também eles tinham cabeça e sabiam pensar e sabiam o que eles precisavam..."

Os índios Tapirapé, depois dessa desagradável visita, vêm comentando apreenhivos o que foi repetido diversas vezes por esses elementos da FUNAI - e reafirmado pelo Chefe de Posto - sobre a possibilidade de a Missão ser afastada da aldeia.



Comemorando esta passagem da FUNAI, o Chefe de Posto, Sr. Juraci, organizou uma festa para os índios Tapirapé e Carajá, na aldeia vizinha dos Carajá, no dia 1 de outubro. Dela participaram o gerente da TAPIRAGUAIA e um pastor americano da Igreja "Novas Tribos", residente em Santa Terezinha.

E contrariando o ESTATUTO DO ÍNDIO, art. 58, a FUNAI autorizou o pouso e decolagem de aviões de turistas, no aeroporto da aldeia construído há anos pelos próprios Tapirapé.

Dom Pedro, bispo da Prelazia e por isso da Missão Tapirapé, e Dom Tomás Balduino, Presidente do CIMI, visitaram a aldeia, para se informar oficialmente de todo o acontecido. E por esses dias o Presidente do Conselho Indigenista Missionário, que é um órgão ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, terá apresentado à Presidência da FUNAI as reclamações pertinentes sobre esse incidente gravíssimo.

No dia 14 de outubro, o Chefe do Posto, Sr. Juraci, comunicou de parte de Brasília a proibição de qualquer padre entrar na aldeia Tapirapé. Intimou a sair de lá ao Padre Canuto e a um leigo da Equipe Pastoral da Prelazia. E em tom de desafio acrescentou: Duvido que o bispo Pedro apareça estando eu aqui...

Suf. de E. Larofia feriado que se fazia para os pedreiros.

PORTO ALEGRE
e
SANTO ANTÔNIO

INAUGURAM SUA IGREJA

Porto Alegre, à beira do Tapirapé; e Santo Antônio, no Rio das Mortes.

Os dois patrimônios acabam de construir a casa onde o povo se reúne para a oração, para escutar a Palavra de Deus e para celebrar a Eucaristia.

PORTO ALEGRE já inaugurou sua igreja no dia 24 de setembro, por ocasião das festas de Nossa Senhora da Libertação. Homens, mulheres e crianças ajudaram a construí-la. E todos juntos, na alegria e na fé, se reuniram nela para a Novena e para os Batizados; com o bispo Pedro, e os Padres Leo, Manuel e Canuto,

e com o Pe. Fernando Sebastián, da Espanha, que nos visitava.

SANTO ANTÔNIO vai inaugurar sua igreja no próximo dia 26 deste mês de outubro. Também com a presença do bispo Pedro.

MAIS DUAS IGREJAS na Prelazia devem significar MAIS DUAS COMUNIDADES DO POVO DE DEUS que cresce consciente na sua Fé, firme na sua Esperança, unido no amor dos irmãos.

ESSAS DUAS IGREJAS DEVEM SIGNIFICAR TAMBÉM A FORTALEZA DO POVO UNIDO, em Porto Alegre e em Santo Antônio, na defesa dos seus direitos de gente e filhos de Deus.



O PROBLEMA É TERRA, O PROBLEMA É TERRA, O PROBLEMA É TERRA, O PROBLEMA É TERRA, O terra - terra - terra - terra - terra - terra - terra - terra - terra - terra - te

O problema desta região é mesmo a terra. E este é o problema do Brasil.

Nunca devemos esquecer que 10 milhões de famílias brasileiras ligadas à Agricultura estão sem terra ou sem terra suficiente para sobreviver.

3,4 por cento dos donos da terra possuem o 62 por cento da terra.

51 por cento dos que cultivam a terra possuem apenas 3,4 por cento da terra.

A Agricultura do Brasil ocupa 13 milhões de pessoas. A Indústria ocupa só 5 milhões. Entretanto o número de lavradores protegidos pelas Leis Trabalhistas é menor do que o número de operários, bem ou mal amparados, por essas Leis.

ALVORADA

Folha da Prelazia de São Félix — MT

- 5 -

QUE FOI DO INCRA?

O problema desta região é a terra. E este problema cresce dia a dia e os incidentes de terra ou as famílias sem terra se multiplicam. O INCRA porém paralizou-se na região. Sus pendeu os serviços e deixou de resolver os conflitos diários. Parou mesmo.

Por quê? Quem pressiona o INCRA? Que poderes estão interessados em abafar o pouco que ainda podia o INCRA fazer?

OS POSSEIROS DE LUCIARA ESTÃO ACABANDO

A todos os desfalques da Administração Pública e à falta de comunicações e de serviço, juntou-se, em Luciara, nestes últimos meses, a saída dos posseiros: iludidos ou tocados pelos Sres. Marinho, Bispo Vieira, Vittorio, o "Japonês", o "Jacob", etc. Este último inclusive, prendeu a bicicleta do Pe. Canuto, rasgou um relatório do caderno particular do padre e ameaçou de espancá-lo.

As tradicionais posses das redondezas de Luciara, celeiro da vida da cidade, estão sendo engolidas pelas novas fazendas. E sem possível amparo da Lei, sem intervenção do INCRA, os posseiros saem sem esperança nem rumo, e a cidade fica sem posses e sem vida.

AGRICULTORES DA CASCALHEIRA ESCREVEM AO PRESIDENTE GEISEL

Os posseiros da região da Cascalheira estão se desesperando de toda intervenção eficiente por parte das autoridades responsáveis. O INCRA tem se mostrado impotente para resolver o verdadeiro problema que os aflige. Muitos deles já saíram, tocados, mal indenizados, sem rumo. E agora os que ainda ficam, depois de tantos sofrimentos, ameaças e insolências de fazendeiros, corretores e polícia, dos Gush, do Otaviano, etc., decidiram mandar um abaixo-assinado ao Sr. Presidente da República.

Nesse documento dramático "aguardam providências que venham retirá-los da situação angustiante e oprimida que vêm sofrendo, já que a justiça local está surda aos seus apelos".

O abaixo-assinado é do dia 15 de setembro último.

OS POSSEIROS DA CANABRAVA,

perto de Porto Alegre, nas bandas do Tapirapé, estão começando a sentir também a ameaça das fazendas. Concretamente, o Sr. Abdon, "gerente" da "São João da Liberdade", abriu uma picada que pretendia cortar várias posses. Os posseiros reagiram em tempo, reclamando dos seus direitos e demarcando a terra no seu limite certo. De todojeito, a nova ameaça está aí...

EM PONTINÓPOLIS,

a preocupação dos posseiros é com o Sr. Cardoso, agrimensor da Suia Missu, que ultimamente vem adquirindo posses de maneira confusa em "Três Pontes". O Sr. Cardoso proibiu posseiros da Impuca Grande usar estradas de acesso ao patrimônio, criou conflitos na olaria e ameaçou até de cadeia...

40 PEÕES DESPEJADOS NAS RUAS DE SANTA TEREZINHA

A Fazenda "SANTA CRUZ", de propriedade do Dr. Antônio José Matoso, residente em Goiânia, está situada perto de Santa Terezinha.

A Fazenda "SANTA CRUZ" tinha contratado 40 peões, alguns deles com

família, para uma derrubada. Depois de dois meses de serviço destes, no dia 30 de agosto último, chegaram ao local 13 homens armados, acompanhados do Dr. Amaury, supervisor do Sr. Flávio Pinho, de quem diziam ser o proprietário daquela fazenda.

Os recém chegados retiraram os peões e os despejaram em Santa Terezinha, colocando fogo nos barracos, ferramentas e serviços.

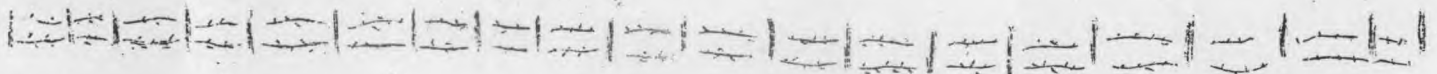
O gerente, Sr. José Teixeira, ordenou aos peões que ficassem em Santa Terezinha por conta da fazenda, aguardando o acerto. Entretanto, ele foi com o vereador Ruy Milhomem buscar a polícia em Luciara. Esta, chegando em Santa Terezinha, cometeu diferentes abusos, roubou, espancou. Um dos peões espancado, Miguel Pereira de Oliveira, ficou por causa disso hospitalizado cinco dias.

Amontoados em barracões, ficaram os peões aguardando o Dr. Antônio que só 18 dias depois, acompanhado de 8 policiais. Estes, mais 10 dos peões, foram à Fazenda onde houve troca de tiros com os jagunços.

O Dr. Antônio trouxe policiais, mas não trouxe nenhum dinheiro para o pagamento esperado; prometeu que voltaria, e até hoje...

No dia 26 de setembro, um dos trabalhadores, Miguel Colman, foi a Goiânia procurar o Dr. Antônio; e, depois de esperar oito dias por ele, recebeu como resposta que a ele, o dono não tinha satisfação a dar.

Miguel foi ao Ministério do Trabalho. Lá • encaminharam para a Contag, e da Contag para a Federação de Cuiabá. Não conseguiu chegar à Federação, por falta de recursos. E, de esmola, voltou para Santa Terezinha, onde encontrou os companheiros numa pior, pois as pensões já tinham cortado a comida visto que nenhum deles podia pagá-la.



GRAVES DENÚNCIAS SOBRE A FAZENDA "AGROPASA"

O Jornal "A Comarca de Penápolis", de São Paulo, publicou em 8 de setembro de 1974, uma denúncia dirigida às supremas Autoridades do País, sobre a realidade da Agropecuária "AGROPASA" ou Fazenda PATIZAL.

Nela, o ex-funcionário, escriturário, Vanderlei Amadeu Galoni, declara abertamente e com abundância de dados e provas jurídicas, a situação de farsa e as injustiças e ilegalidades no tratamento de peões e empregados, no número e fiscalização do gado, etc.

A "AGROPASA" apresentava, segundo consta agora claro nesta denúncia, a área da AZULONA de tantas pressões e amarguras para os posseiros, como sendo uma tal "Fazenda Caiá", livre de posseiros. Quantas vezes o "presidente da Empresa", Sr. Odilo Garcia Oliveira, acompanhou ao Sr. Meloni nas suas idas e ameaças.

As últimas notícias que correm por São Félix são ainda mais pesadas sobre o nome e atuação do Sr. Odilo.

Lembramos a nosso povo e a todos os nossos leitores que foi essa Fazenda "AGROPASA" que se ofereceu como sede da repressão, já na primeira vinda-ACISO dos militares que perseguiram guerrilhas nas reuniões e nos amigos "dos Padres". E foi nessa fazenda onde Padres e Leigos da Prelazia estiveram presos e foram torturados, em junho do ano passado, por elementos da Aeronáutica e outras Forças Armadas, sob o olhar sarcástico desse gerente tão servidor da Pátria nestes regiões de Integração Nacional...

Deus, às vezes, castiga Sodoma! Há aqui na terra. Dois dos militares que caíram recentemente no desastre do "BUTALO", desses "Batalhões" benéficos que por aqui conhecemos, foram torturadores identificados em Goiânia...

PORTO ALEGRE: A PONTE E A ESTRADA

A estrada da "INTEGRAÇÃO PECUÁRIA" beira Porto Alegre, no Tapirapó, com ilusões de benefícios para o Patrimônio e com realidades tristes de quem chega dominado e explorando.

A Estrada ainda não chegou. Mas já o explorador da ponte sobre o Rio Tapirapó, o Sr. Roberto de Tal, de Luciana, trouxe no patrimônio com seus peões, querendo expulsar moradores de suas residências, com a desculpa de que as casas pertenciam à Fazenda Frenova/Piraguassu.

Encontrando resistência no povo, invadir covardemente a casa do Sr. Daca, que estava ausente...

Poucos dias antes, num encontro e celebração do povo de Porto Alegre se comentava oportunamente: Estrada é porta aberta. Por ela podem entrar os amigos; por ela podem entrar os cachorros. Pela Estrada vem o Progresso; pela Estrada vem a Exploração...

Pe. Leo É NOTÍCIA NESTA "ALVORADA"

O nosso Pe. Leo, que trabalha pela Prelazia, em Colônia, naquele rincão conhecido de Vila Operária, soba do ser eleito representante de todos os Padres do Regional Centro Oeste...

Damos os parabéns ao Pe. Leo?

FUNRURAL

Há quase três meses que os moradores da região de São Félix vêm se beneficiando do tratamento gratuito de Saúde, no "Hospital São Thomé", em Convênio com o FUNRURAL.

Louvamos repetidamente a iniciativa do FUNRURAL, que aliás é um dever do Estado. Louvamos o atendimento dos médicos, Dr. Homero, antes, e agora, Dr. Diógenes.

Entretanto lamentamos que um funcionário da CARMAT, novo na cidade, sem conhecer nem o nome, nem a cultura, nem o sofrimento do povo da região, se permitia complicar burocraticamente as coisas e atenda com tão pouca consideração a quem, além de pobre, está doente...

CASCALHEIRA, IGREJA NOVA

A comunidade da Cascalheira, tão constante o fiel ao reboar da palavra, agora está construindo a igreja para se encontrar mais a Deus e para melhor participar das suas Eucaristias...

LEOPOLDO BELMONTE FERNANDES



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BR AN 8513 AAB. PSS.553, p170-171/286

Dados do documento especial

Característica:

JORNAL

Conteúdo:

Localização:

P. CATAL

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

JORNAL FORMATO

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BR AN 3513 AAB. PSS.553, p170-171/286

Dados do documento especial

Característica:

JORNAL

Conteúdo:

Localização:

P. CATAN

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

JORNAL FORMATO



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

Inf. nº038/DPE

Em, 15.09.76

Sr. Diretor

Para conhecimento deste Departamento e posterior anotação na /
ASI e Presidência, encaminho o jornal da Prelazia de São Felix/MT, on
de o Sr. Bispo da mesma Prelazia, Pedro Casaldágría, relata sua esta-
da na localidade de São João do Javaé - PORTO PIAUI - área do Parque/
Indígena do Araguaia.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
D.C.P.I. 15.09.76
D.C.P.I.

Carlos Alberto Millhomem de Sousa
Chefe da D.P.E.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Airton Soares diz que é iminente a expulsão do bispo Pedro Casaldaliga

Brasília — O Deputado Airton Soares, MDB-SP, reclamou ontem da tribuna uma definição do Governo sobre a expulsão, segundo ele iminente, do Bispo espanhol D Pedro Casaldaliga, que já esteve em prisão domiciliar em julho de 1973, com a residência de São Félix cercada por forças militares.

Relembrou que o único caso de Bispo punido pelas autoridades brasileiras foi o de D Vital, no século passado, e observou que agora se teme que a eventual expulsão de D Pedro reabra uma perseguição oficial à Igreja no Brasil, "criando-se um precedente de consequências imprevisíveis".

Como estrangeiro

O parlamentar paulista referiu-se a um "membro da hierarquia eclesiástica" segundo o qual se se reabrir efetivamente o processo de expulsão em que Dom Pedro é réu, ele poderá ser expulso como estrangeiro e não como bispo.

— Outro membro da hierarquia — comentou ainda o parlamentar — diz que este processo não é novo, mas seria uma retomada, com nova e grande força, da tentativa de expulsão feita em meados de 1973 por ocasião da condenação de Jantel a 10 anos de prisão e das prisões de leigos da prelaquia e inquérito policial militar na auditoria de Campo Grande.

Acrescentou que "a luta dessa prelaquia na defesa dos interesses do povo brasileiro, na defesa do índio brasileiro, encontra resistência hoje nas pressões que altos escalões do Governo fazem sobre o poder representado pela Igreja Católica".

JORNAL DO BRASIL, DE 20-9-75

Luís 216-4/25, de 23/9/75
Aug. pub. 24/9/75.



PRESIDÊNCIA

OF. CNA. Nº 3973

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA

Ass. 553, p. 174/286



Brasília, 19 de Novembro de 1976.

À ASI

Em, 22.04.77

Ismarth de Araújo Oliveira
Presidente da FUNAI

Senhor Presidente Ernesto Geisel.

A Confederação Nacional da Agricultura, cõns_{ci}a de sua dupla e honrosa condição de órgão consultivo do Govern_o e de representante máx_{im}a dos empresários rurais do País, vem, mais uma vez, à presença de Vossa Excelência para denunciar fatos gravíssimos que se desenrolam em várias Regiões brasileiras, notadamente no Centro-Oeste e no Norte, nas quais agentes subver_sivos, sob o manto de ministros religiosos, não só tumultuam e prejudicam a produção agropecuária como, do mesmo passo e de for_ma crescentemente acintosa, investem contra o direito de proprie_dade e insuflam indígenas e outros incautos à prática de assa_itos, furtos e pilhagens contra patrimônios particulares legitimamente constituídos.

A documentação anexa, Senhor Presidente, cons_tituída em grande parte de declarações colhidas in-loco e também de publicações oficiais católicas, prova a incrível e criminosa desenvoltura com que sacerdotes se vêm substituindo aos agentes do

A Sua Excelência o Senhor General Ernesto Geisel
Digníssimo Presidente da República Federativa do Brasil

Cunha. Aug.
Jul. 25-4-77.

proscrito partido comunista na luta inglória contra o regime e a ordem econômica e social vigentes.

PRELADO MARXISTA

É de se ressaltar sobretudo a atuação provocadora, anti-cristã e anti-brasileira do bispo Pedro Casaldáliga, da diocese de São Felix do Araguaia, principal responsável pelas atividades subversivas que se desenvolvem naquela Região. Esse estranho "pastor", espanhol de nascimento, não apenas defende abertamente teses marxistas como investe, até agora impunemente, contra o regime vigente no Brasil e insulta, em linguagem nada apostólica, as autoridades constituídas.

Transcrevem-se a seguir, trechos de pronunciamentos e alguns versos desse prelado vermelho que não se peja de insuflar o povo contra as leis e a ordem, tanto através do púlpito, que usa como tribuna de agitação, quanto através de boletins que faz circular em sua diocese, divulgando mensagens instigadoras de insatisfação e violência contra todos os que não rezam por seu catecismo de pivete marxista:

"Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
compostas habilmente por umas poucas mãos
para amparar cercas e bois
e tornar escrava a Terra
E escravos os humanos

. . .

Outra é a Terra nossa, homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos!

. . .

"Prostitutos presunçosos
da Mãe comum,
seus malnascidos!
Malditas sejam
as vossas cercas,
as que vos cercam
por dentro,
gordos,
sós,
como porcos cevados;
fechando,
com seus arames e seus títulos,
fora do vosso amor
os irmãos!

("Tierra nuestra, libertad" pag. 129.)

"Canção da foice e do feixe", escrita em lou-
vor de um Monsenhor - o próprio D. Casaldáliga - "Colhendo o ar-
ros dos posseiros de Santa Teresinha, perseguidos pelo Governo e
pelo latifúndio":

"Com um calo por anel,
monsenhor cortava arroz
Monsenhor "martelo
e foice"?

Chamar-me-ão subversivo
E lhes direi: eu o sou,
Por meu povo em luta, vivo,
Com meu povo em marcha, vou-

Tenho fé de guerrilheiro
e amor de revolução.
E entre Evangelho e canção
sofro e digo o que quero.
Se escandalizo, primeiro
queimei o próprio coração
ao fogo desta Paixão,
cruz de Seu próprio Cordeiro.

Incito à Subversão
Contra o Poder e o Dinheiro
Quero subverter a Lei
que perverte o Povo em grei
e o Governo em carniceiro.
(Meu Pastor se fez Cordeiro.
Servidor se fez meu Rei).

Creio na Internacional
das fontes soerguidas.
e das mãos entrelaçadas...
E chamo à Ordem de mal,
e ao Progresso de mentira.
Tenho menos paz que ira.
Tenho mais amor que paz.

... Creio na foice e no feixe
destasespigas caídas:
uma Morte e tantas vidas!
Creio nesta foice que avança
- sob este sol sem disfarce
e na comum esperança
tão recurvada e tenaz!"

. . .

177 e 118:

Poesia "Cancion de la hoz y el haz", págs.

"Brasília era, foi!
já foram os seus ocasos nas nuvens totais,
e a pureza do sertão
como uma menina
intrometida
no cimento e no asfalto

Cidade-céu-e-jardim
em outros dias,
Brasília é hoje apenas
ante-sala,
estruturas,
audiência sem ouvidos,
março sem primavera.
E a alma do sertão
agora
está em minhas mãos.
O Povo está em meu pranto, como um feto
importuno
a quem se nega o sol,
a liberdade
a humana voz,
a vida...

(Brasília bem nascida,
mal criada
formosa prostituta!)

A mesma impressão brutal provocada pelas
poesias anteriores se desprende dos seguintes versos:

"Mas para viver,
 eu já quero ter
 a parte que me cabe
no latifúndio seu:
 que a terra não é sua,
 seu doutor Ninguém!
 A terra é de todos
 porque é de Deus!

(...) Mas para viver,
 terra que quero ter
Com Incra ou sem Incra,
com lei ou sem lei

"E a Fazenda além faceira, impune
 Com a carne desnuda e provocante
 de suas telhas ao sol!

(Fortaleza feudal, cingida de cruzeiros su-
listas

Parque de tubarões, engordados na segregação...)
 Terra de quem? Verde terra infinita
 Roubada e abençoada pela legislação!
 ... Para os peões errantes do Norte
 assalariada prisão"

(Poesia "Cemitório de sertão" pág. 124. e
 "Nueva colonizaçõn" pág. 49 da série "Clamor Elemental").

. . .

Estrofes de saudade dirigidas ao guerrilhei
 ro comunista tristemente célebre "Che" Guevara:

"Lembrarão que sou um padre "novo"
 Pouco me importa!
 Somos amigos
 e falo contigo agora
 através da morte que nos une;
 estendendo-te um ramo de esperança
 todo um bosque florido
 de perene jacarandás ibero-americanos,
 querido Che Guevara".

Poesia "Che Guevara, pág. 40, da série "Clamor Elemental".

.

"Lembramos a nosso povo q a todos os nossos leitores que foi essa Fazenda "AGROPASA" que se ofereceu como se de da repressão, já na primeira vinda - ACISO dos militares que perseguiram guerrilhas nas reuniões e nos amigos "dos Padres". E foi ne sa Fazenda onde padres e leigos da Prelazia estiveram presos e foram torturados, em julho do ano passado, por elementos da Aeronáutica e outras Forças Armadas, sob o olhar sarcástico desse gerente tão servidor da Pátria nestas regiões da Integração Nacional...

Deus, às vezes, castiga Sodoma, já aqui na terra. Dois dos militares que caíram recentemente no desastre do "BUFALO", desses "Búfalos" benéficos que por aqui conhecemos, foram torturadores identificados em Goiânia..."

(Transcrito da "FOLHA DA PRELAZIA DE SÃO FELIX - ALVORADA" - de novembro de 1974).

Vê-se, claramente, nos trechos acima transcritos, a preocupação de acentuar uma quase perfeita identidade entre o socialismo e a expressão evangélica do "Reino de Deus na Terra". E como todos os seus sequazes marxistas-leninistas, infiltrados na Igreja Católica, o bispo de São Felix do Araguaia, como muito bem observa o Pe. Miguel Poradowski, vive empenhado "em convencer os cristãos de que eles e os marxistas buscam a mesma coisa, pois uns e outros têm a mesma finalidade: construir uma nova sociedade ideal do futuro, uma sociedade fundada na igualdade, na justiça, na fraternidade e na solidariedade. Os primeiros, os cristãos, chamam-na o "Reino de Deus na Terra", enquanto os outros, os marxistas, chamam-na de "Sociedade Socialista". E se Cristãos e marxistas têm o mesmo fim, devem trabalhar juntos para alcançá-lo. Ademais, os marxistas procuram convencer os cristãos de que o único caminho que leva a este fim é a revolução marxista. De onde vem a conclusão de que os cristãos devem comprometer-se com essa revolução.

Trata-se, pois, na melhor das hipóteses, de um agente do chamado "cristianismo horizontal" ala esquerdista da igreja e de cujos porta-vozes pode-se dizer que são os responsáveis por aquela "dolorosa experiência, na América Latina", a que se referiu o Sr. Cardeal D. Agnelo Rossi, em entrevista publicada no "L'Osservatore Romano", de 15 de setembro de 1974, e aos quais, S. Eminência condenou por iludirem a confiança neles depositada por fabricarem heresias doutrinárias e acentuarem "sistematicamente slogans pré-fabricados de origem inclusive marxista", afirmando mais adiante o eminente Cardeal que sempre "os fatos mostram posteriormente a malícia e miséria moral de alguns desses corifeus de idéias extravagantes" e "então verifica-se, dolorosamente, que, a pretexto de teologia, buscaram apenas construir a defesa de seus interesses ou instintos".

Esses "pastores", aliás, são facilmente identificáveis, pois, como já foi arguta e fielmente observado, "em suas homílias tocam quase exclusivamente em temas econômicos-sociais: as funções litúrgicas são por eles transformadas em cerimônias laicas, sem nenhum sentido sobrenatural, mas sim com muito sentido sociológico, das quais se servem para reforçar os vínculos sociais e para os contactos com os grupos marxistas. Desta maneira toda especial, o "cristianismo horizontal" manifesta-se nas orações e cânticos litúrgicos, composto para a circunstância. As igrejas são transformadas em "casas do povo". Até a Santa Missa fica reduzida a uma assembleia do povo, frequentemente com a participação ativa de pessoas atéias, indiferentes, agnósticas e não batizadas. Nas cerimônias públicas "penitenciais", com as quais se pretende substituir a confissão auricular, ou seja, o Sacramento da Penitência, das pessoas são ensinadas a acusar-se unicamente do "pecado Social" (os demais pecados não existem para o "cristianismo horizontal"), o qual se reduz apenas ao "pecado" como estruturas de opressão e "exploração".

MANIPULAÇÃO DOS INDÍGENAS

Inspirados pela liderança do bispo Casaldáliga e guardando uma conduta totalmente orientada pelos postulados da chamada "revolução permanente", mais precisamente, do "quanto pior, melhor", elementos do clero vêm provocando uma situação altamente explosiva na Colônia Indígenas de Meruri e municípios adjacentes, área em que índios e alguns fal-sol posseiros são instigados pelos próprios padres à prática de invasões do tipo levada a efeito, em setembro de 1975 contra a fazenda Bandeirantes, cujo patrimônio foi pilhado pelos assaltantes.

Mais atos de banditismo se têm insolitamente repetido nestes últimos anos, sendo seus autores intelectuais os "religiosos" da Missão Salesiana de Mato grosso, acantonados, sob o disfarce da "Colônia Indígena Sagrado Coração de Jesus", no Meruri.

Documentos anexos, que esta Confederação solicita a Vossa Excelência sejam minuciosamente examinados pelos órgãos de Segurança, revelam detalhes da criminosa atividade dos salesianos daquela Missão, quase todos estrangeiros e imbuidos de uma estranha concepção do sacerdócio e respectiva atividade pastoral, por isso que se dissociam o "celibato" da castidade, também, para melhor êxito da marxistização de suas "ovelhas", separam a fé da religião, mas por outro lado, confundem em prejuízo desta, a vida interior, alvo principal de todas as verdadeiras confissões religiosas, com a atividade subversiva em busca de um falso Reino de Deus na Terra.

Mais de cem fazendas, todas com títulos de propriedade de suas terras e na maioria compradas pelos atuais proprietários à própria Missão Salesiana - já foram assaltadas por indígenas insuflados pelos "missionários".

Denúncias e pedidos de providências têm sido formulados pelas vítimas de tais atentados às autoridades estaduais e federais. Assim, embora profundamente lamentável, não é de estranhar-se que aquelas vítimas, diante da não-atenção dos seus justos reclamos, se vejam na imperiosa circunstância de defender seus patrimônios que - como é óbvio - por serem legítimos não podem nem devem ficar à mercê de agitadores travestidos de religiosos, para melhor manipulação de indígenas e outros ingênuos, na consecução de inconfessáveis e trágicos

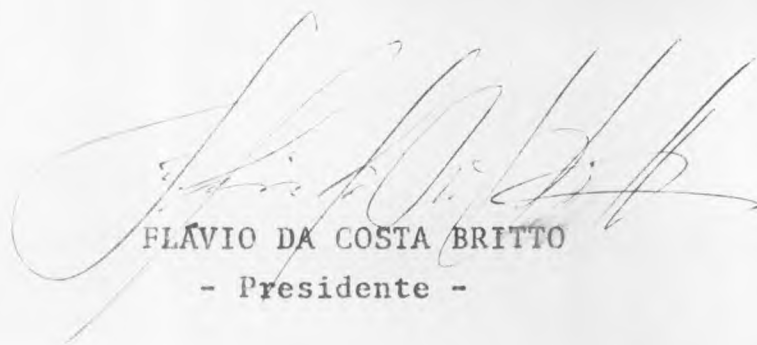
cos objetivos.

Senhor Presidente,

esta Confederação confia na ação do seu honrado e operoso Governo e está certa de que a presente denúncia será criteriosamente apurada.

A classe dos produtores rurais, que vem respondendo com patriotismo e entusiasmo aos apelos de Vossa Excelência, tanto no sentido da maior produção quanto no que se refere à justa humanização do trabalho no campo, não pode ficar à mercê dos inimigos do Regime, os quais, na impossibilidade de uma ação frontal contra o Governo, procuram atingi-lo indiretamente, através do estímulo à desordem e do desrespeito às nossas mais caras instituições.

À disposição de Vossa Excelência para todos os esclarecimentos que julgar necessários, aproveito o ensejo para renovar ao eminente Chefe da Nação os protestos do meu respeito e do meu mais alto apreço.



FLÁVIO DA COSTA BRITTO
- Presidente -

RJ/mas.

Visto, Lido e Ouvido ari cunha

"Meu caro Ari Cunha. Eu o conheço pessoalmente. E tenho como dever ler diariamente o **Visto, Lido e Ouvido**.

Hoje você começa por criticar as declarações do Sr. Flávio de Britto sobre Comunismo na Igreja. Você fala como um jornalista mor, como um profundo conhecedor da realidade agrária do país e cita um caso isolado de um município do qual 99% dos brasileiros jamais ouviram falar.

Gostaria de que você, meu prezado amigo, tentasse refutar o eminente líder dos ruralistas com dados sérios e não palavras vãs.

Você já leu os boletins da Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso, no qual o Bispo Dom Pedro se manifesta contra a propriedade privada, proclama seu ódio aos proprietários rurais e se confessa subversivo?

Você sabe que o Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, realizava reuniões subversivas dentro da própria Catedral daquela bela capital e na chácara da Cúria?

Você fala em pastores de outras religiões. Lamento não lhe poder revelar o que já é do nosso conhecimento sobre as atividades subversivas de alguns desses "pastores". A revelação prejudicaria nosso trabalho e eu não poderia continuar a assistir todos os domingos às "pregações" do meu pastor...

Desculpe-me, Ari, se falo mais um pouco você se estarrecerá. A ordem é trabalhar em silêncio e não nos pormos a descoberto.

Mas já é chegada a hora de desmascarar a atuação comunista no meio rural, no meio estudantil, na imprensa, nos sindicatos, nos segundos e terceiros escalões governamentais.

Flávio de Britto falou em boa hora e é necessário agora mais que nunca a união dos proprietários rurais contra a comunização do país, pois a propriedade é um dos esteios do regime democrático.

Transcrevo abaixo versos do "Bispo Vermelho" Dom Pedro, anteriormente citado, versos estes que ele divulga no meio rural tentando envenenar a alma do homem simples do interior:

"Malditas sejam todas as cercas!
Malditas todas as propriedades privadas
que nos privam de viver e de amar
Malditas sejam todas as leis,
Compostas por poucas mãos
Para amparar cercas e bois
e tornar escrava a terra
E escravos os humanos"

"Com um colo por anel,
Monsenhor cortava arroz
Monsenhor "Martelo e Foice"?"

"Chamar - me - ão subversivo
E lhes direi: EU O SOU
Por meu povo em luta vivo
Com meu povo em marcha vou"

"Tenho fé de guerrilheiro
e amor de revolução
E entre Evangelho e Canção
Sofro e digo o que quero"

"Incito à subversão
Contra o Poder e o Dinheiro
QUERO SUBVERTER A LEI
Que perverte o povo em grei"

Amigo Ari, você acha, ainda, que não há comunismo e subversão na Igreja? Vou parar por aqui. Seu belo jornal não comportaria num só número tudo o que sabemos sobre a marcha acelerada e mal disfarçada da subversão em nosso País.

As calúnias contra os homens do Governo Médici, as tentativas de difamação dos homens do atual Governo, a transformação de problemas de ordem técnico - administrativa em "escândalos comprometedores", tudo isto é cortina de fumaça com que tentam desviar a atenção das autoridades e do povo para as atividades subversivas com as quais se pretende levar o país para uma ditadura de esquerda.

Não sei se você tem coragem de publicar estas palavras. Desafio-o para que o faça. Mas vou mandar cópia desta ao líder Flávio de Britto, para que ele continue a lutar pelo Brasil, sabendo que não está só; estamos mais unidos que nunca, aguardando a hora de agir, como em 64, contra os traidores da Pátria.

ALVARO AUGUSTO LOREIRO BELOTA

Nota do colunista: Belota, você diz que eu citei um município que é desconhecido por 99% dos brasileiros. É verdade. Talvez mais. Mas você cita também só dois bispos, e Igreja é você, sou eu, somos todos nós, que vemos no Evangelho a orientação para as nossas ações. Não são eles dois sozinhos. Se escrevi palavras vãs foi na doce intenção de estar contribuindo.

Quanto à carta, ela vai publicada na íntegra, e pode mandá-la para seu chefe, que é meu amigo. Eu mandarei a coluna para o chefe da minha Igreja. E sua carta vai publicada menos pelo desafio, que não cabe, e mais pelo valor que dou às pessoas que têm a coragem de escrever e assinar embaixo, o que tem sido tão pouco comum nos nossos dias. Receba por suas mãos essa homenagem à responsabilidade, que presto compungido. Ari Cunha.

Past. Pedro Cavaldaglia
22/5/76

Documento da Cimi-sul apóia direito indígena

Apesar da constatação de fatos graves e das repressões que vêm sofrendo, os missionários da região sul do Conselho Indigenista Missionário continuarão seu trabalho dentro das linhas de ação aprovadas pela primeira Assembléia Nacional Indigenista Missionária, realizada em junho de 1975 em Goiânia, quando foram firmados os princípios de apoio aos índios, quanto ao direito de recuperar e garantir suas terras, de viver de acordo com sua cultura, de eles próprios serem sujeitos, autores e destinatários do seu crescimento e de assumir sua causa em todas as suas consequências. Esta foi uma das conclusões a que chegaram os 43 participantes do curso de atualização de pastoral indigenista, encerrado ontem em Ijuí, a 408 km de Porto Alegre, e que contou com kaingangues, missionários, antropólogos e indigenistas, reunindo representantes de dez estados brasileiros, principalmente da região Sul, área de atuação de coordenadoria promotora de encontro.

O curso, desenvolvido durante uma quinzena, resultou num documento de oito laudas, discutido e aprovado pelos participantes, sob

o título "Funai uma ameaça à causa indígena", no qual os missionários analisam o problema "com profundidade e em todas as suas dimensões" e pretendem "colocar a público os aspectos mais importantes da questão, bem como demonstrar o nosso compromisso e uma tomada de posição frente a tão graves problemas". No primeiro item, eles analisam o que classificam como "atentado contra a autodeterminação dos índios", condenando a imposição das chefias, a proibição de reunião através de ameaças, a manipulação executada através dos monitores das escolas bilíngues e o isolamento e repressão.

De acordo com o documento do Cimi-Sul, "desde há muito tempo, foram impostas pelo órgão oficial, chefias paralelas às da própria comunidade indígena, o que terminou provocando uma lenta debilitação da organização social do próprio grupo". Os missionários lembram a destituição ocorrida no posto indígena de Chapecó (SC), onde "duas chefias de comunidades indígenas foram dispensadas a partir do momento em que tomaram consciência da manipulação de que eram vítimas e passaram a exercer uma liderança autêntica".

Journal de Brasília - 01/2/77

Cena Brasileira

Demarcando a própria terra

No Araguaia matogrossense, os índios Tapirapé demarcaram, por conta própria, os limites de suas terras, ameaçadas pela invasão de grandes fazendas

Antônio Carlos Moura

1 - Desta vez nós vamos fazendo bastante farinha pra não faltar pra nós lá na picada, e também pra deixar pra mulherada e nossos filhos.

Awäetekato'i, 27 anos, casado, três crianças, é filho do chefe da Aldeia Tapirapé, xäkuiãpani, e seu substituto efetivo nos assuntos referentes a terra e trabalho. Enquanto fala, não pára de remexer, com uma espécie de enxada de pau, a massa de mandioca que está torrando num dos três fornos a casa-de-farinha. Outros dois jovens índios, também pais de família, trabalham nos outros fornos. O vapor que se desprende da massa que vai secando nos fornos abertos, sai a fumaça da lenha meio úmida, que está queimando embaixo, tomam conta do pequeno rancho de palha. Mas os Tapirapé, acostumados a esse trabalho, não parecem se incomodar e, mesmo com os olhos vermelhos, prosseguem, entre brincadeiras e risos, a preparar a base da alimentação que não consomem nas três semanas seguintes, quando, no interior da mata, estarão conquistando a picada demarcatória de suas terras.

Situada no município de Luciara, no extremo nordeste do Mato Grosso, próxima à divisa com o Pará e em frente à Ilha do Bananal (Goiás), a área dos Tapirapé está incluída no Parque Indígena do Araguaia, um dos quatro existentes no País. Mas nunca tinha sido demarcada oficialmente, apesar de muitas promessas da Funai, que sempre justificava seu não cumprimento alegando escassez de verbas. E, assim, 150 Tapirapé e 10 Karajá vinham permanecendo na insegurança, pois a área habitada pelas duas tribos, no Posto Indígena Tapirapé, está invadida parcialmente por três grandes fazendas: Tapiraguaiá, do grupo Medeiros - Carreiro, de São Paulo; Porto Velho, dos Fertilizantes IAP; e Codeara, do BCN - Banco de Crédito Nacional (ver Movimento nºs 14 e 15).

- Tem bastante caça lá na outra parte da picada, que nós terminamos de demarcar em dezembro. A gente só precisou mesmo de farinha, porque tinha muito queixada, caitetu, jabuti, anta, veado, macaco... Num outro cômodo do rancho, de meias redes de adobe, Txywãeri enxuga o suor em as costas da mão. Ele está ralando mandioca mansa num pequeno engenho todo a motor de gasolina. Sua mulher e uma filha já descascaram as mandiocas e ele, com um comprimi-las contra a roda de dentes que gira velocemente, vai enchendo várias redes uma imensa carapaça de tartaruga com a massa amarela e cheirosa, que despeja na ponta de uma canoa velha, que fica sempre ali na casa-de-farinha, só pra isso mesmo. Ali, a mandioca mansa ralada será triturada, na proporção de dois por um, à base de púba, isto é, de mandioca brava que ficou vários dias dentro d'água e está selesmanhada. As duas massas são maciadas, na própria canoa, com uma mão-de-obra, para misturar bem, e depois vão para a prensa - um depósito feito com paus enfiados, na forma de quadrado, e forrado com palhas de palmeira. No dia seguinte, a massa estará pronta para ser peneirada e, finalmente, torrada.

O serviço de peneirar a massa nas irupe - trançadas pelos próprios artesãos Tapirapé - é feito pelas mulheres. A esposa de Awäetekato'i está peneirando a massa que ficou na noite anterior na prensa. A seu lado, também ajoelhadas no chão, outras mulheres: uma Tapirapé e uma Irmãzinha de Jesus - uma das quatro missionárias que partilham a vida e o trabalho da aldeia há mais de 25 anos.

Txywãeri, irmã de Txywãeri, chega com espigas de milho assadas na brasa. Ela tem duas filhas, de três e dois anos, vêm mastigando gulosamente suas espigas. Repartido o milho, todos prosseguem o trabalho. E Txywãeri explica:

- Quando a gente terminar de marcar toda a picada, eu e o Awäetekato'i nós vamos outra vez lá em Brasília, falar com o Presidente da Funai, contar o serviço que a gente fez. Ai ele dá um documento certo de nossa terra, pra não deixar mais fazendeiro invadir. Primeiro a gente vai fazer um pouco de enfeite pra vender, para poder pagar a passagem, ao menos pra ir...

2 A noite é sem lua. E, mesmo assim, são muitos os homens sentados no terreiro central da aldeia, em frente à takana, a casa onde dormem os rapazes solteiros, e onde as mulheres não podem entrar. A conversa, em língua tapirapé, está animada. Awäetekato'i discute com seus companheiros como será a última etapa da demarcação, nesse início de janeiro. O agrimensor que acompanha os Tapirapé está presente. Ele pediu a Awäetekato'i que os rapazes menores não fossem à picada, para não atrapalhar os trabalhos, pois gente em excesso seria pior.

- Será que os Xavante vão vir ajudar a gente?

Há pouco mais de duas semanas, os Tapirapé escreveram uma carta aos seus irmãos Xavante da Reserva de São Marcos, convidando-os para ajudar nos trabalhos da picada, conforme havia sido combinado em agosto, na Assembléia de Chefes Indígenas. Nessa reunião, os Tapirapé receberam a visita dos Xavante e de representantes de mais três tribos do Mato Grosso: Bororo, Nambikwara e Pareci; além de um Kaingang, que veio da longínqua aldeia de Nonoi, no Rio Grande do Sul.

A presença e a palavra dos Xavante marcaram muito a consciência dos Tapirapé, que admiram em seus irmãos a corajosa decisão de enfrentar todos os perigos para conseguir - como conseguiram - a demarcação de suas reservas. Os Bororo presentes também lembraram o sangue de um índio e um missionário assassinado em julho de 76, por invasores da aldeia de Meruri (ver Movimento nº 56). Tanto os Xavante como os demais índios presentes à Assembléia ofereceram sua ajuda aos Tapirapé. No final da reunião, ficou acertado que se esperaria ainda um mês ou pouco mais, para ver se a Funai dava alguma esperança de demarcação ainda em 1977. Caso contrário, os Tapirapé chamariam seus irmãos - pelo menos os mais próximos, para os próprios índios fazerem a demarcação.

Os dois representantes Tapirapé que, em agosto, após a Assembléia, foram a Brasília falar com a Presidência da Funai, voltaram com palavras de estímulo mas sem nenhuma palavra concreta sobre a data da prometida demarcação. Por isso, em novembro, os Tapirapé começaram a fazer a demarcação, por conta própria. Embora seja frequente o fato de índios participarem da demarcação das próprias terras, ajudando nos trabalhos às firmas contratadas pela Funai, é a primeira vez que um grupo demarca, por sua iniciativa, sua reserva. O traçado obedeceu a antigas reivindicações da tribo, já apresentadas à Funai.

3 Chove sobre a aldeia silenciosa. Na mata, a 20 ou 30 quilômetros de distância, os homens Tapirapé trabalham sob a inclemência da estação das águas - o "inverno" tropical. A saída para a picada atrasou-se três dias, pois todos esperaram que se abrisse o sol para transportar os sacos de farinha, no carro de bois, até o primeiro acampamento de trabalho. Os Xavante não haviam vindo - nem poderiam, com a demora da chegada de cartas numa região onde não existe correio - mas os Tapirapé não esperaram mais. E, na manhã de 6 de janeiro, um grupo alegre e animado saiu para a mata, uns na frente e outros atrás do carro de bois.

Agora a aldeia está sossegada. Nos dias em que não chove, as mulheres pegam as ca-

noas e vão pelo lago, que bordeja a aldeia, para pescar pacus e piranhas. Durante três semanas, muitas delas não terão os suculentos jaraquis, crumatás e tucunarés que os maridos matavam diariamente com suas flechas certeiras. Vários homens ficaram, entretanto, esperando a volta de alguns para irem eles, num revezamento do trabalho na picada. Assim, em algumas casas há peixe bastante. Mesmo mulheres cujos maridos foram para a picada ganham peixe dos parentes que ficaram, nos dias de pesca mais abundante.

Os dias transcorrem sem muitas novidades. Apenas a coqueluche vai passando de casa em casa, pegando em todas as crianças. Duas das Irmãzinhas, que cuidam da saúde da aldeia, tentam, como podem, paliar os efeitos do surto da doença, aplicando injeções de gamaglobulina pelo menos nas crianças menores.

Wanãpi, menino de seis anos, dá um susto em todo mundo, flechando, certa manhã, o abdômen de seu amigo Wanipetu, um ano mais velho, numa desastrada caçada a ratos. Os pais de ambos estão no serviço da picada. Kurãpã'i, irmão mais velho do ferido, vai com Wanipetu, na lancha da Funai, até o povoado de Santa Terezinha, distante 40 quilômetros, pelo Araguaia. Um mensageiro vai avisar os outros Tapirapé, na mata. Todos estão preocupados, inclusive as Irmãzinhas, que receiam que a flecha tenha atingido o fígado do menino. Mas, quando o pai de Wanipetu chega à aldeia, com o coração na mão, o susto já passou: o menino já voltou de Santa Terezinha, onde tomou apenas medicamentos contra tétano. Na cooperativa de saúde dos lavradores de Santa Terezinha, a enfermeira garantiu que o ferimento foi superficial. Realmente, dois dias depois, Wanipetu está brincando novamente com as outras crianças, e seu pai retorna tranquilo para a mata.

4 Agora é só ir pra Brasília. A gente não vai agora, porque o general (Ismarth) está de férias; assim o Leônidas (chefe do posto da Funai) falou. Mas no fim de fevereiro a gente vai, e mostra pra Funai o mapa, e pede pra eles virem aqui olhar nossa picada, pra gente ter um documento certo.

Awäetekato'i fala pausadamente, nesse domingo bonito, 22 de janeiro. Ele sabe da importância da decretação oficial da reserva. Seu pai lhe falou das antigas matas onde existiam as outras duas aldeias dos Tapirapé, nas nascentes do rio Tapirapé. Lá onde até hoje eles vão buscar o taquari para fazer suas flechas, lá na Serra do Urubu Branco, que o BCN tomou. Hoje, espremidos na beira do lago formado na embocadura do Tapirapé com o Araguaia, os índios sabem que a única aldeia restante só pode prosperar se eles tiverem terra garantida - não só para si, mas para seus filhos e netos, e para os filhos de seus netos.

- Quando a gente estava cortando a picada, nós achamos taquari. Não era muito, nem é bom igual aquele do Urubu Branco, mas a gente ficou contente assim mesmo. Nós achamos buriti, também. É bom. Porque primeiro precisava caminhar muito pra ir buscar buriti lá perto de Santa Terezinha, quando a gente queria fazer iru (cestinho para farinha).

Tãpotiru, a caçula de Awäetekato'i, agarra-se às pernas do pai. Ele ri, e ergue a filha para o colo.

Marewira, a mãe do pequeno Wanipetu, está dando à luz seu 11º filho. Mulheres estão em volta de sua rede, ajudando.

Txywãeri saiu de canoa para pescar com a mulher, e levou dois dos filhos. O mais novo não foi e, desconsolado, vai bater na casa das irmãzinhas. Ganha uma banana que saboreia devagar. Uma Irmãzinha prepara o almoço, no fogo aceso sobre o chão. O pequeno Tapirapé se aninha numa rede e dorme.

Casaldágua confirma: Sou socialista e anticapitalista

Goiânia - "Vemos com alegria que a CNBB decide assumir, como um compromisso de toda a Igreja do Brasil, o problema da pastoral indígena, dotando o CIMI da necessária cobertura para dinamizar e ampliar sua ação", diz um trecho da nota oficial expedida pelo Conselho Indigenista Missionário, ao final da reunião do secretariado geral da entidade, realizada neste fim de semana, em Goiânia.

Na oportunidade o bispo de São Felix do Araguaia, D. Pedro Casaldágua, disse que as acusações feitas a ele e ao presidente do CIMI, D. Tomás Balduino, pelo bispo de Diamantina, D. Geraldo Sigaud, chamando-os de comunistas não constitui problema "pois a repercussão que o caso provocou comprova isto".

"Só lamento, prosseguiu D. Pedro Casaldágua, que não haja a mesma reação quando se trata da expulsão de um padre Jentel ou de perseguições a um leigo qualquer. Ainda há privilégios eclesiásticos que deveriam ser superados. Isso não me parece muito cristão. Quanto a mim, repito o que já disse em diversas ocasiões: sou socialista, anticapitalista, e exijo que sejam respeitados os meus pontos de vista assim como procuro respeitar os dos outros".

O LADO POSITIVO

Tanto D. Tomás Balduino como D. Pedro Casaldágua, destacaram o lado positivo das acusações de D. Sigaud. Ambos são da opinião que "este

tipo de perseguição só tem servido para encorajar a Igreja a assumir um compromisso cada vez maior na defesa dos povos oprimidos, ou sejam, dos índios, posseiros, trabalhadores rurais e o operariado em geral".

Quanto à última atitude do bispo de Diamantina que declarou que só apresentaria as provas de sua acusação à Santa Sé, em Roma, disse D. Casaldágua: "Em Roma, apesar de dominar o conservadorismo, as decisões são tomadas com muito tato, pois não há interesse em criar escândalos. Depois, a repercussão já foi suficiente. O importante é que não se abafe o documento expedido pela CNBB nem a própria Assembléia-geral, uma das mais importantes já realizadas no Brasil".

Quanto a repercussão do caso junto as respectivas prelazias, disse o bispo de São Felix: "O povo tomou conhecimento através do rádio. Estávamos todos reunidos para a inauguração da nova igreja do povoado. Mas ninguém ligou muito. O pessoal de lá já está mais ou menos acostumado com este tipo de coisa, com as calúnias que se levantam contra a igreja que atua naquela região. A única novidade é que desta vez o acusado foi um bispo e o que é pior, as acusações partiram de um outro bispo.

Segundo D. Tomás Balduino, em Goiás Velho o apoio ao bispo acusado foi total por parte dos habitantes da cidade:

Câmara discute documento de Itaici

O recente "documento final" da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil foi lido para o plenário da Câmara pelo deputado sergipano José Carlos Teixeira, em nome do MDB, enquanto que o baiano Prisco Viana, Arena, diz que coincidente com as preocupações dos prelados brasileiros, o atual Governo tem dado atenção à assistência social e ao homem do campo. Explicou ainda que o MDB transcreveu esse manifesto, antes da Arena, apenas por uma questão de oportunidade.

- Não teríamos constrangimento em pedir-lhe a transcrição.

Enquanto isso, o gaúcho Getulio Dias fazia ver que ninguém desconhece que o documento, ao mesmo tempo que tem características universais, é um documento do momento, "um documento presente".

- Não há dúvida - diz Getulio Dias - de que é uma advertência ao atual governo quanto aos direitos humanos e quanto ao modelo que vem sendo seguido. "Porque uma coisa é a Arena, outra coisa é o governo que censura o debate, que censura até o samba. Governo que não tem apoio na força popular, desconfia do povo. O Governo que medite na seriedade deste documento.

C. Brasilense, 8-3-77.

MONSENHOR MARTELO E FOICE...

SALOMÃO JORGE

Essa ingerência de outras nações em nossos assuntos internos, em nome dos agora tão festejados direitos humanos, como que dão a entender aos outros povos que somos um país de selvagens e facinoras, como se o Brasil fosse uma Uganda sul-americana e o nosso presidente um Idi Amin Dada, alvo e louro.

O ato infeliz e precipitado dos Estados Unidos, com o relatório sobre a situação dos direitos humanos no Brasil, provocou a recusa pelo nosso governo da ajuda militar da poderosa nação que, com o ato inédito, desrespeita e viola a nossa soberania.

Não há dúvida que, como ocorre nos países cujos governos surgiram das revoluções vitoriosas, e que para se manterem no poder recorrem à força, somos obrigados também a nos defrontar com erros e injustiças, de que, muitas vezes, os governos não são culpados.

Mas o Brasil jamais resvalou, graças à índole pacífica e sentimental do seu povo, pelos atoleiros dos morticínios, das hecatombes da violência, dos assaltos ininterruptos à liberdade do cidadão, como os que devastam e ensanguentam a Rússia soviética e todos os seus satélites escravizados.

Qual será — é a pergunta que todos fazem — a atitude de Jimmy Carter em relação à União Soviética e aos regimes de tendência militarista, já que se intensifica em várias áreas do mundo o seu propalado movimento em favor dos direitos humanos?

Com a aprovação das emendas do senador Donald Fraser à lei de ajuda externa, que obriga o executivo a fornecer um quadro preciso da situação dos direitos humanos nos países beneficiários, qual será o critério do país beneficente e doador para, com inteira isenção, equidade, imparcialidade, julgar da exata situação de cada povo na posse ou usufruto dos seus direitos de Homem em cada um entre os 80 países que recebem ajuda militar dos Estados Unidos?

Temos presenciado, há mais de uma década, a campanha insidiosa, permanente, ora sorradeira, ora frontal, de uma considerável porção do nosso clero, a serviço do comunismo internacional, contra a tradição cristã e o espírito democrático da nossa gente, movimento visando à desmoralização das instituições e da própria Pátria, difamada e enxovalhada em inúmeras cidades da Europa e da América por padres e bispos, entre os quais se destacou, pela audácia, oelo ódio, pela fúria e pela demagogia o prelado dom Helder Camara.

Lembro-me de haver lido, em 4-8-63, em "O Estado de São Paulo" uma carta-aberta que o erudito padre português José Marino de Campos enviou aos bispos dom Antonio Fragoso, de Cratêus, dom José Pires, de João Pessoa, e dom João Batista Mota de Albuquerque, de Vitoria, que participaram de uma mesa-redonda num canal de televisão em São Paulo, com jornalistas e advogados.

Para os bispos bagunceiros, Cuba de Fidel Castro vale mais que o Brasil, porque teria resolvido o problema do analfabetismo, ao passo que o presidente Artur da Costa e Silva "não resolvera coisa nenhuma..."

Eu se lá estivesse teria ponderado que o presidente

brasileiro é um homem pacato que nunca atentou contra a vida dos outros, ao passo que o barbudo de Cuba expulsou e matou sacerdotes católicos.

O comico é que os bispos nordestinos, apesar de estarem insultando o governo brasileiro, diante de milhões de pessoas, insistiam em afirmar "que não há liberdade no Brasil".

Suas excelências davam a entender que a verdadeira liberdade só existe em Cuba, na Rússia ou na China, e não no Brasil, porque a liberdade de matar é a liberdade plena, embora proibida pela religião de Suas Excelências, e a liberdade de falar é a liberdade relativa...

"Como estrangeiro, embora português — escreveu o padre Campos — não me compete discutir as medidas restritivas da liberdade de expressão e de outras liberdades civis adotadas pelo governo brasileiro.

Mas uma coisa posso testemunhar: aqui eu vejo todas as pessoas usufruindo de um corpo de liberdades essenciais que não vigoram, há muitos anos, em meu país, e que também não se encontram em Cuba, na URSS ou na China. Fechar os olhos a essa realidade, sem mesmo ver que a possibilidade de criticar abertamente o governo num programa de televisão era um desmentido notável à falta de liberdade em sentido necessariamente mau e opressor, e orientar assim as consciências por uma perturbada noção dos fatos, não julgo que seja próprio da missão dos bispos."

São esses bispos, e ainda muitos outros, chefiados por dom Helder — conforme denunciou há dez anos, dom Geraldo Proença Sigaud, na televisão de Belo Horizonte, ao combater a infiltração comunista no clero — os que difamam em toda a parte o Brasil, e nunca usam a menor palavra de censura ao maior imperialismo que existe no mundo, o imperialismo implacável, que é o imperialismo dos comunistas da Rússia e da China."

Falando na mesma época aos oficiais da Vila Militar, o arcebispo de Diamantina lembrou a orientação direta de dom Helder no Instituto Teológico de Recife, onde pontificou, sob as suas ordens, o padre comunista Comblin, felizmente já expulso do Brasil, indivíduo altamente perigoso, que não acredita nas leis, na Igreja, em Deus, mas apenas no poder autoritário e ditatorial. "Não é com a maioria — afirmou o endiabrado padre — que iremos obter reformas... A maioria prefere sombra e água fresca e evita os problemas. O poder deve contar com uma força. As vezes poderá contar com as Forças Armadas, outras vezes é necessário dissolvê-las."

O bispo de Pernambuco Leonardo Pires esbraveja para quem quiser ouvir: "essa desastrosa revolução foi feita por ricos para beneficiar os ricos." — "nosso governo é subversivo por ter oficializado a desordem no Brasil." — "O governo do Brasil traiu nossa Pátria e atendeu os norte-americanos." — "O Brasil foi posto em leilão e arrematado por quem ofereceu maior lance..."

Agora essa patacoada do "Monsenhor Martelo e Foice" sobre a posição da Igreja:

— "Ela prefere ir para a cadeia a voltar à sacristia,

pois ela não tem medo de provocações nem de ameaças..."

No dia 18 de julho de 1968, numa Assembléia da CNBB, no Colégio Sacré Coeur de Jesus, presentes alguns bispos, sacerdotes e um grupo maior de universitários e repórteres, dom Geraldo Sigaud pergunta a dom Helder, que acabara de falar de um "Movimento de Pressão Moral" considerado pelo arcebispo de Diamantina "uma organização metódica de agitação esquerdista":

— "Em particular V. Exa. me responda a cinco perguntas:

1 - V. Exa. admite a iniciativa privada?

2 - V. Exa. considera lícita a posse dos meios de produção por particulares?

3 - V. Exa. admite a propriedade particular?

4 - Em questões sociais e econômicas qual é o papel do Estado: é supletivo ou ele é dono do campo?

5 - V. Exa., em sua sociedade evangélica permite o mercado livre?

D. Geraldo informa que dom Helder não pôde, não soube ou não quis responder. Então pediu ao enigmático arcebispo de Olinda e Recife que respondesse só a uma pergunta:

— "Na Sociedade com que ele sonha, será permitido a um particular possuir meios de produção. Por exemplo, um particular poderá ser dono de uma fábrica, de uma oficina, ou o Estado será dono de tudo?"

D. Helder respondeu que esta questão ele confiaria às Universidades para estudo...

D. Geraldo replicou que os Papas já tinham falado sobre esta questão, desde Leão XIII, e dado a resposta da sociologia verdadeira. A isto dom Helder retrucou que era melhor que se nomeasse uma comissão de peritos e ele outra, e um dia nós discutissemos o assunto. Então lhe respondi que, há 15 anos, ele agita o Brasil falando de reformas de estruturas, mas nunca disse quais as estruturas que devem ser mudadas, onde e por que. Que ele enfim nos dissesse como é a sociedade que ele quer. D. Helder não soube, não pôde ou não quis responder.

A resposta do arcebispo de Olinda e Recife, confirmando o seu verdadeiro credo, viria depois, na sua peregrinação pelas cidades do mundo, onde em todas elas traçou um retrato hediondo e mentiroso de sua própria Pátria, a qual, segundo ele, estava se afundando no pantanal da miséria, do crime, da fome, da violência e da tirania.

Outros padres, outros bispos, outros "Monsenhores Martelo e Foice" viriam depois secundar a obra nefasta do arcebispo marxista, na sua pregação hedionda contra a nação em que nasceu.

É dom Geraldo Proença Sigaud alerta o governo lembrando a penetração comunista nos conventos dominicanos no Rio e em São Paulo, como no caso Marighela, e hoje, através do CIMI e das comunidades de base, em certas dioceses.

O vice-presidente do CIMI é o bispo espanhol dom Pedro Casaldaliga, autor de livros que, na denúncia do arcebispo de Diamantina, "incitam o povo brasileiro à revolução, ou melhor, à in-

surreição contra as Forças Armadas e os proprietários..."

O bispo espanhol semeia em nome da paz de Cristo a paz do diabo, chamando os proprietários rurais de "prostitutas presunçosas" e "porcos cevados".

Esta saraivada de insultos obscenos dividindo a família brasileira veio do prelado espanhol, de São Felix do Araguaia, conforme a denúncia de dom Sigaud, e causou confrontos que acabaram provocando a morte de dois sacerdotes.

Na extensa região circula que o seu apelido é "Monsenhor Martelo e Foice". Eis como o belicoso poeta-bispo se retrata a si mesmo:

— "Monsenhor Martelo e Foice"? — "Monsenhor Martelo e Foice"?

— Chamar-me-á subversivo e lhes direi que sou.

— Por meu povo eu luto vivo.

— Como por meu povo em marcha vou.

— Tenho fé de guerrilheiro e amor de revolução."

Esta caterva de falsos apóstolos da religião, brasileiros que traem a sua Pátria, e estrangeiros que pagam a hospitalidade, semeando a discórdia, a desavença, a cizânia entre os habitantes da nação que tão generosamente os acolheu é que transmitem aos outros povos a falsa e degradante imagem do Brasil.

Em todos os lugares onde se difama nossa Pátria, encontra-se o bispo caluniador, o bispo modernista, o bispo comunista, ou seja, "Monsenhor Martelo e Foice".

É o que tudo envia para desmoralizar as instituições nacionais, apresentando o Brasil como país genocida e racista, país que extermina os índios e persegue os negros, onde as crianças, como arengou dom Helder em Roma e Paris, nutrem-se do lixo das ruas.

Monsenhor Martelo e Foice é partidário da secularização e da desmitização, e cego aos valores morais, considera Deus, Jesus e os dogmas da Igreja como histórias já desmoralizadas pelo tempo.

Monsenhor Martelo e Foice, esse sutil e misterioso inimigo da Igreja, como advertiu Pio XII, se encontra em todo o lugar e no meio de todos: sabe ser violento e sabe ser astuto... E usando as mesmas expressões do grande Papa, diremos que também hoje "ele quer a natureza sem a graça; a razão sem a fé; a liberdade sem a autoridade, e às vezes, a autoridade sem a liberdade. É um inimigo que torna-se cada vez mais concreto, com uma ausência de escrúpulos surpreendentes: Cristo sim, Igreja não! Depois: Deus sim, Cristo não! Finalmente o grito ímpio: Deus morreu, e até: Deus nunca existiu!"

Monsenhor Martelo e Foice continua a insultar o Brasil e a conspirar contra ele. Como o bispo espanhol, a sua fé não é a fé do homem do Evangelho e da Paz, mas a do homem do ódio e da guerra, e o seu amor não é o amor de Deus e do próximo, mas o amor da revolução sangrenta e destruidora. Nas fuças do governo, ele se proclama a favor da subversão, que é ruína, destruição, sedição, amotinação, insubordinação.

E, com um sorriso de carneiro, Monsenhor Martelo e Foice desafia o nosso governo que assiste a tudo isso com a impassibilidade da quele Buda, de mãos cruzadas sobre a enorme e rotunda barriga...

PSS. 553, p. 190/286

Líder do Governo acusa bispo de difamar o Brasil

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Senador Eurico Rezende, líder do Governo no Senado, acusou ontem o Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, de pregar a luta de classes, de injuriar e difamar o Brasil e suas instituições, através de um livro de sua autoria, editado na Espanha em 1975 e que, segundo o Senador, está entrando clandestinamente no País.

As declarações do líder do Governo foram feitas em seu encontro diário com os repórteres, quando um deles lhe perguntou o que achava do documento de responsabilidade do Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud, acusando Dom Pedro Casaldáliga e publicado antontem pelos jornais.

Revelação

Eurico Rezende fez uma pausa, anunciou que ia fazer uma revelação, meteu a mão no bolso do paletó, tirou uma folha de papel e começou:

— Eu não acredito em bispo comunista porque o comunismo é a negação dos princípios de qualquer Igreja. Agora, o que eu posso acreditar é que haja comunista vestido de bispo.

— Dom Pedro Casaldáliga foi sagrado bispo, — lembrou um repórter.

— Não sei — disse Eurico Rezende. — Não vi o diploma dele. Esse camarada tem um livro editado na Espanha. Vou mostrar a vocês (**lendo no papel**): "Yo creo en la justicia en la esperanza", Editora El Noticioso Bailbaino, Alamed de Recaldo, 74 Bilbao, Ano de 1975. O livro está entrando clandestinamente no Brasil, Demonstra cabalmente a adesão do senhor Pedro... senhor Pedro (repetiu o senador) Casaldáliga ao credo marxista. Prega a luta de classes, calúnia, injúria e difama o Brasil e suas instituições.

— Esse livro — prosseguiu o Líder do Governo — comprova plenamente a adesão do seu autor à subversão e chega a confessar o seu amor pelos guerrilheiros. Trata-se, portanto, não de um bispo comunista, que isto não pode existir. Mas de um comunista, vestido de bispo.

— O senhor leu o livro?

— Li alguma coisa.

— Não dá para sentir que há movimentação no sentido de expulsá-lo do Brasil? — insistiu um repórter.

— Não estou vendo preparação para coisa nenhuma. Esse livro prova

que Dom Sigaud tem toda a razão quando denuncia o senhor Pedro Casaldáliga como instrumento a serviço

— Nesse caso, o que poderá lhe acontecer?

— Ah, não sei. Sei que ele é uma exceção lamentável na Igreja Católica, obviamente inimiga capital do comunismo.

— E quanto a Dom Tomás Balduino, acusado no mesmo documento? — perguntou o repórter.

— Negócio de Balduino eu não sei — respondeu Eurico.

— O senhor tratou desse assunto durante o encontro que teve hoje com o Ministro da Justiça, na presidência da Arena?

— Não. Estou tratando com vocês aqui porque sempre gosto de ter alguma coisa para dar.

Líder da Câmara

O líder do Governo na Câmara, Deputado José Bonifácio, ao ser abordado pelos repórteres sobre o mesmo assunto, disse que não havia lido o documento. Mas deu seu depoimento:

— Devem ser documentos de alta credibilidade porque eu conheço o Arcebispo (Dom Geraldo Sigaud) pessoalmente. Posso dar o testemunho de sua cultura humanística, teológica e clássica. E é homem de fé, trabalhador e de escrúpulos, que desfruta no meio dos camponeses de alto prestígio pelos serviços que presta através da fazenda que possui e das cooperativas que fundou com o objetivo de amparar a pobreza local.

Expectativa

— Este é um momento de desafio — disse ontem o presidente do Conselho Indigenista Missionário e Bispo de Goiás Velho, Dom Tomás Balduino, ao definir sua posição diante das denúncias de D. Sigaud.

— O desafio atinge não a mim, mas à Igreja e ao Episcopado. Tudo isso atinge à própria Igreja e à CNBB, que está interessada no encaminhamento do caso e que deverá manifestar-se sobre os últimos acontecimentos. Eu fico na expectativa.

Segundo o Bispo de Goiás Velho, um dos dois acusados pelo Arcebispo de Diamantina, a Santa Sé pediu as provas e já recebeu a documentação devendo, portanto, dar uma resposta oficial.

Círculo quadrado

NATAL (O GLOBO) — Para o

coordenador da Linha Seis da CNBB, que trata das comunicações sociais, e Arcebispo de Natal, Dom Nivaldo Monte, a idéia de um bispo comunista "é tão absurda como a de um círculo quadrado".

— É muito fácil — disse — se classificar hoje a Igreja de fazer eco ao sistema marxista como, em outras épocas, a classificavam de capitalista. Porém a Igreja continuará de pé com sua condenação ao comunismo e ao capitalismo.

Depois de ler as denúncias feitas pelo Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Sigaud, aos bispos Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino, o Arcebispo de Natal classificou a denúncia como "um fato muito estranho". Disse não ter condições de afirmar se pessoas estranhas à Igreja tomaram parte na preparação do relatório ou se ele foi integralmente preparado pelo denunciante.

Para Dom Nivaldo Monte este tipo de denúncia não afeta a unidade da Igreja no Brasil mas pode afetar a colegialidade pastoral:

— Não são estes os caminhos usados pela Igreja — disse.

Quanto à possibilidade do Bispo de São Félix do Araguaia vir a ser expulso do Brasil, o coordenador da Linha Seis da CNBB não acredita. Para Dom Nivaldo só a Santa Sé fará o julgamento do bispo e, antes de qualquer medida prática, procurará ouvir as partes em questão.

Segundo Dom Nivaldo, é possível que alguns escritos do Bispo de São Félix do Araguaia, ligado como ele está à realidade da região em que trabalha, possam suscitar ambigüidades.

Privacidade

O Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo de Proença Sigaud, ficará afastado de qualquer movimento pastoral ou civil até a próxima semana. Sua família, no Rio, informou que domingo à noite ele saiu de Diamantina para Belo Horizonte onde se encontrou com sua irmã, Maristela, com quem "foi viajar".

O desaparecimento voluntário do arcebispo é, segundo seus parentes, para proteger sua privacidade, muito ameaçada depois que foram divulgados os documentos que ele afirma serem a prova da ideologia comunista de dois bispos: Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino.

Eurico também acusa bispo de comunista

O líder do Governo, senador Eurico Rezende, fez coro, ontem, com o bispo de Diamantina (MG), dom Geraldo Proença Sigaud, dizendo que o bispo de São Felix (MT), dom Pedro Casaldáliga, é realmente comunista, pois "esse senhor tem um livro, editado pela El Noticiero Bilbaino, em 1975 na Espanha, intitulado Yo Creo em la Justicia y en la Esperanza, que está entrando clandestinamente no Brasil e demonstra cabalmente a adesão do senhor Pedro Casaldáliga ao credo marxista." Por outro lado, o líder recusou-se a adiantar se Dom Casaldáliga será ou não expulso do Brasil.

Segundo Eurico Rezende, que já leu o livro de dom Pedro Casaldáliga, ele prega a luta de classe, calúnia, injúria e difama o Brasil e suas instituições, bem como comprova plenamente a adesão do seu autor à subversão e chega a confessar o seu amor pelos guerrilheiros.

— Trata-se, portanto, não de um bispo comunista, porque não pode existir, mas um comunista vestido de bispo, acrescentou o líder Eurico Rezende, dizendo que este livro - You creo en la Justicia y en la Esperanza - prova que Dom Sigaud "gem toda razão quando denuncia o senhor Pedro Casaldáliga como instrumento a serviço da subversão no Brasil".

Ressaltou o senador Eurico Rezende que o caso de dom Pedro Casaldáliga "é um lamentável exceção na Igreja Católica, obviamente inimiga capital do comunismo", acrescentando que não acredita em bispo comunista, por acreditar que o comunismo seja uma negação dos princípios de qualquer igreja: "O que posso acreditar é que existe comunista vestido de bispo. Se é comunista, não pode ser bispo".

Já o líder do Governo na Câmara, deputado José Bonifácio, disse apenas, embora não tenha lido o documento de Dom Sigaud, que esse documento deve ser da mais alta credibilidade, "pois conheço pessoalmente Dom Sigaud e posso dar o meu testemunho de sua cultura humanista, teológica e clássica. É um homem de fé, trabalhador e que desfruta no meio rurícola do mais largo prestígio pelo serviço que presta através da fazenda que a Mitra possui e as cooperativas que ele fundou com o objetivo de ajudar a pobreza local", declarou José Bonifácio.

Ao contrário do líder Eurico Rezende, José Bonifácio nada falou sobre dom Pedro Casaldáliga embora tenha deixado claro que as acusações de Dom Sigaud tenham procedência.

Já o ministro da Justiça, Armando Falcão, ao sair do gabinete do presidente nacional da Arena, deputado Francelino Pereira, com quem manteve conversa de 40 minutos, recusou-se a falar sobre o caso Dom Casaldáliga versos Dom Sigaud:

— Ministro o que o senhor tem a dizer sobre as acusações de Dom Sigaud ao bispo Casaldáliga? - indagou um repórter.

— Mais uma vez, nada tenho a declarar - respondeu o ministro.

— E sobre a insatisfação de parlamentares da Arena com as reformas políticas editadas pelo Executivo? indagou outro repórter.

— Tampouco será objeto de apreciação de minha parte -, respondeu Armando Falcão, acrescentando, já andando para seu gabinete no Anexo Três do Senado: "Só quero que vocês sejam fiéis às minhas declarações".



Casaldáliga: acusado de comunista até pela Arena

CNBB ignora remoção de d. Casaldáliga para Roma

RIO (Sucursal) — Porta-voz oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil afirmou desconhecer a procedência dos rumores que circularam ontem segundo os quais o governo e a Igreja, através da Nunciatura Apostólica e da CNBB, haviam negociado a remoção de dom Pedro Casaldáliga, que seria transferido para Roma em 3 dias.

A assessoria de imprensa da CNBB negou, por outro lado, ser procedente a informação de que a rejeição do divórcio, no Congresso Nacional, poderia ser concretizada a partir da saída de dom Pedro Maria Casaldáliga, um dos alvos das acusações de dom Geraldo Sigaud, arcebispo de Diamantina, que o aponta como comunista.

A hipótese de se fazer com que dom Pedro Casaldáliga deixe o País por determinação da Santa Sé, mas de acordo com entendimento com o governo, não é, todavia, vista como improvável, embora se acredite, nos meios eclesiais, que as conversações devem-se desenvolver, no caso, com a Nunciatura Apostólica. A Con-

ferência Nacional dos Bispos do Brasil não tem jurisdição sobre os prelados.

Em verdade, a remoção de dom Pedro Maria Casaldáliga, bispo prelado de São Félix do Araguaia, já foi tentada anteriormente, quando da fase mais aguda da crise surgida a partir do conflito entre posseiros e a Codeara. Desse episódio resultou a saída do Brasil do missionário Francisco Jentel, expulso mais tarde por haver retornado.

Sabe-se que, naquela oportunidade, o núncio apostólico teria chegado a consultar dom Pedro que, todavia, não concordou em pedir transferência. Restaria saber se agora, ao contrário do que aconteceu em 1972, dom Carmine Rocco teria êxito.

Em Itaici, o prelado disse numa entrevista dada depois de encerrada a 15.^a Assembléia Geral da CNBB, que não concordaria com essa solução de um problema bem mais antigo que as denúncias de dom Sigaud. Preferiria deixar suas funções episcopais e permanecer com as incumbências de um padre. O prelado de São Félix do Araguaia é espanhol.

FOLHA DE S. PAULO - 7/5/77

Nacional

Falcão afirma que desconhece processo para expulsar bispo

NA CPI

Repelida a campanha de difamação

Ao depor ontem perante a CPI do Sistema Fundiário o bispo Moacyr Grechi, do Acre — Purus, declarou publicamente o seu "apoio irrestrito à ação pastoral de D. Pedro Casaldáliga e D. Tomás Balduino", lamentando que a "campanha de difamação é de um membro de nosso colégio episcopal, que esquecido dos mais elementares princípios da caridade e da justiça, prestou-se a esse triste serviço".

O depoimento do bispo do Acre-Purus e presidente da Comissão Pastoral da Terra foi um dos mais completos sobre a situação fundiária no país, que segundo D. Moacyr Grechi necessita de mudanças, pois caso contrário, "nem a paz, nem a atenção, nem a justiça existirão sem efetivas reformas na estrutura e funcionamento de nossa sociedade".

**AGUARDE
DIA 20 DE
MAIO A
MELHOR
CHURRASCARIA**

O ministro da Justiça, Armando Falcão, disse ontem, que desconhece a existência de qualquer processo visando a expulsão do bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, adiantando que no seu Ministério nada existe sobre o assunto.

O ministro não quis fazer maiores comentários sobre o documento distribuído aos bispos brasileiros pelo arcebispo de Diamantina, dom Geraldo Sigaud, defendendo a expulsão do bispo de São Félix do Araguaia, a quem acusa de comunista.

Embora nada haja no Ministério sobre o assunto, o Departamento de Polícia Federal e os órgãos de informação possuem dossiês sobre a atuação de dom Pedro Casaldáliga na região do Brasil Central, notadamente no que diz respeito aos seus constantes pronunciamentos públicos e publicações de sua autoria.

O porta-voz da Nunciatura Apostólica, monsenhor Thomás, recusou-se a fazer qualquer comentário sobre o assunto, bem como sobre as notícias dando conta de que o nuncio dom Carmine Rocco teria enviado circular a todos os bispos brasileiros instruindo-os para que evitassem quaisquer comentários ou pronunciamentos acerca das posições adotadas pelo bispo de Diamantina contra seu colega de Mato Grosso. Ante a insistência do repórter, o porta-voz limitou-se a informar que a Nunciatura não confirma e nem desmente a existência da circular. E resumiu tudo: "Nada a declarar. Nada a declarar".

D. Tomás prefere ter uma conduta discreta

"Justamente por tudo aquilo que senti da parte do episcopado brasileiro e visando principalmente a manter a força desse colegiado, prefiro agora uma conduta discreta", respondeu ontem o bispo de Goiás Velho, Dom Tomás Balduino, a propósito do relatório do bispo de Diamantina, Dom Geraldo Sigaud, publicado na semana passada.

Depois de alguns dias fora do Estado quando esteve em São Paulo dom Tomás retornou ontem à antiga capital do Estado, sede de sua diocese, e já retomou a normalidade de suas atividades pastorais. E justificou a posição adotada: "Por uma questão de lealdade e de comunhão com a posição que a própria Igreja resolveu adotar diante desse episódio".

"Vi o relatório do Bispo de Diamantina mas li também a resposta de dom Pedro Casaldáliga e manifesto minha

inteira concordância com tudo aquilo que ele diz. Ele é a pessoa mais visada nesse episódio e com aquela declaração propiciou-nos a todos nós uma palavra evangelizadora, conduziu dom Tomás Balduino em sua breve manifestação sobre o relatório de dom Geraldo Sigaud.

Paulistas solidários com dom Casaldáliga

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo enviou carta aos bispos de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, e de Goiás Velho, dom Tomás Balduino, solidarizando-se com eles em virtude das acusações de subversão feitas pelo bispo de Diamantina, dom Geraldo Sigaud. Esse é o texto da carta, assinada pelo presidente da comissão, jurista Dalmo de Abreu Dallari:

"A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, tomando conhecimento do malicioso e injusto relatório assinado por dom Sigaud, contendo ofensas e insinuações dirigidas contra Vossas Excelências, vem manifestar-lhes sua irrestrita solidariedade".

"Vossas Excelências são testemunhos vivos do cristianismo, que enfrenta com serenidade e firmeza a intolerância e as incompreensões, pregando pelo exemplo e enunciando pelo contraste os que são incapazes de superar ambições mesquinhas e que se associam aos poderosos para tentar silenciar os que revelam sua mesquinhez".

"Recebam Vossas Excelências o apoio desta comissão, que está plenamente inteirada de quanto Vossas Excelências já têm feito em benefício do Brasil e da humanidade, lutando incansavelmente pela paz, conscientes de que a ela só se chega pelos caminhos da justiça".

Apoio dos estudantes vai por carta à CNBB

Durante reunião aberta do DCE realizada ontem de manhã na USP, foi aprovado um documento de apoio aos bispos d. Pedro Casaldáliga e d. Tomás Balduino, por ser subscrito pelos estudantes e população em geral e encaminhado ao presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, d. Aloísio Lorscheider.

A íntegra desse documento, intitulado "nosso apoio a dois Bispos do povo" é a seguinte:

"Os abaixo-assinados, cidadãos brasileiros de várias categorias profissionais, vêm manifestar à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que vossa Eminência preside, sua preocupação com a campanha difamatória e de objetivos que conflitam com os princípios defendidos pela CNBB, contra d. Pedro Casaldáliga, bispo prelado de São Félix do Araguaia, e d. Tomás Balduino, bispo de Goiás Velho e

presidente do Conselho Indigenista Missionário.

"Ainda que à frente desta campanha se tenha apresentado outro membro da CNBB: d. Geraldo de Proença Sigaud, bispo de Diamantina, sabemos que os interessados na restrição ao trabalho de dom Pedro e de dom Tomás são aqueles que perseguem e exploram camponeses e índios. São exatamente aqueles que vêm no seu caminho de injustiças levantarem-se dois bispos em defesa dos pobres e oprimidos. É compreensível, portanto, que na frente desta campanha, como seu principal porta-voz, apareça um bispo que também é fazendeiro.

"Num momento em que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil participa do sofrimento, da luta e da esperança do povo brasileiro, o que se desprende do trabalho pastoral da maioria dos seus Bispos e de suas posições publicamente assumidas em documentos como "Comunicação Pastoral do Povo de Deus" e "Exigências cristãs de uma ordem política", manifestamos nossa confiança em que essa Conferência saberá defender aqueles dois prelados.

"Os que ficam ao lado dos pobres e dos oprimidos só merecem estímulos. Os que combatem as injustiças só merecem nosso apoio e nossa solidariedade. E dom Pedro Casaldáliga e dom Tomás Balduino merecem nosso reconhecimento por terem ouvido os clamores de seu povo".

Dom Rezende alerta contra radicalização

Em sua mensagem pastoral desta semana, o arcebispo de Belo Horizonte, dom João Rezende Costa, alerta contra "as radicalizações que destroem o clima de oração e caridade" necessário para se "ouvir o Espírito Santo" na hora das decisões. A mensagem considera importante ouvir o Espírito Santo, explicando que "muita coisa ficou guardada na memória da Igreja em forma como que embrionária para ir sendo explicada pelo Espírito Santo".

"A docilidade do Espírito Santo nos livrará de transformar a firmeza em trimosia. O que, aliás, seria sinal de insegurança, pois quem possui a verdade, e não apenas fórmulas, não tem medo de confrontá-la com perguntas novas. E nos livrará de uma abertura não autêntica que deixe a impressão de não estar guardando a fidelidade à doutrina ou — o que é mais frequente — de não estar tendo o devido respeito aos que caminham mais lentamente", diz a mensagem pastoral de dom João Rezende Costa.

Termina a mensagem a ser lida nas missas de domingo, afirmando que o Espírito Santo "nos ajudará a conquistar o dom da paz, que Cristo nos promete". Desta paz continua, que não é a estagnação incômoda de um charco, nem a agitação inconsequente de quem não respeita os prazos da verdade, que são os prazos de Deus".

Expulsão de bispo, Falcão desconhece

Ao mesmo tempo em que o ministro da Justiça, Armando Falcão, dizia desconhecer a existência de qualquer processo de expulsão do bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, ele e dom Tomás Balduino recebiam a solidariedade da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.

Apesar do desconhecimento do ministro da Justiça, o Departamento de Polícia Federal e os órgãos de informações do Governo possuem dossiês sobre a atuação de dom Pedro Casaldáliga na região do Brasil Central.

O porta-voz da Nunciatura Apostólica, monsenhor Tomás, não quis fazer qualquer comentário sobre as denúncias contra os dois bispos e sobre a possibilidade de vir a ser expulso do país o bispo de São Félix do Araguaia.

Já o bispo de Goiás Velho, dom Tomás Balduino, não quis comentar as denúncias formuladas contra ele pelo bispo de Diamantina, dom Sigaud.

— Justamente por tudo aquilo que senti da parte do episcopado brasileiro e visando principalmente a manter a força desse colegiado, prefiro agora uma conduta discreta. Vi o relatório do bispo de Diamantina, mas também li a resposta de dom Pedro Casaldáliga e manifesto minha inteira concordância com tudo aquilo que ele diz. Ele é a pessoa mais visada nesse episódio e com aquela declaração propiciou-nos, a todos nós, uma palavra evangelizadora - disse dom Tomás Balduino.

Na carta que enviou aos dois bispos, a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, entre outras coisas, considera "malicioso e injusto" o relatório de dom Sigaud.

Ao referir-se ao episódio, afirma a carta:

— Vossas Excelências são testemunhos vivos do cristianismo, que enfrenta, com serenidade e firmeza, a intolerância e as incompreensões, pregando, pelo exemplo, e enunciando, pelo contraste, os que são incapazes de superar ambições mesquinhas e que se associam aos poderosos para tentar silenciar os que revelam sua mesquinharia.

(Página 10)

F. B. B. - 12/11/77

D José Maria acredita que Santa Sé não considerará denúncia de Dom Sigaud

Os 15 bispos que participaram, no convento do Cenáculo, da I Semana de Comunicação Social interromperam ontem o seu minicurso para uma experiência prática de entrevista coletiva, durante a qual o Arcebispo de João Pessoa, D José Maria Pires, disse acreditar que a Santa Sé não tomará em consideração as acusações de D Geraldo Sigaud contra D Pedro Casaldáliga e D Tomás Balduino.

"A Santa Sé conhece muito bem o trabalho dos dois bispos acusados", comentou. E observou que os dois prelados vivem numa região onde "o pessoal é mais pobre e marginalizado" e, por isso, os bispos "são obrigados a usar, por vezes, expressões e modos de agir que não os livram de machucar os poderosos".

SEM SIGNIFICADO

"Seu trabalho é muito evangelizador e, embora colocado numa linha social, não tem nenhuma ligação com a ideologia comunista", afirmou D José Maria Pires.

Para o Bispo-Auxiliar de Itabira, MG, D Lélis Lara, a acusação de "comunistas" feita aos dois bispos, de tão usada, já "não significa absolutamente nada". Elas "são tão absurdas" — emendou o Bispo de Maringá, PR, D Jaime Luís Coelho — "que o próprio silêncio é a melhor defesa dos Bispos de São Félix do Araguaia e de Goiás Velho."

Nem elas trarão maiores dificuldades, segundo D José Maria Pires, "porque a Igreja, cada vez mais, vem-se solidarizando com os problemas do povo, e o povo está dando razão a seus bispos e padres quando falam e agem."

Por isso, as acusações de D Sigaud, acrescentou, "não irão prejudicar o trabalho da Igreja junto ao povo". E comentou que só sentirão problema e recearão traba-

lhar com os *bispos comunistas*, talvez, algumas pessoas que têm "posição social e segurança econômica" a preservar.

OUTROS TEMAS

O Arcebispo de Belém, D Alberto Ramos, ponderou à essa altura da coletiva que os bispos estavam no convento do Cenáculo não para estudar "esse problema específico" (caso D Sigaud) mas para um curso de Comunicação. O Bispo de Maringá, D Jaime Luís Coelho, propôs como tema o problema dos "mais de 7 milhões de bóias-frias que existem no Brasil", o do desemprego e de outras deficiências na área social. "Não tenho problemas de posseiros nem de índios" — disse — "mas tenho outros, numa cidade de 600 mil habitantes, metade de migrantes nordestinos".

O Bispo de Santos, D Davi Picão, abordou o documento Exigências Cristãs para Uma Ordem Política, aprovado pela última assembleia-geral da CNBB, realizada em Itaci, SP.

J. B. B. 1, 14-5-77

D. Aloísio: não há no País bispo comunista

Do enviado especial, dos
Sucursais e dos
correspondentes

FORTALEZA — “Não existe bispo comunista no Brasil. Posso afirmar isso com segurança, porque conheço a todos, principalmente d. Pedro Casaldáliga, um homem extremamente preocupado com os problemas da Prelazia de São Félix do Araguaia e cuja carreira acompanho desde que ele era padre”.

A declaração foi feita ontem pelo presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, d. Aloísio Lorscheider, bispo de Fortaleza, um dia após ter almoçado com o presidente Ernesto Geisel, com quem conversou longamente durante banquete oferecido pelo Governo do Ceará ao chefe do Executivo, por ocasião de sua visita a aquele Estado.

D. Aloísio, porém, negou haver discutido com Geisel o atual relacionamento entre Igreja e Estado ou mesmo a questão do divórcio.

“Almoço não é a melhor ocasião para levantar problemas — argumentou. O presidente estava cansado, em virtude do programa intenso que teve de cumprir, e a abordagem de temas como esses poderia até atrapalhar sua digestão”.

Segundo informou, Geisel abriu, mais uma vez, a possibilidade de recebê-lo em audiência formal no Palácio do Planalto, para o debate de assuntos de interesse comum.

“Eu nunca me utilizei dessa prerrogativa porque, até esta altura do meu mandato, a CNBB considerou que nenhum dos problemas que enfrentamos justificou um pedido de audiência ao presidente”.

Na opinião do bispo de Fortaleza, “almoço é para conversar amenidades”, e por isso só falou de coisas leves durante seu encontro com o chefe do Governo.

“Recordamos que em Estrela, no Rio Grande do Sul, terra natal do presidente, sua família residia em uma casa

próxima à da minha. Morávamos em uma região em que os imigrantes compraram terras e as doavam aos seus patrícios que vinham para o Brasil. Para frequentar o tempo católico, inclusive, eu tinha de atravessar a área ocupada pelos protestantes, dos quais ele fazia parte”.

Analisando as recentes acusações formuladas pelo bispo de Diamantina, d. Sigaud, contra d. Pedro Casaldáliga, d. Aloísio Lorscheider observou que “esse não é um problema da CNBB, mas da Santa Sé”. Conforme assinalou, a Confederação “trata de problemas específicos, locais, do Brasil”, e não pode interferir em assuntos diplomáticos, “área de competência exclusiva da Santa Sé”.

Ressalvou, contudo, que por três vezes já esteve na Prelazia de São Félix do Araguaia (“a última por ocasião da prisão do padre Gentel”) e constatou ser aquela “uma região muito difícil”, acrescentando: “E preciso entender o homem a partir do meio em que vive. As atitudes de d. Casaldáliga são movidas exclusivamente pela preocupação que tem com os problemas da região”.

Com relação ao divórcio, disse d. Aloísio que não via “interesse algum do Governo em aprová-lo”. Para ele, essa é uma das questões em que a Igreja e Estado tem interesses comuns — a estabilidade da família — daí porque deveria existir “uma ação conjunta”. Pessoalmente, declarou-se favorável ao desquite, “que não é bom mas é previsto no Evangelho”, e classificou o divórcio de “solução simplista, que está merecendo destaque justamente quando existem dificuldades muito maiores a serem sanadas”.

Finalizando sua entrevista, o presidente da CNBB fez uma análise da situação da Igreja no Brasil. “mas dentro de um contexto mundial”. Segundo ele, ocorre atualmente “uma escalada de desavenças, não só no âmbito dos governos, mas das sociedades”.

“Acusações cairão no vazio”

RIO — “As denúncias lançadas por D. Geraldo Sigaud não causarão qualquer embaraço a nosso trabalho, porque a Igreja vem, cada vez mais, se solidarizando com o povo, permitindo que as pessoas falem e participem. Daí porque os fiéis não acreditam nas acusações e elas fatalmente cairão no vazio”. A afirmação foi feita ontem, no Rio, por D. José Maria Pires, arcebispo da Paraíba.

“Lembro-me, disse ele, quando D. Marcelo Carvalheira foi eleito bispo. Ele iria para João Pessoa, onde é auxiliar e, na época, se comentava como a chegada de um prelado dito comunista, que, inclusive, já fora detido, poderia ser aceita. Mas ele foi e, afinal, gregos e troianos o acolhem porque sentem que se trata de um homem identificado com o povo”.

D. José Maria Pires falou em entrevista coletiva da qual participaram 16 dos 20 bispos que estão reunidos na 1.ª Semana de Estudos sobre Comunicação Social, promovida pela CNBB. A reunião, que constava de um programa didático, acabou se transformando num debate onde o caso Sigaud apareceu como o primeiro assunto da pauta. Sobre ele, D. José Maria Pires afirmou não acreditar que a Santa Sé acolha o libelo do arcebispo de Diamantina.

“Acho que a Santa Sé, que conhece muito bem o trabalho de D. Pedro Casaldáliga e de D. Tomás Balduino, não tomará conhecimento das acusações. A Santa Sé sabe que ambos são homens em contato com índios e posseiros e que, por força deste trabalho, em contato com sérios problemas

sociais, são obrigados a uma linguagem que poderia, eventualmente, ser usada pelos comunistas”.

SEM SENTIDO

“Acusá-los de comunistas, ou denunciar como comunista o bispo de Propriá, D. José Brandão de Castro, ou, como advertiu o cardeal D. Avelar Brandão, fazer a mesma imputação a quem se insurja contra situações de injustiça séria, é um recurso que já não tem tanto efeito”, disse D. Lélis Lara, bispo auxiliar de Itaboraí. E acrescentou: “essa acusação já não significa quase nada”.

Os bispos reafirmaram a opinião de que o governo, certamente, não acatará as denúncias de D. Sigaud, bem como sua sugestão de expulsar do Brasil o bispo prelado de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga.

Lembrando que a Santa Sé já está de posse das informações para fazer a defesa dos prelados, D. Jaime Coelho, bispo de Maringá, explicou porque a CNBB e grande parte do episcopado, não contestaram as acusações do arcebispo de Diamantina: “É uma situação tão absurda que o próprio silêncio é a maior defesa de D. Pedro Casaldáliga e D. Tomás Balduino”.

No entanto, os prelados reconhecem que a insistência de D. Geraldo Sigaud nas acusações esvaziou a repercussão do documento “Exigências cristãs de uma ordem política”, que D. Lélis Lara classificara, na véspera, como “o símbolo da Assembléia Geral de Itaipó, que o redigiu e o aprovou por unanimidade”.

Boletim de Olinda comenta

RECIFE — Amanhã irá circular em todas as igrejas do Recife, na missa das nove horas, um boletim da Arquidiocese de Olinda e Recife sobre o comportamento de d. Sigaud em relação aos bispos brasileiros. O boletim assinala que apesar do caso lamentável de que tratam os jornais, com largos espaços diários, sobre as denúncias de D. Sigaud, a Igreja do Brasil, através da CNBB, tem assumido uma atitude de discrição em relação ao próprio autor das acusações. “O caso já foi levado à Santa Sé e os bispos se absteram de fazer julgamentos a respeito, para não incidir no mesmo erro lamentado. Uma coisa, porém, não tem faltado: a manifestação de apreço e confiança em d. Thomáz Balduino e d. Pedro Casaldáliga”, que estão entre os acusados por d. Sigaud”, diz o boletim.

Segundo as informações de seu feito, d. Thomáz Balduino interpretou com muita felicidade a posição assumida pelos bispos do Brasil: “Justamente por tudo aquilo que senti da parte do episcopado brasileiro, falou d. Thomáz, e visando principalmente a manter a força desse colegiado, prefiro agora uma conduta discreta. Por uma questão de lealdade e de comunhão com a posição que a própria Igreja resolveu adotar neste episódio”.

O comunicado da arquidiocese de Olinda e Recife também lembra a situação de d. Pedro Casaldáliga. E afirma: “De outro lado, d. Casaldáliga, negando-se a entrar em polêmica, deu precisos subsídios para o conhecimento objetivo e desapassionado do seu modo de pensar e agir, através de duas longas entrevistas à imprensa do sul. Na ocasião, ele disse, expressamente, que o documento Sigaud nada mais é do que um apanhado tendencioso de textos mutilados que não representam o meu pensamento e a minha atitude”.

Através destes relatos dos dois bispos, o boletim acrescenta que a opinião pública já pode ir chegando a algumas conclusões. “O próprio exagero e a desmedida ampliação das acusações contribuíram para desmoralizá-las. Já diziam os antigos, prossegue o boletim,

que o que prova em demasia, nada prova. “Final, já se vê pelos jornais que o arcebispo de Diamantina está apurando, com base nas informações de um seminarista franciscano, quais sejam, além dos 26 bispos que ele já conhece e guarda em segredo, os outros 55 bispos que professam teses comunistas em nome do evangelho, conforme afirmou o chanceler do arcebispo, monsenhor José Augusto Ferreira”.

O próprio monsenhor já adianta, segundo o boletim, que entre os outros bispos, provavelmente, estarão aqueles que publicamente desaprovaram as acusações de infiltração comunista na Igreja, levadas a público por d. Sigaud. “Entretanto, o monsenhor não sabe o nome de nenhum deles”.

Concluindo, o boletim coloca: “Não admira que na sequência destes métodos já se tenha encontrado forma de acusar o Santo Padre, a Santa Sé e documentos oficiais da Igreja. Afinal, é um vale tudo”.

Senador defende

d. José Brandão

Ao defender ontem em Brasília o bispo de Propriá, (Sergipe), Dom José Brandão de Castro, acusado de comunista por dois vice-líderes da maioria na Assembléia Legislativa da Bahia, o senador Gilvan Rocha, vice-líder do MDB, afirmou, com base em declarações do cardeal D. Avelar Brandão Vilela, primaz do Brasil, que “estão abusando da expressão comunista, usando-a a torto e a direito, contra quem venha a discordar do governo”.

Lembrando que qualquer pessoa que faça alguma coisa em benefício dos mais fracos está sujeita a tal tipo de imputação, Gilvan Rocha acrescentou que as palavras de D. Avelar Brandão “deverão calar fundo na consciência dos que, de maneira escusa, com procedimentos infantis, tentam obter e justificar os insucessos governamentais”.

D Ivo revela que Governo investiga ideologia dos padres e bens da Igreja

Porto Alegre — Classificando-os como "ridículos e profundamente lamentáveis", o secretário-geral da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, denunciou ontem que estão sendo realizados levantamentos, pelos órgãos de segurança do país, sobre a linha de ideologia religiosa de cada bispo e cada padre brasileiros, além de outro levantamento sobre os bens da Igreja, "o que não nos assusta, mas demonstra uma exorbitância, num clima de envenenamento que se manifesta em todos os escalões do setor de segurança".

A informação foi prestada em palestra no salão nobre da PUC gaúcha, onde D Ivo Lorscheiter foi aplaudido, de pé, pelas 800 pessoas presentes. O secretário-geral da CNBB condenou, também, a filosofia da Lei de Segurança Nacional, que, "como está apregoada no Brasil e na América Latina, está na raiz de todo este sistema que envolve múltiplas e arbitrarias depressões".

OS DOCUMENTOS SECRETOS

D Ivo Lorscheiter disse ter documentos comprovados, assinados e com data, de órgãos de segurança, que são "formulários sobre cada bispo e cada padre, com duas páginas de perguntas. Mas não se pergunta se o religioso matou ou cometeu algum crime. As perguntas são sobre a linha de ideologia religiosa". E leu para os assistentes as três primeiras perguntas: 1) Tenta desfigurar a pessoa de Cristo? 2) Tenta desfigurar a figura de Deus? 3) Fala em comunidades de base?

Para o secretário-geral da CNBB, "são coisas como essa que prejudicam o Estado e o caminho do próprio país. Lamentamos profundamente coisas como essa que se fazem atualmente, que seriam simplesmente ridículas, se não fossem motivo de entristecimento. Folhas de inquérito devem ser preenchidas por nobres agentes de segurança, não com o dinheiro dos contribuintes. Como um nobre agente desses vai preencher tais formulários? O que nos entristece é o desvio de energias preciosas, que deveriam ser dirigidas para a segurança no verdadeiro sentido, ao invés de para essas coisas ridículas. São indícios de um processo generalizado num clima de envenenamento que se manifesta em todos os escalões".

O Bispo de Santa Maria denunciou também que outro formulário dos serviços de segurança indaga sobre os bens da Igreja. "Não é mais o INPS, nem o Imposto de Renda que investigam isso, é a própria polícia. E esta pesquisa deveria estar pronta no dia 10 de abril, com levantamento de contas bancárias, investimentos imobiliários etc. Isso não nos assusta, mas vemos como uma exorbitância, constatando com tristeza o desvio dos objetivos da segurança nacional para outros caminhos".

OS EFETOS DA SEGURANÇA

Durante sua palestra, D Ivo Lorscheiter também condenou a doutrina da segurança nacional por prever e adotar "a absolutização do Estado, a submissão do direito individual das pessoas aos direitos do Estado, e por sua premissa do antagonismo". Explicou a chamada "lei do antagonismo", pela qual "quem é contra o capitalismo, é comunista. Isso é formulado na doutrina da segurança nacional, e não podemos admitir, temos que reagir contra esse tipo de formulação, pois a Igreja mantém uma linha equidistante do capitalismo e do comunismo. O comunismo é ateu, materialista e supressor das prerrogativas humanas, mas o capitalismo possui esses mesmos três defeitos".

"Não queremos que a liberdade — uma das exigências fundamentais para uma verdadeira ordem política — seja, nem o pode ser, sacrificada em nome de uma doutrina de segurança nacional. Não podemos aceitar essa doutrina que se estabelece como supremo valor, e com exageros muito grandes. Claro que queremos uma segurança, mas ora vivemos numa insegurança, infelizmente. Uma verdadeira ordem política exige duas condições fundamentais: liberdade e participação; participação de grupos intermediários (sindicatos, Partidos) cujos direitos devem ser assegurados numa efetiva participação, que também se expressa em críticas e discordâncias", ressaltou.

MODELO FRÁGIL

Na sua conferência sobre o documento Exigências

Cristãs para uma Ordem Política, o secretário-geral da CNBB frisou que as linhas do documento, "pela extraordinária repercussão que tiveram em todo o país, não seriam, por isso mesmo, indícios de um consenso nacional na busca desta ordem política? O documento representa uma impressionante ansiedade de nossos irmãos brasileiros, e esta na hora de reiniciar o diálogo sobre suas ilusas mestras. Quanto à necessidade de constante questionamento da linha política, aconselhada no documento de Itaici, a Igreja tocou numa das fragilidades do atual modelo político brasileiro, que se pretende inquestionável. E isso é lamentável. Se houvesse revisões mais contínuas estaríamos, certamente, em melhor situação".

Lembrou que "a autoridade do poder político vem do povo. E isso é a verdadeira democracia. Seja esse o Presidente ou seja outro, não tem legitimidade se o povo não o aceita ou não o rejeita. O processo de participação do povo está dentro da ética. Isso foi o que sempre se ensinou. Mas a Igreja não quer ser uma ideologia, já que a descoberta de processos políticos concretos não pertence à Igreja, mas a própria sociedade". D Ivo Lorscheiter também condenou a marginalização, "a pior delas, que é daquele que não tem condições de participar das decisões. Marginalizado não é apenas o que não tem suficientes bens materiais ou culturais, mas o que não pode participar das decisões".

DOM SIGAUD

Depois de classificar as denúncias de D Geraldo Sigaud contra os Bispos de Goiás Velho e São Félix de Araguaia como "calúnias que não têm fundamento", D Ivo Lorscheiter disse que esta visão faz parte da lei dos antagonismos ("quem critica o capitalismo é comunista") da Lei de Segurança Nacional. Frisou que as afirmações de D Sigaud "têm base de orquestração em grupos interessados", acrescentando que "um general das Forças Armadas nos avisou que além de D Sigaud e de D José Pedro Costa (Bispo de Diamantina), outros dois bispos deveriam falar contra D Pedro Casaldáliga e D Tomás Balduino. Essa fonte é bastante interessante e reveladora do estado de coisas", comentou.

Ao afirmar que a Igreja tem o direito e o dever de exercer uma doutrina social, o secretário-geral da CNBB disse que "a Igreja, ao interpretar a lei de Deus e o desenvolvimento histórico das sociedades, tem a obrigação de lançar orientações, de proclamar exigências cristãs, inclusive para uma ordem política. Tem o direito de proclamar o que é bom e o que é ruim para o ser humano. O céu deve ter na Terra a sua configuração. Se o céu é de plena felicidade, estamos jogando na Terra caricaturas dessa felicidade. E não vejo coragem dos cristãos de provocar maior felicidade. E não posso tolerar essas caricaturas, o mundo deve ser transformado em novo céu e em nova Terra. Quanto mais entendemos o céu, mais queremos entender a Terra; essa visualização vai obrigar o crente a lutar pela transformação da Terra".

O Bispo de Santa Maria acrescentou que "com tristeza vejo que não conseguimos clarear isso dentro da própria Igreja, que é obrigação nossa conciliar a missão salvadora de Cristo com esse interesse pelos problemas sociais. E isso é motivo de tanto mal-estar e desavenças na Igreja".

Jornal do Vaticano elogia Casaldáliga

Da sucursal do
RIO

Um artigo publicado a 14 de abril pelo "L'Osservatore Romano", órgão oficial do Vaticano, sobre um dos livros do bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, pode iniciar a opinião favorável da Santa Fé sobre o trabalho daquele religioso. Um trecho do artigo será divulgado hoje pelo boletim regular de notícias da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cuja decisão de reproduzir a matéria está sendo interpretada como um reforço à informação dada sexta-feira pelo bispo de João Pessoa, d. José Maria Pires, de que a maioria do episcopado brasileiro "acredita que a Santa Sé não tomará em consideração as acusações de d. Pedro Casaldáliga e de d. Tomás Balduino". Uma das evidências de que as acusações de Sigaud, chamando Casaldáliga de comunista, não encontrariam apoio no Vaticano seria o fato de o arcebispo mineiro ter apoiado suas denúncias principalmente no livro "Creio na Justiça e na Esperança", escrito pelo bispo de São Félix, exatamente a obra analisada pelo "L'Osservatore".

Referindo-se a Casaldá-

liga, o artigo, assinado pelo crítico literário Giovanni Caprile, diz que "não deve se esquecer que se trata de um batalhador de primeira linha, em contato diário com toda sorte de dificuldades, que se sente com frequência lutando contra o invencível. Mas, no fundo, descobre-se nele um zelo sincero, uma fé evangelicamente sobrenatural e um sincero amor à Igreja, ainda que não lhe poupe críticas sofridas e inspiradas pelo desejo de vê-la totalmente evangélica".

Segundo o crítico, "o livro de d. Casaldáliga deve ser lido e interpretado no contexto concreto do ambiente onde foi escrito. Quando aí se lêem as injustiças, os abusos e a miséria a que está exposta a população a ele confiada, compreendem-se certas expressões que, fora do contexto, nos pareceriam paradoxais e inadmissíveis. O autor é um caráter ardente, logo se vê. Às vezes, suas expressões parecem fortes demais".

E o artigo sugere que, "nessa visão", sejam "lidas e redimensionadas certas afirmações suas sobre as relações com os governos, sobre a diplomacia vaticana, sobre a Cúria, sobre o sistema capitalista, sobre o socialismo, etc."

CA - J.P. - 17/11/77

Nobre defende Casaldáliga e Balduino

Ao defender ontem, da tribuna da Câmara, os bispos Dom Pedro Casaldáliga e Dom Tomás Balduino da acusação de comunistas feita pelo Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Sigaud, o deputado Padre Nobre (MDB - MG) afirmou que "tomaria o episódio como engraçado, não fosse ele tão desastroso".

- Não admito sequer discutir o mérito das lamentáveis denúncias nascidas na sede episcopal de Diamantina, há cerca de quatro meses, segundo as quais dois bispos brasileiros - Dom Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia, e Dom Tomás Balduino, de Goiás - seriam comunistas, afirmou o deputado.

- Eu, que não compreendo, nem aceito a idéia de que um católico sincero possa ser comunista, como poderia compreender e aceitar que um bispo o pudesse ser? Como podem ser comunistas, adeptos de um materialismo sem deus, aqueles que foram vocacionados para viver e ensinar o Evangelho de Cristo e distribuir os dons espirituais da justiça e do amor?, indagou Padre Nobre, para quem o episódio das denúncias de Dom Sigaud "tem sido inteligentemente explorado por aqueles que não prezam a respeitabilidade da Igreja Católica".

Proseguindo informou ter tomado conhecimento "através de quem tem legítima autoridade para me dizer" de que o assunto foi encaminhado ao Papa Paulo VI, "e está nas mãos do Supremo Chefe da Igreja a solução para tão triste caso". "E ela virá ao seu tempo e sem que seja tardia, tal como aquela liberdade reclamada por Tiradentes e que o lema da bandeira de Minas Gerais", acrescentou.

CB 18/5/77

EA SP

QUARTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1977

Casaldáliga pede CPI sobre toda a situação nacional

Da sucursal de
BRASÍLIA

O bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, sugeriu, ontem, na CPI da Câmara que investiga os problemas fundiários, a constituição de uma comissão para avaliar não só as questões de terra mas o próprio sistema sócio-político-econômico brasileiro, segundo ele o grande responsável pelos problemas que estão ocorrendo na Amazônia. O depoimento do bispo, aguardado com grande expectativa pelos deputados e pela grande assistência presente, transcorreu de forma serena, quebrado apenas por um aparte do deputado Siqueira Campos (Arena-GO), que comparou o comportamento do bispo ao de "uma Brigitte Bardot de calças".

O deputado goiano ficou irritado com uma resposta que ouviu do bispo a um esclarecimento feito por ele, de que o "coronel" Pereira da Silva, de Goiânia, acusado pelo bispo de exercer pressão sobre posseiros, na verdade, tinha a patente de coronel. "O fato de ser ele coronel, sem aspas — afirmou o prelado —, torna ainda mais grave a sua iniciativa de retirar à força os posseiros do município de Paranã".

Ao comparar o bispo de São Félix à atriz francesa, Siqueira

Campos disse que dom Pedro Casaldáliga estava querendo fazer discurso para a platéia presente, preocupado em conseguir novos adeptos para a sua causa.

Mas a única intervenção mais ríspida feita por deputados da Arena foi esta. Os outros, depois de ouvir um longo relatório sobre os principais conflitos de terras que ocorrem nos Estados de Mato Grosso e Goiás, preferiram dirigir as suas perguntas para o setor fundiário, fugindo de qualquer inquérito político-ideológico como era esperado.

No seu depoimento, dom Pedro Casaldáliga afirmou que a causa estrutural de todos os problemas fundiários é o latifúndio, colonial ou capitalista. Ele apontou como consequência da política aplicada no setor uma série de distorções, ressaltando as seguintes: 1 — a acumulação e especulação da terra em mãos de poucos. Na amazônia, de 1960 a 1970, desapareceram 44 mil propriedades pequenas e médias e surgiram 9 mil grandes propriedades; 2 — relações sociais de exploração semi-escrava; 3 — criação de novos focos de instabilidade. A Contag e o INCRA vêm denunciando quase 11 milhões de famílias sem terra para sobreviver; 4 — a cobertura aos sem lei: pistoleiros e grileiros. A violência e a arbitrariedade da própria Polícia; 5 — a dependência do exterior, com a Amazônia virando reserva das multinacionais. Por fim, a improdutividade, inclusive economicamente frustadora, do latifúndio.

O bispo fez críticas ao sistema dos incentivos fiscais que, segundo ele, só tem beneficiado os grandes grupos: "Somando os incentivos dados às fazendas Suiá-Missu, da Liquigás; Tamakavy, de Silvio Santos, e da Volkswagen, teremos um total de CR\$547.124.677,00. Se dividirmos esse dinheiro pelo número de cabeças de gado existentes nessas fazendas, veremos que cada boi, custa, somente de incentivos, CR\$ 1.568,00.

O deputado Daso Coimbra (Arena RJ) quis saber do bispo de São Félix se a fazenda Suiá-Missu pertence ao Vaticano, que seria acionista do grupo Liquigás. Por meio de seu assessor, dom Pedro apresentou uma carta enviada pela Nunciatura, em Brasília, informando que o Vaticano não tem qualquer ligação com a Suiá-Missu.

GENERAIS

Ao fazer um longo relato sobre os atritos que ocorreram entre posseiros e proprietários da empresa Codeara, proprietária de terras na localidade de Santa Terezinha, próximo à sede de sua prelazia, dom Pedro falou de uma operação militar que ocorreu na região, em 1972, com a participação de generais. Segundo o bispo, o prefeito municipal estava fazendo campanha política denunciando problemas de terras. "Numa operação militar realizada na área — disse —, à qual compareceram o general Humberto Souza Melo, então comandante do II Exército, o general Reynaldo Mello Almeida, então comandante da 9ª Divisão Militar, com sede em Campo Grande, e o general Rosalvo Eduardo Jansen, comandante da 2ª Brigada Mista de Corumbá, foi feita violenta pressão para que o prefeito revogasse a lei de desapropriação que iria prejudicar os interesses da Codeara."

Este fato, narrado por dom Pedro Casaldáliga, motivou a intervenção de deputados da Arena, que acusaram o bispo de estar levantando graves acusações contra os generais. Dom Pedro Casaldáliga afirmou que estava apenas testemunhando o que realmente ocorreu durante os conflitos que culminaram com a expulsão do padre Francisco Jentel do País, acusado de ter insuflado os posseiros contra a Codeara.

Investigação volta a ser denunciada

ESTADÃO - 31/5/77

Da sucursal e
do serviço local

O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Ivo Lorscheiter, reiterou ontem sua denúncia de que órgãos de segurança vêm investigando o trabalho dos religiosos. "Não posso afirmar que o Ministério da Justiça é responsável, nem qualquer outro departamento, mas apenas que essas diligências procedem de órgãos de segurança", sustentou.

D. Ivo falou à imprensa na vila Kostka, em Itaici, onde estão reunidos 27 bispos de São Paulo, para preparar o terceiro plano bienal de ação da Regional Sul I da CNBB. "A polícia — acentuou d. Ivo — não cabe fazer investigações sobre a linha de atuação da Igreja nem sobre seu patrimônio. Isso é totalmente descabido."

Para provar que as investigações atingem elementos da igreja em todo o território nacional, e que já foram denunciadas oralmente por alguns bispos durante a assembleia geral da CNBB, em fevereiro deste ano, o secretário da CNBB entregou ao senador Eurico Rezende — que desmentiu a denún-

cia — ao deputado Viana Netto e a diversas autoridades, dois documentos com depoimentos por escrito de representantes da igreja sobre o assunto. "O importante, por enquanto — disse d. Ivo —, é que os órgãos de segurança saibam que a CNBB está consciente dessas investigações e que não as teme. Nós podemos aceitar que o INPS, o Imposto de Renda ou o ICM nos fiscalize, mas jamais a polícia." E acrescentou ainda que ninguém está assustado com a atuação desses órgãos, "que perdem tempo fazendo isso, quando deveriam cuidar da segurança nacional".

HOMENAGEM

A arquidiocese de São Paulo está convidando "todos os que se preocupam com a promoção dos direitos humanos" para participarem da sessão festiva em homenagem ao cardeal-arcebispo d. Paulo Evaristo Arns, por ter sido recentemente agraciado com o título de doutor "honoris causa" em leis, pela universidade Notre Dame, dos Estados Unidos. A homenagem será dia 6 de junho às 20 e 30, no teatro da Pontifícia Universidade Católica.

Casaldáliga envolve militares: CPI

O depoimento do bispo de São Felix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, ontem, na CPI do Sistema Fundiário foi bastante tumultuado, envolvendo vários parlamentares da Arena e do MDB em discussão acelerada.

A um trecho do depoimento o bispo, fez referência à participação dos ex - comandantes do I e II Exército, Reinaldo Mello Almeida e Humberto Souza Mello, e do comandante da 2ª Brigada Mista de Corumbá, Rosalvo Eduardo Jansen, em pressões para beneficiar em questões de terras a companhia agropecuária CODEARA, pertencente ao grupo Banco de Crédito Nacional.

Segundo o bispo, os três militares, em operação realizada no município de Luciara (Mato Grosso), em 1972, teriam mantido reunião com o prefeito da cidade e o convencido a revogar uma lei de desapropriação de terras que contrariava os interesses do grupo.

A informação assustou grandemente os arenistas, que declararam não admitir fosse "enxovalhado o nome de homens do Governo" e exigiram provas. D. Pedro Casaldáliga explicou - lhes que os militares participaram da reunião, relatada minuciosamente por um vereador, e que resultou na assinatura de um termo de acordo, anulando a desapropriação de terras cuja posse era proclamada pela CODEARA. O termo foi assinado pelo general Rosalvo Jansen, Dr. Carlos Alves Seixas, pela CODEARA, José Liton Luiz, prefeito municipal, e Gabriel Muller, pela Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso.

Esse possível comprometimento de militares em atos lesivos a interesses de posseiros pobres, denunciado pelo bispo, irritou de tal modo o deputado Siqueira

Campos, que este chegou a dirigir insultos ao membro do clero: "O senhor é de espírito malicioso, acusador gratuito, e está agredindo todo mundo, inclusive o general Reinaldo. Manifesto a repulsa sentida por mim e por todo o contexto que integro, ante suas declarações".

O deputado Sival Boaventura (Arena - MG), que associou o discurso de Marcos Tito a um texto do jornal comunista "Voz Operária", embora não fosse membro da CPI, ouviu todo o depoimento de Casaldáliga e o interpelou. Embora com cautela, Boaventura tentou forçar o bispo a definir suas convicções políticas indagando - lhe como concebia uma reforma agrária e qual sua opinião sobre o direito da propriedade.

Casaldáliga respondeu - lhe que o problema agrário brasileiro não poderia ser resolvido apenas com uma reforma jurídica, mas também política e, citando Paulo VI, para quem "a propriedade não é um direito absoluto e inalienável", declarou que a posse da terra deveria se subordinar ao bem comum, e não ao interesse de poucos.

O descontentamento dos representantes do Governo com as atitudes do bispo voltou a ser manifestada nas interpelações formuladas por Daso Coimbra (Arena - RJ). Daso indagou - lhe porquê sempre procurava denegrir a imagem do Brasil no exterior, inclusive em recente entrevista à TV alemã, recebendo a resposta: "Denunciar o que é injusto não é denegrir, é ajudar a melhorar a imagem do país".

Reconsiderando parcialmente sua consideração inicial, Daso Coimbra continuou - do, perguntando ao bispo porque, embora tendo conhecimento evangélico, procurava solucionar o problema agrário pregando o conflito e a luta de classes. Casaldáliga res-

pondeu - lhe: "A conclusão do senhor sobre meu comportamento é mais sua do que minha: nunca falei em luta de classe. Ao contrário, prego uma nova ordem política que elimine os conflitos pela posse da terra que hoje ocorre".

Demonstrando ainda sentimento profundo pelo desfecho dos conflitos de terra que viveu, ao lado de posseiros, resultando em inquéritos policiais e morte de companheiros, Casaldáliga classificou o problema fundiário brasileiro como um problema político, estrutural, resutante de todo o nosso sistema sócio - político - econômico.

Como argumento ele assinala que o Estatuto da Terra, apesar de existir juridicamente há mais de dez anos, nunca foi implantado por ser uma decisão que contraria os interesses políticos do atual governo. Redistribuir terras, para seu aproveitamento social, diz ele, é uma das determinações do Estatuto que o Governo não ousa cumprir e apenas adia.

Por outro lado, denuncia os conflitos de terras como consequência da política governamental, remanescente do velho colonialista e direcionada para o capitalismo, tendo como pressupostos básicos a exportação e a dependência de capital.

Casaldáliga aponta ainda como vícios do atual modelo econômico a política de incentivos fiscais. Segundo ele, os incentivos são dados somente aos grandes, como as empresas agropecuárias Suiá - Missú, da Liquigás, Tamakavy, de Silvio Santos e da Volkswagen, que, com 15 fazendas, conseguiram juntas 547 milhões de cruzeiros em incentivos. Cada cabeça de gado destas fazendas custa, somente de incentivos, mil e quinhentos cruzeiros: são verdadeiros bezerros de ouro - disse ele.

EB - 15/6/77

Folha SP

Quarta-feira, 15 de junho de 1977

D. Casaldáliga faz graves denúncias na CPI da terra

BRASILIA (Sucursal) — Tumulto, insultos e denúncias marcaram ontem o depoimento do bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, na Comissão de Inquérito que investiga o sistema fundiário.

A desordem foi motivada pelo deputado Siqueira Campos, da Arena goiana que, no início da sessão, ao sentir-se ferido por alusão de d. Pedro, de que em lugar da estátua do Anhanguera, em Goiânia, deveria ser erigida a do posseiro, verdadeiro desbravador do centro-oeste, chamou-o de "Brigitte Bardot de saias", por ter chamado a atenção de quase uma centena de pessoas que compareceram à CPI para ouvi-lo.

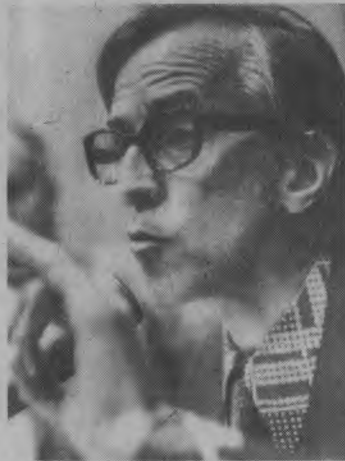
A ofensa a um membro do clero provocou uma forte reação dos parlamentares da Oposição, que também dirigiram alguns insultos ao deputado goiano. Resultado: um diálogo áspero de parte a parte, durante pelo menos cinco minutos.

TRAFICO DE INFLUÊNCIA

Embora em linguagem mais moderada, os arenistas reagiram com a mesma intensidade a um trecho do depoimento do bispo, no qual faz referência à participação dos ex-comandantes do I e II Exércitos Reinaldo Melo Almeida e Humberto Souza Melo, e do comandante da Segunda Brigada Mista de Corumbá, Rosalvo Eduardo Jansen, em pressões para beneficiar, em questões de terras, a Companhia Agropecuária Codeara, pertencente ao grupo Banco de Crédito Nacional.

Segundo o bispo, os tres militares, em operação realizada no município de Luciara (Mato Grosso), em 1972, teriam mantido reunião com o prefeito da cidade e o convencido a revogar uma lei de desapropriação de terras que contrariava os interesses do grupo.

A informação assustou gran-



D. Pedro Casaldáliga

demente os arenistas, que declararam não admitir fosse "enxovalhado o nome de homens do Governo". E exigiram provas. D. Pedro Casaldáliga explicou-lhes que os militares participaram da reunião, relatada minuciosamente por um vereador, e que resultou na assinatura de um termo de acordo, anulando a desapropriação de terras cuja posse era proclamada pela Codeara. O termo foi assinado pelo general Rosalvo Jansen; dr. Carlos Alves Seixas, pela Codeara; José Liton Luis, prefeito municipal; e Gabriel Mullaer, pela Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso.

CAUTELA

O deputado Sinval Boaventura (Arena-MG), embora não fosse membro da CPI, ouviu todo o depoimento de Casaldáliga e o interpelou. Embora com cautela, Boaventura tentou forçar o bispo a definir suas convicções políticas, indagando-lhe como concebia uma reforma agrária e qual sua opinião sobre o direito da propriedade.

Casaldáliga respondeu-lhe que o problema agrário brasileiro não poderia ser resolvido

apenas com uma reforma jurídica, mas também política e, citando Paulo VI, para quem "a propriedade não é um direito absoluto e inalienável", declarou que a posse da terra deveria se subordinar ao bem comum, e não ao interesse de poucos.

Demonstrando ainda sentimento profundo pelo desfecho dos conflitos de terra que viveu ao lado de posseiros, resultando em inquéritos policiais e morte de companheiros, Casaldáliga classificou o problema fundiário brasileiro como um problema político, estrutural, resultante de todo o nosso sistema sócio-político-econômico.

Casaldáliga apontou como um dos vícios do atual modelo econômico a política de incentivos fiscais. Segundo ele, os incentivos são dados somente aos grandes, como às empresas agropecuárias Suia "Missu", da Líquigás; Tamakavy, de Sílvio Santos e da Volkswagen, que, com 15 fazendas conseguiram juntas 547 milhões de cruzeiros em incentivos. Cada cabeça de gado destas fazendas custa, somente de incentivos, mil e quinhentos cruzeiros: são verdadeiros bezerros de ouro — disse ele.

O bispo de São Félix responsabilizou também o Incra pela omissão em situações potencialmente conflitivas e pela impotência de decisão, geralmente vinculada aos interesses de outras áreas.

Indagado sobre suas condições de vida no Brasil, Casaldáliga afirmou viver no País por espontânea vontade, não pretendendo jamais daqui sair, inclusive por receio de não conseguir retornar. Afirmou ter sido ameaçado de morte várias vezes, e ser constantemente vigiado, e confirmou ser rotina a presença de gravadores das forças de segurança para registrar suas conversas.



Casaldáliga: o que nós precisamos, mesmo, é de uma CPI para nosso sistema político-econômico

"JORNAL DE BRASÍLIA", 15-6-77

Casaldáliga denuncia conflitos, na CPI do sistema fundiário

"O que estamos precisando não é tanto uma CPI do nosso Sistema Fundiário, quanto uma "CPI", real, de todo o nosso sistema sócio-político-econômico", foi a conclusão do depoimento do bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, que ontem durante seis horas, afirmou, entre outras coisas que o problema fundiário é um "problema político, estrutural, de causas".

D. Pedro Casaldáliga, mesmo reconhecendo que pesa sobre sua cabeça a ameaça de expulsão, denunciou todos os fatos com os quais convive diariamente no Estado de Mato Grosso, citando principalmente os conflitos, existentes em sua prelazia, entre fazendeiros, posseiros, fazendeiros e índios e fazendeiros versus empresários.

FAZENDEIROS E POSSEIROS

Baseando todas as suas acusações em documentos, o bispo de São Félix resumiu o conflito acontecido entre a Fazenda Codeara, propriedade do Banco de Crédito Nacional, e os posseiros de Santa Teresinha, no município de Luciara, cujo desfecho foi a expulsão do padre Francisco Jentel, que havia sido apontado pela Codeara, que "acionava seu esquema de denúncias aos órgãos de segurança, como responsável e agitador".

Este problema do município de Santa Teresinha ainda se arrasta até hoje, disse D. Pedro, pois a solução encontrada pelo INCRA, Codeara e Prefeitura não atenderá às necessidades, pois a administração do município recebeu apenas 517 hectares.

Os incidentes que envolveram os posseiros de Santa Teresinha contaram ainda, segundo o bispo, com a participação dos generais Humberto de Souza e Melo e Reynaldo de Mello Almeida, que durante uma operação militar realizada na área, fizeram violenta pressão para que o prefeito revogasse a lei de desapropriação.

Além deste problema, o bispo de São Félix do Araguaia narrou ainda outros conflitos entre posseiros e fazendeiros, como o da fazenda Frenova, cujo diretor-superintendente na época era o atual diretor da Associação dos Empresários da Amazônia, João Carlos Meirelles, que foi o primeiro depoente na CPI do Sistema Fundiário, quando afirmou na Câmara dos Deputados que "nós somos os maiores defensores dos interesses dos posseiros, pois eles são seres humanos e merecem nossa consideração" e, em 1972, promoveu a expulsão de posseiros de Porto Alegre, às margens do rio Tapirapé, para implantar mais uma fazenda.

Diante deste quadro de constantes conflitos, D. Pedro, pergunta ao INCRA o que vem sendo feito para resolver o problema, uma vez que o órgão não promove as anunciadas discriminações de terra, colocando-se numa atitude de espectador, à margem dos acontecimentos, contribuindo desta forma para acobertar arbitrariedades e desmandos, como os da Fazenda Abdalla, reforçando as injustiças na região".

Reafirmando que "o índio é o primeiro posseiro", D. Pedro Casaldáliga citou a presença das fazendas em sua região e que começam a expulsar os índios, como a Tapiraguaia, que

tomou grande parte da mata dos tapirapés, índios agricultores, alegando que não pode abrir mão desta área porque as terras "habitadas e cultivadas pelos índios são precisamente a reserva florestal do projeto aprovado pela Sudam".

O corte das áreas indígenas pelas estradas federais é, segundo D. Pedro, o principal responsável pelas lutas frequentes e ainda pelo aceleramento do processo de desagregação que atinge a comunidade karajá, que será atingida pela construção da BR-262, uma estrada que deverá cortar mais uma vez o Parque do Xingu, depois de cortar o Parque do Araguaia.

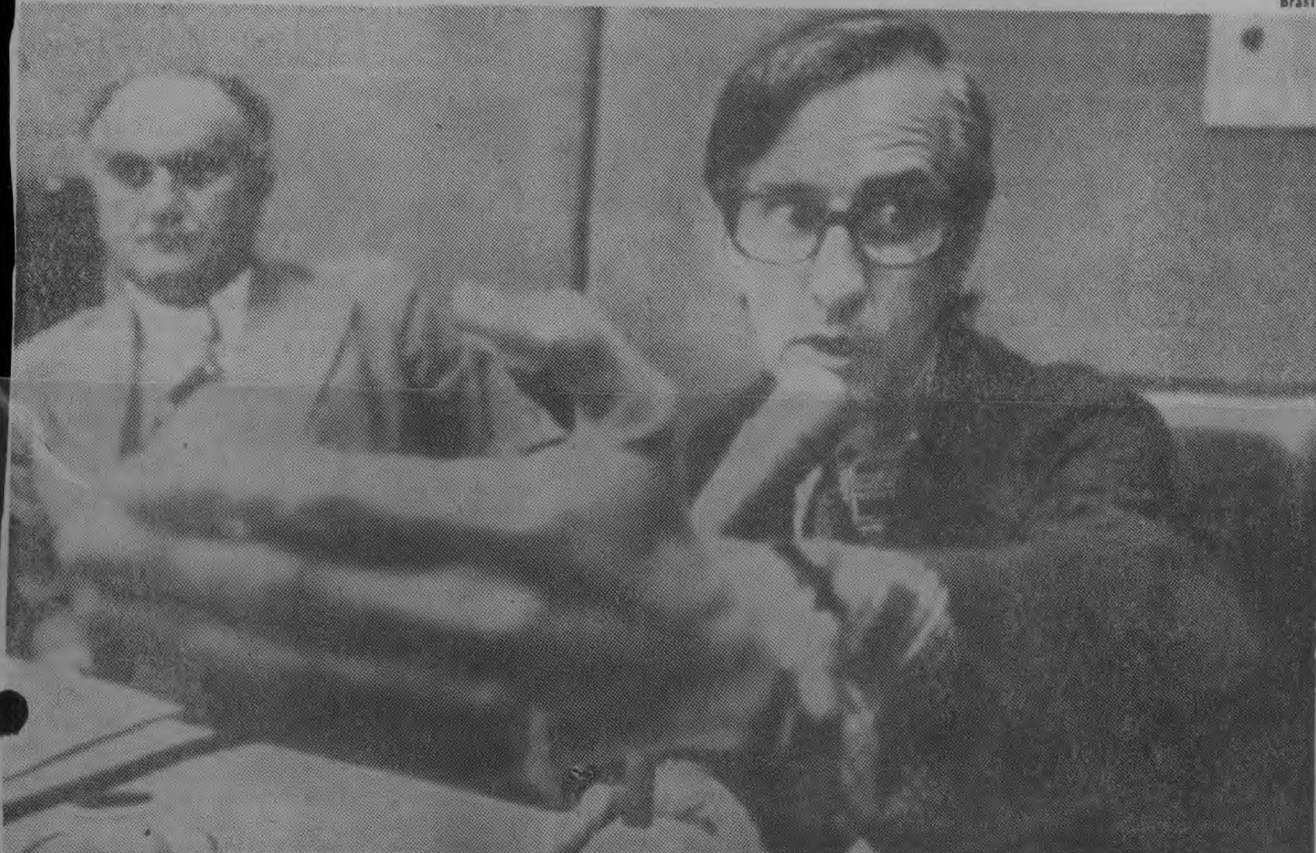
Sua exposição sobre os conflitos entre fazendeiros e índios não foi muito extenso, pois, de acordo com sua explicações, o bispo de Goiás Velho, D. Tomás Balduino, já colocou o problema quando depôs na mesma comissão. De Pedro reconhece, no entanto, que o impacto da sociedade ocidental sobre os índios "foi sempre devastador".

A luta entre os grandes proprietários torna-se cada vez mais "grave e violenta, começando a se delinear cada vez com mais força", disse o bispo, contando em seguida os primeiros crimes ocorridos na disputa da terra por parte dos grandes empresários, tais como Sílvio Santos e o general Justino Alves Bastos, ex-comandante do IV Exército, e que segundo ele, está envolvido no assassinato do advogado Nelson Rebellato.

Toda esta situação de terras não provoca apenas conflitos mas também uma relação de trabalho entre peão e fazendeiro caracterizada como "escravidão branca", disse D. Pedro, afirmando em seguida que "a grande parte dos projetos agropecuários na Amazônia está construída sobre o sangue da massa de trabalhadores desconhecidos que, com seu esforço e luta, deixaram indelével sua marca na Amazônia.

O deputado Siqueira Campos foi o primeiro a se manifestar contra o depoimento de D. Pedro Casaldáliga, agredindo-o e ainda duvidando da veracidade dos fatos narrados por ele. O representante da Arena goiana chegou mesmo a fazer uma comparação, considerada grosseira por seus próprios companheiros de bancada, quando chamou o bispo de "Brigitte Bardot de calças". Além de Siqueira Campos, o deputado Daso Coimbra acusou D. Pedro Casaldáliga dizendo que este, quando "quer saber de alguma coisa pesquisa, quando não quer, manda perguntar", referindo-se às afirmações de que o Vaticano seria sócio da Liqueigás e, conseqüentemente, proprietário de terras em Mato Grosso, na fazenda Suiá-Missu, que se encontra em região de conflito.

Diante das acusações, D. Pedro Casaldáliga não perdeu a calma, respondendo ironicamente aos deputados que tentavam, de qualquer forma, responsabilizá-lo pelos frequentes conflitos fundiários no Brasil. Ao responder ao deputado Angelino Rosa, da Arena-RS, que havia perguntado há quanto tempo se encontra no país e há quanto tempo se iniciaram os conflitos D. Pedro respondeu, "Estou aqui há quase 19 anos, quanto aos conflitos, eles se iniciaram há quatro séculos".



D Casaldáliga disse que o país precisa de "uma CPI real de todo o sistema socioeconômico"

D Casaldáliga propõe uma "reforma agrária radical" na CPI do sistema fundiário

Brasília — O Bispo D Pedro Casaldáliga, da prelazia de São Félix do Araguaia, propôs "uma reforma agrária verdadeira, radical", em depoimento ontem na CPI do sistema fundiário. Disse que "a questão agrária é política, pois as injustiças sociais no campo são fruto do sistema fundiário baseado no latifúndio, e não dos eventuais erros ou omissões deste ou daquele órgão".

Defendeu a vinculação do INCRA "diretamente à Presidência da República, para que não fique sendo sempre um órgão omisso e impotente, entre as autarquias do Ministério da Agricultura", pediu a volta do Estatuto da Terra e sugeriu "financiamentos acessíveis aos pequenos e condições necessárias para o cultivo, o enfrentamento do mercado, o escoamento".

INDAGAÇÃO

"Sociólogos, historiadores e romancistas encheram livros com a poeira e o sangue dessa tragédia fundiária que há quatro séculos atormenta o país. Por que toda reação dos posseiros ou peões, que defendem apenas seus direitos, e daqueles que se colocam a seu lado, por dever de consciência, é considerada subversão e logo abafada pela repressão, impiedosamente? Prisões, inquéritos, torturas, expulsões, mortes. Por que se acoberta, entretanto, a violência dos grandes sobre os pequenos ou dos grandes entre si? Esta já não é mais subversão, mas apenas legítima defesa da propriedade titulada e da concorrência capitalista", afirmou.

No decorrer do depoimento, D Casaldáliga apresentou à CPI, com riqueza de detalhes, 14 casos de conflitos pela posse da terra entre posseiros e empresários do latifúndio, no Norte de Mato Grosso, Sul do Pará e Oeste de Goiás. Neles, a história se repetiu: grandes fazendeiros compravam terras ocupadas por posseiros, passando em seguida a pressioná-los, através da violência, da queima de casas, da contratação de jagunços, para que deixassem suas posses.

MODELO

No final do depoimento, houve tumulto entre deputados do MDB, que defenderam o Bispo, e os da Arena, que o atacaram. O Deputado Sival Boaventura (Arena-MG), presente durante todo o depoimento do Bispo, sem ter feito qualquer manifestação, afirmou:

"Sou um homem que dizem ser alienado, mas a verdade é que fui educado

nos preceitos do respeito à propriedade e à Igreja. Quero dizer que a luta pela terra sempre existiu, e muitos escritores têm escrito sobre ela, uns, a favor, outros, contra. Pergunto a Vossa Reverendíssima, D Pedro Casaldáliga: qual o melhor modelo fundiário para as nossas terras? Não compartilha da opinião de que a propriedade deve ser respeitada?"

D Casaldáliga disse que não tinha modelo ideal para o campo e acrescentou: "Acredito que o melhor modelo seria aquele que possibilitasse a igualdade entre os homens, e, para isso, simples reformas não bastam. O direito à propriedade deve ser respeitado, desde que se observe que ele não é absoluto, nem inalienável, conforme palavras do Papa Paulo VI".

PREGAÇÃO

O Deputado Daso Coimbra (Arena-RJ) perguntou ao Bispo por que ele, ao invés de pregar a paz, pregava a luta de classes. Respondeu D Casaldáliga: "Ao contrário, deputado, em nenhum momento aqui me referi à luta de classes, por enquanto".

Insistiu o Deputado: "Mas o Sr, defendendo sempre os posseiros, e acusando sempre os fazendeiros, na verdade está falando em luta de classes, está pregando a luta de classes".

"Se o Sr prestasse melhor atenção ao meu depoimento, veria que, ao invés de pregar a luta de classes, estou procurando justamente o contrário, pois as lutas existem aí, muito sangue tem-se derramado, e estou tentando propor soluções para que esta situação termine, o que só acontecerá quando a justiça chegar ao campo."

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BR. AN. BRB. AAB. PSS 553, p 205 / 206

Dados do documento especial

Característica:

DOC. 608 FORMADO

Conteúdo:

JORNAL

Localização:

P. CX

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

CPI da terra ouve o Bispo Casaldáliga

BRASÍLIA (O GLOBO) — A CPI da terra ouviu ontem, em sessão tumultuada, o depoimento do Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, que começou a falar às 10h30m e acabou à noite. A mesa teve que intervir várias vezes para restabelecer a ordem nos trabalhos, e a sessão chegou a ser suspensa por alguns minutos depois que o Deputado Siqueira Campos (Arena-GO) acusou o Bispo de fazer acusações gratuitas e de transformar a CPI "em púlpito para se promover diante de seus fiéis". O Deputado reclamou, também, das palmas de seus colegas ao final do depoimento de Dom Pedro.

O Bispo disse que "o problema agrário no País é um problema político, estrutural, de causas e não de efeitos". Relatou vários conflitos entre empresas agropecuárias e posseiros, índios e peões de Mato Grosso, e concluiu que "o Brasil não precisa tanto de uma CPI sobre os problemas fundiários, mas de uma CPI que analise todo o sistema sócio-econômico do País".

Dom Pedro propõe que se vincule o Incra à Presidência da República, para a maior dinamização do órgão, que entre os posseiros de Mato Grosso "é conhecido como o **incravado**". Pediu também que se parta para a imediata reforma agrária.

Globo -
15-6-77

O Brasil não deve procurar ditaduras civis nem militares, mas sim a via democrática, através de um modelo que se previna contra a ação totalitária, disse ontem no plenário do Senado, Jarbas Passarinho. Manifestou-se, também, contra a incorporação do AI-5, à Constituição, por considerá-lo de caráter transitório.

O senador paraense reafirmou que há infiltração comunista na Igreja, lembrando a atuação subversiva de padres dominicanos em São Paulo, a serviço de Carlos Marighela quando era ministro da Educação, e as recentes declarações do bispo espanhol dom Pedro Casaldáliga, autor de um poema a Che Guevara.

Na primeira parte do seu pronunciamento, Jarbas Passarinho referiu-se à recente conferência que fez a estudantes gaúchos, na qual negou a existência de totalitarismo no regime brasileiro atual; estabeleceu uma diferença em termos de doutrina social contemporânea, entre totalitarismo, autoritarismo e democracia; discutiu o problema do dilema — já lembrado por Karl Loewenstein — sobre Teoria da Constituição, entre a defesa das franquias individuais, as que devem ser asseguradas pelo Estado, e a própria defesa do Estado contra o ataque das minorias ressentidas, de um modo geral, que atuam de maneira considerada subversiva.

— Quando eu falava sobre a Constituição de 1967, mostrei que vindo o AI-5, o que passou a haver a partir daí: um envolvimento de forças — e uma delas foi precisamente aquela liderada por Carlos Lacerda, mas outras mais, que se infiltraram, tirando partido daquilo que há de mais admirável, que é a função dos liberais em qualquer parte do mundo. É muito difícil combater um liberal porque o que o liberal deseja, todos nós desejamos. A nossa diferença está exatamente em formas de agir, formas de obter os mesmos objetivos.

— Quem pode ser a favor de torturas? Quem pode ser a favor de aniquilamento de direitos humanos? Mas é preciso ser um constitucionalista para compreender que todos os problemas, inclusive os fundamentais dos direitos humanos, passam a ser atingidos a partir do momento em que há uma agressão em marcha no mundo (o comunismo) e que os hipócritas fingem não ver. Essa é a diferença entre os liberais e os hipócritas.

Reafirmando que há infiltração comunista na Igreja, Jarbas Passarinho disse, a respeito de dom Pedro Casaldáliga, "espanhol, que deveria estar fazendo vida eclesialística neste país, na verdade fala uma linguagem tão dura ou mais dura do que aquela linguagem mais abusiva da oposição". Depois de lembrar que esse bispo fez um poema em homenagem a Che Guevara, indagou se a Igreja se solidariza com os insultos que ele proferiu a militares brasileiros.

O senador paraense esclareceu que jamais declarou que a ditadura militar fosse uma solução na luta contra o comunismo, e contou a seguinte passagem:

— Em outubro de 1965 fui chamado pelo presidente Castello Branco, no momento em que havia uma dificuldade muito grande para o presidente manter a posse de dois governadores eleitos, os de Minas e da Guanabara. O presidente me recebe, fala de suas dificuldades. Eu lhe trouxe uma mensagem. Ele a recebeu, discutiu-a comigo e depois disse: "O que me doi é que estamos entrando aqui pela madrugada. Isto tem sido a minha vida todos os dias na tentativa de restabelecer, em definitivo, a democracia no Brasil, que talvez nunca tenha existido senão por períodos muito breves".

Em aparte, Magalhães Pinto, que assegurou a posse de Israel Pinheiro, fez este depoimento:

— Tão logo os resultados das urnas estavam favorecendo o Sr. Israel Pinheiro, eu lhe mandei um emissário para dizer que o Governo estava inteiramente à sua disposição, para que ele pudesse fazer o seu programa. E na ocasião, procurado pelo general Malan, que era comandante da 4ª Região Militar, e dizia estar incumbido de dar posse a Israel. Respondi que ele poderia entrar em férias, se desejasse, porque quem ia dar posse era o governador (Magalhães Pinto) com a polícia do Estado. De modo que o Governo de Minas não foi o responsável pelas notícias que foram levadas ao presidente Castello. O que nos prometemos, desde o primeiro encontro — e tive vários encontros com Israel Pinheiro — era respeitar a vontade das urnas. E, não podemos, também falar pelo lado da UDN, que perdeu a eleição, ser culpados de quaisquer referências ao Presidente. Na verdade, Israel Pinheiro foi empossado por nós mesmos, sem interferência da Força Militar Federal.

Voltando ao problema institucional, Jarbas Passarinho afirmou não passar de "um absurdo verbal" declarações de que há totalitarismo no Brasil.

Braga acusa dom Casaldáliga

O deputado Wilson Braga, da Arena paraibana, acusou ontem o bispo dom Pedro Casaldáliga, de São Felix do Araguaia, de exagerar os problemas nacionais para atender interesses ocultos, o que ocorreu, segundo frisou, por ocasião do depoimento que prestou na terça-feira à CPI do Sistema Fundiário.

O parlamentar criticou o religioso por este ter censurado o general Reinaldo Mello de Almeida e

outros integrantes do Exército, frisando que esse comportamento é motivo para que se determine uma severa investigação sobre a atuação de Casaldáliga.

Segundo frisou Wilson Braga, o país conhece seus homens públicos e seus problemas, não necessitando de "alienígenas que chegam ao Brasil para procurar distorcer os fatos e tentar comprometer os homens que servem à nação".

J. B. B. 17/6/77

A descoberta (por acaso) de urânio na Amazônia

Uma jazida de minério de urânio, que pode ser a maior já descoberta no Brasil, foi detectada em quase toda a extensão do rio Demeni, no Alto Rio Negro, a cerca de 80 quilômetros de Manaus. E foi achada por acaso. Técnicos do Radam estavam apenas executando um projeto de aerolevantamento geofísico da região, quando acharam uma grande anomalia geofísica, indicadora da existência de urânio. A notícia foi levada oficialmente ao ministro Ueki e, até agora, mantida em sigilo. A descoberta do Radam ainda não tem três meses e as pesquisas continuam. Também técnicos da Nuclebrás estão na área, que é povoada, principalmente, por índios tucanos e ticunas.

TOPALIA TRUDE 17/77

O pronunciamento do bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, na CPI que discute o sistema fundiário, esta semana, recebeu ontem novas críticas no Congresso. O senador Jarbas Passarinho reafirmou que "há infiltração comunista na Igreja". Ao mesmo tempo, a Presidência da República disse desconhecer em que se fundamenta o deputado Amaral Netto ao afirmar que "o presidente Geisel já tomou as providências diplomáticas" para expulsar do Brasil o bispo de São Félix.

Respondendo sobre a mesma questão, o ministro Armando Falcão, da Justiça, disse: "Eu não sei nada sobre isso". Falcão foi abordado pelos repórteres ao sair da audiência que concede aos senadores, todas as quintas-feiras. Já o senador Jarbas Passarinho afirmou que dom Pedro Casaldáliga "fala uma linguagem tão dura ou mais dura do que aquela linguagem mais abusiva da oposição".

O senador paraense ressaltou, porém, que jamais declarou que "a ditadura militar fosse uma solução na luta contra o comunismo". E acrescentou: "Quem pode ser a favor de torturas, quem pode ser a favor do aniquilamento dos direitos humanos?" O próprio senador respondeu, afirmando que "todos os problemas passam a ser atingidos a partir do momento em que há uma agressão em marcha no mundo".

Jarbas Passarinho manifestou-se contrário à incorporação do AI-5 à Constituição, por considerá-lo de caráter transitório. Após seu pronunciamento, o senador paraense manteve um debate com o seu colega do Rio Grande do Sul, Paulo Brossard. Este último afirmou não se encontrar "entre aqueles que entendem que não existe infiltração comunista". E concluiu: "Mas a pretexto de se combater o comunismo não é possível admitir que se termine por extinguir a democracia, a ordem jurídica, as garantias que protegem os direitos da pessoa humana". No final da sessão, Jarbas Passarinho acusou Brossard de utilizar linguagem antiparlamentar nas críticas que fez ao Governo sobre as reformas de abril. (Página 5)

Journal de ASB
17/6/74

O PRESIDENTE

O presidente Geisel somente despachou, no Palácio do Planalto, no expediente da manhã. A tarde, segundo assessores, ficou trabalhando na biblioteca do Palácio Alvorada, numa antecipação de um dia, do que é natural em todas as semanas em que não viaja. Hoje, o presidente

não terá nenhum despacho ou concederá audiências. A Assessoria de Imprensa informou que não há agenda, mais não esclareceu se Geisel irá ou não ao Planalto. Caso não vá, o chefe do Governo volta a trabalhar no Alvorada e, à tarde, segue para a Granja do Riacho Fundo, onde passa o fim de semana.

Palácio desconhece expulsão do bispo Pedro Casaldáliga

A Presidência da República desconhece em que se fundamentou o deputado Amaral Neto, da Arena do Rio de Janeiro, para afirmar que o presidente Ernesto Geisel "já tomou as providências diplomáticas" para expulsar do Brasil o bispo Pedro Casaldáliga, de São Félix do Araguaia.

O porta-voz do presidente Geisel, no seu encontro com os jornalistas credenciados no Palácio do Planalto, ao comentar o violento discurso pronunciado pelo deputado Amaral Neto, disse, textualmente: "Não sei em que se baseou o deputado para fazer esta afirmação. Não conhecemos base nenhuma para uma afirmação desse tipo".

Os jornalistas procuraram novas informações do Assessor de Imprensa sobre a situação do bispo de São Félix do Araguaia como, por exemplo, se existe algum processo em andamento no sentido de apurar as declarações feitas por dom Pedro Casaldáliga na CPI da Terra. O coronel Camargo, no entanto, não foi além da sua primeira



O coronel Camargo disse à imprensa que não sabe em que se baseou o deputado Amaral Neto para anunciar a expulsão do bispo de São Félix.

afirmativa, de que "não sei em que se baseou o deputado Amaral Neto para fazer esta afirmação".

Com relação à aprovação do divórcio pelo Congresso, o coronel José Maria Toledo Camargo disse que o presidente Geisel faz questão ab-

soluta de manter em reserva sua posição pessoal: "Não vai colocar sua posição pessoal a respeito", mantendo o que já dissera anteriormente, de que "o problema do divórcio é questão aberta dentro da Arena e de consciência de cada deputado e senador".

Geisel nomeia Délio Mattos para STM, na vaga de Huet

O presidente Ernesto Geisel nomeou ontem o tenente-brigadeiro Délio Jardim de Mattos para exercer o cargo de ministro do Superior Tribunal Militar, na vaga decorrente da aposentadoria do ministro tenente-brigadeiro-do-ar Carlos Alberto Huet de Oliveira Sampaio.

Em outro decreto, o Presidente da República nomeou para o cargo de ministro do Superior Tribunal Militar, o almirante-de-esquadra Júlio de Sá Bierremch. O novo ministro ocupará a vaga deixada pelo almirante-de-esquadra Sylvio Monteiro Moutinho, recentemente aposentado por ato do presidente Ernesto Geisel.

Falcão nada diz sobre dom Pedro Casaldáliga

Mais uma vez, o ministro da Justiça preferiu o silêncio

— Eu nada sei sobre isso — disse ontem o ministro da Justiça, Armando Falcão, em resposta a um repórter que lhe perguntou se o Governo iria expulsar do país o bispo de São Felix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, por suas declarações na CPI do sistema fundiário, quarta-feira passada, acusando os generais Reynaldo Mello Almeida, Rosalvo Eduardo Jansen e Humberto Souza Mello — já falecido — de protegerem interesses da Companhia Agrícola Codeara, dona de vastas extensões de terra em Mato Grosso.

— Escrevam nos seus jornais — reforçou Armando Falcão — que o ministro da Justiça nada tem a declarar sobre os atos do Governo, afastando-se em seguida dos jornalistas que o aguardavam à saída da audiência que concede habitualmente a parlamentares, às quintas-feiras, no Senado.

A pergunta do repórter se prendia ao violento pronunciamento, feito anteontem à noite, antes da votação da emenda divorcista, pelo deputado arenista Amaral Neto, que confessou ter certeza de que o presidente Geisel já tomou todas as providências diplomáticas para expulsar o bispo Pedro Casaldáliga.

O senador Dinarte Mariz, um dos habituais frequentadores do gabinete

de Armando Falcão no Senado, revelou ter discutido, durante breve audiência, sua proposta de emenda constitucional instituindo rito sumário para julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, de acusados de crimes contra a paz social, ordem pública e patrimônio popular.

Segundo afirmou o senador pelo Rio Grande do Norte, o projeto de emenda encontrou boa receptividade por parte do Governo e inclusive de líderes do MDB, como por exemplo o deputado Thales Ramalho, embora ainda não tenha recebido "sinal verde" para apresentá-la.

Já o senador Benedito Ferreira, da Arena goiana, cuja audiência foi a mais longa concedida por Armando Falcão — 50 minutos — à semelhança da maioria dos parlamentares que se entrevistam com o ministro da Justiça, disse ter conversado apenas sobre "amenidades".

— Nós temos muitos interesses em comum — notou Ferreira — somos ambos fazendeiros, gostamos da terra e da criação de animais, além disso tomamos chá. A audiência durou muito tempo porque além de trocarmos idéias sobre generalidades, tivemos que esperar o rapaz que nos serviu uma xícara de chá".

A palavra amenidade foi no entanto trocada pelo senador Gustavo

Capanema, que após uma audiência de 10 minutos, recusou-se a revelar o teor da sua conversa com o ministro Armando Falcão, alegando que haviam falado sobre "miudezas".

— O que fala normalmente um parlamentar quando pede uma audiência a um ministro? — indagou Capanema, para em seguida responder a sua própria pergunta: "Sobre miudezas, e nesse caso não vale a pena a imprensa publicar, ou então sobre assuntos confidenciais, quando então não pode revelar.

Mas o vice-líder do Governo, deputado Blota Junior, que solicitou audiência para pedir a Falcão providências no sentido da aceleração da instalação da Junta de Conciliação e Julgamento, em São Paulo e no resto do país, não se furtou a comentar o problema estudantil, revelando inclusive que o ministro da Justiça havia manifestado curiosidade sobre como a questão estava sendo conduzida pelo Governo de São Paulo.

Blota Junior disse ter transmitido ao ministro Falcão que em São Paulo havia uma tendência ao diálogo e ao entendimento por parte das autoridades governamentais, o que na sua opinião servia como indicador de que breve seria encontrada uma solução para o problema.

JORNAL DE BRASÍLIA - 17/6/77

De Anchieta a Casaldáliga

Tristão de Athayde

UM bispo-missionário, convivendo com os índios e os pobres, posseiros ou não, desses nossos mais invios sertões, já seria, por si só, uma singularidade. Um bispo-poeta autêntico, e não simples poeta-tro edificante, seria até um caso ainda mais raro. Que dizer então da existência real de um bispo, ao mesmo tempo missionário e poeta? Pastor, totalmente dedicado ao seu rebanho, constituído pelo povo mais abandonado e explorado do nosso extremo Oeste. Cantor, encantado e encantante, dos mistérios da natureza mais intocada dos nossos desertos primitivos.

Pois bem: essa confluência de excepcionalidades é que se realiza na pessoa desse jovem catalão, hoje tão brasileiro como o mais brasileiro dos filhos de nossa gente e de nossa terra, Dom Pedro Casaldáliga. Não é, pois, de admirar que contra ele se conjuguem as forças mais incapazes de compreender a fortaleza dos fracos, a riqueza dos pobres, a fluência dos marginalizados. Nem sei se os seus admiráveis poemas, que Antônio Houaiss colocou em puro vernáculo, poderão um dia vir a lume. Como não sei se, no momento em que acaso possam aparecer, ainda teremos entre nós essa ave rara dos nossos impérvios sertões.

Essa conjugação de paradoxos e adversidades, entretanto, é que fará desses poemas da libertação humana um pequeno grande sinal dos tempos inóspitos, mas anunciadores, que estamos vivendo. A poesia brasileira nasceu do conúbio de um basco com as nossas florestas virgens e com o nosso homem das selvas, dono da terra. Nasceu com Anchieta, que escreveu os seus poemas nas areias das praias da Bertioga. Quatro séculos mais tarde, essa mesma poesia renasce do contato de um catalão com essas mesmas florestas intangidas e esses mesmos seres humanos intocados pela chama da civilização. Mas capazes de lhe restituírem as grandes virtudes nativas de que a descivilização nos privara.

E' a milhares de quilômetros distantes daquelas praias desertas, onde o basco de roupeta desatou as asas da nossa nascente poesia brasileira, que o catalão do século XX, com o seu ma-

cação de missionário episcopal, solta de novo as asas do mesmo vaticínio poético, em face do "Araguaia mudo, como a dor do povo, contido como o furor do povo". A séculos de distancia, Casaldáliga responde a Anchieta, como um eco responde a um grito. E agora o grito é do próprio povo em busca de sua libertação: "Meu olhos, meu silêncio, / o silêncio de Deus e a palavra, / devem, por fim, saber alguma coisa / da árvore e do rio e do grito do povo. / Digo eu. Canta, Milton. / Gritam, livres, os pobres. / Não é possível que continuem as estrelas, / impassíveis?"

De José de Anchieta, modelo quinhentista do nosso Pedro Casaldáliga, escreveu Simão de Vasconcelos (1597 — 1671) em sua *Crônica da Companhia de Jesus*: "Era destro em quatro línguas, portuguesa, castelhana, latina e brasileira; em todas elas traduziu em romances frios (?), com muita graça e delicadeza, as cantigas profanas que então andavam em uso; com frutos das almas, porque deixadas as lascivas não se ouvia pelos caminhos outra coisa senão cantigas ao divino, convidados os entendimentos a isso do suave metro de José. Aprendeu a fazer alpargatas de cardos bravos, que serviam em lugar de sapatos. Juntamente a sangrador, com que foi causa da vida a muitos, porque não havia na terra o tal ofício. Aprendia enfim em um mesmo tempo José todas as artes, modos e troços, com que podia ser de alívio a seus irmãos naquele desterro do mundo e a qualquer dos outros homens sem diferença, porque a todos se estendia aquele seu dilatado bojo de caridade; a todos ensinava, consolava e metia em seu coração e tudo são princípios, depois verá o mundo seus prodígios." (Simão de Vasconcelos, *Crônica da Companhia de Jesus*, ed. Vozes, 1977, vol. I, p. 255). Relatando o mesmo Simão de Vasconcelos a passagem de Anchieta pelo Espírito Santo em 1566, diz que ele "chorou com os índios suas misérias". (ib. II, 123).

Desse nosso futuro primeiro santo, que escrevia poemas pelas praias, cantava "romances" pelos caminhos, como Francisco de Assis, e "chorava com os índios suas misérias", é que em

nossos dias esse seu compatriota catalão-brasileiro tirou o modelo para cantar a miséria continuada dos nossos aborígenes e do nosso povo sertanejo, nesses poemas de *Terra nossa, liberdade*, que traduzidos agora em nossa língua, hão de um dia escandalizar e edificar, ao mesmo tempo, os seus leitores.

Pois não é um poeta de salão mas do ar livre. Não é apenas um cultivador de acrobacias assimétricas ou um bardo "edificante". Nem um bispo distante entre quatro paredes. Mas um cantor e curador do povo humilde e participante de suas misérias e esperanças, como foi o Irmão José, de nossa aurora nacional.

Seu ideal é "poder dizer palavras verdadeiras, em meio às coisas que perecem." Sua maldição é contra a opressão desse povo humilde e miserável pelos grandes poderes deste mundo. Brada então, como Tácito, na Antiga Roma, contra os "latifundia (quae) perdiderunt Italiam", pois: "Maldito seja o latifúndio / salvo os olhos de suas vacas. / ... / Bendito seja o povo / unido e com coragem / Benditos sejam Deus e o Povo / que fazem minha Ira e minha Esperança."

Em torno desses ideais, dessa Ira e dessa Esperança é que giram esses cantos maravilhosos do bispo missionário do século XX, como cantaram à Virgem Imaculada os cantos do Irmão José do século XVI.

E todos esses poemas aflorados do fundo de uma vida de total renúncia e sacrifício, em que a Beleza nasce do Amor e da Verdade, são alimentados pela Fé em Deus e na Liberdade, como o diz escrevendo à sua Mãe na remota Catalunha: "Se me batizas, outra vez, um dia, / com a água dos soluços e da memória, / com o fogo da morte e da glória... / diz a Deus e ao mundo / que me puseste — o nome / de Pedro-Liberdade".

A mesma mensagem libertadora de Fé e de Poesia é que liga, nos dois extremos do Brasil, das praias de Piratininga às margens do Araguaia, e da aurora do século XVI ao crepúsculo do século XX, esses dois extremos do batismo do nosso Povo nas águas da regeneração cristã, Anchieta e Casaldáliga, nesta terra que só será nossa pelas mãos da liberdade.

FATOS e FOTOS GENTE

A tigresa
Darcy Aleixo

Brasília, 29 de agosto de 1977. — N.º 836
— Ano XVI
DPF/DCDP 240 P. 209/73

REVISTA SEMANAL

4 ÍDOLO

A morte de Elvis Presley

10 TELEVISÃO

O (nem sempre) trapalhão Renato Aragão

12 POR DENTRO DO FATO

A pílula anticoncepcional no jogo da verdade

16 COMPORTAMENTO

Os apuros de Rejane Medeiros, uma atriz brasileira na Itália

20 UM DIA NA HISTÓRIA

24 de agosto de 1954, a data em que Getúlio Vargas se suicidou

26 O ATOR

Lima Duarte e seu passado: 30 anos de vida artística

30 O CASAL

Zica e Cartola, duas personagens maravilhosas da MPB

34 MULHER

Darcy Aleixo fecha o trânsito e o comércio ao mesmo tempo

36 LITERATURA

Clarice Lispector entrevista Lígia Fagundes Teles

51 XADREZ

Iluska Simonsen tirou o terceiro lugar no campeonato brasileiro

52 A CAPA

Toni Correia é um astro português com certeza

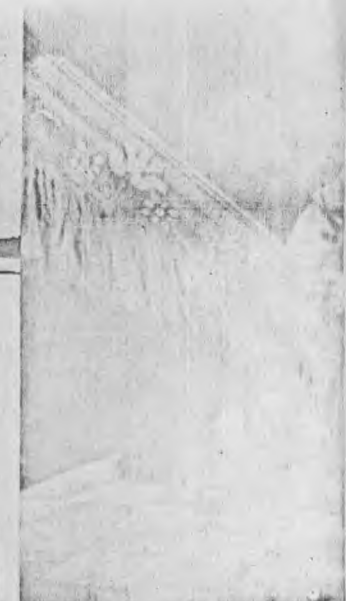
59 ELE/ELA

O concurso de Miss Gay, um acontecimento transexual

RUBRICAS

Eli Halfoun com Brilho e Contraste	32
Gente E com a Gente	38
Flash	48
A Vida Como Ela É	49
Ney Bianchi na Boca do Tunel	54
Gente/Rio	56
Renato Sérgio e os Outros	61
Gente/São Paulo	62
Adirson de Barros	64
Cartas/Horóscopo	66

Capa: fotos de Adir Mera



Getúlio Vargas. Uma saudade muitos brasileiro



Zica e Cartola, um casal em ritmo de samba.

O NDE você estava dia 24 de agosto? Ainda não tinha nascido? fazia parte do festival que, de tempos em tempos, neste país? Seja como for, naquele dia. Para mais conhecimentos, não vá à Biblioteca Nacional, os jornais relativos à reportagem com muita e engraçada, curiosa ou simplesmente trágica, do suicídio do Presidente Vargas. São apenas 15 minutos de leitura.

Rejane

7 DE SETEMBRO. DIA DO BRASIL, COMEMORE VOCÊ TAMBÉM

BLOCH EDITORES S.A.

Diretoria
ADOLFO BLOCH
OSCAR BLOCH SIGELMANN
PEDRO JACK KAPPELLER
Editores
DIRCEU TORRES NASCIMENTO
ISAAC EDUARDO HAZAN
MURILO MELO FILHO
PAULO PELLICANO
Supervisor de Jornalismo
Diretor
ARNALDO RISKIER
Diretor Responsável
HELEON ALVES

FATOS E FOTOS/GENTE

DIRETOR-EDITOR
JUSTINO MARTINS
EDITORES
Renato Sérgio
Eli Halfoun
José Guilherme Correa
José Esmeraldo Gonçalves
Ubiratan Paulo Machado
Vera Bastos
REPORTERES
Shella Donavetti, Maria de Carmo Calmon
Helissa Maria, Graça Trindade Cruz
ARTE
Eziz Speranza
Marta Rita Leal
EDTOGRAFIA
Sérvio Batista
PRODUÇÃO
Wilson Camargo
Luizgal Borçato

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Paulo Paulinha
Espedito Grossi
PUBLICIDADE
Roberto Antônio, Francisco Lima
Rio de Janeiro — David Klejnic
MARKETING
Marlene Breeman
ADMINISTRAÇÃO E RELAÇÃO
Rua do Russel, 804
Tel. 265-2012
Telex: 021-21525 Rio de Janeiro
COORDENAÇÃO
Francisco Távora Hoffmann
Rua Frei Caneca, 511
Tel. 283-1717 Rio de Janeiro
PARQUE INDUSTRIAL
Rua Cordeiro, 500 LUCAS
Tel. 291-6000 Rio de Janeiro
DISTRIBUIÇÃO
Distribuidora Imprensa Ltda
Rua da Duquesa, 100
Tel. 241-1127 Rio de Janeiro

BRASÍLIA

Sérgio Ross
Setor de Industrias
Gráficas, fones 905/939. Tels.: 23-8163 e 23-9738
Telex: (061) 1058
SÃO PAULO
Diretor: Pedro Jack Kappeller
Salomão Schwartzman
Arnaldo Vidali
PUBLICIDADE
Luiz Antonio Carneiro
Rua Gruenlândia, n.º 1.381
Tel. 282-3122 Telex: (011) 21161
MINAS
Luís Portella
Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º Andar
Tels.: 226-6577 e 226-8554 — Belo Horizonte
Telex: (031) 1058
RIO GRANDE DO SUL
Eduard Wallac Junior
Rua Cláudio Rocha, 115, 10.º andar
Tel. 24-4744 Porto Alegre
Telex: 10511 1042

NORTE/NORDESTE

Fernando Câmara Casarido
Marta Dória Cavalcanti
Rua do Conselheiro, 264
Tels.: 22-6032 e 22-6915 Recife
Telex: (061) 1064
BAHIA
Carlos Olympio de Assunção Neto
Rua Chile, 22-11, 4.º andar
Tel. 241-0000 — 243-1000
Salvador
Telex: (071) 1214
PARÁ
Isaac Torres
Rua Camões, 500 — Belém
Tel. 22-4000
PARANÁ
Bávaro Torres
Rua Marquês de Pombal, 111
Tel. 24-1111 — Curitiba
Telex: (041) 1000
PERNAMBUCO
Telex: (071) 1000

Parte "Casca de Ligeira" p. 13/17



O Sr. Hélder Câmara é um dos mais eficientes operadores da linha auxiliar do comunismo e da expansão soviética no Terceiro Mundo.



O Papa João XXIII abriu as portas do Vaticano ao entendimento com os marxistas. Foi o começo da aliança entre católicos e marxistas, que só favorece a expansão comunista no mundo.

SUBVERSÃO OS RUSSOS CONFESSAM TUDO

SÃO os próprios soviéticos que confessam, através de uma de suas inúmeras publicações oficiais, a *Revista Internacional*, a participação ativa da hierarquia católica na conspiração contra o regime político vigente, qualificado pelos dirigentes russos como uma ditadura militar e naturalmente fascista, por não se tratar de um regime *progressista* ou socialista, nos moldes marxistas. Os comunistas soviéticos esmeram-se na confissão aberta sobre a união entre membros da hierarquia católica brasileira e ativistas comunistas e saúdam esse *diálogo* permanente entre "crentes e comunistas" como meio de atingir o grande propósito da Rússia, que é a conquista do Brasil para o comunismo e para sua área de influência. Confirmam-se, assim, de forma cabal, as denúncias de D. *Geraldo Sigaud* sobre a participação ativa de padres e bispos católicos, entre os quais os senhores *Casaldáliga*, *Balduino* e *Hélder Câmara* — este amavelmente citado pela publicação soviética como o líder do movimento cristão-comunista e adversário do regime militar brasileiro — na agitação comunista nas cidades e no campo. Eles usam a CNBB para sua pregação marxista e subversiva, a

pretexto de defender os desprotegidos da sorte, vítimas "do capitalismo cruel". A revista soviética afirma, no seu texto esclarecedor, que o capitalismo e o imperialismo americano perderam um dos seus mais sólidos aliados e pilares na América Latina, que era a Igreja Católica, antes inimiga mortal do comunismo, e, para a Rússia, sustentáculo do imperialismo e do capitalismo, assim como a religião era, para mestre *Lênin*, o ópio do povo. Mas *Lênin* já era. Os tempos são outros e a religião já não é para os pragmáticos líderes soviéticos o *ópio do povo* da cartilha leninista, mas uma aliada importante que está sendo conquistada, seja através da colaboração entre marxistas e católicos de esquerda, preocupados com a pobreza e a miséria dos países subdesenvolvidos, seja através da propaganda maciça e eficiente de Moscou; seja ainda através da infiltração evidente de comunistas nos quadros hierárquicos da Igreja. Talvez o comunismo internacional não tenha encontrado, ao longo do tempo, melhor e mais eficiente aliado que a Igreja Católica, para seus objetivos imperialistas, tendo em vista a força da Igreja e sua extraordinária influência no mundo ocidental, particularmente na América Latina, submetida às

pressões políticas e injustiças comerciais praticadas pelos países industrializados, principalmente os Estados Unidos. A condescendência do Vaticano com o comunismo internacional, a convivência dita pacífica entre a Igreja Católica Apostólica Romana com os governos comunistas contribuíram decisivamente para que os padres em toda parte do mundo liberassem suas restrições ao comunismo e às atividades dos comunistas, em nome de um absurdo "socialismo cristão", que constitui, sem dúvida, uma heresia tanto para o cristianismo como para o socialismo. O resultado dessa abertura do Vaticano, a partir de *João XXIII*, é que a Igreja Católica tornou-se uma aliada natural da expansão comunista do Terceiro Mundo, uma espécie de *linha auxiliar* do imperialismo soviético que é a realidade mais trágica desta parte do século. Ao se conciliar com o comunismo e consentir que padres obviamente marxistas e agitadores, como *Casaldáliga*, *Balduino*, *Hélder* e outros seguidores do "socialismo cristão" opera contra os regimes latino-americanos pregando a subversão da ordem, a Igreja nega-se a si mesma e torna-se o principal aliado e agente da subversão comunista e do totalitarismo soviético no Terceiro Mundo. □

*Ciência
Pura*

D Pedro Casaldáliga quer menor dependência de Roma

J. Brasil, 16-4-78

São Paulo — Se quer ser fiel às suas características de universalidade e levar avante sua missão evangelizadora no Brasil e em toda a América Latina, a Igreja tem de desligar-se mais do passado e ficar menos dependente dos recursos de dinheiro e pessoal religioso do exterior, bem como do "excesso de determinações de Roma", disse ontem o Bispo de São Félix do Araguaia, D Pedro Casaldáliga.

O prelado, que está participando de uma reunião de 120 missionários em Itaici, adiantou entretanto que seu desejo de maior independência da Igreja na América Latina "nada tem a ver com cismas". Simplesmente, para ele, a liturgia, a formação do clero, os ministérios sagrados e outras atividades religiosas "só terão sentido se realizados dentro do contexto local e não segundo as normas do atual Direito Canônico".

SER OU NAO SER

O encontro dos missionários aberto na última sexta-feira e que se encerra hoje à noite, tem como principal tema a situação das 42 prelazias que ocupam cerca de 60% do território nacional e não gozam da autonomia concedida às dioceses. São governadas por um bispo mas não têm clero secular e dependem da boa vontade das ordens e congregações religiosas (com 97% do seu pessoal estrangeiros). O desejo da maioria dos participantes, de que as prelazias passem à categoria de dioceses, esbarra, contudo, no problema de financiamento, falta de pessoal religioso e em antigas normas burocráticas. Não obstante, o Núncio Apostólico, D Carmine Rocco, mandou dizer que os missionários "têm inteira liberdade para discutir o assunto" e que seu desejo é ter um encontro com eles na Assembléia-Geral dos Bispos, que se inicia terça-feira, também em Itaici.

D Casaldáliga, entretan-

to, já manifestou sua opinião — que as prelazias não admitam mais a vinda de congregações religiosas do exterior e se tornem todas dioceses — alegando que "a Igreja ou é missionária em todo lugar ou não é".

O Bispo de Grajaú (Maranhão), D Marcelino Lazzari, referiu-se ainda ao problema, criticando que as prelazias tenham confiado seu trabalho até o presente quase exclusivamente a congregações religiosas e leigos voluntários estrangeiros, "quando o que eles fazem, o leigo brasileiro tem provado poder fazer muito bem e até com mais sucesso".

— Temos dado pouca importância ao leigo — confessou.

ENCICLOPÉDICO

Na entrevista, perguntou-se também ao Bispo qual é o rumo que, a seu ver, tomará a Igreja na América Latina com a assembléia que o seu episcopado vai realizar em Puebla (México) no mês de outubro, e na qual será votado um documento sobre "a evangelização no presente e no futuro da América Latina".

As respostas ficaram só no documento-base que para isso foi preparado. "Não tem espinha dorsal", disse o Bispo de Diamantina (Mato Grosso), D Henrique Froehlich. E pecca por "ser muito episcopalista e não ter partido de uma consulta junto a teólogos, sociólogos e pastoralistas", acrescentou D Casaldáliga. O Bispo de São Félix do Araguaia acusa ainda o grosso documento de "equilibrista e enciclopédico porque trata de todos os problemas e não aprofunda nenhum, não ataca a situação trágica de marginalização do nosso povo, não firma a identidade do homem latino-americano, ignora a existência de 35 milhões de índios e, logo de entrada, nem sequer faz alusão à Assembléia de Medellín" (realizada há 10 anos

na Colômbia e na qual foi traçada para a Igreja uma linha de evangelização essencialmente comprometida com a promoção humana".

— Estaremos perdendo tempo se em Puebla não abriremos perspectivas e esperanças de libertação para o povo que sofre — advertiu D Casaldáliga, lembrando a validade do trocadilho já em voga: "si el pueblo no está em Puebla, Puebla no llegara al pueblo" (se o povo não está em Puebla, Puebla não chegará ao povo).

O Bispo-Auxiliar de Curitiba, D Albano Cavalin, concorda também: "É um documento muito frágil".

A BOA SEMENTE

Sobre os índios, junto aos quais vem pesquisando há 16 anos com equipes especializadas, o Bispo de Diamantina adiantou que está preparando um estudo para ser levado também a Puebla. Afirmou que "a Igreja deve ter pelos indígenas um carinho todo especial, não para impor-lhes a evangelização, mas para chamar a atenção para os seus valores religiosos e a boa semente que eles têm em seu coração".

D Casaldáliga acrescentou, entretanto, que "seria uma pastoral angélica querer salvar os índios sem violência e injustiça presentes no restante do país".

Segundo ele, "não adianta socorrer um grupo determinado de imigrantes ou acabar com um latifúndio se não se atendem a todos os imigrantes e não se parte para a reforma agrária dentro de uma visão global". Ontem chegou também ao encontro dos missionários o presidente da CNBB e do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano), Cardeal Aluisio Lorscheider, que não quis fazer comentários. Um último participante chegou também de Rio Negro (MT), "aonde o avião só vai uma vez por semana", D Miguel Alagna.

(Part Casaldáliga)

Itaici



D. José Maria Pires também acha que d. Balduino deveria ir a Puebla.

Lamentada ausência de d. Casaldáliga

ITAICI — Em entrevista coletiva concedida ontem, o arcebispo de João Pessoa, dom José Maria Pires e o bispo de Campanha (MG), dom Antonio Afonso de Miranda, lamentaram que os prelados de São Felix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga e de Goiás Velho, dom Tomás Balduino (presidente do Cimi) não tivessem sido eleitos há dois dias como membros da delegação da CNBB que irá em outubro a Puebla, México, participar da II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano.

Dom José Maria e dom Miranda afirmaram ainda que se sentiriam "muito felizes se o Papa Paulo VI indicasse os dois prelados como delegados a Puebla" (o Papa tem direito de indicar 15 por cento dos membros da Assembléia).

As declarações de dom Miranda em favor de dom Casaldáliga e de dom Balduino foram recebidas com incredulidade por alguns bispos que se encontravam no refeitório do mosteiro de Itaici logo depois da entrevista coletiva, já que o bispo de Campanha é conhecido no episcopado principalmente por suas idéias retrógradas e conservadoras. Segundo consta, ele teria sido eleito no último escrutínio, de domingo, disputando a vaga restante com dom Alano Pena, progressista, pelo apoio maciço da ala conservadora da Igreja, e pelo apoio decisivo dos moderados, com votos cabalados na última hora.

Admitindo que discorda das posições muitas vezes assumidas por dom Casaldáliga e dom Balduino, o bispo de Campanha entende que a Igreja "não deve temer estas discordâncias, porque

tudo, em Puebla, será discutido fraternalmente."

Para o arcebispo de João Pessoa, os dois prelados do Regional Centro da CNBB devem ir a Puebla "pela experiência que adquiriram no relacionamento constante com índios e posseiros e também por já terem sofrido muito por isso."

Quanto as divergências internas da Igreja, dom José Maria considera este fato "muito saudável, pois não pretendemos ter uma uniformidade de pensamento, mas a unidade dentro da diversidade." Disse ainda que as duas chapas surgidas durante os entendimentos preliminares à eleição "mostram claramente que há duas tendências, em alguns pontos convergentes: uma conservadora outra progressista, além dos moderados."

Dom Miranda, por sua vez, ressaltou que a Igreja "dá um exemplo de liberdade democrática a todo o mundo ao realizar uma eleição em que todos os bispos poderiam ser eleitos e também votar."

Tanto para dom José Maria Pires como para dom Miranda, a delegação da CNBB que vai a Puebla "é muito representativa, pois foram eleitos bispos de todas as regionais da entidade". Mas para o arcebispo de João Pessoa, há também uma representatividade das correntes ideológicas que se aninham no episcopado brasileiro, considerando, entretanto, "muito difícil detectar algum predomínio de uma das áreas". Ressaltou que a escolha de determinados setores da Igreja pelos oprimidos "não é uma questão de ideologia ou de simples posição humanitária, mas o compromisso criado com o povo através da fé e do Evangelho."

CASALDÁLIGA.)
4/78



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BRAN, BSBAA3, PSS. 553, p. 917/986

Dados do documento especial

Característica:

Grande Formato

Conteúdo:

Recorte de Jornal

Localização:

caixa 26

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

Documento
não
Digitalizado.

D. Casaldáliga adverte sobre invasão rural

O bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, disse, ontem, em Manaus, onde esteve por algumas horas aguardando embarque para o interior da Amazônia, que o problema de terras em algumas regiões do país agravou-se e entra em uma fase de transformação do campo em empresa. Dom Pedro Casaldáliga salientou que isso significa que o "pequeno não terá vez, a enxada não terá valor algum, permanecendo o pobre, pobre e o oprimido, oprimido".

Dom Casaldáliga salientou "que essa opção mais explícita que o regime do país tem para uma transformação do campo em empresa é apenas uma obediência ao capitalismo dependente para o trilateralismo". Ele também criticou o ministro do Interior, Rangel Reis, pelo seu empenho em ver aprovada a lei de emancipação do índio, já que a minuta do documento tem sido contestada pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário), por antropólogos e setores da opinião pública.

A área norte de Mato Grosso, segundo o bispo, está recebendo grande número de colonos gaúchos que estão "tirando a vez dos posseiros, pois chegam com todos os incentivos e financiamentos, enquanto que o financiamento dos posseiros do lugar são o suor, a chuva e o sol de Deus".

— Os posseiros são uma classe em extinção — disse o bispo — e, para agravar mais ainda esta situação, o INCRA baixou medidas da posse para 30 hectares, o que pouco significa. (Página 7)

JBR 27.7.78

27-JUL-78

Bispo acha que resultados de Puebla serão práticos

« A conferência de Puebla deverá ser uma reafirmação dos aspectos válidos de Medellín e uma afirmação dos temas novos surgidos nestes 10 anos, oferecendo-nos um instrumental prático para a evangelização nas grandes cidades », disse ontem, dom Antonio do Carmo Cheuiche, bispo-auxiliar de Porto Alegre e membro do Conselho Episcopal Latino-Americano. Ele esteve na semana passada em Bogotá participando de uma reunião preparatória da Conferência e, ontem, fez palestra para os alunos do curso de Comunicação Social da Regional Sul — III da CNBB.

« O objetivo da Conferência de Pue-

bla é seguir o espírito de Medellín e dar um passo à frente », salientou dom Cheuiche. « Nos últimos 10 anos — explicou — surgiram grandes temas novos, como a participação da mulher e a presença dos leigos na Igreja, o desenvolvimento da vida urbana. A Igreja viveu 19 séculos no campo, agora se volta também para os problemas urbanos, que passaram a ter muito maior importância. A conferência procurará aplicar à América Latina o documento do sínodo de Roma sobre a evangelização no mundo e se preocupará mais com aspectos práticos do que a de Medellín, que se fixou bastante em princípios teóricos ».

Casaldáliga defende os posseiros

O bispo de Goiás Velho, dom Pedro Casaldáliga, que passou por Manaus em viagem para o interior do Amazonas, disse que o problema de terras em algumas regiões do país agravou-se e entra em uma fase de transformação do campo em empresa, o que significa que «o pequeno não terá vez, a enxada não terá valor algum, permanecendo o pobre, pobre e o oprimido, oprimido».

Para o bispo, «essa opção mais explícita que o regime do país tem para uma transformação do campo em empresa é apenas uma obediência ao capitalismo dependente para o trilateralismo». Dom Pedro

Casaldáliga criticou também o ministro do Interior pelo seu empenho em ver aprovada a lei de emancipação do índio, já que a minuta do documento tem sido contestada pelo CIMI, por antropólogos e setores da opinião pública».

De acordo com o bispo de Goiás Velho, a área no norte de Mato Grosso está recebendo um grande número de colonos gaúchos que estão «tirando a vez dos posseiros, pois chegam com todos os incentivos e financiamentos, enquanto que o financiamento dos posseiros do lugar são o suor, a

chuva e o sol de Deus».

Afirmou que «os posseiros são uma classe em extinção e para agravar ainda mais esta situação o INCRA baixou as medidas da posse para 30 hectares, o que pouco significa, provocando um terrível estrangulamento». Dom Pedro Casaldáliga disse que a transformação do campo em empresa não quer dizer um aumento de trabalho é tão somente um aumento de desemprego, de mão-de-obra ociosa e barata, ocasionando emigração dos posseiros para os subúrbios da cidade, onde sem emprego, passam à marginalização».

"Pastor Casaldáliga"

J

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

PUBLICAÇÃO: JORNAL DE BRASÍLIA

DATA: 15/07/78

LOCALIZAÇÃO: PAG.: 08

CADERNO: 1º

15
15 DE JULHO DE 1978 — Página 8

D. Casaldáliga lembra o massacre de Meruri

"O dia 15 de julho, para o país e particularmente para as populações indígenas, deveria ser uma data histórica, pois marca aquela aliança no sangue que se celebrou com o padre Rodolfo Lunkenbein morrendo pela terra do índio, e o índio Simão Bororó morrendo ao tentar salvar a vida do padre". Com estas palavras, dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, referiu-se ontem - em Goiânia, ao segundo aniversário do massacre de Meruri, em que um grupo armado liderado pelo fazendeiro João Marques de Oliveira o "João Mineiro" - atacou a aldeia dos índios Bororo, matando um padre e ferindo outros quatro bororos.

Dom Pedro criticou a impunidade dos atacantes de Meruri, dizendo que, "enquanto o secretário de Segurança Pública do Estado do Mato Grosso lança sobre o país esse alarmismo de novela de televisão - falando desses quarenta e tantos mortos que não existem - o processo de Meruri está aí": João Mineiro sai três vezes por semana de sua cela na cadeia de Barra do Garças e vive tranquilo como um príncipe em seu castelo". O bispo recordou também "o processo do padre João Bosco Penido Burnee, que morreu a meu lado, em outubro de 1976, defendendo o povo e protestando evangêlicamente contra as torturas". Como se sabe, o assassino do padre Burnee fugiu da cadeia de Aragarças, Goiás, menos de um mês após ter sido preso, e até hoje não foi recapturado.

Referindo-se ao atual momento político, dom Pedro afirmou que "todo passo que se dá para a democracia é válido, e toda aliança honesta para conseguir a liberdade para o povo é uma medida que não pode ser minimizada nem desprezada". Mas ressaltou: "tenho, entretanto, uma sincera preocupação de que, enquanto nós estamos empolgados com bandeiras mais ou menos teóricas e

muito genéricas de democracia e de liberalização, estão sendo dados passos drásticos para acabar de estrangular o povo do Brasil. Refiro-me, mais em particular, às áreas que atingem de perto a nossa Prelazia de São Félix: o mundo dos posseiros e do lavrador em geral, é o mundo das populações indígenas".

Depois de dizer que "o posseiro seria uma classe em extinção", dom Pedro atribuiu a "sentença de morte contra os posseiros" à "política governamental do campo-empresa, que visa somente o lucro, e que concebe apenas o grande latifúndio, nacional e multinacional, ou a tal de colonização privada, que não é certamente cooperativa nem coisa semelhante, como se alardeia muitas vezes. É mais uma empresa colonizadora, com os mesmos esquemas sufocantes de lucro, que nenhuma possibilidade oferece para o pequeno lavrador, como podem constatar os que moram nessas áreas de chegada das frentes colonizadoras".

Comentando o projeto de lei sobre a emancipação indígena, o bispo disse duvidar que, no "Aurélio" (Dicionário) haja palavras para qualificar sarcasmo, a suprema arbitrariedade com que se fala das populações indígenas nesses minutos do projeto de lei que o ministro do Interior encaminhou à Presidência da República". Dom Pedro contou que, "certa vez, alguém, da própria Igreja, se alarmou com os qualificativos do padre Iasi ao ministro Rangel Reis" (o padre chamou o ministro de Idi nativo). "Mas a história dará razão ao padre Iasi. Tenho a impressão de que esse homem (o ministro) tem uma espécie de paranóia social em relação ao índio. E ele está muito bem subservindo pela diplomacia do general Ismarth, que poderá também passar a história como o autor da eutanásia social das populações indígenas".

ido

NR 12 PLS 115 DT 18 HS 0700

126-A AS 0757 POR GF/CH

DEL 7a DA GYN

CONTRÔLE Nº 0492

TEXTO E ASSINATURA

114/IZABEL de 18:12:78 COMUNICO QUE CAPITAO MALUAREH KARAJAH VG FOI CONVIDADO PARA FRETTAS
 LE SAO FELIX DO ARAGUAIA VG A PARTICIPAR DE UMA REUNIAO QUE COMEÇOU DIA 16 VG NA CIDADE DE
 GOIAS-VELHO VG REUNIAO COMANDADA P ELO BISBO CASALDALIGA PT CAPITAO CHEGOU ATRAZADO DO
 PORTO DE SAO FELIX VG PORTANTO COMUNICOU A ESSACHEMIA O ATRAZO MAIS QUE TINHA RECEBIDO QU-
 TRO MIL VIAJAR PELA VOTEC SANTA IZABEL/GOLANIA VG GOLANIA/GOIAS-VELHA PT CASO NAO ENCONTAR
 CONDUÇAO EM GOLANIA VG ASSIM QUE CHEGASSE VG FRETASSE UM TAXI AEREO VG PALAVRAS DO CAPITAO
 PT NAO ACONTECEU TAL VIAGEM DEVIDO O NOVO PAPO COM O MESMO PT CH PI ////

?

Part. Casaldaliga.
mg. 2/1/79.

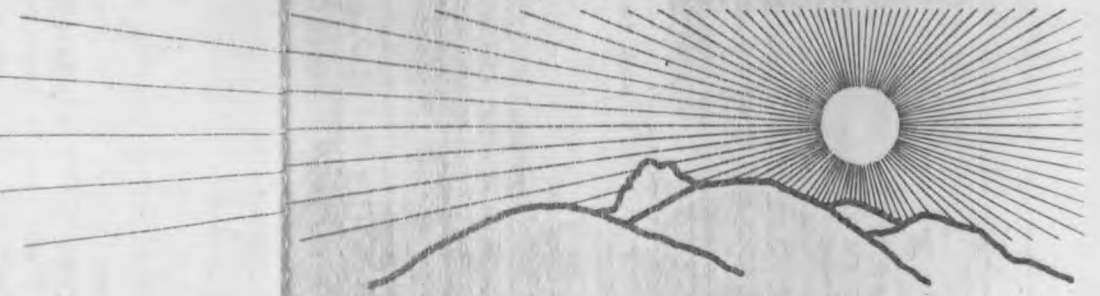
OF. 336/78
226/12/78

PSS. 553, p. 222/286

Pedro Casaldáliga

Pedro Tierra

Pasta de →
Lupa 22/457-9/79



MISSA DA TERRA

SEM MALES

editorial livramento

PSS. 553, p. 223/286

PEDRO MARIA CASALDÁLIGA E PEDRO TIERRA

MISSA DA TERRA SEM MALES

Todos (Canto)

Em nome do Pai de todos os Povos,
Maíra de tudo,
excelso Tupã.

Em nome do Filho,
que a todos os homens nos faz ser irmãos,
no sangue mesclado com todos os sangues,
em nome da Aliança da Libertação.

Em nome da Luz de toda Cultura.
Em nome do Amor que está em todo amor.

Em nome da Terra-sem-males,
perdida no lucro, ganhada na dor,
em nome da Morte vencida,
em nome da Vida,
cantamos, Senhor!

II. MEMÓRIA PENITENCIAL

Todos (Canto)

Herdeiros de um Império de extermínio,
filhos da secular dominação,
queremos reparar nosso pecado,
viemos celebrar a nova opção: Ressureição

— na Ceia da Morte e da Vida,
a antiga memória perdida;

– a morte dos Povos do passado,
na Festa do Povo esperado: Ressureição

– a História da América inteira,
nesta Memória de Libertação;

– na Páscoa do Ressuscitado,
a Páscoa Ameríndia
ainda sem Ressureição... Ressureição... sem Ressureição

Solo indígena: recitado (R) ou canto (C)

Solo (C)

Eu sou América,
sou o Povo da Terra,
da Terra-sem-males,
o Povo dos Andes,
o Povo das Selvas,
o Povo dos Pampas,
o Povo do Mar. . .

(R)

Do Colorado,
de Tenochtitlan,
do Machu-Pichu,
da Patagônia,
do Amazonas,
dos Sete Povos do Rio Grande. . .

Vozes individuais

- Eu sou Apache.
- Eu sou Azteca.

- Eu sou Aymara.
- Eu sou Araucano.
- Eu sou Maia.
- Eu sou Inca.
- Eu sou Tupi.
- Eu sou Tucano.
- Eu sou Yanomani.
- Eu sou Aymoré.
- Eu sou Iranxe.
- Eu sou Karajá.
- Eu sou Terena.
- Eu sou Xavante.
- Eu sou Kaingang.

Solo (R)

– Eu, Guarani.
E é com canto Guarani
que todo o Resto do Continente,
todos os Povos do meu Povo,
cantam agora seu lamento.

(C)

– Irmãos, vindos de fora,
se quereis ser irmãos,
escutai o meu canto!

Todos (Canto)

– Queremos escutar,
de coração aberto,
com a mão do remorso
sobre a ara do peito.
Queremos reparar

a História desta Terra,
massacre secular.

Solo (R)

– Eu tinha uma Cultura de milênios,
antiga como o Sol,
como os Montes e os Rios
de grande Lacta-Mama.
Eu plantava os filhos e as palavras.
Eu plantava o milho e a mandioca.
Eu cantava com a língua das flautas.
Eu dançava, vestido de luar,
enfeitado de pássaros e palmas.
Eu era a Cultura em harmonia com a Mãe Natureza.

Todos (Canto)

– E nós a destruímos,
cheios de prepotência,
negando a identidade
dos Povos diferentes,
todos Família Humana.

Solo (R)

– Eu era a Paz comigo e com a Terra...

Todos (Canto)

– E nós te violamos
ao fio das espadas,
no fogo do arcabuz
queimamos teu sossego.

Solo (R)

PSS. 553, p. 226/286

– Eu conhecia o ouro, o diamante, a prata,
a nobre madeira das matas,
mas eram para mim os enfeites sagrados
do corpo da Terra Mãe.
Eu respeitava a Natureza
como se respeitava a própria esposa.

Todos (Canto)

– Caravelas do Lucro,
viemos navegando,
para vender a Terra,
para explorar lucrando.

Solo (R)

– Eu vivia na pura nudez,
brincando, plantando, amando,
gerando, nascendo, crescendo,
na pura nudez da Vida...

Todos (Canto)

– E nós te revestimos
com roupas de malícia.
Violamos tuas filhas.
Te demos por Moral
a nossa Hipocrisia.

Solo (R)

– Eu tinha meus pecados,
eu fiz as minhas guerras...
Mas eu não conhecia

a Lei feita Mentira,
o Lucro feito Deus.

Todos (Canto)

– E nós te revestimos
com roupas de malícia.

Solo (R)

– Eu era a Liberdade
– não uma estátua apenas –
Moara em carne humana,
a Liberdade viva.
Eu era a Dignidade,
sem medo e sem orgulho,
a Dignidade Humana.

Todos (Canto)

– E nós te escravizamos.
E nós te sepultamos
na escuridão das minas.
Dobramos o teu corpo
sob os canaviais.
E te jogamos contra
as árvores amadas,
para cortar madeira,
cortando o teu espírito,
o cerne do teu Povo.

Solo (R)

– Meu tempo era o Dia e a Noite,
o Sol e a Lua,

as Chuvas e os Ventos gerais,
meu tempo era o Tempo, sem horas.

Todos (Canto)

– E nós te amarramos
ao tempo do relógio,
a nosso louco tempo
de pressas e interesses,
ao tempo-concorrência.

Solo (C)

– Eu adorava a Deus,
Maíra em toda coisa,
Tupã de todo gesto,
Razão de toda hora.
Eu conhecia a Ciência
do Bem e o Mal primeiros.
A Vida era meu culto,
a Dança era meu culto,
a Terra era meu culto,
a Morte era meu culto,
eu era um Culto vivo!

Todos (Canto)

– E nós te missionamos,
infiéis ao Evangelho,
cravando em tua vida
a espada de uma Cruz.
Sinos de Boa Nova,
num dobre de finados!
Infiéis ao Evangelho
do Verbo Encarnado,

te demos por mensagem,
cultura forasteira.
Partimos em metades
a paz de tua vida,
adoradora sempre.

Solo (R)

— O Amor do Pai de todos
me batizou com a Água da Vida e da Consciência
e semeou em mim a Graça do seu Verbo,
Semente universal de Salvação.

Todos (Canto)

— Quando nós te ferramos
com um Batismo imposto,
marca de humano gado,
blasfêmia do Batismo,
violação da Graça
e negação do Cristo.

Solo (R)

— Eu era um Povo de milhões de vivos,
de milhões e milhões de Gente Humana,
milhões de imagens vivas do Deus Vivo.

Todos (Canto)

— E nós te dizíamos,
portadores da Morte,
missionários do Nada.

Solo (R)

— Eu vos dei a beleza do Mar e suas praias,

eu vos dei minha Terra e seus segredos,
os pássaros, os peixes, os animais amigos, servidores,
o milho da espiga apertada e repartida,
o bulbo generoso da mandioca — o pão de cada dia —
o guaraná cheiroso da floresta,
o caldo assossegante do chimarrão do Sul,
o remédio da Terra enfermeira,
a canoa, voadora nas águas,
o Pau-Brasil de fogo,
nome do coração do vosso País. . .

Todos (Canto)

— E nós te depredamos,
desnudando as florestas,
calcinando teus campos,
semeando veneno
nos rios e no ar.
E cercamos de arame
a Terra generosa,
separando, por cercas,
os homens contra os homens:
para engordar o gado
da fome nacional,
para plantar a soja
da exportação escrava.

Solo (C)

— Eu era a Terra livre,
eu era a Água limpa,
eu era o Vento puro,
fecundos de abundância,
repletos de cantigas.

Todos (Canto)

– E nós te dividimos
em regras e em fronteiras.
A golpes de ganância
retalhamos a Terra.
Invadimos as roças,
invadimos as tabas,
invadimos o Homem.

Solo (R)

– Eu fazia um caminho a cada vez que passava.
Era a Terra o caminho.
O caminho era o Homem.

Todos (Canto)

– Nós abrimos estradas,
estradas de mentira,
estradas de miséria,
estradas sem saída.
E fizemos do Lucro
o caminho fechado
para o Povo da Terra.

Solo (R)

– Eu era a Terra inteira,
eu era o Homem Livre.

s (Canto)

– E nós te reduzimos
em Vitrina e Reserva,
em Parque zoológico,
em Arquivo-poeira.

Solo (R)

– Eu era a Saúde dos olhos, penetrantes como flechas,
dos ouvidos atentos,
dos músculos harmônicos,
da alma em sossego.

Todos (Canto)

– E nós te mergulhamos
nos virus, nos bacilos,
nas pestes importadas.
Teu Povo reduzimos
a um Povo de doentes,
a um Povo de defuntos.

Solo (R)

– Eu vivia embriagado na Alegria.
A Aldeia era uma roda de amizade.
Meus Chefes comandavam,
servidores do Povo,
com a sabedoria e o respeito
de quem se reconhece igual ao outro.

Todos (Canto)

– E nós te embriagamos
de cachaça e desprezo.
Fizemos-te objeto
do Turismo imprudente.
Tornamos os teus Povos
uma placa de rua,
e o teu Saber antigo,
Tutela de menores.
Pusemos as algemas

dos nossos Estatutos
na tua Liberdade.
Jogamos tua Língua
nas covas do silêncio,
e os teus Sobreviventes
à beira das estradas,
à beira dos vivos. . .
mão de obra barata
nas fazendas e minas,
nos bordéis e nas fábricas,
mendigos dos subúrbios
das cidades sem alma,
restos do Continente
da grande Lacta-Mama. . .

(A música se torna diferente, em tom de desafio e esperança)

Solo (C)

– Eu era toda América,
eu sou ainda América,
eu sou a nova América!

Todos (Canto)

– E nós somos agora,
ainda e para sempre,
a herança do teu Sangue,
os filhos dos teus Mortos,
a aliança em tua Causa.
Memória rediviva,
na Aliança desta Páscoa.

Todos (Canto)

Aleluia, aleluia, aleluia.
Todos os Povos da Terra,
da Terra-sem-males,
louvem ao Pai!

- O Evangelho é a Palavra
de todas as Culturas.
Palavra de Deus na Língua dos Homens!
- O Evangelho é a chegada
de todos os caminhos.
Presença de Deus na Marcha dos Homens!
- O Evangelho é o destino
de toda a História.
História de Deus na História dos Homens!

Aleluia. . . etc. . .

IV. OFERTÓRIO

Todos (Recitado)

– Erguemos em nossas mãos
a memória dos séculos,
reunimos na carne do pão
a história do Tempo
de Libertação.

Aqui vos entregamos
a vida banhada de chuva,
o milho plantado na terra,
o amor em pão repartido.

Aqui vos entregamos
a esperança da Terra-sem-males,
a caça-alimento na boca de todos,
o culto da dança de todas as noites.

Aqui vos entregamos
a paz da abundância,
a liberdade dos Homens,
a vida de Homens iguais.

Todos (Canto)

– Na herança do milho,
na massa do pão,
a Páscoa do Cristo
e a nossa união.

Na sorte do vinho,
na luta e na morte,
a Páscoa do Cristo
e a Libertação.

Todos (Recitado)

– Erguemos em nossas mãos
a memória dos séculos,
recolhemos no sangue do vinho
a história de um tempo
de escravidão.

Em nossas mãos vos entregamos
a cinza das aldeias saqueadas,
o sangue das cidades destruídas,
a vencida legião dos oprimidos.

Em nossas mãos vos entregamos
os seios exaustos das minas,
a água profanada dos rios,
as madeiras-em-cruz deste martírio.

Em nossas mãos vos entregamos
as veias abertas de América,
a pedra calada dos templos,
o pranto da memória índia.

Todos (Canto)

– Na herança do milho... etc...

V. RITO DA PAZ

Todos (Canto)

– Shalom,
Sauidi,
a Paz!

A Paz de Deus, na paz dos Homens.
O Amor do Pai entre os irmãos.
Todos os Povos num só Povo.
Porque o Senhor é nossa Paz.

Shalom, a paz antiga.
Sauidi, a paz perdida.
Em Cristo, a nova Paz!

Shalom,
Sauidi,
a Paz!

VI. COMUNHÃO

Todos (Canto)

– Celebrando a Páscoa do Senhor,
cantamos a Vitória
de toda a Humanidade.
Tribos de toda a Terra,
Povos de toda Idade.
Na carne do Senhor
revive toda carne.
Por isso comungamos toda a luta.
Por isso comungamos todo sangue.
Por isso comungamos toda busca,
de uma Terra-sem-males.

– Libertos do primeiro Cativoiro,
cantamos a Passagem.

Cantando atravessamos
o novo Mar Vermelho do teu Sangue.
Cantando comungamos
o Pão da Liberdade.

Cantando repartimos *PSS. 553, p. 232/286*
o Vinho da Irmandade.

Cantando caminhamos à procura
de uma Terra-sem-males.

– Celebrando a Páscoa do Senhor. . . etc. . .

VII. COMPROMISSO FINAL

(Voz masculina e voz feminina, recitado. Todos, canto)

Voz m.

– Alimentados da Páscoa do Senhor,
e na Esperança da Terra Prometida,
rejeitamos todas as cadeias
e, com os pés descalços sobre esta Terra nossa,
retomamos a marcha dos mortos redivivos.

Voz f.

– Com as claras estrelas dos Povos exterminados,
iluminamos a rota do último Êxodo,
buscando a Terra-sem-males.

Voz m.

– Como fogueiras ardendo no coração da noite,
a memória dos Povos perdidos
conduz o passo dos seus filhos.

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz f.

– Pelos Templos sem defesa saqueados,
por todas as Cidades destruídas,
pelos 90 milhões de índios massacrados. . .

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz m.

– Pelas ruínas do Império do Sol,
pelos Palácios Maias abolidos,
por todo o Povo Azteca escravizado,
pela desolação dos Sete Povos. . .

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz f.

– Pelo silêncio das flautas e tambores na noite,
pela morte da alma destes Povos,
pela palavra “resignação” dita aos escravos. . .

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz m.

– Pelo arcabuz dos bandeirantes e bugreiros,
pelos meninos escravizados, pelas meninas defloradas,
pelas caravanas de moribundos rumo a São Paulo. . .

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz f.

PSS-553, p. 233/206

– Pela peste que trouxemos no sangue depurado,
pelas lanças quebradas na humilhação,
pelas cabeças cortadas dos Aymoré. . .

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz m.

Pelas cercas farpadas dos novos bandeirantes,
pela cachaça integradora, na boca dos guerreiros,
pelo açúcar servido com cianureto, no paralelo onze,
pela prepotência da Tutela e o sarcasmo da
Emancipação. . .

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Voz f.

Pela cruz inscrita na espada dos saqueadores,
pela devastadora Civilização que se pretende cristã,
pelas catedrais assentadas no coração dos templos
Índios
pelo Evangelho da Liberdade, feito decreto de
cativeiro.

Todos

– Memória/Remorso/Compromisso!

Todos (Canto)

– Morena de Guadalupe,
Maria do Tepeyac:
congrega todos os índios
na estrela do teu olhar,
convoca os Povos da América
que querem ressucitar.

Vozes individuais (Recitado)

– Montezuma!
– Atau Walpa!
– Tupac Amaru!
– Sepé Tiaraju!
– Toríbio de Mogrovejo!
– Rosa de Lima!
– Bartolomé de las Casas!
– José de Anchieta!
– Roque!
– João!
– Afonso!
– Rodolfo!
– Simão Bororo!
– João Bosco!

Voz m.

E todos os Patriarcas, Profetas e Mártires da Causa
Índígena!

Todos (Recitado)

– Prosseguiremos vossa caminhada!

PSS. 553, p. 234/236
Unidos na Memória
da Páscoa do Senhor,
voltamos para a História
com um dever maior.

Unidos na Memória
da Antiga Escravidão,
juramos a Vitória
na nova servidão.

América Ameríndia,
ainda na Paixão:
um dia tua Morte
terá Ressurreição!

A Páscoa que comemos
nos nutre de porvir.
Seremos nos teus Povos
o Povo que há de vir.

Os Pobres desta Terra
queremos inventar
essa Terra-sem-males
que vem cada manhã.

Uirá sempre à procura
da Terra que virá. . .
Maíra, nas origens.
No fim, Marana-tha!

EU TAMBÉM VIM AQUI
PARA OUVIR. OUVIR O
INDIO, PARA LUTAR
PELOS SEUS DIREITOS,
PARA JUNTAR-ME À
IGREJA, QUE TAMBÉM
TANTO TEM FEITO
PELO INDIO.

VIM OUVIR E OUVI.
E LEVO A MENSAGEM
DO INDIO, PARA
RESOLVER O SEU
PROBLEMA



carta do nosso bispo

MATO GROSSO - BRASIL

Quarta-feira de Cinzas começou a QUARESMA e é QUARESMA até a Semana Santa. A Igreja, durante séculos, vem ensinando que a QUARESMA é tempo de penitência, de jejum... Por que será que agora os padres falam tão pouco disso? A penitência, já não presta? Não mais carece jejuar?

Todos somos pecadores e todos precisamos nos arrepender. Sempre teremos que fazer penitência pelos nossos pecados e pelos pecados dos nossos irmãos. Se vocês não fazem penitência, não serão salvos -disse Jesus.

Acontece que a Igreja está sentindo cada vez melhor como a vida do Povo é toda ela uma penitência dura e como o jejum do Povo atura o ano inteiro.

O que está se passando aqui, no meio de nós? Tubarão tomou as terras altas e nas terras baixas a enchente engoliu a lavoura. Perdeu-se o arroz, a mandioca acabou. O Governo não se importa com os pobres, não toma as medidas que deveria, serviço não tem, as estradas cortam todo ano e os preços alteam assustadoramente:

- Uma lata de leite, 50 cruzeiros
- Um litro de óleo, 28
- Um quilo de arroz, 20
- Um quilo de farinha, 15
- Uma dúzia de ovos, 35
- Um quilo de cebola, 25.
- Um litro de gasolina, 18, 20, 25...



O aperreio é aqui e é em todo o País. Para milhões de brasileiros a fome está sendo o pão de cada dia. E não é esse o "Pão nosso" que Jesus nos ensinou. Não é isso o que Deus quer. Esta não é a penitência que lhe agrada. Ele detesta esse jejum imposto aos fracos pela cobiça dos poderosos. E rejeita a Quaresma dos ricos hipócritas, que se esquecem da fome de seus trabalhadores.

Diz a Bíblia, no capítulo 58 do profeta Isaias:

" Assim fala o Senhor Deus: De que serve jejuar, se disso não vos importais? No dia de vosso jejum só cuidais de vossos negócios e oprimis a todos vossos operários. Passais vosso jejum, ferindo com o punho o pobre... O jejum que me agrada porventura consiste em o homem mortificar-se por um dia? Sabeis qual é o jejum que eu aprecio? É romper as cadeias injustas, desatar as cordas do jugo, libertar os oprimidos, repartir a comida com os que têm fome e abrigar aos desabrigados..."

QUARESMA é sim tempo de penitência, mas a verdadeira penitência só pode começar pela Justiça. Só se arrepende, quem se corrige. Só corrige sua vida, quem conserta suas injustiças.

Deus não é Pai que gosta da peia do sofrimento, Ele quer a alegria para todos os seus filhos. E essa alegria somente alcança a todos, quando todos têm sua casa e comida asseguradas, a escola certa para os filhos, o tratamento garantido para os doentes, o direito reconhecido e a liberdade respeitada para viver como gente.

QUARESMA, mais do que um tempo de penitência esmorecida, é tempo de preparação para a PÁSCOA. E a Páscoa de JESUS CRISTO é a nossa Libertação. Não é "curvando a cabeça feito caniço ou se deitando na cinza" que o Povo agradecerá a seu Deus. É se erguendo da miséria, quebrando os cativeiros, acabando com as desigualdades, se libertando de todo pecado, de todo medo, de toda opressão.

Quando desse jeito, o Senhor assegura, pelo profeta Isaias, que Ele próprio guiará seu Povo continuamente e que a luz da Paz despontará nas trevas e que a glória de Deus, a verdade de seu Reino, irá crescendo em nossa caminhada como um jardim de alegria, como roça de fartura.

Seja essa a QUARESMA da nossa Igreja de São Félix do Araguaia, meus queridos irmãos.

Felício

PUEBLA



Já se realizou, em Puebla, do México, a esperada reunião de bispos da América Latina, a TERCEIRA CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO.

O Papa João Paulo II veio ao nosso Continente, para abrir essa Conferência. Passou pela República Dominicana, em Centroamérica e ficou no México quatro dias. Fez uns 40 discursos e palestras, se encontrou com autoridades, religiosos e estudantes e visitou o Povo nos subúrbios ou bairros pobres. Escutou a palavra dos Índios, sofrida e forte. E parece que sentiu como o nosso Povo vive, luta e espera, mesmo quando alguns organizadores da recepção do Papa quiseram esconder para ele as crianças de rua, os mendigos e as famílias largadas na miséria.

Milhões de pessoas aclamaram o Papa, cantando e chorando de alegria, com aquele carinho com que o Povo da América Latina sabe tratar as pessoas que ama. Mais de 500 jornalistas informaram ao mundo inteiro sobre a Conferência de Puebla e a viagem do Papa à América.

O Papa disse, nos seus discursos, muitas coisas importantes. Como foi muito importante o DOCUMENTO DE PUEBLA, que os bispos fizeram nessa Conferência. ALVORADA irá apresentando, durante o ano, esse Documento e os resultados de Puebla. O que os Bispos falaram e o que nós todos devemos fazer. "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina" depende de todos os cristãos deste Continente. Então, também depende de nós!

O Papa João Paulo II disse

- que essa reunião ligava com aquela II Conferência de MEDELLÍN e que também agora a Igreja devia fazer uma opção, uma escolha, EM FAVOR DOS POBRES;

- que a Igreja deve anunciar sempre a VERDADE e que essa Verdade se encontra, certa e completa, na palavra, na vida, na morte e na ressurreição de JESUS CRISTO, Filhos de Deus feito Homem;

- que a IGREJA nos faz cristãos, pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos e nós vamos fazendo a Igreja, com a nossa fé em Jesus Cristo, manifestada na sinceridade de nossa vida;

- que a LIBERTAÇÃO que a Igreja prega é a Libertação total do Homem (corpo e alma, particular e social, no tempo e na eternidade). E que essa Libertação exige o respeito dos Direitos de cada Pessoa Humana e de cada Povo, sem escravidões de nenhuma espécie. É a Libertação do pecado e a Libertação da injustiça;

- e o Papa pediu a NOSSA SENHORA DE GUADALUPE, padroeira do México e de toda a América Latina, que amparasse essa reunião dos bispos e todo o Povo do Continente e pediu para Ela pedir a seu Filho Jesus que os bispos tivessem coragem, clareza e bondade, como profetas, mestres e pais.

Dom Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, presidente da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) e presidente também do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), explicou, no início da Conferência de Puebla:

"Proclamar hoje e amanhã o Evangelho a nossos povos latino-americanos, animados pela esperança e ao mesmo tempo torturados no mais profundo pelo esmagamento de sua dignidade, não é apenas fraterno, nobre, enriquecedor, mas é mesmo a nossa missão, nosso dever, é nossa vida. O grito de esperança e de angústia que chega até esta Conferência e pede uma resposta profética, exige o compromisso da encarnação da Palavra de Deus em nossa vida e no nosso anúncio...

...Precisa-se de uma exata proclamação de Jesus Cristo para por na nossa vida a luz e dignidade do Homem".

padre
Francisco

do nosso PADRE FRANCISCO.
fazendo melhor como foi sua vida e o contatado das Missas e homenagens que se tem celebrado em memória dele.

P. FRANCISCO morreu no dia 1 de janeiro, não no dia 2, e foi por causa do frio, desmanchado. Enquanto fazia uns dias de oração, frente a uma grande montanha de neve, que se chama "Mont Blanc", lá na França.

Um companheiro seu, Charles Stassin, escreve:

"Durante os três dias últimos do ano, que eram também seus três últimos dias, ouvimos ele falar do Brasil, do livro (do bispo Pedro) e do seu imenso desejo de voltar um dia a esse país. Ele tornava vivo o livro, fazendo com três linhas páginas inteiras...

Dia 31, às 18 horas falou-nos ainda e nos dedicou o livro - essas são as últimas palavras que ele escreveu. Às 20 horas vomitou muito sangue. Eu o acompanhei numa ambulância à Chamonix. Foi essa uma longa e difícil descida, na neve. Ele dizia: "Se a gente não chegar logo, ou se eu ainda vomito mais, vou morrer mesmo..." Foi operado aquela noite, na tentativa de se achar a causa de sua hemorragia, mas sangrava tudo por dentro e o sangue não coagulava mais... Morreu às 14 horas do dia 1 de janeiro no hospital de Chamonix.

Os que estávamos reunidos rezamos muito por ele e na Missa, eu levantei o cálice pelo Brasil, em lugar do Padre Francisco..."

Escreve de Paris, um exilado:

"Acabo de chegar da basílica de Saint Denis, no subúrbio de Paris, onde foi celebrada a Missa...Tinha umas 300 pessoas, das quais vários eram brasileiros, exilados como eu. Exilados como era o Jentel, que apesar de francês vivia pensando em voltar para essa terra que ele tanto queria, para junto desse povo, do qual ele era irmão e companheiro.

Na Igreja foram lidas mensagens dos Comitês Brasil Anistia, France - Brasil e France Amerique - Latine, além de mensagem da CNBB de condolência para sua família. Os exilados brasileiros também fizeram uma mensagem dizendo que se Jentel tivesse morrido aí, a igreja estaria cheia de povo, ao lado do qual ele lutou e sofreu. Para nós, aquilo pelo que ele lutou sempre foi justo, sempre será. Sua morte, nós a sentimos como a morte de um companheiro e de certa forma ele nos dá vida e ânimo para continuar.

Quando nos conhecemos, ele estava junto. Você deve lembrar que a cada coisa que você comentava sobre esse Araguaia que ele conhecia tanto, ele se punha a imaginar.

Seguramente foi imaginando um Araguaia livre, um Brasil livre de grileiros, capangas, exploradores e opressores de todo tipo, que ele nos deixou.

Siganos, pois é necessário fazer disso uma realidade..."

Por ocasião do trigésimo dia da morte do padre Francisco, Dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia celebrou uma Missa, na catedral daquela cidade e recordou que o "Padre Jentel sempre lutou pelos direitos dos posseiros e dos índios, dentro da lei e da justiça."

Disse Dom Fernando que a "violência não é cristã, como também não o são a passividade e o medo, sobretudo o medo do poder e do dinheiro."

"A Fé - acrescentou - nos dá forças para que não tenhamos medo, para que não nos calemos.

E a cada dia, aumenta o número de cristãos, mesmo não católicos, que se unem a nós nessa luta pela justiça."



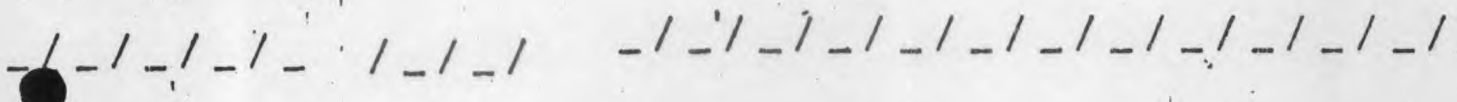
- Do Padre Ivo Plunian, da Paróquia de Santa Luzia, de Nova Iguaçu, no Estado de Rio de Janeiro:

"...ainda ultimamente (encontrei o Pe. Francisco), em setembro e outubro de 1978. Fisicamente, ele estava na França, mas o coração e o espírito estavam permanentemente no meio de vocês, em Santa Terezinha, na Prelazia de São Félix. Viviam no exílio, banido de sua terra, sua terra de eleição: ali tinha seu Povo e sua Igreja, neles, seu Senhor e seu Deus.

... Que o Francisco, que participou da morte de Jesus pelo batismo, pela perseguição, pela condenação, pregado na mesma cruz que o seu Povo, participe igualmente de sua Ressurreição.

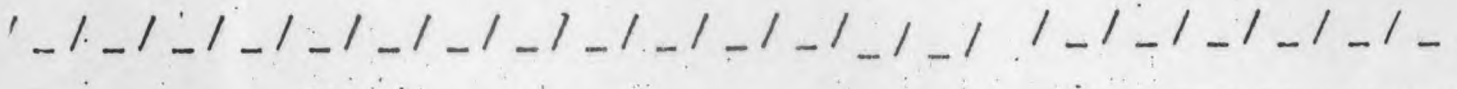
... Nós, da comunidade de Santa Luzia, na diocese de Nova Iguaçu, rezamos por vocês para que continuem com coragem e firmeza, dando-nos lições e testemunhos de vida. Rezai por nós, a fim de que nós também sejamos fiéis, sem desânimo, sem desespero e sem medo, aqui, na nossa Baixada Fluminense... Baixada desprezada, explodida, assassinada, crucificada. A Páscoa é todo dia.

Estamos fraternamente com vocês no sofrimento e na esperança que toda vida em Jesus jorra em vida eterna, certos de que agora o Pe. Francisco nos ajudará nas delidades essenciais".



DIA 3 DE MARÇO, sétimo aniversário daquele corajoso levante de SANTA TEREZINHA, quando os posseiros defenderam seu Ambulatório e suas terras, contra a Codeara e a Polícia, o Povo de Santa Terezinha vai comemorar a data com um drama e uma celebração.

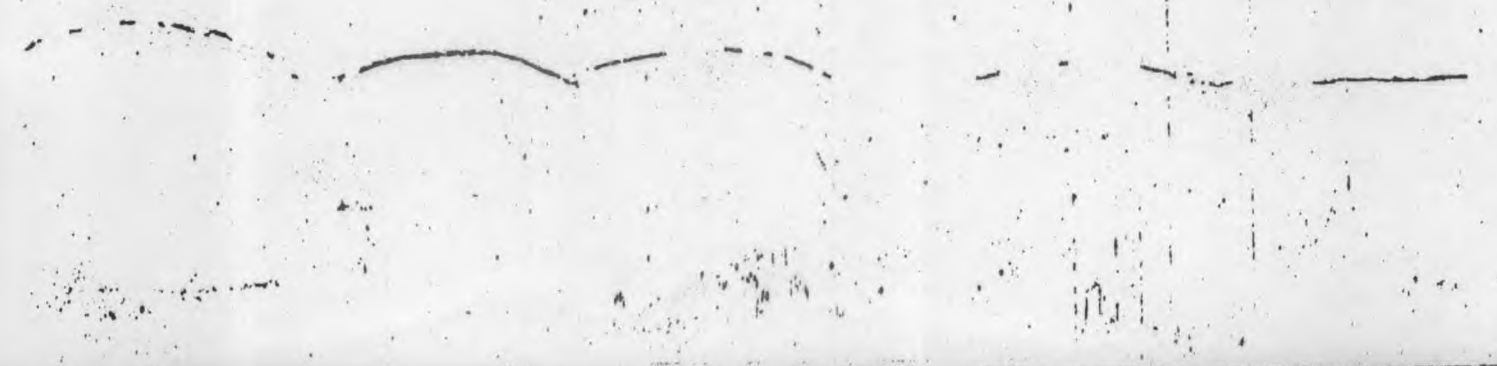
Também nesse dia, DIA 3 DE MARÇO, vai se colocar na igreja de Santa Terezinha, bem perto da Cooperativa tão querida do Padre, um quadro grande com a fotografia do PADRE FRANCISCO. Para lembrança de todos, velhos e novos e para que sirva de exemplo na caminhada.



Atendimento
médico
aos
Indigentes

Por determinação federal, todos os Hospitais do País têm obrigação de atender os doentes que não têm recursos e se encontram em caso de urgência. Esses doentes não pagam e o hospital também não faz nenhum favor, porque é o Governo Federal quem paga ao hospital, nessas ocasiões.

Essa lei e disposição federal é a CIRCULAR 02/75 do MINISTÉRIO da PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL



*Preservando contas
do que é de todos:*

O ANTIGO "GINÁSIO DOS PADRES"

CENTRO COMUNITÁRIO " NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO "

A área de terreno do antigo "Ginásio dos Padres", medindo 7.200 m², foi doada pela Prefeitura de Barra do Garças à Prelazia de São Félix -naquela época ainda dependendo das Prelazias vizinhas-, em 1969 e depois registrada no Cartório de Imóveis da Comarca, sob o nº 2.568, em 18 / 10 / 76.

A construção do GEA ("Ginásio Estadual Araguaia") iniciou a 3 de agosto de 1969 e o Colégio foi inaugurado em 23 de maio de 1970.

O Ginásio era estadual, mas o prédio e o professorado eram da Prelazia e foi a Prelazia quem o construiu e organizou e dirigiu até que a repressão acabou com ele.

As despesas da construção importaram 70.040,00 cruzeiros.

A parte maior - Cr\$ 42.365,00 - foi doada pelos amigos da Espanha e também por alguns amigos do Brasil. Algumas fazendas vizinhas, que naquele tempo ainda não estavam em atrito com a Prelazia, fizeram também algumas doações: Suianissú, doou Cr\$ 5.000,00 além da limpeza do terreno, serviços de caminhão e parte da madeira do telhado; Guanabara doou 500,00; 3 Marias, 500,00; Agropecuária Roncador, 500,00; Francisco Vilela, 500,00. A diferença foi coberta pelas outras doações que já constaram na ALVORADA de fevereiro.

Durante a construção dessa primeira etapa, houve uma grande colaboração por parte do povo de São Félix, seja em dias de serviço, como em fretes e carretos.

As carteiras foram doadas, parte pelo Colégio Claretiano de Rio Claro e parte pelo Colégio de Itu, das Irmãs de São José.

Nos anos em que o prédio funcionou como Ginásio, foi alugado pelo Estado por Cr\$ 1.000,00 por mês. Exceto em 1974, que foi por 1.500,00. O Estado não pagou este aluguel durante 14 meses, de novembro de 1971 a dezembro de 1972.

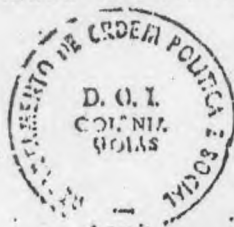
Em 1975, deixando de ser Ginásio, passou a servir para os Clubes de Mães com todas as suas atividades, Clubes de jovens e meninos, Aulas noturnas de alfabetização e complementação, reuniões, encontros, assembleias.

Em 1977, a Prelazia fez um projeto de ampliação, com a finalidade de converter o imóvel em CENTRO COMUNITÁRIO. Este Centro atende necessidades de Cultura, Beneficência e Promoção Humana do Povo de São Félix e da Região da Prelazia e, naturalmente, serviços pastorais da mesma Prelazia.

Para essa ampliação se recebeu da organização "Adveniat", da Alemanha, a importância de Cr\$ 250.000,00 e das Irmãs de São José, da Dinamarca, o valor de Cr\$. . . 300.000,00. O saldo de Cr\$ 41.631,31 está ainda sendo empregado, no corrente ano, para finalizar a realização desse projeto.

(Ainda, uns amigos do São Paulo doaram colchões para o Centro).

Em 15 de agosto de 1974, festa de Nossa Senhora da Assunção, padroeira de São Félix, fundou-se, aqui, em São Félix do Araguaia, uma Associação de Cultura e Promoção Humana, chamada ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL "NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO". Independente da Prelazia, a Associação tem sua diretoria e seus estatutos próprios. Foi registrada no CGC sob o nº 037 69 445 / 0001 - 29 e no Conselho Nacional de Serviço Social sob o nº 219.798, em 4/11/77. Foi declarada de Utilidade Pública pela Prefeitura Municipal de São Félix do Araguaia, pelo Decreto nº 10 de 2 de dezembro de 1977. A Prelazia, com isso, cedeu o imóvel do antigo Ginásio -agora "Centro Comunitário"- para a referida Associação, que administra o Centro segundo as necessidades do Povo da região. Reservou-se a Prelazia duas salas, para biblioteca e escritório e o direito de utilizar o Centro para reuniões e outras atividades pastorais, em certos dias do ano.



MUNICÍPIO de LUZIARA

COM ESTE CURSO A GENTE ESTÁ TENDO MAIS INTERESSE

São Félix do Araguaia andou movimentada neste janeiro e fevereiro. Aqui se realizou a segunda etapa do Curso de Professores.

Acabou no dia 25 de fevereiro e os participantes voltaram para casa com muitas dificuldades por causa da enchente.

Os professores dos patrimônios que ficam além do Xavantim tiveram que ser baldeados com sua bagagem numa canoa motorizada que trabalhou mais de 6 horas sem folga.

Os professores participantes falam em Alvorada sua opinião sobre esse curso:

"O Curso trouxe grande importância para toda essa região. Somos uma turma de 74 elementos e em grupo vamos discutindo e planejando nossas atividades nas escolas.

São também momentos em que nos divertimos com brincadeiras, esportes, música, teatro, etc. Tudo isso faz com que aumente a nossa união, a nossa coragem e segurança para essa luta contínua."

"Trocamos muitas idéias, trabalhamos em grupo, aprendendo que é bom ajudar os companheiros que tem dificuldades."

"Com esse curso a gente está tendo mais interesse. Dá mais facilidade de transformar aquilo que é necessário para a comunidade e o nosso trabalho."

"Considero este curso como um meio de desenvolvimento dessa região. Após a 1ª. Etapa, realizada no ano passado, muitas coisas foram facilitadas dentro do ensino, principalmente a organização e funcionamento das aulas.

E até mesmo no sentido de enfrentar as dificuldades que aparecem nas escolas e na vida do povo."

"Vou embora com muita tristeza no coração, por deixar tantos amigos, do curso e da cidade. Mas vou preparada para enfrentar o trabalho, quando chegar no patrimônio. Devo isso ao curso que está nos preparando para ajudar a comunidade."

"O curso é importante porque dá mais segurança no ensino e o nível das escolas cresce e faz a gente sentir mais a realidade e fazer os outros sentir também."

MUTIRÃO DE RUA E DE CAMPO EM SANTO ANTÔNIO

Fizemos uma reunião no dia 27 de janeiro de 1979 e limpamos as laterais do campo de avião. Juntamos 15 homens. No dia 3 de fevereiro de 1979 fizemos outra reunião e limpamos as ruas e área do grupo.

Juntamos 22 homens. Muitas outras pessoas colaboraram com bebidas, café, quebra-jejum.

É na união para resolver os problemas e necessidades de cada dia que o povo vai sentindo sua força e sua coragem para enfrentar as coisas mais sérias como a permanência na terra.

Mesmo fazendo essa limpeza, cabe às autoridades cuidar dessas coisas que são de sua responsabilidade.

DELEGACIA SINDICAL EM LUZIARA

No fim de janeiro andou por Luziara o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais do Santa Terezinha, no qual pertencem todos os trabalhadores deste município.

Com essa reunião de esclarecimento, o povo da rua e do sertão foi vendo a importância que o Sindicato tem na defesa dos interesses dos trabalhadores.

Foram feitas mais de 70 inscrições e carteiras. Por enquanto, e até à chegada dos responsáveis sindicais de Cuiabá, ficou escolhido provisoriamente o senhor Zó Uriti, como enfrentante desta Delegacia Sindical. Ele já tem experiência de 5 anos de Sindicato em Goiás, e pode nos prestar o seu apoio.

É desse jeito, gente: só na união dos trabalhadores no Sindicato é que se pode resolver os problemas daqueles que vivem do seu trabalho.

* * *

Conto da Codobro estava segurando os peões sem dar serviço o seu. ...
 que não tinha dinheiro, era só pros trabalhadores ficar comprando no armazém até acabar o
 saldo que tinham.

Até aí, estava contado na Alvorada anterior. Então, o que aconteceu: os trabalhadores
 se reuniram e combinaram fazer a despesa por conta da fazenda. E assim fizeram.

No dia da feira, o grupo reunido chegou no armazém e o chefe da turma falou: ... De a-
 gorá em diante, nós queremos a despesa por conta da fazenda.

O gerente respondeu: ... Por conta da fazenda vocês não vão levar nada. Porque a fa-
 zenda não dá fornecimento por conta dela a ninguém.

Nesta hora, todos eles falaram a uma só voz: ... Tem que dar; enquanto você não paga nós,
 tem que dar o do comer e até o do fumar. E é por conta da fazenda!

Aí, ele falou: ... Já que vocês estão bravos, podem tirar tudo o que vocês precisarem.

E eles tiraram tudo o que precisavam. E quando estava com 5 dias que aconteceu isto,
 ele pagou todos os que se tinham reunido. Isto foi no dia 12 de janeiro. E os que não qui-
 seram entrar na reunião, não tinham recebido até o dia 26 de janeiro, mas parece que só
 saiu pagamento no dia 16 de fevereiro.

OS 10 DIAS DO PREFEITO EM PORTO ALEGRE

O prefeito de nosso município, Luciara,
 veio no Porto Alegre ficou uns 10 dias. Ele
 fez, foi trazer a patrôla, começou logo a
 limpar as ruas e depois veio com a cobrança
 dos lotes: para escritura, mais de \$ 1.500
 cruzeiros e para cadastrar, uns \$ 150 cruzeiros.
 Nem deu explicações do que era isso, nem
 sequer uma reunião para avisar essas coisas
 para o povo. Pois ele acha melhor conversar
 de um por um do que fazer a reunião.

JÁ QUE NÃO TEM GINÁSIO AQUI

Tem muitos alunos no Porto Alegre que já
 estudaram o 4º ano mais de duas vezes, só
 pra não ficarem parados. Agora, se apresen-
 tou um Ginásio na fazenda Piraguassú, e esses
 jovens estão aproveitando pra estudar lá.

Os pais que podiam, tiraram seus filhos
 para estudar fora. Mas, 7 alunos se arrisca-
 ram a estudar no ginásio da Piraguassú. Os
 pais puseram seus filhos no ginásio por inter-
 médio dos professores da fazenda.

O problema é que os alunos não estão ma-
 triculados, porque o ginásio não é da fazen-
 da. É como se os alunos estudassem em Lucia-
 ra. Os pais já escreveram uma carta ao dire-
 tor do ginásio, sr. José Gomes, pedindo pra
 ele vir aqui matricular, já que eles não têm
 condições de ir até lá.

Os pais estão esperando ser atendidos.
 Agora, o que os pais achavam bom de tudo,
 era se o governo já tivesse feito um ginásio
 aqui, porque aí seus filhos não precisariam
 estudar na fazenda, a mesma que intica com o
 povo e tira a terra dele.

PRECISAMOS
 DO GINÁSIO

NO FIM, QUEM APANHIA É O POVO

Os vereadores, que ainda são escolhidos
 por voto direto, deveriam fazer leis no
 interesse do povo. Mas, não é bem assim
 que está acontecendo na nossa região.

Em Luciara, por exemplo, a eleição pa-
 ra a presidencia da mesa dirigente da Câ-
 mara de vereadores foi muito bagunçada.
 Dois vereadores da AREIA não compareceram,
 chegando só no fim da reunião.

Na entrega dos cargos, houve muitos
 discursos e até elogios ao secretário an-
 terior por ter mandado informações ao SUI.
 Em nenhum momento foram lembrados os pro-
 blemas do povo de Luciara.

E problemas é o que não falta: não tem
 serviço na rua, 30 homens saíram pra fazer
 derrubada na fazenda Tapirapé. Não tem a-
 tendimento à saúde. A estrada está corta-
 da e a mercadoria que vem de São Félix só
 beneficia os comerciantes, com preços nun-
 ca tabelados.

Não são reuniões sociais, com autorida-
 des especialmente convidadas, que vão re-
 solver os problemas do povo.

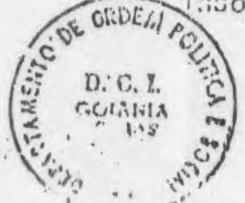
Só ouvindo o povo, discutindo com ele,
 dá pra saber o que é preciso fazer no in-
 teresse da comunidade.

O fato, é que o povo continua dando o
 seu voto para apanhar, pra ser esquecido
 e usado.

PREFEITO VISITA PORTIÓPOLIS

Depois de muito tempo, o prefeito vi-
 sitou o patrimônio no dia 13 de janeiro.
 Convidou o povo para uma reunião no pré-
 dio da escola, onde cada quem podia per-
 guntar o que quisesse.

Perguntado sobre professor para os alu-
 nos do 4º ano, disse que ora para saber o
 número de alunos, mandar para o secretá-
 rio de educação, que tinha professor pa-
 sado.



Estou a acertar o aterro da estrada da... para ajudar na construção da ponte do rio dos Pontes, mas isso só no verão. A professora já tem um caminhão basculante e um tratorinho que pode ajudar.

Encarregou algumas pessoas para roçar o cimento das ruas e o campo de aviação.

O povo ficou contente com a visita do prefeito, ele andou em muitas casas e isso ele não fazia desde a era das eleições.

Todo mundo espera que volte mais vezes e cumprir o prometido.

ATRO : POVO GOSTOU MUITO

O povo daqui de Pontinópolis nunca se esqueceu da noite do 31 de dezembro.

Nessa noite, um grupo de rapazes e moças do Clube de Jovens de São Félix do Araguaia, veio passar uma peça de teatro que fala sobre o Natal de 1978.

A Igreja ficou lotadinha, até de gente que não ia; e todo mundo ficou gostando daquela maravilhosa jóia. Gostaram do teatro, de Maria com aquele buchão e de José, um cara despaçado.

O teatro mostrou muito bem que a vida do casal pobre é feita de muito sofrimento e que quando caça agasalho na necessidade é jogado de um lado para outro. Só mesmo os pobres sabem agasalhar os pobres. Foi o caso do peão que ajudou o casal precisado.

Alô, jovens de São Félix, a Páscoa tá aí mesmo, a gente espera vocês outra vez!

COMISSÃO DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA NOVA

Foi formada uma comissão pra organizar a construção da Igreja nova, ainda esta ano, porque a Igreja velha não tá aguentando mais.

Depois de se reunir e discutir o assunto, a primeira tarefa foi fazer um levantamento pra saber de todos se era de gosto ou não, construir a Igreja. Pelo resultado, a população está de acordo e até se comprometeu dar muitos dias de serviço.

Para a construção já tem muito material comprado: telha, alvenaria, madeira serrada e até um pouco de dinheiro no Banco.

A Comissão escreveu também uma carta pro bispo Pedro, pedindo uma ajuda para a construção.

Essa Igreja vai ser a Casa do Povo, por isso todos são convidados pra dar a sua ajuda.



As comadres estão se movendo. O próximo ano. Toda semana se reúne e discutem o documento "Exigências Cristãs Para Uma Ordem Política", o alguns pontos importantes de saúde.

Agora, já procuraram um lote na rua pra construir a Casa das Comadres. Já estão de olho nos adobos e na madeira roliça da Igreja velha.

O mais importante, é que as comadres estão se representando na vida do patrimônio. Existe delas na Comissão da Igreja, no Grupo de Alvorada e até no Sindicato, onde a Tesoureira da diretoria provisória é uma comadre.



NO SINDICATO, A UNIÃO DOS TRABALHADORES

PELOS SEUS DIREITOS

Nos dias 14 e 15 de janeiro, bastante avexado, chegou aqui o Raimundo "Muriçoca" o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Terezinha.

O companheiro veio fazer uma visita e trazer um pouco da sua experiência, animando os companheiros daqui, para continuarem na luta e na união.

Ele deu a idéia de formar logo a diretoria provisória. Conversou com o pessoal as duas noites que aqui esteve.

Durante o dia, visitava os companheiros em suas casas. Todo mundo ficou mais esclarecido e muito satisfeito quando ele passou por aqui.

Seguindo a orientação do Muriçoca, foi eleita a diretoria provisória por 89 votos contra 5. Essa diretoria já se movimentou e visitou Azulona, Gameleira e Santa Cruz.

Também escreveu carta para os companheiros de Santo Antônio, pedindo pra marcar um encontro lá.

A próxima etapa é ir organizando a papelada pra fundação. Isso, por motivo do inverno muito forte, só poderá ser feito pelo mês de maio.

É bom que nos outros patrimônios, os colegas vão se organizando e tomando nota dos que querem participar.

Só mesmo quando os companheiros se unirem é que vão conseguir os seus direitos.

O povo do Santa Terezinha está revoltado com a Diretoria da Escola e quer que ela seja mudada. EMANCIPAÇÃO, o jornalzinho do Comitê Pró-Emancipação do Santa Terezinha, no seu número do março, conta como estão as coisas. Alvorada transcreve do EMANCIPAÇÃO o seguinte

"Dia 24 de fevereiro, chegaram a Santa Terezinha 3 funcionários da Secretaria de Educação, um deles, o sr. Arilson, delegado do ensino da Barra, para dar resposta ao abaixo-assinado dos pais de alunos que exigia a saída da atual diretoria da escola estadual.

Esses senhores chegaram e fugiram vergonhosamente, com medo de conversar com o povo, de escutar as verdades do povo.

Porque a Escola Estadual de 1º Grau de Santa Terezinha virou um problema de política. Por causa da ARENA. Só entra na escola como professor, quem estiver ligado à ARENA. É uma história velha.

A falta de capacidade apareceu desde o começo. E no ano passado, quando o secretário Cleovilton Neres Costa baleou o aluno Jonas, quem o ajudou foi o próprio estado, pois foi um avião do estado que veio até aqui para lhe dar fuga. E o aluno jogado numa cama, sem poder se movimentar, estando paralisado até hoje. E o secretário, autor do crime, ficou recebendo cada mês o seu salário da Secretaria da Educação. Mas a história não para aí.

No começo deste ano, Cleomenes Neres Costa, irmão do antigo secretário, vai a Barra e através dos seus padrinhos políticos consegue a nomeação de Vice-Diretor. E chegou demitindo a D. Alzira, dando como motivo que ela não servia para o trabalho por conta da queda com a lata d'água, quando era obrigada junto com D. Herberta, zeladora, a buscar água mais de 500 metros de distância. E para espanto de todos, a professora Regina Borela, reconhecida por todos como a melhor professora, não foi contratada.

No dia 16, numa reunião de pais, ficou clara a revolta de todos diante desses absurdos. Um abaixo-assinado com 162 assinaturas é levado à secretaria, pela sra. Aparecida Ezequias representando os pais. D. Aparecida levou em frente sua tarefa. Falou com o secretário, pedindo solução, solicitando que alguém viesse para conhecer a situação de perto. E conseguiu.

Num avião fretado pelo estado por 27 mil cruzeiros, chega D. Aparecida e os funcionários mandados pelo secretário, que garantiu que eles viriam conhecer a situação e conversar com os pais.

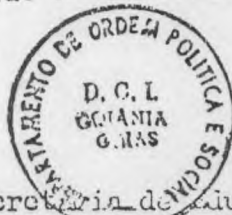
Mas isso não aconteceu e mais uma vez o povo foi enganado. Esses funcionários, convocados pelos pais, através de abaixo-assinado, fazem uma reunião com a direção da escola, e sem ouvir ninguém do povo, gozando da cara do povo, saem de Santa Terezinha, sem dar a menor satisfação aos pais. Este é o nosso Estado. Assim funciona a Educação de nosso meio.

Os pais, com muita razão estão mais revoltados hoje do que antes e sua revolta é justa.

Mas não vamos esquecer que esses funcionários representam o Secretário da Educação. Não essas as nossas autoridades.

Quando é que o Mato Grosso será um estado civilizado?

PAIS FAZEM REUNIÃO



Na noite do dia 24, depois da fuga dos funcionários da Secretaria de Educação, os pais fizeram sua reunião mesmo sem a presença deles. O prefeito de Luciara esteve presente e deu todo o apoio ao povo.

E muita gente falou, mostrando sua revolta por conta do desprezo com que o povo é tratado e mostrando que não vai se abaixar diante de ninguém. O prefeito garantiu abrir uma Escola Municipal se dentro de 30 dias o problema da escola não estiver resolvido. E o povo está todo ativo.

A maior parte dos pais tirou seus filhos da escola, enquanto não melhorar a situação.

DEPOIMENTO DE UMA MÃE DE FAMÍLIA DE SANTA TEREZINHA

D. Ana conta pra Alvorada os acontecimentos sobre a escola e dá o seu depoimento:

"Dia 7 de fevereiro de 1979 foi feita a reunião do início do ano escolar. Nesta reunião, muitos pais e alunos se revoltaram, quando foram apresentados os professores e a professora Regina não estava no meio dos que iam dar aulas. Então, os pais perguntaram: Por que a Regina não ia lecionar? Responderam que ela tinha sido demitida. Nesta hora, tanto os pais como os alunos se revoltaram.

Muitos fizeram sua contribuição e D. Aparecida foi pra Cuiabá levar o abaixo-assinado dos pais. Lá, conseguiu trazer dois representantes para conhecer nossos problemas.

Usaram para dona Aparocida que fizesse o convite a todos os pais para a reunião às 7 horas da noite no Ginásio. Estavam todos combinados e preparados para aparecer nesta hora.

Mas, sabe o que aconteceu? Usaram essa diretoria e esses representantes de uma grande covardia. Imontou todos na casa do seu Batista; ele pega todo esse pessoal, leva para o ginásio, oculto da população; só assim, eles conversaria com esses representantes. Mas eles, para mostrar sua educação, não teriam tomado nossa frente com toda essa mentira. Isso que eles fizeram é de gente cretina.

Se eles não tivessem medo que nosso problema seria resolvido, eles seriam os primeiros a nos ajudar a fazer essa reunião, para saber quem estaria direito e quem estaria errado. Não é pegar escondido e conversar oculto. Nós não fazemos nada escondido. No dia da revolta no ginásio, nós falamos logo na cara, que íamos fazer um abaixo-assinado, como fizemos.

Seu Batista me falou que sempre espera o Canuto por seu nome no Alvorada, que ele quer fazer sua cama. Agora, chegou a oportunidade, seu nome está ocupando Alvorada, com razão. Mas não foi o Canuto que colocou, não. Foi esta mãe de família que muito apavorou-se com a sua falsidade. Aqui, paro com minha história.

Assino: Ana Gomes Fernandes



POVO QUE SE RESPEITA É POVO RESPEITADO

A Codeara, em dezembro, cercou uma estrada que levava às roças de alguns moradores de Santa Terezinha. Foram feitas muitas reclamações e a cerca continuou no lugar. Mas a paciência do povo também acaba. E num dia, a cerca amanheceu cortada.

Desta vez, a Codeara reagiu diferente. Foi chamar Conceição e lhe perguntou onde queria que a estrada ficasse e lhe pediu licença para abrir um colchete onde a cerca foi cortada. E ofereceram muita coisa.

É gente, povo que se respeita é povo respeitado.

A Codeara já conhece o povo e sabe que o povo demora, mas age.

ASSEMBLÉIAS

No final de janeiro foi realizada a Assembléia da UNICIAS para prestação de contas e eleição da nova diretoria. Foi eleita presidente, dona Eva Pereira da Silva.

Também o Comitê Pró-Emancipação de Santa Terezinha realizou sua Assembléia para preencher cargos vagos na diretoria. Nesta Assembléia, foi decidido que se faria um abaixo-assinado ao senhor governador, pedindo a instalação de energia elétrica em Santa Terezinha.

E a 25 de fevereiro foi realizada a Assembléia da Cooperativa Mista do Araguaia, para prestação anual de contas.

AGORA JÁ TEM CONSELHO DE PAIS E MESTRES

Finalmente, em Luciara, se constituiu o Conselho de Pais e Mestres, que é obrigação em todas as escolas do país. O importante, é que esse Conselho funcione e sirva para os pais tomar conta da Escola dos seus filhos, juntamente com os professores. Conselho é para ter e para agir!

AINDA A GLEBA DO MEXICANO

O prefeito de Luciara estava esses dias, comunicando aos interessados, que agora, no dia 2 de março, viria "o povo do dono" dessas terras que chamam de Gleba do Mexicano. Dizia o prefeito que agora era para cada posseiro comprar mesmo sua terra, com financiamento. E que se não comprasse, ficaria sem.

Os 70 posseiros que moram nessa Gleba pensam de outro modo. Pelo menos, muitos deles. Eles sabem que financiamento não é para pobre. Sabem, sobretudo, que a terra já é deles: não somente por direito de posse, mas também por direito de usucapião, pois tem posseiros lá, com mais de 20 e até 30 anos.

Se continuam unidos e tomando no serviço, ninguém pode tirá-los dessa terra.



A Paróquia de Nossa Senhora das Graças, do Goiânia, na Vila Operária, cndo a Prelazia tom muitos bons amigos, dou de presente o seu sino para a Igreja de Nossa Senhora das Graças, do Luciara. E a Igreja nova e bem zolada do Luciara já tem o seu sino.

Pessoal, é para estar mais acordados, né? É para escutar sempre a voz de Deus e a voz da comunidade, que o sino representa...

CORAGEM E SORRIMENTO DOS NOSSOS ÍNDIOS

Os Xavante da reserva de Pimentel Barbosa, entre o Rio das Mortes e a estrada de Barra para São Felix, têm sabido defender o seu direito e estão ganhando a questão. Apesar dos erros culpados da própria FUNAI, que entregou parte dessas terras as Fazendas.

Nós, devemos compreender como é justo que os Xavante exijam o que é seu e os posseiros devem aprender deles o exemplo de coragem. Fazendeiro e grileiro podem falar outra coisa. Mas o direito é mesmo dos índios.

No fim do ano de 1978 era o prazo pra demarcar todas as reservas dos povos indígenas do Brasil, e a FUNAI não cumpriu o seu dever. Então, os índios fazem lei com toda razão.

De outra parte, devemos lamentar mais um fato triste que mostram como os vícios de nossa civilização prejudicam aos índios. Dois Karajá - um da Macaúba e outro da Barra do Tapirapó - morreram afogados recentemente, por causa da pinga: a desgraçada pinga da integração nacional... Karajá morrer afogado, é como morrer afogado peixe!

Os que vêm acompanhando com interesse a política do governo para os índios, seguem preocupados com a tal de "Emancipação". O projeto continua na toca, o governo não desiste. Parece que está preparando novamente o projeto, ajeitado, mas sempre de grande prejuízo para os índios.

Se o índio é emancipado, facilmente os grandes tirarão terras indígenas; vão se manchar as aldeias e as tribos e os índios se tornarão peões e até vagabundos, por estradas e à beira das cidades.

Índio tem é direito e precisão de possuir sua terra, de viver na sua aldeia com o seu povo, e de ser livre e respeitado como índio.

NOTÍCIAS TRISTES E ALEGRES DA ILHA DO BANANAL

Todos sabemos como fica a Ilha do Bananal, por causa das enchentes. Este ano, pior ainda, porque a enchente tem sido maior e porque já são três anos seguidos. O povo isolado, vivendo nos torrões, enfiado nos jiraus. As roças pubando, o gado morrendo atolado. E praga de mosquito que não tem filho de Deus que aguente.

A isso tudo, se ajunta a insegurança em que vive sempre o povo tori da Ilha. É verdade que o primeiro direito, na Ilha, é dos Índios, e esse direito deve ser respeitado sempre. Mas o governo do Brasil não pode se esquecer desses 10 ou 12 mil brasileiros não índios, que estão nessa ilha, sem garantia, sem título, sem posse, vindos do Nordeste ou do Goiás, muitas vezes tocados pelas fazendas e que não podem vir para este Mato Grosso, porque aqui também as fazendas tomaram tudo.

O pior de tudo, é que esse povo da Ilha, paga imposto à FUNAI, pelo gado, pelo aramo, pelas casas. Só esse ano passado, segundo declarações dos próprios ficiais, a FUNAI tirou da Ilha com esses impostos mais de 2 bilhões. E o imposto subiu de 26 que era em 1978 para 32 cruzeiros, apertando mais a vida desse povo.

Uma notícia alegre é que agora vai ter equipe pastoral morando na Ilha: o padre Faliero e a professora Margarida. O padre Fa mais o bispo Pedro estiveram lá em fevereiro. A equipe terá sua residência em São João do Javaé, mas atenderá a Ilha toda, tirando essas bandas que ficam mais perto de São Félix, Luciara e Santa Terceirinha.

A prefeitura de Formoso do Araguaia parece que vai dar apoio firme às escolas da Ilha. Precisa. A estrada já chegou ao rio Formoso e a ponte sobre o rio está na metade. Essa estrada é muito esperada, mas se atravessar a Ilha toda, aí a coisa já muda. Essa estrada, que entusiasma a todos, vai criar graves problemas para as aldeias da Ilha do Bananal. Porque as grandes fazendas, os colonizadores financiados e os turistas acabarão se apoderando da Ilha do Bananal. Os índios Karajá e Javaé ficarão ainda mais atingidos pelos vícios e cobiças do tori e com menos firmeza em suas terras. E quem vai pagar o pato serão como sempre, os pequenos: os índios e os sertanejos que na Ilha moram.



NOTÍCIAS de todo canto - 12 -

ANSATO DE SOFRER, O POVO DERRUBOU O REI

Desta vez quem derrubou o governo do Irã, foi o Povo. O Irã, antiga Pérsia, é um país da Ásia, muito rico, um dos maiores produtores de petróleo do mundo. Mas o Povo é muito pobre. A riqueza toda fica nas mãos de alguns, os donos do petróleo e o governo.

Esta situação ficou pior desde que o rei do Irã, Reza Pahlevi, começou a perseguir o Povo. Isso aconteceu em 1953.

O Povo não sofreu calado, não. Em 1963, numa revolta do Povo, o exército matou 10 mil pessoas. Outra revolta foi a dos estudantes, em 1967, com mais de mil mortos.

Desde essa época, o Povo era tratado a ponta de fuzil. E como o rei era muito rico, comprou aos Americanos as melhores armas para seu exército. O exército do Irã ficou famoso por ser um dos exércitos melhor armados do mundo. Por isso também, um dos mais violentos.

Qualquer uma pessoa que fizesse oposição ao rei, era perseguida, morta ou banida do país.

Uma dessas pessoas banidas foi o ayatholá Khomeini, um líder religioso muçulmano. Vivia na França sem poder voltar a seu país, há muitos anos. No Irã, o Povo é muito religioso e não aceitava que o seu chefe ficasse exilado, fora do país, longe do Povo. No começo de 1978 o Povo fez várias greves para pedir que o Khomeini voltasse ao Irã. O rei reprimia violentamente essas greves todas.

Aí, em setembro de 78, o Povo exigiu de uma vez a saída do rei e a volta do Khomeini. O exército assassinou milhares de pessoas. O Povo ainda se revoltou mais. Em outubro, o Povo exigiu o fim da monarquia ou governo do rei. Novos massacres.

Então os trabalhadores do petróleo fizeram greve apoiando a revolta do Povo. Não teve jeito, o rei abandonou o país em janeiro de 1979, mas deixou um governo nomeado por ele, para manter tudo do mesmo jeito.

Aí, o chefe religioso Khomeini voltou ao Irã e, junto com o Povo, derrubou esse governo e proclamou o Irã como República Muçulmana. O primeiro passo já foi dado. O Povo ganhou essa vitória. Falta agora o Povo mesmo fazer o seu governo: um governo popular de verdade, em que as muitas riquezas do país sejam distribuídas para todos por igual. Porque, que negócio é esse: País rico e Povo pobre...?

ESSES MINISTROS DO NOVO GOVERNO...!

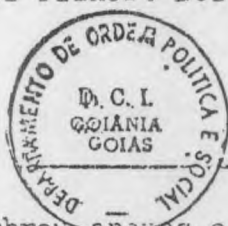
O presidente nomeado do Brasil, general João Batista Figueiredo, já escolheu os seus ministros. Todo mundo aguardava novidades, algumas mudanças que trouxessem esperança de melhora. A surpresa foi uma decepção. Nos Ministérios de maior importância na área econômica, política e social colocou gente de governos anteriores, todos eles acusados de muita corrupção. Por isso a gente não acredita que esse governo novo seja a favor do povo brasileiro. Não dá para acreditar. É só ler os jornais.



O general Golbery, ministro-chefe do Gabinete Civil, foi presidente de uma multinacional, acusado de corrupção até por um outro general, seu colega. Simonsen, que era Ministro da Fazenda, no Governo Geisel, e vai ficar na Secretaria de Planejamento, é acusado da subida do custo de vida. Delfim Netto, que foi Ministro da Fazenda, no Governo Médici, vai para o Ministério da Agricultura. Ele também é acusado de corrupção. Enganou o Povo no aumento do salário mínimo. Entregou o país aos grupos estrangeiros, vendeu as terras para eles. Agora, na Agricultura, o que será que vai fazer? Ele diz que vai só ajudar a quem tem dinheiro. Andreazza foi Ministro dos Transportes, no Governo Médici e vai para o Ministério do Interior. Dizem que ficou rico com a porcentagem que recebia por debaixo do pano. Petrônio Portella será o Ministro da Justiça. Ele, quando presidente do Senado, deu a ideia do "pacote de abril", que acabou com as eleições para Governador e trouxe outras medidas arbitrárias. Diz que vai ajudar na abertura democrática. Será?

De qualquer maneira, nada muda pró povo. O aperreio continua. O de comer cada dia aumenta mais. O Povo não tem mais terra para trabalhar, não tem emprego, não tem segurança para cuidar dos filhos. Desses Ministros aí..., o Povo mesmo não pode esperar nada.

UM PADRE E QUATRO RAPAZES, MÁRTIRES EM EL SALVADOR



MÁRTIRES

Diz que Puebla lembrou apenas os muitos mártires da América Latina, tantos milhares de assassinados e torturados, nesse nosso Continente, por causa do Evangelho, por causa da Justiça e da Libertação. Se foi assim, esse foi um grande pecado de Puebla...!

Nós, sim queremos lembrar sempre aqueles que, como Jesus Cristo, sabem dar a vida por Deus e pelos irmãos. Não foi o próprio Jesus que disse que dar a vida pelos irmãos é "a maior prova de amor"?

Ainda nas vésperas da Conferência de Puebla, no dia 19 de janeiro, foram assassinados, pela Polícia e pelo Exército, numa Casa de Oração de EL SALVADOR (Centro-América), o Padre Octavio Ortiz Luna e os rapazes Angel, carpinteiro, de 22 anos; David Alberto, estudante, de 15; Jorge Alberto, electricista e estudante, de 22; Roberto Antonio, estudante, de 15.

O Governo de El Salvador, ditador e perseguidor do Povo e da Igreja, quis enganar o Povo dizendo que esses mortos eram subversivos..., mas o Povo salvadorenho não acreditou nessa mentira covarde. Vinte mil pessoas se ajuntaram, no dia seguinte, ao redor dos 5 MÁRTIRES, para rezar, cantar e escutar a palavra corajosa do Arcebispo Romero. O pastor protestante, Jorge Lara, em nome do Conselho Mundial das Igrejas, se uniu ao luto e "à alegria subversiva" dos salvadorenhos que sabem -disse ele- que esses seus mortos não acabaram matados mas ganharam Vida Eterna.

O sangue dos mártires é sempre semente de melhores cristãos. Sejam exemplo e força para nós esses novos mártires da América Latina.

AS ENCHENTES

Neste ano, e já são três seguidos, as águas do Araguaia e outros rios da região invadiram a cidade de São Félix, outros patrimônios e muitas lavouras e pastagens. Foi a maior enchente desde 1926. Muitas famílias ficaram desabrigadas, enquanto a falta de serviço é maior do que o normal. Dificultados os transportes, o abastecimento sofre cortes. A estrada Barra/São Félix está desde o mês de janeiro. As mercadorias chegam mais poucas e sobem muito de preço. Tem também os que aproveitam da situação para explorar...

O Sr. Prefeito, preocupado com a sorte de seu Povo, apelou às Autoridades competentes. Cuiabá mandou vacinas contra tifo e mantimentos. Os mantimentos são poucos, é claro, para as necessidades do Povo.

O triste é que em outras cidades, como Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo as enchentes têm sido ainda mais violentas e tongueo contra o número de desabrigados e de mortos. ALVORADA, em outro número, explicará esses acontecidos das enchentes.

O sofrimento do Lavrador

Eu sou como relógio:
quando atrasa, não me adianta.
Trabalho pro tubarão
a fim de me passar manta;
Sou atrevido, mas não esmorecido;
enfrento qualquer barranco.
Paracheque: fazendeiro é como árvore,
que muito me atrapalha;
fica no meio da roça,
de vez em quando solta um galho,
como eu já tenho dito.

So nós ficamos de olhos fechados
e a boca aberta como arutau,
pegando mosquito,
vamos ser atacados com certeza;
depois vamos gritar aílitos.
Pensa bem: dormindo de botina,
o tubarão cerca o nosso destino.
Depois, nós vamos gritar para quem?
Pense então cada um: vamos nos reunir,
formar um diretório igual;
às vezes nós podemos apelar
pelo governo federal.

Mas nada está resolvendo.
A luta continua a mesma
e o posseiro continua sofrendo.
Por isso, na cidade
existe ladrão e desordeiro,
Porque o lavrador não tem apoio,
como tinha de promeiro.
Vai trabalhar e não pode.
O tubarão vai atacar.
O certo é pra cidade mudar,
viver de natar e roubar.

Mas, deixando esse assunto pra trás,
eu penso comigo mesmo:
vou falar com o meu compadre
para entrar em entendimento:
chamar os nossos amigos
e a nossa família toda; ela é grande,
pois somos mais de 150,
considerados família brasileira.
Não é compadre?

É; somos esse número de famílias,
moradores na Canabrava,
irmãos carnais e espirituais,
porque todos nós somos cristãos,
somos todos brasileiros.
Provemos com os nossos documentos.
Vamos fazer um pedido
ao nosso governador,
pra ter compaixão de nós.

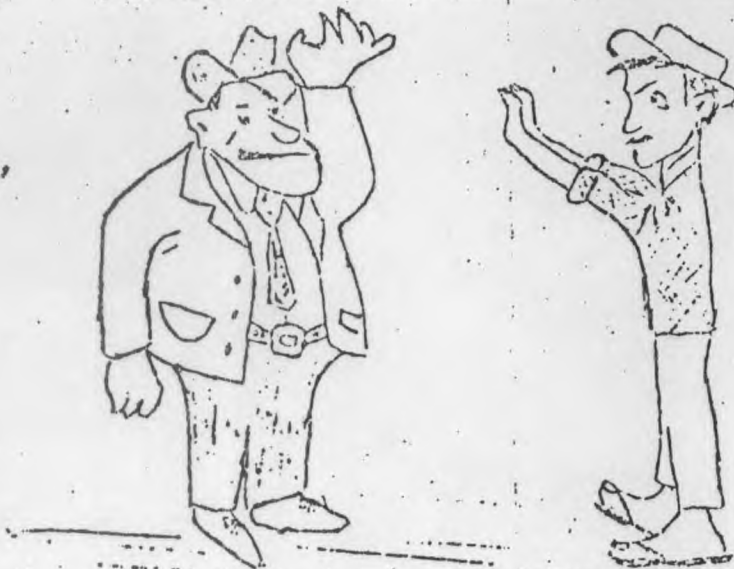
Nós pede todos em fila,
per não caber no salão;
Tamos todos no terreiro,
arreclamando sobre o apoio
dos lavrador brasileiro.

Também, queremos nos defender
desses falsos fazendeiros,
que no nosso idioma,
se trata de grileiros.

Compadre, eu vou lho dizer
um caso bem esclarecido:
nem governo federal, nem estadual,
nem deputado,
não desonvolve os problema
dos lavrador brasileiro.
Acho, compadre, com certeza
vai ser resolvido o problema
com um candidato inesquecido
da humanidade.

Compadre, quando esse candidato
for eleito no coração
de todos os brasileiros,
vai ser resolvidos
os problemas do Brasil.
Esse candidato é conhecido:
Jesus Cristo, Rei dos Reis.
Sabe disso?
Esta é a nossa derradeira Esperança.

(De um posseiro da Canabrava)



os comerciantes faltosos.

Casaldáliga jalará sobre a Amazônia

Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia e autor de diversos livros, inclusive o best-seller "Creio na Justiça e na Liberdade", estará no Diretório Central dos Estudantes no próximo dia quatro, às 20 horas. Ali, ele debaterá o tema "A questão da Amazônia".

JERÔNIMO SANTANA

Do debate, também na condição de convidado especial, participará o deputado federal Jerônimo Santana, do MDB do Território Federal de Rondônia. Esse tema, ao lado da luta pela anistia, foi escolhido pela Comissão Nacional Pró-União Nacional dos Estudantes para ser dissecado em todas as universidades brasileiras.

Já a partir da próxima segunda-feira, serão distribuídos aos universitários textos referentes aos problemas gerais da Amazônia. O objetivo é oferecer subsídios aos alunos para que haja maior participação nos debates.

"O POPULAR"
28.03.79

Popular: 06.04.79

Dom Casaldáliga crê que Amazônia já está perdida

Para D. Pedro Casaldáliga, a Amazônia não está só ameaçada — "está perdida". O Bispo de São Félix do Araguaia acha que reformas econômicas, sociais ou mesmo agrárias não são suficientes para minimizar os transtornos que se tem verificado naquela região: "É preciso que aconteça uma reforma política radical". D. Pedro vive os problemas dos oprimidos da região, participa com eles no seu dia-a-dia e com base nessas experiências fez uma série de denúncias, mostrando que até mesmo entre a estrutura administrativa pode ser detectado o comprometimento de determinadas pessoas, que se adaptam ao sistema, quando deveriam transformá-lo. Delfim Neto, o atual ministro da Agricultura, é um dos maiores acionistas de uma das multinacionais que vêm assolando o país: a Bordon. O tema foi discutido no Diretório Central dos Estudantes, no primeiro de uma série de debates. D. Casaldáliga aceitou o convite para integrar o Comitê Goiano pela Anistia.

PÁGINA 15

Porto Pedro Casaraburi



MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio - FUNAI
7.ª Delegacia Regional

Ofício n.º *02/7a.DR/79*

Em 06.04.79

Do Delegado Regional

Ao Sr. Assessor de Segurança e Informações - ASI

Assunto Recorte de jornal "O POPULAR" - remete



Senhor Assessor

Em anexo e para exame dessa Assessoria, estamos remetendo recorte de jornal "O POPULAR", editado nesta Capital, enfocando o debate estudantil a que esteve presente o Bispo de São Felix de Araguaia-MT.

Este titular se fêz presente no referido encontro, podendo informar que a matéria publicada é uma síntese do que foi discutido.

Cabe-nos informar ainda que o Bispo de São Felix, referindo-se ao Exmo. Sr. Presidente da FUNAI, Dr. Adhemar Ribeiro da Silva, afirmou que "dados estão sendo levantados sobre o novo Presidente da FUNAI e que brevemente serão publicados pela imprensa Nacional", dando às suas palavras um tom depreciativo e ameaçador, provocando murmúrios na plateia.

Cordiais Saudações

Ivan Baiocchi
IVAN BAIOCCHI - Del. Reg.

Am, 17.04.79.

- 1) Dado encaminhado ao Presidente
- 2) Arquivo 4

Alvaro
Alvaro Esteves Caldas
Assessor Chefe da ASI/FUNAI



Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BR AN, BSB. AA3. PSS. 553, p. 252/286

Dados do documento especial

Característica:

Grande Formato

Conteúdo:

Recorte de Jornal

Localização:

Caixa 26

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

Documento
não
digitalizado

Casaldáliga: o socialismo é a solução

pss. 553, p. 253/286



ARQUIVO

Dom Pedro quer que os cristãos mantenham seu espírito crítico dentro do socialismo

São Luis — A Igreja deve participar do projeto socialista, porque não há terceira via entre o socialismo e o capitalismo. Mas o cristão, ao ingressar num partido ou movimento socialista, deve conservar seu espírito crítico e sua liberdade de opinião, pois seria um erro canonizar o socialismo ou considerá-lo projeto perfeito e definitivo do homem.

A afirmação foi feita ontem em São Luis pelo bispo de São Felix do Araguaia, dom Pedro Casaldaliga, após participar de um encontro promovido pelo Ceial (Centro Eclesial para a América Latina), um organismo religioso italiano criado há 18 anos e que já enviou cerca de 3.200 sacerdotes e leigos ao Brasil. Casaldaliga disse que o encontro reafirmou o compromisso do Ceial com os pobres e demonstrou que o principal entrave a uma pastoral libertadora no Brasil continua sendo "as próprias estruturas da Igreja, marcadas pelo tradicionalismo, pelo conservadorismo e pelo excessivo juridicismo", ainda que pelo menos metade dos membros da CNBB seja "favorável às mudanças exigidas pela sociedade".

O bispo de São Felix citou dois outros "impasses" identificados pelo Ceial: O cultural (porque os sacerdotes italianos encontram no Norte/Nordeste brasileiro um estilo de vida muito diferente do europeu e um povo retirante que adota formas próprias de religiosidade) e o político, "representado pela falta de formação política do clero, num mundo marcado pela indústria".

Em algumas regiões do Nordeste, disse, os sacerdotes europeus encontram dificuldades imensas para trabalhar, citando como exemplo a diocese de Viana, no interior do Maranhão, "onde a atuação do bispo Adalberto Paulo da Silva constitui uma verdadeira cruz para os cristãos comprometidos com os humildes". Observou que a nomeação de dom Adalberto, contra a vontade da maioria do presbitério de Viana, deriva da estrutura centralizadora do Vaticano e não teria ocorrido "se a cúria romana ouvisse mais as conferências regionais de bispos e menos a nunciatura apostólica".

Mas a situação da Igreja no Brasil é ainda muito melhor do que em

outros países da América Latina, afirmou Casaldaliga. "Aqui, embora os defensores de uma revolução nas estruturas da sociedade ainda sejam minoritários metade do colégio dos bispos quer reformas sociais. Nos outros países, ao contrário, a maioria dos bispos ainda não compreendeu que a Igreja não pode ser algo diferente e separado da sociedade, porque a Igreja é o povo de Deus no povo dos homens, e deve entrar em todos os projetos da humanidade. Nos países capitalistas, a tarefa do cristão deve ser lutar para a humanização do regime, por uma maior humildade, pelo fim do sectarismo ideológico, pela liberdade de crença e de opinião. Na política, o cristão deve ser o fermento e a consciência crítica da humanidade, à luz do evangelho", declarou.

ABERTURA

O bispo de São Felix do Araguaia, declarou ainda que a abertura promovida pelo governo Figueiredo "foi ditada pelo próprio capitalismo internacional, que deseja limitar a selvagem exploração dos povos do terceiro mundo e promover uma democracia formal que contenha a revolução". Casaldaliga disse que o conceito de "democracia relativa" foi cunhado pela Comissão Trilateral, um organismo criado pelos líderes capitalistas da Europa Ocidental, Japão e Estados Unidos e que não corresponde às exigências básicas de nosso povo".

Ainda segundo o bispo, a abertura que o regime brasileiro executa "comporta certas manifestações culturais, certa liberdade de imprensa e até mesmo partidos políticos radicais, atuando sob controle, resumindo-se tudo numa espécie de folclorismo pseudo-democrático". Mas isso não impedirá, disse, que a luta contra o regime continue, "pois os pobres, os deserdados, vão progressivamente abrindo caminho na história, e nenhuma manobra tática do capitalismo impedirá que derrubem as estruturas da opressão. Como exemplo, casaldaliga citou a guerra civil da Nicarágua, "onde o povo enfrenta uma Guarda Nacional superequipada pelos Estados Unidos e está em vias de livrar-se de uma das ditaduras mais sangrentas do continente".

Solução para Casaldáliga é o socialismo

O bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, disse ontem em São Luís que a Igreja «deve participar do socialismo porque não há uma terceira via entre o socialismo e o capitalismo». O prelado — que participa de um encontro do Ceial (Centro Eclesial para a América Latina), organismo italiano criado há 18 anos — alertou, entretanto, aos cristãos para que mantenham seu espírito crítico.

Entre as várias dificuldades para a adoção de uma pastoral libertadora no Brasil, o bispo apontou as «próprias estruturas da Igreja, marcadas pelo tradicionalismo, pelo conservadorismo e pelo excessivo juridicismo». Segundo dom Pedro, os sacerdotes e leigos europeus enviados ao Brasil pelo Ceial — 3.200, desde sua fundação — encontram no Norte/Nordeste brasileiro um povo retirante que adota formas próprias de religiosidade. (Página 5)

10/7/79 - JPB

Posto do Pedro Casabral

Pss. 553, p. 255/286



MINISTÉRIO DO INTERIOR
Fundação Nacional do Índio - FUNAI
7.ª Delegacia Regional



Ofício n.º 205/7a.DR/79

Em 08.08.79

Do Delegado Regional

Ao Senhor Chefe da Assessoria de Seg. e Informações - ASI

Assunto Recorte de jornal e cópia de Discurso - remete

Am, 20.08.79.
Infl. nº 014-A/79
à DSX/Mant.

Senhor Chefe

M. Mendes

Para conhecimento e superior exame de V.Sa., encaminhamos em anexo, recorte do semanário "TOP NEWS", editado nesta Capital, bem como cópia de Discurso proferido pelo paraninfo da 'turma única' de formatura da Universidade Federal de Goiás.

Informamos que cópias do referido Discurso, foram distribuídas profusamente por ocasião das solenidades, ocorridas no Ginásium Rio Vermelho (de esportes) de Goiânia.

Cordiais Saudações

Ivan Baiocchi
IVAN BAIOCCHI - Del. R. g.

mhes/IB

AMIGOS FORMANDOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Tenho recebido vários convites para ser paraninfo da formandos; Esses gestos de solidariedade universitária sempre me gratificaram, Entretanto, nunca pude me fazer presente. O convite de vocês tem sido o único que já aceitei, com o compromisso de uma presença física.

Vocês são para mim uma "turma única" em significação. Por serem da Universidade da capital de Goiás. Porque Goiânia acabou sendo para a gente, uma espécie de capital adotiva, adotante, cruzamento de caminhos e de encontros, aconchego de solidariedades em todas horas, até de perseguição e de morte - louvada seja a memória do mártir João Penido Burnier.

Esta Goiânia nossa, sede da igreja do sempre acolhedor patriarca Dom Fernando. Goiânia, da Comissão Pastoral da Terra, Goiânia, do Conselho Indigenista Missionário. Goiânia, casa de tantos companheiros, de pastoral, de cultura, de procura. Essa Goiânia tão queridamente familiar, onde somente me dói a crescente marginalização de seu povo e a presença ainda não questionada do genocida Anhanguera.

De Goiânia parti, há 11 anos, para o meu Mato Grosso, e continuo indo e vindo, de Goiânia, para Goiânia, com tantos outros milhares de retirantes do Mato Grosso, ou do Norte ou do Nordeste, bem mais desprotegidos do que eu. Eu venho e vou em serviço, eles em desespero

Goiânia, capital da Belém-Brasília em trânsito, cidade de todas as possibilidades, porém em tumultuada construção, terra quiméricamente prometida a tantos lavradores despejados de terra, convergência marginalizante de tantos jovens, de tantas famílias, carregados impunemente desses campos gerais.

Cidade-promessa-urgente, com vocação de capital legítima do Centro-Oeste, sede necessária de uma nova cultura integradora de valores, que corresponde dignamente a esses destacados protótipos culturais, que o estado de Goiás cita com orgulho.

Goiânia, politicamente outra, logo, com premência, porque a velha Goiânia politiquera já não está mais servindo para vocês creio nem certamente para o povo de Goiás. Forja necessária de uma política nova, voltada para o Povo-Senhor e não mais para os senhores coronéis provincianos.

Não sei exatamente como vocês encaram os projetos oficiais que prometem a transformação mágica de nossa região num celeiro do Brasil. Eu constato, infelizmente, dia-a-dia, neste nosso Centro-Oeste a acelerada expulsão de homens do campo para as empreitadas inseguras, para as periferias infra-humanas, inclusive para a marginalidade, que todos sabemos denunciar, mas cujas causas suportamos todas tão passivamente.

E eu e todos recitamos a melancólica ladainha de "polos" e "programas" que redundam sempre numa nova frustração dos que efetivamente, trabalham a terra e produzem nosso alimento.

Estou cantando os amores e as dores de Goiânia, com vontade de provocar os brios críticos de todos vocês.

Hoje vocês estão se formando, A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS lhes impõe a investidura de sábios, técnicos, doutores. Vocês estão saindo da Universidade para entrar na vida? Será que a vida não estava dentro da Universidade? O que é que a Universidade ensina? Com que bases e para que fim vocês estiveram se formando?

Peço a Deus, e exijo da Universidade desta Goiânia querida, uma consciente livre e politicamente engajada missão, formadora de combatentes alinhados com o Povo, não de bacharéis executivos do sistema. Uma Universidade pretendidamente neutra, apenas voltada para técnicos e erudições é sempre um crime de lesa-sociedade. (O que vocês sabem muito bem - não significa que a Universidade Federal de Goiás não deve ser também sempre mais apuradamente científica).

Vocês se formam porque outros trabalharam. Vocês são uns privilegiados - desculpem - com menos méritos. Por isso, com redobrada responsabilidade. Estão dispostos a pagar sua dívida ao Povo?

Toda formatura é a passagem decisiva de uma fronteira política. Vocês vão para o Povo ou vão para a Dominação? Desculpem, repito, amigos, companheiros de responsabilidade e Esperança. Estou desafiando-os porque acredito em vocês, um por um, como vocês acreditaram em mim, com a confiança de camaradas que me como ve e me compromete.

Paraninfo pode cobrar, imagino. Eu cobro. Honrem sua juventude, sua lucidez universitária, sua justa rebeldia política, seus renovados protestos de engajamento na luta de nosso povo.

Na medida de minhas possibilidades, estarei com vocês, estando vocês e eu com este Povo oprimido. Aqui, em Goiânia, nossa capital. Em ambos os lados do Araguaia, artéria do Centro-Oeste desafiador. Neste Brasil que está tentando ser novo - e o será, apesar dos poderosos velhos controles. Nesta boa hora de Deus e dos homens.

Estou escrevendo este recado para vocês já entrada a noite, e ainda estremecido pela desafiante vibração da Terceira Assembléia Nacional do Cimi, reunida aqui em Goiânia. Sempre que a gente se encontra com o índio, rompe na gente o anseio de utopia. A utopia necessária, que entre todos vamos realizar. Para isso, vocês estão se formando hoje.

Com esta certeza, recebam o abraço deste seu paraninfo à distância - e tão próximo, na comunhão da amizade e no compromisso.

PEDRO CASALDELICA

Discurso proibido?

Na última sexta-feira, mais uma turma de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás colou grau. A turma dos formandos levou o nome de Mino Carta, em homenagem ao "homem que mais revolucionou a imprensa brasileira", e teve como padrinho o escritor e jornalista Ignácio de Loyola Brandão. O paraninfo de todos os formandos da UFG foi o bispo D. Pedro Casaldáliga.

Formaram nesta turma 13 jornalistas: Cristiana dos Santos Mendes, Cristina Veiga Costa Campos, Edson Hermes Pereira, Luis Yukihide Goya, Maria Lillian Dias Daher, Mariângela Berquó Ramalhão, Marley Regina Costa Leite, Carmem Ferreira, Maria de Lurdes de Barros, Raul Barbosa de Freitas, Rosane Bastos Lousa, Sebastião Vieira de Melo e Sandra Regina Balocchi Marques. Entretanto, desta vez, houve um fato inusitado. A oradora da turma geral de formandos da UFG, Mariângela Berquó Ramalhão, não formou.

Mariângela tomou conhecimento, por telefone, no próprio dia da formatura, de que havia sido reprovada por falta, em uma das matérias, embora o problema já estivesse resolvido na esfera do próprio Colegiado de Comunicação.

Reprovada por falta foi a justificativa da Universidade. Entretanto, dizem por aí, que a causa que culminou com a sua reprovação teria sido o teor do discurso que preparara. O mais estranho disso tudo, dizem, é que a oradora que a substituiu apresentou-se imediatamente e já com o discurso pronto.

O DISCURSO

Gostaria que todos me ouvissem como a voz de todos os formandos,

como porta-voz desta turma. Turma que é parte de uma geração marcada pela ditadura, pelo arbítrio, pela violência, pela delação, pelo silêncio compulsório a que a juventude foi reduzida pela força das armas.

No momento em que deixamos a Universidade, conscientes da deficiência de nossa formação acadêmica, desejamos protestar, pela última vez, em benefício dos companheiros que estão iniciando agora o curso superior. Protestar contra a situação de apatia, incolor e anódina a que a Universidade foi reduzida. Sentimos que a Universidade perdeu sua capacidade crítica — razão maior de sua existência — para tornar-se técnica e tecnicante, burocratizada e burocratizadora, fábrica de mão-de-obra semiqualficada para se colocar a serviço de outros interesses desde quando se rendeu ao sistema repressivo instalado no país. Repressão que através dos anos suprimiu o debate e a participação e provocou o desaparecimento antinatural das lideranças (dentro e fora da Universidade), além de extinguir arbitrariamente legítimos organismos de representação estudantil, para colocar em seu lugar os falsos e estéreis diretórios setoriais, órgãos tutelados e instrumentos da repressão.

Ao mesmo tempo em que desestimulava o livre debate, promovia-se o inchamento da Universidade, inflacionando-a com o aumento do número de vagas, aumento esse muito maior do que a capacidade de crescimento do corpo docente, dos equipamentos e de outros recursos colocados à sua disposição. Com isso, a qualidade do ensino declinou e o compromisso da Universidade com a realidade nacional passou para um plano inferior, cedendo lugar aos compro-

missos da Universidade com o Governo.

Por todo o país muitos dos melhores professores foram violentamente afastados das universidades, por sua posição de independência, por denunciarem a deterioração do ensino e da própria instituição. O afastamento de um contestador é a maior violência que se pode praticar contra a Universidade, que é lugar de contestações.

Nas salas de aula, fomos obrigados a conviver com estudantes profissionais, estranhos estudantes que se transferiam sucessivamente de curso para curso, no torpe trabalho de espionar alunos e professores, a fim de colher subsídios para os processos de delação elaborados pelos organismos de informação do Governo. Esses elementos, infiltrados no meio estudantil, levantavam falsas acusações contra todos os que ousavam discordar, transformando em ilegal o direito inalienável de opinião e criando um clima de repressão que tornava impossível o florescimento de um verdadeiro espírito universitário. Esse trabalho degradante de delação e perseguição matou a criatividade, espalhou o pânico, provocou a expulsão e prisão de colegas nossos, que por todo o País foram presos e torturados pelo crime de terem sido humanos e sensíveis em uma época em que se tolerava apenas o comportamento de marionetes, em que a liberdade cedeu lugar à obediência.

A esses colegas rendemos nossas homenagens, hoje, pela consciência da responsabilidade que tiveram perante o povo, de serem parte de uma minoria privilegiada que tem acesso à Universidade — Universidade elitista sustentada pelo povo e na qual o povo não entra — e que por isso mesmo deve estar a serviço da grande maioria marginalizada do país. Enfim, colegas mortos e desapare-

cidos pela sua visão crítica por parecerem, aos olhos do poder, ovelhas que escaparam ao controle castrador vigente.

Por isso mesmo, pelo respeito que temos pelos colegas atingidos pelo arbítrio e pela violência, violência que nos fere a todos, consideramos inadiável a concessão de uma anistia ampla, geral e irrestrita, como condição prévia para a democratização do país. O verdadeiro estado de direito é o estado de liberdade que exige, como condição para o seu gozo permanente, a libertação de todos os presos políticos que se encontram ainda encarcerados; a supressão das prisões arbitrárias por razões ideológicas; que continuem a existir no país; e o retorno de todos os atingidos pelo regime que se encontram exilados, banidos e foragidos, incluindo aqueles que em um ato de desespero recorreram à violência, utilizada contra a violência, utilizada contra a violência aplicada a todo o povo.

No momento em que encerramos uma etapa de nossa vida, na hora em que se conclui a nossa vida universitária, saudamos com entusiasmo a reorganização da União Nacional de Estudantes, órgão máximo de representatividade estudantil, saudamos a União Estadual de Estudantes, e os Centros Acadêmicos, que se renovam como a própria juventude, para atuarem em defesa do direito do debate livre e da ampla participação da classe estudantil na vida nacional. Temos esperança de que o processo de abertura — apesar da lentidão e do gradualismo que o Governo procura impor-lhe — possa permitir aos colegas que se formarão no final do ano, que comemorem neste mesmo local não apenas a sua graduação, mas o retorno dos mestres afastados e o surgimento de uma universidade livre.

"TOP NEWS" 05-06/08/79 (SEMANÁRIO)

PSS. 553, p. 258/286

Os missionários e os índios

Teophilo de Andrade

Este Brasil de hoje se parece muito com o de 1964 ou com o de 1968. Estatísticas levantadas, recentemente, mostram que, neste ano da graça de 1979, já houve mais greves do que no último ano do governo Jango Goulart. E a agitação das greves já é mais extensa, porque inclui professores e empregados em serviços essenciais.

Se não é o fim do mundo é coisa parecida, para uma recém-restaurada democracia. Somente falta que reconheçam as agitações dos missionários vermelhos que, no passado, com as suas intrigas, conseguiram transformar o Índio brasileiro em um caso internacional, quando o governo brasileiro foi acusado até de genocídio.

Não é certo que isto aconteça, porque, agora, o famigerado CIMI (Conselho Indígena Missionário está submetido, teoricamente, à autoridade da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros) e não se poderia — também teoricamente — dar-se às levandadas a que o levaram certos prelados.

O que eles fizeram, naquela época, foi relembrado, não em termos de denúncia, mas de justificção pessoal — e de história pelo padre jesuíta José Vicente César que foi, nada mais nada menos, do que presidente do CIMI.

Conta ele que os 100.000 Índios das mais várias nações restantes no Brasil, estiveram, outrora, nos cuidados missionários das ordens religiosas, até que, não sendo estas suficientes, criou-se no (ao tempo de Rondon), em 1910, o Serviço de Proteção aos Índios. Foi este substituído, em 1968, pelo general Albuquerque Lima, então Ministro do Interior — em virtude de irregularidades verificadas — pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Não houve, porém, uma substituição das missões religiosas que continuaram a sua obra, paralela com a entidade oficial.

Atualmente, conta o padre José Vicente César, a Igreja Católica (há também missões protestantes) cuida de apenas uma terça parte dos Índios brasileiros, cerca de 30.000, sendo que o contingente maior se encontra no norte da Amazônia, nas fronteiras com a Colômbia. Ali, as missões salesianas abrigam mais de 20.000, em adiantado estado de aculturação, alguns deles frequentando faculdades de nível universitário, e nelas lecionando. As professoras Índias, informa ele, são muito apreciadas pela competência e paciência para com as crianças. No centro de Mato Grosso, há 1.500 xavantes e 250 bororés, assistidos pelos filhos e filhas de D. Bosco, nas aldeias de São Marcos, Sangradouro e Meruri. Em Utiariti, no norte de Mato Grosso, há a missão dos jesuítas. Os franciscanos continuam o seu histórico trabalho missionário entre os Mandurucus, ao sul do Pará, entre os Tiriós, na fronteira das Guianas. E os dominicanos cuidam, nos sertões de Goiás, dos Índios Caiapós, Xierins e Gaviões. Por fim, tomam parte na obra de evangelização, os Missionários da Consolata, entre os nativos do território de Roraima, os servitas, do Acre, e os terciários, do território de Rondonia.

A partir de 1970, segundo o padre José Vicente César, modificou-se a orientação da Igreja, em virtude de um encontro, em fevereiro de 1968, patrocinado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada em São Paulo. Criou-se, então, o Instituto Anthropos do Brasil, filiado ao Anthropos Internacional, da Congregação do Verbo

Divino, que visa a aculturação do Índio, mas respeitando-se a cultura de cada grupo indígena. A evangelização passaria a ser progressiva, em várias etapas, com ensinamentos práticos, instrução, e, por fim, a mensagem religiosa. Fundou-se com essa finalidade, o CIMI (Conselho Indígena Missionário).

Dele, o padre José Vicente César foi secretário, vice-presidente e presidente. Dentro em breve, porém, graças à ação de alguns prelados, desviou-se o instituto, inteiramente, das suas finalidades, passando a fazer política e oposição ao governo, a serviço declarado da subversão. "No ano passado, escreveu o padre José Vicente César — em testemunho dado através da revista bilingue "Cadernos Teuto-Brasileiros" ("Deutsch-Brasilianische Hefte"), editada em Nuremberg (Nº 4, julho/agosto de 1978) — desvinculei-me desta entidade que se afastava mais e mais dos seus objetivos originais, envolvendo-se e imiscuindo-se em assuntos da competência exclusiva do governo, como se a solução do problema indígena dependesse, primeiro, de uma mudança

radical no sistema sócio-político do País. Ora, continua ele, isto parece um absurdo, para salvar os poucos Índios que sobreviveram a tantas experiências desastrosas, não podemos esperar até que o sistema vigente econômico seja derrubado e substituído por outro. Pelos fins de 1978, o desvirtuamento do órgão atingiu limites extremos; seus membros foram proibidos de penetrar em áreas indígenas e ao secretário Padre Antônio Iasi (jesuíta), vetado o ingresso nas missões salesianas de Mato Grosso.

Daf que teve a Igreja de tomar uma decisão. E esta foi tirar ao CIMI a sua autonomia, colocando-se-o, diretamente, sob a jurisdição da própria CNBB. As atribuições do CIMI passaram à alçada dos bispos, em cujas dioceses e prelaturas exista pastoral entre Índio. "Com isso, acrescenta o padre José Vicente César, se apuraram as asas a uma ala jovem, comandada pelo presidente D. Tomás Balduino Ortiz (em sua diocese de Goiás não há grupos indígenas!) e pelo irrequieto prelado espanhol Pedro Casaldáliga que manobravam a estrutura do CIMI, a seu bel prazer. Infelizmente, continua o autor, prosseguem esses sagazes corifeus (dentro dos métodos da mais dia-

bólica dialética marxista), burlando a ingenuidade de suas excelentes episcopais — pois adiam, "sine die", a aplicação dos novos estatutos do CIMI." Na verdade, D. Balduino e D. Casaldáliga, em suas prelações, ao invés de tratarem dos Índios ou dos seus fiéis, continuam a pregar a subversão. E agora, com a "abertura" devem sentir-se como peixes na água. E peixes mais daninhos do que as piranhas, pois estas são rosadas, e eles são vermelhos.

Quanto a Índios, nos meios oficiais, há duas correntes: a dos que querem guardar-lhes a cultura, tal como existe, desde tempos imemoriais, e os que preconizam a sua aculturação. O melhor caminho deverá ser a aculturação sem violência, levando-se a civilização aos indígenas, pelo exemplo, nunca, porém, instilando neles os germes da rebelião, como querem aqueles dois prelados e os seus asseclas ou profetores.

A propósito: D. Balduino Ortiz, que chegou a presidente do CIMI, não tem Índios em sua diocese; e D. Pedro Casaldáliga é um prelado católico que editou uma poesia em que compareceu "Che Guevara" a Jesus Cristo.

A TRIBUNA

Porto Velho

Data: 3. 10. 79

Página: 5.

"Missa da terra sem males" será apresentada em São Paulo

A "Missa da Terra sem Males", texto elaborado por um Dom Pedro Casaldaliga e o poeta Goiano Pedro Tierra e musicado pelo artista argentino radicado no Rio Grande do Sul Martin Coplas, e que foi apresentado, pela primeira vez, na Catedral da Sé, em São Paulo, em abril deste ano, dentro das comemorações da "Semana do Índio", vai ser montado, dia sete, na Catedral de Goiânia. A montagem terá a participação de Martin Coplas, que executará instrumentos indígenas; de Giba-Giba, que fará percussão; de Pery Alves de Souza, responsável pelos arranjos corais e partituras, que tocará flauta e fará percussão, de Guilherme Meneguetti; responsável pelos instrumentos de cordas; do coral de Goiânia e do coral Luther King, de São Paulo.

A Idéia da "Missa da Terra Sem

Males", nasceu em abril de 1978, nas ruínas de São Miguel, no Rio Grande do Sul, durante uma assembleia indígena que reuniu vários caciques, líderes religiosos e Bispos ligados ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Entre eles Dom Pedro Casaldaliga, Bispo de São Félix do Araguaia, e Dom Tomas Balduino. Dom Pedro e o poeta goiano Pedro Tierra fizeram o texto que tem como tema central a organização social do Índio e sua desagregação ao contato com os civilizados. Martin Coplas, um artista natural da província argentina de Catamarca, mas radicado no Rio Grande do Sul, cujo trabalho é voltado para a realidade latino-americana, foi convidado a criar a música e a fez em companhia de Pery Alves, Guilherme Meneguetti e Giba-Giba.

O LIBERAL

PARÁ.

Data: 2-5-80

Página: 6

Casaldáliga

Casaldáliga denuncia grupo paramilitar no Mato Grosso

BRASILIA — A existência de um "grupo paramilitar", formado por 40 homens com armas fornecidas pelo exército — metralhadoras ponto 30 --, atuando nos municípios mato-grossenses de Ribeirão Bonito e Cascalheira é responsável pelo assassinato do posseiro Pedro Basílio dos Santos, 60 anos, há três dias, foi denunciada ontem pelo bispo da prelazia de São Feliz da Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga. Em virtude da presença desse grupo na região — informou o bispo — há 25 dias, cerca de 40 posseiros estão escondidos na mata.

Dom Pedro Casaldáliga, ao relatar os acontecimentos na sua prelazia, disse que esse grupo atua em nome do fazendeiro João Evangelista e sua impunidade é comprovada pelo fato dos próprios pistoleiros comuni-

carem ao delegado de Ribeirão Bonito a morte do posseiro. Dada a proximidade com a reserva indígena de "Pimentel Barbosa, onde, segundo informações ainda não comprovadas, antontem ocorreu um conflito armado entre xavantes e fazendeiros, o bispo não afasta a possibilidade de um acordo entre fazendeiros para a formação de grupos desta natureza.

Diante do fato de que os índios teriam iniciado a expulsão dos fazendeiros — são 45 — às 9hs da manhã de antontem, mas foram desarmados pela Polícia Federal, a pedido da FUNAI, Dom Pedro disse se preocupar "com o significado deste novo tipo de cobertura" e o desânimo que o insucesso dessa empreitada ocasionará entre as lideranças indígenas.

O DIA

Rio de Janeiro

Data: 2.5.80

Página. 7

Casaldaliga

Bispo denuncia covardia:**ATÉ METRALHADORAS PONTO 30
CONTRA INDIOS E POSSEIROS**

BRASILIA (AGS) — A existência de um grupo paramilitar, formado por 40 homens com armas privadas das Forças Armadas — metralhadoras ponto 30 — atuando nos municípios matogrossenses de Ribeirão Bonito e Casalheita e responsável pelo assassinato do posseiro Pedro Basilio dos Santos, 60 anos, há três dias, foi denunciado ontem pelo Bispo da Prelazia de São Felix do Araguaia, Dom Pedro Casaldaliga. Em virtude da presença desse grupo na região — informou o Bispo — há 25 dias, cerca de 40 posseiros estão escondidos na mata.

Dom Pedro Casaldaliga, ao relatar os acontecimentos na sua prelazia, disse que esse grupo atua em nome do fazendeiro João Evangelista e sua impunidade é comprovada pelo fato dos próprios pistoleiros comunicarem ao delegado de Ribeirão Bonito a morte do posseiro. Dada a proximidade com a reserva indígena de Pimentel Barbosa, onde, segundo informações ainda não comprovadas, anteriormente ocorreu um conflito armado entre xavantes e fazendeiros, o bispo não afasta a possibilidade de um acordo entre fazendeiros para a formação de grupos desta natureza.

INDIOS PODEM ATACAR

Diante do fato de que os índios teriam iniciado a expulsão dos fazendeiros — são 45 — às 9h da manhã de ontem mas foram desarmados pela Polícia Federal, a pedido da Funai, Dom Pedro disse se preocupar «com o significado deste novo tipo de cobertura» e o desânimo que o insucesso dessa empreitada ocasionará entre as lideranças indígenas.

O antropólogo Olimpio Serra — ex-diretor do Parque Nacional do Xingu — que o acompanhava durante a entrevista, comentou que os xavantes, «numa lição de diplomacia», jamais se negaram a procurar o Governo em busca de soluções pacíficas. Mas, desde que não foram atendidos, mesmo com decretos presidenciais, para a demarcação de suas reservas, decidiram resolver a questão por conta própria. Porém, ressaltou o antropólogo, «eles nunca tomaram a iniciativa do ataque e se o fizeram, avisaram antecipadamente».

Posto Casaldáliga

pss.553, p. 263/286

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
- FUNAI -

C O N F I D E N C I A L

Ofício nº 008/80

BRASÍLIA - DF - BRASIL

Do: Chefe do P.I. Tapirapé

Barra do Tapirapé
Em, 05/05/80.

Ao: Ilmo. Sr. Diretor do D.G.O.

Assunto: Comunicação (faz)

Senhor Diretor

Comunico a V. Sa., para as providências cabíveis e ao mesmo tempo solicito instruções como proceder, diante dos fatos que ultimamente vem ocorrendo na área do P.I. Tapirapé, conforme abaixo descrevo.

1) Que no dia 22 de abril de 1980 as 16.00 hs, chegava na aldeia Tapirapé, na aeronave de prefixo PT-DJD o bispo da prelazia de Goiás Velho, D. Tomaz, vice presidente do CIMI, juntamente com outro indivíduo não identificado.

2) Que durante a noite do dia 22/04/80, foi realizado na aldeia Tapirapé uma reunião de caráter sigilosa, com a participação maciça das irmãs de (jesus), do casal de professores (Luiz Gouvea de Paula/ e Eunice), e da atendente da OPAN (Operações Anchieta), Sílvia Maria, e que em cuja reunião a FUNAI não teve acesso.

3) Já no dia 23/04/80 as 15.00 hs, chegava na aldeia Karajá do P.I. Tapirapé, o Sr. Darcí, procedente de Porto Alegre RS, pois segundo informações obtidas em diálogo com o mesmo, disse-me ser concelheiro / do CIMI, e coordenador da OPAN, vindo até esta área a convite da atendente Sílvia Maria e das irmãs de (jesus), com objetivo de participar de um encontro com D. Pedro Casaldáliga, bispo da prelazia de S. Felix do Araguaia, e que tal encontro estaria marcado para os dias 25 ou 26, na aldeia Tapirapé.

4) No dia 26 de abril de 1980 as 10.30 hs, chegava na aldeia Tapirapé procedente de S. Felix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga e o Sr. Matos, mais conhecido como guarda costa do Bispo, Logo a seguir o Sr. Matos deslucou-se até a aldeia Karajá, conversou reservadamente com a atendente Sílvia e com o Darcí, levando disfarçadamente os dois para aldeia Tapirapé para uma nova reunião, que mais uma vez a FUNAI não pode participar.

5) Talvez ainda não seja do conhecimento de V. Sa., a permanência da atendente Sílvia Maria, na aldeia Karajá do P.I. Tapirapé. Quanto a atendente temo a informar o seguinte, é procedente de Porto Alegre RS, em

C O N T I N U A

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
- FUNAI -

C O N F I D E N C I A L

Brasília - DF. Em

Do

Ao

Assunto

A. ...

tá na área indígena desde outubro de 1.979, autorizada verbalmente pelo Diretor do PQARA e pela Dra. Nair Tanaka, diretora do HOSPIN, e indicada pelo bispo da prelazia de São Felix, D. Pedro Casaldáliga, como pessoa de confiança do mesmo e da prelazia, valendo a pena frisar o enorme apôio e interesse da Dra. Nair Tanaka, em manter a atendente da prelazia na área Indígena.

6) Diante dos fatos acima mencionados Sr. Diretor, fatos estes que ocorrem constantemente, me vale ainda perguntar a V. Sa., qual é a minha posição e qual é a posição da FUNAI, pois a minha ideologia sempre foi e será, Índio, Funai e Governo, e jamais será manipulada por estes falsos missionários que por aqui trabalham.

Sem mais para o momento, aproveito a oportunidade para renovar protestos de estima e apreço.

José Araujo Filho
José Araujo Filho
Chefe do P.I. Tapirapé

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
SEXTO COMANDO AÉREO REGIONAL

CONFIDENCIAL

RELATÓRIO S/Nº

ASSUNTO: SANTA IZABEL DO MORRO

DATA : 01 a 08 Jun 80

PARTE INFORMATIVA:

1) PRELAZIA - O Bispo Dom Pedro Casaldaglia, continua agitando o povo. Nos dias 01 e 2 de junho próximo passado, visitou vários lugares no interior da Ilha, realizando reuniões e distribuindo panfletos entre os posseiros.

2) FUNAI - O Administrador do Parque Indígena do Araguaia, Antropólogo ANTONIO PEREIRA NETO, a médica NAIR TANAKA e o Chefe do Posto Indígena EDUARDO AGUIAR DE ALMEIDA, estão realizando um trabalho de agitação entre os índios, tomando atitudes paternalistas para com os mesmos; a impressão que se tem é que estão muito seguros em seus cargos e tentando comprar os índios para no caso de serem demitidos, insuflarem os índios contra a cúpula da FUNAI, como aconteceu com os índios xavantes recentemente. Os referidos elementos trabalham sempre em conjunto, sendo o Dr^o TANAKA a mais radical. Recentemente tomaram as seguintes atitudes:

a- Alguns índios reclamaram que o gado da própria FUNAI havia danificado as suas roças e solicitavam indenização. Os elementos acima citados fizeram uma avaliação dos estragos, incluíram na avaliação roças que os índios já haviam feito a colheita e para surpresa de todos inclusive do próprio índio, avaliaram os prejuízos em Cr\$ 245.000,00 (Duzentos e quarenta e cinco mil cruzeiros), quando na realidade o valor é em torno de Cr\$ 30.000,00 (Trinta mil cruzeiros), mas a verdade é que já foi efetuado o pagamento, pela FUNAI. Tal atitude chocou a opinião pública da localidade. Vários índios estão fazendo gozação, dizendo que no ano que vem vão plantar umas covas de mandioca, cortar o arame e colocar sal para o gado comer e a FUNAI pagar. Na aldeia está havendo desfile de índios com bicicletas novas, óculos escuros e rádios de pilha.

b- O Sr ANTONIO PEREIRA NETO, após receber uma mensagem rádio da FUNAI, informando que o Hotel JK iria ser utilizado pela FAB, retirou praticamente todos os móveis do citado Hotel, levando-os para o Alvoradinha. Mobiliou a casa do Chefe do Posto Indígena e autorizou os índios a levarem móveis para Aldeia.

.....- - - - - C o n t i n u a - - - - -

.....- Continuação do Relatório.-
Foi constatado camas, colchões de mola, penteadeiras etc., jogados na aldeia. Consta ainda, que estariam preparando os Índios para atear fogo no Hotel. O Sr ANTONIO PEREIRA NETO, comentou em uma reunião entre eles que para tal atitude eles seriam Índios.

c- No dia 04 Jun os Índios jogaram propositadamente no Rio, um carrinho para transporte de bagagem da VOTEC, para logo em seguida retirarem e cobrarem a importância de Cr\$ 600,00 (Seiscentos cruzeiros) pelo trabalho. Como o agente da empresa VOTEC negou-se a pagar, houve interferência do Chefe do Posto Indígena, que determinou, caso não houvesse pagamento, os Índios atirassem-no novamente no rio.

d- O Administrador do Parque Indígena, ANTONIO PEREIRA NETO, usando não se sabe qual argumento, conseguiu elevar os impostos cobrados pela FUNAI, aos posseiros da Ilha em 500% (quem pagava Cr\$ 37,00 de imposto por animal irá pagar a importância de Cr\$ 480,00). Os posseiros, povo pobre e sacrificado que vem sofrendo 4 anos consecutivos pelas cheias do rio, perdendo todas as plantações, bem como o gado, e ainda, enfrentando várias epidemias, sem assistência médica escolar, não têm condições de pagar tais impostos. A revolta é total entre os posseiros e todos afirmam que não pagarão por falta de recursos e também não tem para onde ir. Há dias o Sr ANTONIO PEREIRA NETO, passou uma mensagem rádio, solicitando sua demissão, mas a intenção do mesmo é de se fortalecer no cargo.

CONFIDENCIAL

Dom Pedro Casaldáliga hoje na Ascade

A luta do povo karajá, na Ilha do Bananal, não tem características novas. Tudo faz parte, como diz Roberto Botelho - economista e membro do Movimento de Defesa da Amazônia - do genocídio e etnocídio programados que se desenvolve atualmente no País. Último reduto de um povo que está sendo dizimado ao longo dos anos, a Ilha do Bananal está sendo invadida paulatinamente, por posseiros e fazendeiros. Os índios, legítimos donos da terra, esses não contam dentro da política capitalista que avança deixando marcas e danos irrecuperáveis.

A Ilha do Bananal é a maior ilha fluvial do mundo e a maior reserva ecológica do Brasil Central, área de reprodução de inúmeras espécies animais, sobretudo pássaros. Dividida em duas áreas administrativas (a reserva florestal do norte, administrada pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e a área sul, onde se situa o Parque Indígena do Araguaia, sob o controle da Funai), a Ilha abrigava em 1910 cerca de 10 mil índios karajás, restando hoje apenas 1500 indígenas, se muito.

Invasida por 14 mil posseiros e cerca de 3 mil famílias de sertanejos que foram trazidos pelo latifúndio às terras dos índios - objeto de exploração descontrolada e criminosa por parte da Funai, a Ilha motiva agora uma comissão a lutar em defesa do que ainda resta do tanto que está sendo destruído. Antropólogos, Prelazia de São Félix do Araguaia, Conselho Indigenista Missionário, Movimento de Defesa da Amazônia de Goiânia e Brasília, Comissão Pastoral da Terra, Associação Nacional de Apoio do Índio (seção Brasília), Sociedade Brasileira de Indigenismo, parlamentares e jornalistas, fazem parte dessa comissão "pró-Ilha de Bananal", que convoca a população brasileira para uma tomada de posição contra o lento genocídio do povo karajá e a descaracterização de sua própria cultura natural.

O PERIGO NA ILHA

Roberto Botelho, que faz parte da comissão, fala sobre o que está acontecendo na Ilha e os perigos que corre o povo Karajá (ou o que restou dele): - O que está acontecendo com o povo Karajá é o mesmo que vem acontecendo com todas as minorias étnicas brasileiras, ou seja, o genocídio e o etnocídio programados. Temos nessa luta, dois pontos principais para serem desenvolvidos: a preservação do direito do índio às suas terras e o reassentamento dos 14 mil sertanejos em terras próximas à Ilha.

A Funai, diz Roberto, aluga anualmente terras para fazendeiros, através de locação de pastagens. Cerca de 150 mil reses passam pela Ilha, anualmente, destruindo. Mas, também não queremos lutar só pelo índio. Seria tirar o manto de um santo, para colocar em outro. Os posseiros também são vítimas, porque também sofrem as consequências de um modelo capitalista selvagem.

No folheto que está sendo distribuído, convidando para a Palestra de D. Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, que hoje falará, às 20 horas na sede social da Ascade (L 2 Sul), um resumo da situação: "A Ilha do Bananal já foi o paraíso dos Karajás, hoje é o paraíso do boi. Contra o Estatuto do Índio, a Funai arrenda terras da Ilha aos latifundiários da região e aos 14 mil sertanejos que hoje moram dentro do Parque Indígena".

Entre os perigos que a comissão denuncia, está a ameaça dos caçadores profissionais que exterminam a fauna e utilizam os próprios índios como instrumentos de destruição; a irresponsabilidade do turismo depredador; a estrada que ameaça atravessar o Parque Indígena; os grandes arrendatários que querem transformar a Ilha num imenso campo de pastagem; destruição das matas; a reabertura do Hotel JK, que levará para dentro das aldeias a cachaça e a prostituição; e o campo de pouso, explorado pela FAB e pela Votec, que converte os índios em serviços dos viajantes.

Roberto Botelho explica mais detalhadamente:

- A reativação do Hotel JK (que no tempo em que Juscelino foi cassado mudou de denominação - John Kennedy - para obter

favores do governo mas que agora, com a ascensão de Juscelino volta a se chamar assim) para exploração turística vai transformar índio em animal de zoológico. A Goiástur, que está à frente disso, não pensa que está praticando o extermínio lento da cultura desse povo colocando em contato de forma tão brusca com a civilização? Já não chega tudo que já foi feito?

VALE DO GUAPORÉ

Estendendo suas críticas a política indigenista desenvolvida no Brasil, Roberto Botelho fala da variante da BR- 364, que passará inexplicavelmente pelo meio da tribo dos Nambikwara, situada no Vale do Guaporé, a noroeste de Mato Grosso: - O governo está construindo a BR- 364, que ligará Cuiabá a Porto Velho. O trajeto original passaria ao lado do Vale, sem tocar na terra dos índios. No Vale há grandes empresas agropecuárias e para favorecer essas empresas foi criada uma variante que não tem motivo algum para ser construída e que passará no meio de duas aldeias Nambikwara. Inclusive tem um grande empresário, Mário Morimoto, do PDS, que será favorecido com a variante, entre tantos outros.

Nós, uma reunião de muitas entidades interessadas nesse problema, enviamos inclusive um Dossiê de mais de 500 páginas ao Robert MacNamara, do Banco Mundial (que vai financiar cerca de 30 por cento da construção da estrada), incriminando o Banco Mundial como cúmplice desse genocídio etnocídio programados. Enviamos provas concretas que incriminam a Funai na medida em que fornece certidões negativas de área onde estão localizadas tribos indígenas, e inclusive um documento do Conselho de Segurança Nacional que coloca em dúvida a necessidade e os aspectos legais da construção dessa variante.

DENUNCIA

Numa denúncia que Roberto Botelho faz questão de frisar que é particular, ele desmente o secretário especial do meio ambiente, Paulo Nogueira Neto, que num ciclo de palestras em princípio de setembro de 79 afirmou que o Brasil estava prestes a deter uma técnica de exploração racional de florestas tropicais a partir de experiências desenvolvidas na floresta experimental do Tapajós.

Diz Roberto, - Isso é um absurdo. País no mundo detém uma técnica de manejo racional de floresta tropical, e os que detém são países de clima temperado, e frio como os Estados Unidos, o Canadá, a Finlândia, a Suécia e a União Soviética, porque suas florestas são de espécies homogêneas, o que torna o custo operacional mais baixo, na medida em que as árvores de grande valor econômico estão mais próximas uma das outras.

- No Brasil não, são 60 mil espécies e poucas de valor econômico, estando ainda a distâncias de 300, 400 e até mil metros uma das outras. O brasileiro tem imaginação muito violenta e acabaria por passar a moto-serra em todas, como vem acontecendo. A técnica que o secretário



A sobrevivência dos karajas sera discutida hoje

põe como solução seria acoplar guindastes nas copas das árvores mais altas e dali passar a pescar as árvores de valor econômico abatidas, transportando-as através de clareiras ou picadas abertas pra isso, evitando assim a destruição das outras espécies que não têm tanto valor econômico assim. Isso é mentira e denuncio isso. O Brasil tão cedo não deterá uma técnica de manejo de florestas tropicais e isso que ele disse é utópico. O Movimento de Defesa da Amazônia e cientistas acham que a Amazônia só pode ser aproveitada racionalmente depois que o país detiver essa técnica, e isso não vai acontecer tão cedo, ainda mais que quem melhor saberia tratar da floresta é quem melhor convive com o ecossistema da região, os amazônidas, os índios e os posseiros, que menos a destroem. Teríamos que ter uma forma de ocupação que favoreça a pequena propriedade, através de uma reforma agrária que favoreça o índio, o posseiro, e as comunidades rurais. Só assim.

Toda a revolta de Roberto se explica principalmente pela deturpação dos estudos desenvolvidos pela Comissão Interministerial para a proposição de uma nova política florestal para a Amazônia. Diz Roberto que as propostas originais distinguiam alguns pontos básicos que foram deturpados criminosamente: - No primeiro relatório se propunha a criação de uma reserva de 150 milhões de hectares para reservas nacionais, parque ecológico, 75 milhões de hectares para reservas indígenas, que áreas superiores a 500 hectares não poderiam ser queimadas, criação de 60 milhões de hectares para florestas nacionais, que seriam exploradas por empresas brasileiras, exclusivamente. Na última hora, ao serem encaminhadas essa propostas pelo Ministério do Interior à Presidência da República, foram alteradas à revelia do consenso de toda a comissão. Esse novo relatório deixa claro apenas uma proposta, o zoneamento ecológico-econômico da região, criação de duas florestas para exploração madeireira (já entram os contratos de riscos e como consequência as empresas multinacionais, barradas no primeiro relatório) e o fortalecimento do IBDF.

- As duas florestas eles so definem como nome. Uma é a do Tapajós e a outra uma área qualquer, não determinada, e que pode ser quase o resto todo da Amazônia. Ou seja, a Amazônia Legal é cerca de 56 por cento do território nacional, 4,6 milhões de quilômetros quadrados e 300 milhões de hectares só de florestas. Sem que eles definam o tamanho e a localização, fica difícil saber se eles não estão propondo o resto da floresta toda como essa segunda área. Um absurdo. Deturparam, alteraram todas as propostas da Comissão que se reuniu durante 120 dias para apresentar o relatório, sem que isso traga consequências? Os prejuízos são grandes e se nota isso a começar da abertura que deram às empresas multinacionais, que antes eram excluídas e agora estão "legalmente" convidadas a participar de uma fatia do bolo.

Regional da CNBB denuncia situação dos índios de MS

CUIABÁ (O GLOBO) — A Regional do Extremo-Oeste da CNBB, que congrega bispos, superiores religiosos, coordenadores de pastoral, representantes dos presbíteros, leigos e religiosos — denunciou ontem em Cuiabá "o grave problema que aflige a comunidades indígenas de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, algumas ameaçadas de extinção".

A situação dos índios — particularmente das nações guarani-kalowá, kadiveu, nambikwara e karajá — foi levantada e debatida durante a 19ª Assembléia Anual da Regional Extremo-Oeste, realizada em Campo Grande. Além de dezenas de pessoas ligadas à causa da defesa indígena, vários bispos dos dois estados participaram das reuniões.

Segundo documento divulgado ontem pela regional, cerca de 10 mil índios da tribo guarani-kaiowá estão vivendo atualmente em apenas 18 mil hectares de terras, na região de Dourados. Conforme ainda a denúncia, "os índios estão sendo frequentemente removidos de suas terras para áreas já superpovoadas".

Bispo teme pelos exilados

São Paulo — O Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldaliga, disse ontem, em Campinas, que pior do que o problema da expulsão do Padre Vito Miracapillo "é o destino de tantos estrangeiros anônimos, exilados do Cone Sul, que devem ser atingidos por essa nova xenofobia e cujos destinos podem ser a cadeia ou a morte em seus países de origem".

Num debate sobre o problema indígena, realizado anteontem, à noite, em Campinas, o Bispo relacionou os índios ao caso do Padre expulso, argumentando: "Hoje, os grandes estrangeiros no país são exatamente os índios constantemente expulsos de suas terras. Os indígenas, missionários e indigenistas lutam por uma causa perdida, pois não enfrentam apenas a Funai e o Presidente da República, mas um sistema".

De acordo com o Bispo de São Félix do Araguaia, a chegada do capitalismo às terras indígenas foi "o princípio do fim", porque, enquanto esse sistema continuar a governar o Brasil, a problemática do índio não será resolvida. Por isso, é necessário revolucionar nossa mente e nosso coração e temos de nos comprometer com a causa indígena".

Ainda a respeito da expulsão do vigário de Ribeirão, Dom Pedro garantiu, seguindo a linha traçada na nota oficial da CNBB, que a Igreja "não vai alterar seu trabalho em função da expulsão. Temos de continuar fiéis ao Evangelho e ao povo".

D. Casaldáliga, sem medo de ser expulso.



A expulsão do padre Vito Miracapillo não assusta o bispo dom Pedro Casaldáliga (foto). Ontem, em São Paulo, ele disse não temer que o mesmo lhe aconteça, alegando que ao cristão é proibido ter medo. Sua preocupação, acrescentou, é com o povo expulso de sua terra, com os problemas de sobrevivência dos índios, com a fome e com os marginalizados.

Em Ribeirão, Pernambuco, o bispo de Palmares, dom Acácio Rodrigues Alves, celebrou ontem a primeira missa depois da expulsão do padre Vito. O bispo disse ao paroquianos que eles não devem desanimar, continuando o trabalho do padre, que deverá ser substituído por dois sacerdotes.

O padre Vito chegou à Roma tarde de sábado e foi imediatamente cercado por jornalistas brasileiros e italianos assim que desembarcou do avião da Varig. Um carro de polícia, que o aguardava, levou-o para a área nacional do aeroporto de Fiumicino, onde tomou outro avião, com destino a Bari. De lá, seguiu para sua cidade natal, Andria.

Embora sem muito destaque, a maioria dos jornais italianos registrou a expulsão do padre Vito. O jornal Il Tempo reproduziu declarações de dom Paulo Evaristo Arns, lamentando a sentença do Supremo Tribunal Federal, que negou o habeas-corpus ao religioso. O Corriere della Sera e Il Giornale citaram dom Hélder Câmara e seu trabalho em Recife ao comentar a expulsão do religioso italiano.

Agora, o padre Vito irá se colocar à disposição do bispo de Andria, para que decida sobre sua utilização no campo pastoral. Depois, pretende escrever um livro sobre os cinco anos que passou no Brasil.

Índios

Mais uma vez, o fantasma da emancipação ronda os índios, só que desta vez a pedido dos próprios silvícolas, no caso, da Reserva de Duque de Caxias, com certeza induzidos e mais uma vez enganados por pessoas inescrupulosas, gananciosamente interessadas na exploração comercial da mata virgem, rica em canela e cedro. Restando para o índio, como recompensa, a iminência do alcoolismo, da miséria e mendicância. (...).

Fonseca Neto, Araruama

Antropologia

(...) Nos estudos de Antropologia que tenho realizado sobre o processo evolutivo do surgimento e ocupação do planeta Terra pelo homem, tenho me detido nas observações de estudiosos e pesquisadores — naturalistas, com destaque especial para Levingstone e Tocqueville. (...)

O que me chama a atenção é a impressão geral de que na Antiguidade, as nações indígenas eram completamente herméticas e não se comunicavam. (...) Segundo o relato desses viajantes, os costumes e artes indígenas eram e são profundamente parecidos. E bem verdade que nesse grupo humano a evolução mental estacionou, o que poderia ser a causa da estereotipia de costumes, artes e danças. (...) Especialmente nas danças, há grandes coincidências no que diz respeito ao gesto e ao movimento, mesmo entre as mais longínquas tribos do mundo. (...)

Isso tudo nos leva a pensar que o núcleo base da civilização nasceu e se

desenvolveu numa única área, cujos habitantes, por um motivo natural ou histórico, promoveram uma marcha em várias direções e se dispersaram por toda a Terra. Suas culturas, hábitos e costumes foram conservados e passados de memória, de geração em geração.

Fatores de ordem natural foram modificando a morfologia humana, sua biometria e caracteres iconográficos, e, determinados grupos, por motivos que ninguém conhece, evoluíram psicologicamente. (...) Mas, na base, os desejos, hábitos e costumes, mesmo nos estágios mais evoluídos da civilização, são em tese os mesmos das mais retrógradas e atrasadas sociedades primatas dos babilônios e papauas dos distantes mares do sul. (...)

Paulo C. Amaral, Rio.

JORNAL DO BRASIL, 04.11.80-PG.3
CAD. B

A lógica de Juruna

- Em reunião em que se discutia recentemente em Brasília a situação do índio no Brasil, o cacique Mário Juruna, que ainda não tinha sido ouvido, pediu de repente a palavra.
- Levantou-se e, tomado de ímpeto irresistível, produziu o seguinte discurso:
 - Índio no Brasil não pode acabar.
 - Índio no Brasil tem que viver.
 - Se índio acabar no Brasil, acaba Funai.
 - Se Funai acabar, acaba emprego para geral.
- Sentou-se e foi ovacionado pelo resto da reunião durante uns cinco minutos.

A luta pela terra com sangue, suor e lágrimas

Casaldáliga

"Sangue da Terra" — Murilo Carvalho
— reportagens — Ed. Brasil Debates

ANTONIO MARCELO

Há uma guerra não declarada — mas nem por isso menos violenta — na Amazônia, nas margens do Tocantins ou ao longo do Araguaia? O que é Itaipu — o encontro de duas nacionalidades ou progresso amaldiçoado? E para onde correm as procissões do sertão da Bahia? Para longe de cidades em ruínas, cobertas pelas águas e enchentes provocadas por obras mal planejadas, mal realizadas, símbolos de um Brasil que não pertence a seu povo, que o despreza e procura esquecer-lo?

Essas são algumas questões que se levantam ao final da leitura do último livro de Murilo Carvalho, "Sangue da Terra", uma coletânea de reportagens "escritas ao longo de quase cinco anos" que "costuram uma realidade que se precisa conhecer mais de perto: a luta surda e violenta que se trava em todo canto deste País pela posse da terra".

Índios, posseiros, trabalhadores da terra, peões de Itaipu, personagens de um Brasil negado por estatísticas e pela retórica oficial, constroem um mundo sofrido, mas ao mesmo tempo de resistência e esperança. Um mundo presente nas reportagens de Murilo Carvalho que, embora não consigam, exatamente por seu caráter jornalístico, a globalização exigida por alguns, permitem, mais que um retrato, uma aproximação da realidade reprimida e violentada de parcela ponderável da população brasileira, de "certas metades exiladas de nosso povo".

As 23 reportagens que compõem "Sangue da Terra" foram, algumas, publicadas no semanário "Movimento", outras, por ação da censura, só agora podem ser conhecidas. Nenhuma se perde por estar superada, que a situação que as engendrou continua hoje mais

grave que ontem e, se nada muda, pior amanhã que hoje, embora seja na esperança da mudança que o livro se completa e se realiza.

Dom Pedro Casaldáliga, na apresentação, pede que o livro não seja enviado a ministérios, quer do Planejamento, do Interior ou da Agricultura, porque a hora "é de falar do povo para o povo. Sem outras cínicas mediações". E talvez esta seja uma das principais qualidades das reportagens de Murilo Carvalho: o permitir uma leitura fácil, acessível e, fundamentalmente, irada. Sem que, com isso, se caia no simplismo provocado pelo distanciamento ou falta de informação.

Um retrato de corpo presente da situação de grandes parcelas dos trabalhadores do campo, submetidos e insumissos. "Sangue da Terra", divide-se em quatro partes, enfocando a Amazônia, conhecida em viagens pelas águas do Araguaia ou pelo barro da Transamazônica / Transamargura; Itaipu, onde peões conhecem o "preço injusto do suor"; algumas nações indígenas, velhos filhos da terra; e o sertão da Bahia, coberto pelas águas, onde "o sertão virou mar e o povo se afogou no sol da caatinga".

Percorrendo as quatro partes do livro, o "estilo apaixonado" — conforme o classifica dom Pedro Casaldáliga — mostra o repórter que já foi, e talvez continue sendo, um contista; cuja sensibilidade — testada na própria busca dos fatos, não isenta de riscos, prisões e fugas — permite captar momentos importantes das lutas surdas ou abertas que se travam pelo interior brasileiro, sem deixar de lado a sensação de vazio e perda dos que, obrigados pelas enchentes provocadas por Sobradinho, abandonam as ruínas de sua cidade sem saber se vão encontrar algo mais que ruínas na próxima parada.

Antonio Marcelo é romancista e jornalista

Indigenistas protestam

A Associação Brasileira de Antropologia e a Comissão Pró-Índio, em nota oficial emitida ontem, protestaram contra a portaria assinada em conjunto pelos ministros do Interior e das Minas e Energia, Mário Andreazza e César Cals, liberando às empresas estatais a mineração de materiais estrativos nas áreas indígenas. As duas entidades classificaram a medida de "arbitrária, tomada no recesso dos gabinetes sem consulta aos interessados e sem explicações à sociedade civil".

A nota, assinada por Eunice Durham, da Associação de Antropologia, e Manuela Carneiro da Cunha, da Comissão Pró-Índio, explica que "cabe enérgico protesto contra o fato de que medidas dessa importância sejam tomadas sem que se tenha notícia de qualquer estudo prévio, sobre seu impacto sobre as populações tribais".

JORNAL DE BRASÍLIA, 24/01/81
— PAG. 15

CONSUELO BADRA

Outros tchans

• — Depois que o guaraná virou moda entre os brasileiros e até ganhou projeção internacional (hoje, o Brasil exporta guaraná em pó para muitos países e sempre sob o rótulo de revigorante, especialmente sexual), chegou-se ao cúmulo em Manaus, berço do produto: estão falsificando guaraná e trocando-o por serragem, que os turistas que circulam por lá compram muito. Os preços subiram em mais de trezentos por cento nos últimos seis meses e os maiores admiradores do guaraná são os americanos, que chamam-no de "nutritional high". Detalhe: hoje, o único guaraná garantido, em Manaus, é o do Museu do Índio, feito pelo maués, que tem o "nihil obstat" da Funai.

LADO DE LÁ

Carta do Araguaia

Recebi das lousuras de São Félix do Araguaia a carta-circular que Dom Pedro Casaldáliga mandou a quem estava devendo carta. Diz ele: "A solidariedade dos irmãos é um rochedo bíblico que protege do medo e do desânimo, garante o espaço e o alento para continuar lutando. Por ora, o banzeiro da minha expulsão parece ter acalmado. O padre Vito pagou por todos (?) e a todos nos deu uma coesão maior, inclusive dentro da Igreja. Como eu repetia, nessas datas de vai-não-vai, o triste é ver como continuam sendo expulsos da Terra e da Vida os índios, lavradores, operários, famílias pobres. Deste Brasil, desta América Latina toda. Do mundo. Ainda recente: o novo martírio indígena caingangue, com a morte matada — e certamente impune — do líder "Paraguai", de Mangueirinha sucessor de Angelo Cretá. As Slaviero do diabo são muito poderosas e as forças oficiais acobertam a depredação e o genocídio."

DEZ ANOS

"Nossa Prelazia completa neste ano de 1981 seus dez anos de caminhada. Faz 10 anos que tem bispo esta Igreja sertaneja, "entre o Araguaia e o Xingu", e o bispo — bom ou ruim — é quem dá a uma comunidade de Fé sua característica orgânica de Igreja Particular. Para celebrar esses 10 anos, estamos promovendo vários encontros e também algumas publicações: As datas principais da Comemoração serão:

— 14 15 e 16 de agosto em São Félix;

— 11 e 12 de outubro em Ribeirão Bonito por ocasião do aniversário do martírio do padre João Bosco.

Vocês todos estão convidados. É só criar coragem para enfrentar a estrada ou se associar com o Delfim Netto para

conseguir pegar e pagar um avião...

Publicaremos também uma "cartilha pastoral" — Igreja, o que É? — e uma história cor-de-do-nosso-Povo e da Prelazia. Assim como um cartaz, com a fotografia do painel da Catedral: o Povo em marcha, carregando a Cruz, atrás de Jesus Cristo Ressuscitado. O casal Luiz e Eunice, que trabalham na Aldeia Tapirapé, juntamente com a irmã Beth Rondon, neta do Rondon legítimo, que trabalha nos Munku, estão preparando a História dos Índios, desde a ótica indígena, sempre proibida. Um texto vivo, direto. E com desenhos originais dos próprios índios Tapirapé. Esperamos ainda poder editar esse ano um Catecismo Popular.

CATÁSTROFES

A enchente ameaça ser maior que a de 1980, que, por sua vez, foi a maior já conhecida nessas latitudes. O Araguaia tem alcançado o nível de um mês mais tarde em 81 e continua subindo. Está se realizando no nosso Centro Comunitário, beira Araguaia, a última etapa de um Curso, supletivo de férias, para professores da região. Possivelmente vai ser interrompido, por causa das águas. A estrada Barra do Garças-São Félix já cortou, já abriu de novo... Os 700 quilômetros do trajeto exigiram a um morador de São Félix quatro dias e

treze conduções. Recorde olímpico.

A briga do povoado de Santo Antônio, Rio das Mortes, com os Abdalla-Zarzur está pendendo a favor do povo, depois de muita tensão e processos. Uma nova ameaça se levanta sobre a Ilha do Bananal. Parece confirmado o convênio Brasil, França e Alemanha para a ampliação do projeto "Rio Formoso", o que daria o Formosão... Toda a ilha seria transformada em plantação de arroz e soja (e também cana), reduzidas as aldeias Karatá-Javaé a áreas restritas. Não mais a Ilha será Parque.

A Funai está queimando as casas dos sertanejos e vaqueiros que saem da Ilha, para que nem eles nem possíveis substitutos possam ocupá-las.

Já temos (eles têm) quatro projetos pro-álcool se abrindo nas áreas de Santa Teresinha e Porto Alegre...

No princípio, era a Floresta e o Índio Livre. Depois, foi o Sertanejo retirante. Veio mais tarde o Bol do latifúndio financeiro. Agora, vai ser a Cana. E amanhã será o Deserto, um Nordeste amazônico, que dom tem os poderes capitalistas de acumular destruindo!

Casaldáliga

Casaldáliga: Igreja deve orientar sobre partidos

Do correspondente em
GOIÂNIA

“Se a Igreja pode ser concreta na moral sexual e na moral profissional, também pode e deve ser concreta na moral política.” A afirmação foi feita ontem pelo bispo d. Pedro Casaldáliga, que regressou da Assembléia Nacional da CNBB em Itaici e passou ontem por Goiânia, com destino à sua prelazia de São Felix do Araguaia, no Mato Grosso. D. Pedro falou sobre o documento preparado pela equipe pastoral de São Felix — “sugestões para a atuação pastoral na política partidária” —, lembrando ser “importante conhecê-lo em sua íntegra, sobretudo em suas introduções, que deixam as coisas suficientemente claras. Isso não significa — explicou — que ele não seja discutível. Não é um documento dogmático, é apenas livre e sincero”.

O bispo de São Felix concordou com os termos da entrevista do presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheiter, publicada ontem pelo Estado, e disse que “ser concreto em política não significa impor um partido a quem quer que

seja nem, menos ainda, condicionar uma comunidade ou uma paróquia a uma filiação partidária”. E completou: “A única filiação que a Igreja globalmente defenderá é a filiação divina. Todos somos filhos de Deus”.

Ressaltou, porém, que ao se falar em definição política e partidária, “uma coisa é o bispo e outra são os cristãos, em geral, e os indivíduos, em particular”. Reiterou que “as paróquias e as comunidades, como tais, não fazem opção por um partido”, o que, em seu entender, não impede que “a Igreja e seus pastores optem por esclarecer os fiéis sobre os partidos que seriam ou não a favor dos legítimos direitos da população”.

“Sinto-me satisfeito — disse o bispo — de que este pequeno documento mimeografado, vindo dos confins do Araguaia, possa ajudar a Igreja e o País a refletirem sobre este problema sumamente vital, que é a política partidária. Anos atrás, não se podia falar em ‘Igreja e política’. Amanhã, todos acharão normal que a Igreja fale em moral partidária e política partidária. A Igreja e o resto da Humanidade caminham em liberdade e realismo. Graças a Deus.”

ESTADÃO - 28.02.81

DIOCESE DE RORAIMA

Boa Vista, 20/03/81

Prezados Agentes de Pastoral

1 -- Conforme estava planejado, nos dias 8-9-10 de Abril iremos realizar o Curso de Atualização da Pastoral Indigenista. Será o segundo Curso que se realiza na nossa Igreja.

O Curso terá principalmente três objetivos:

- 1) Atualizar o nosso conhecimento do problema índio
- 2) Avaliar a nossa atuação pastoral
- 3) Dar uma mensagem à comunidade envolvente.

O primeiro objetivo tem sua razão de ser porque precisamos crescer no conhecimento, para melhorar a ação evangelizadora.

O segundo objetivo torna-se indispensável para medir o que foi feito, detectar as falhas e os sucessos, com suas causas. Será proveitoso também saber o que pensa o nosso povo sobre este assunto.

O terceiro objetivo é igualmente de suma importância. De fato se tivemos o cuidado de evangelizar e promover os índios, não tivemos infelizmente a oportunidade de motivar um crescimento de toda a Comunidade no que se refere à situação do índio. Daí têm surgido dificuldades e não está sendo compreendida a nossa linguagem. Nos três dias tentaremos dizer algo a todos, pois queremos ser " um pávido, mas autêntico reflexo do próprio Senhor Jesus, que passou Ele também entre os homens atento a todos sem discriminações ou exclusivismos, porque portador de uma mensagem de salvação para todos, mas solícito especialmente pelos pobres e pequeninos, pelos sofredores". (João Paulo II em Teresina)

Uma comissão está trabalhando para encontrar canais que façam chegar a muitos a mensagem que será dada por palestristas e outros meios. Esta comissão tem uma tarefa difícil e merece todo o nosso apoio e colaboração.

2 - Uma atitude parece-me fundamental para o bom êxito do Curso e do Diálogo: é a Comunhão. A atitude de nosso povo para com o índio é frute de um processo histórico longo, do qual de certa forma ele é vítima. Nossa disposição deve ser de compreensão. De nada valeria agredir, condenar; isso levaria as pessoas a se fecharem ainda mais. Sabemos que nem a correção fraterna é salutar quando realizada num clima de confrontação. Nesta ocasião sobretudo, queremos falar calmamente, iluminar, conscientizar, fazer ver.

Queremos até fazer um pedido, inspirado pelo Evangelho, isto é que seja assumida plenamente por todos a causa dos índios, assim como gostaríamos que fosse assumida a causa de todos aqueles que se debatem na pobreza. Convidamos os que dispõem de bens materiais, de bem-estar, assim como os que ocupam postos de decisão a cooperar na solução do problema. Esta cooperação consiste principalmente em dar condições reais de desenvolvimento integral.

Isto não significa procurar simplesmente um acordo, baseado num compromisso, que deixa inalterada a situação dos índios. A meta é a mudança, cristamente, dirigimos a conversão. Pessoas e grupos são convidados a crescer, de forma que desapareça a desigualdade gritante. A mudança deve ser efetuada em todos os escalões de nossa comunidade.

A todos recomendo que sejam feitas orações para este fim e que "a nossa mansidão e bondade de Cristo" (2 Cor. 10, 1) nos guie na ação evangelizadora.

3 - A frequência ao Curso é obrigação de todo o agente que trabalha entre índios. Os outros podem vir querendo: nesse caso avisem o Rev. P. Luciano, responsável pelo setor.

No Senhor

Dom Aldo Mongiano

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ASI/FUNAI
N.º 419 181
Em 05/05 181

OFICIO Nº 006/DEL/10ªDR/81-CONF.

Bôa Vista-RR, Em 22.04.81.

Do : Delegado Regional da 10ªDR

Ao : Sr. Assessor Chefe da ASI/FUNAI

Assunto : Informação (Presta)

CONFIDENCIAL

"Toda e qualquer pessoa que tome conhecimento de assunto sigiloso fica, automaticamente responsável pela manutenção de seu sigilo". (Art. 12 - Dec. 79099 - 06 Jan 77 - RSAS)

Senhor Assessor Chefe,

Tomamos conhecimento que essa Assessoria tinha recebido informe de que o Bispo D. PEDRO CASALDALLI GA esteve nesta Capital de Bôa Vista e que supostamente teria sido convidado por esta Unidade Regional.

Esclarecemos que tomamos conhecimento da presença do referido Bispo nesta Capital através da Polícia Federal local e que por coincidência o mesmo chegou exatamente quando se deu início as comemorações da Semana do Índio, o qual participou das festividades como simples ouvinte e a convite da Diocese de Roraima, sem ter feito nenhum pronunciamento público.

Após contatos com o Bispo local D. ALDO MONGIANO, o mesmo nos informou que D. PEDRO foi convidado pela Diocese de Roraima para participar de um Curso de Atualização da Pastoral Indigenista promovido pela Diocese, conforme Cópia dos objetivos, em anexo.

Quanto a programação da Semana do Índio correu normalmente, tendo a Diocese de Roraima e Secretaria de Educação promovido palestras e outras atividades, em consonância com a participação da FUNAI.

Os objetivos foram no sentido de promover o Índio e conclamar a população de Roraima a assumir,

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CONFIDENCIAL

CONT. DO OFÍCIO Nº 006/DEL/10ªDR/81-CONF.

também, a causa indígena.

Cientes de vossa atenção, renovamos
nossos protestos de profundo respeito.

Toda e qualquer pessoa que tome conhecimento de assunto sigiloso fica, automaticamente responsável pela manutenção de seu sigilo. (Art. 12 - Dec. 79099-06 Jan 77-RSAS)

Atenciosamente,

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

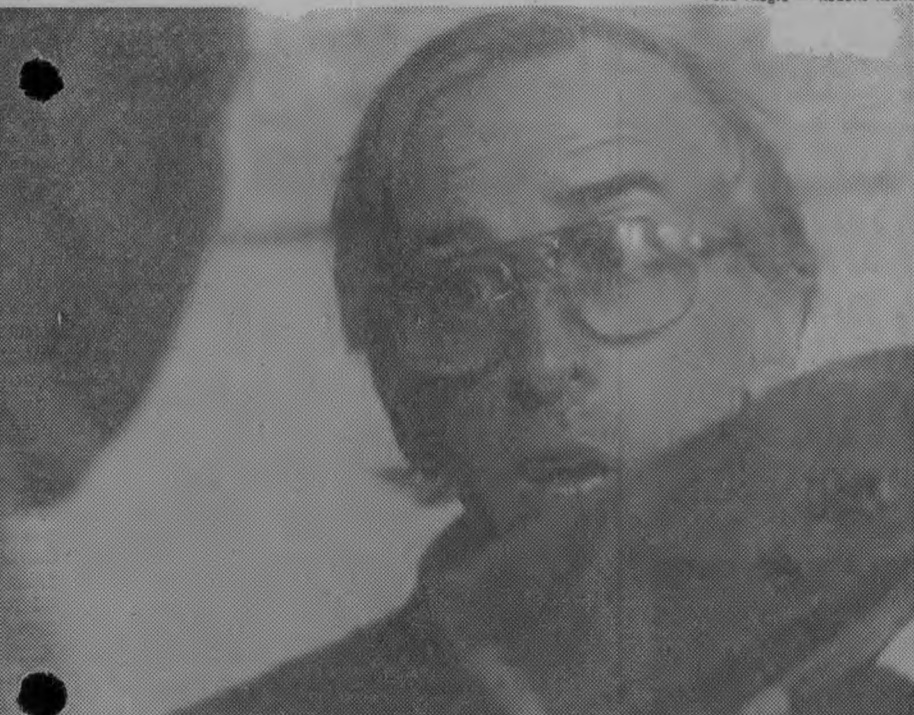
Dinarte Ndoro de Madureira
Delegado Reg. 10.a DR
Port. 387/P de 03/08/77

Ilmo.Sr.

Assessor Chefe da ASI/FUNAI

BRASILIA-DF

DNM/vlfm.



Casaldáliga condena o PDS por apoiar o Governo e considera o PP e PTB "oposições vacilantes a favor do capitalismo"

Casaldáliga sugere ao povo que apóie PT, PMDB ou PDT

Porto Alegre — Ao defender que a Igreja, através dos bispos, padres e agentes pastoraes, deve participar da política partidária e apontar para o povo os Partidos que ajudam a população, o Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, considerou o PT, PMDB e PDT os Partidos que "oferecem um espaço popular". Para Casaldáliga, "um cristão pode lutar em qualquer destes Partidos".

Dom Pedro Casaldáliga condenou o PDS por apoiar o Governo e o sistema vigente, e se disse contra o PP e PTB por serem "oposições vacilantes, sendo talvez contra o Governo, mas a favor do sistema capitalista". Revelou que por cinco vezes, nos últimos anos, o Governo tentou expulsá-lo, uma delas em 1976: "O então Presidente Ernesto Geisel garantiu a fontes eclesásticas que não haveria santo ou força que impedisse a minha expulsão se ficasse comprovado — e não ficou — minha suposta participação na destruição da delegacia de polícia de Ribeirão Bonito."

IDEAL SOCIALISTA

Depois de observar que o Partido Ideal é escatológico — "o Partido de São Pedro e Jesus Cristo no céu" — Dom Pedro Casaldáliga afirmou que o Partido Ideal na Terra seria o socialista: "Se a Igreja nos seus 20 séculos seguisse o programa das bem-aventuranças, seríamos uma sociedade socializada, fraterna, livre e democrática. O ideal cristão equivale ao ideal do socialismo." Mas o quadro político brasileiro, Casaldáliga considera o PT, PMDB e PDT as melhores opções.

Casaldáliga defende a participação da Igreja não só na política, mas na política partidária, indicando ao povo os partidos que o ajudam: "A cópia Santa Sé e o episcopado italiano, por diversas vezes, fizeram opções, apoiando ou condenando Partidos na Itália. A política não existe só em coisas gerais. A Igreja tem compromissos com a transformação do mundo, e achar que a Igreja apenas fala sobre coisas gerais e não age na política partidária é considerar a Igreja sem sua condição terrena, descompromissada. As

Comunidades Eclesiais de Base não devem ser base partidária, mas seus integrantes devem optar por Partidos. O bispo, o padre, devem ajudar o povo a descobrir a honestidade, a verdade, e portanto devem apontar os melhores Partidos".

QUASE EXPULSO

O Bispo de São Félix do Araguaia condenou o novo Estatuto dos Estrangeiros, "por não beneficiar em nada o país, e ser uma mácula à nossa imagem de hospitalidade. É inoportuna, nesta época de abertura política, até em termos publicitários para o Governo, e vai atingir muitos exilados estrangeiros que vivem no país". Espanhol, Dom Pedro Casaldáliga revelou que por cinco vezes, nos últimos anos, o Governo brasileiro tentou expulsá-lo.

— Nas duas primeiras não me lembro o ano. A terceira foi em 1975 no Governo Geisel, a quarta, em 1976, quando meu decreto de expulsão já estava na mesa do General Geisel, que garantiu que me expulsaria se ficasse comprovado — e não ficou — qualquer ligação minha com a destruição da delegacia pelo povo de Ribeirão Bonito, após a morte do Padre João Bosco Bournier. A última tentativa foi em dezembro do ano passado, quando o Sr Amaral Neto na TV Globo, membros da TFP e empresários da Amazônia fizeram uma campanha contra mim, para justificar minha expulsão pelo Governo — acrescentou Casaldáliga.

Disse, ainda, que vários fatos e pessoas impediram que fosse expulso: "Em primeiro lugar, atribuo à graça de Deus, e também a pessoas da Igreja, à cúpula da CNBB, os cardeais Aloisio Lorscheider e Evaristo Arns, Dom Ivo Lorscheider, a alguns amigos em Roma e talvez ao fato de o Governo, que vê no bispo um poder, não considerar tático me expulsar".

Ao contrário do Papa, que pediu a Dom Ivo Lorscheider que a Igreja no Brasil encontrasse um terceiro caminho que não fosse o capitalismo ou comunismo, Casaldáliga não vê uma terceira via: "A opção só pode ser socialista, num socialismo em que a experiência

histórica corrija, humanize. O capitalismo é irrecuperável, pois, basicamente, para existir, necessita do lucro e da acumulação. Não canonizo o socialismo soviético ou cubano, mas existem aspectos positivos: Cuba deu lições de saúde e educação para todo seu povo, e lá não existem mendigos, como nos Estados Unidos. A Tanzânia tem boas experiências em educação e produção agrícola, a China libertou seu povo dos mandarins, e o socialismo da Nicarágua é um bom caminho — lá até os torturadores foram anistiados".

Casaldáliga afirmou, ainda, que "os progressos da técnica não são exclusividade do capitalismo, onde os progressos tecnológicos são apenas a favor do dinheiro, da eleição de uma minoria em detrimento ao povo. É infundada a alegação de que o socialismo fracassa porque a Rússia tem problemas nas suas safras agrícolas. Se se fizer pesquisa se verá que nos países socialistas o povo sobrevive melhor, e a fome é menor lá do que nos países capitalistas".

COMUNIDADES ECLESIAIS

Casaldáliga considera que a infiltração marxista nas Comunidades Eclesiais de Base "existe na cabeça de poucos. As CEBs vivem a fé com alegria. A Igreja de Jesus Cristo sempre foi infiltrada, o reino é isso: trigo e cizânia, peixes bons e ruins na mesma rede. Se quisermos uma Igreja asséptica, a Igreja deveria transformar-se em gueto". Em relação às fitas cassetes, condenadas pelos Cardeais Agnello Rossi e Vicente Scherer, Casaldáliga diz que "elas não foram traduzidas para o português, e as CEBs nem sabem de sua existência".

— A crítica principal é por apresentar um Cristo revolucionário. As Comunidades são crentes, aceitam Cristo Filho de Deus e Nossa Senhora, mas Cristo continua libertador e comprometido na defesa do seu povo. É muito mais do que revolucionário, dentro e fora da Igreja, na revolução do coração dos homens. É melhor olharmos para a fita da vida dos sem-terra, dos desempregados, dos oprimidos — sugere o Bispo de São Félix do Araguaia.

Casaldáliga vê povo sendo expulso

Goiânia — "Há vários anos que me pretendem expulsar do Brasil, o latifúndio cada vez mais estrangeiro, a segurança repressiva e o medo egoísta de alguns privilegiados — todos eles autores da vergonhosa expulsão que o povo do Brasil vem sofrendo: expulso da terra, expulso do salário, expulso da saúde, expulso da livre participação social, sindical, política". A afirmação é de Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT) que anteontem à noite passou por Goiânia, a caminho de Rondonópolis (MT) onde se encontra participando de encontro regional do CIMI — Conselho Indigenista Missionário. Ontem pela manhã, o secretariado da Pastoral da Arquidiocese de Goiânia divulgou um texto deixado por Dom Pedro, em que o prelado retoma três questões que foram objeto de grande controvérsia, após uma entrevista à imprensa em Porto Alegre: as fitas cassete "Um Tal Jesus", a Igreja e os partidos e a ameaça de sua expulsão.

Dom Pedro afirma, de início, que a edição desta semana da revista *Veja* apresenta "totalmente distorcidas" suas declarações sobre a coleção de fitas produzida na Alemanha: "Eu fiz ques-

ção de que se distinguísse claramente entre as fitas e as comunidades de base, uma vez que alguém está interessado em persegui-las simultaneamente". O bispo diz ainda que, "baseado em informação de quem as conhece, destaquei o valor técnico e outros inegáveis valores de comunicação" (das fitas). "Entretanto, destaquei também explicitamente a parcialidade com que apresentam o senhor Jesus como apenas humano, como revolucionário, mais diretamente".

"Não são essas 140 cassetes que nossas comunidades vão usar", enfatizou Dom Pedro. "Essas comunidades têm duas cassetes de uso próprio e habitual: o Evangelho procurado com amor e a realidade duramente vivida". O bispo de São Félix refere-se, em seguida, à declaração, "oportunamente discreta", de Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB, "com a qual evidentemente ele pretendia desmanchar, em torno das faladas fitas, tanto o alarme quanto a publicidade".

Após lembrar seus contatos no sul com o cardeal Dom Vicente Scherer (por telefone, "cordialmente, aliás"), e com "vários colegas bispos, no Rio Grande,

em Santa Catarina e no Paraná", Dom Pedro explica que suas declarações sobre política partidária apenas repetiam "para a imprensa de Porto Alegre, o que a equipe pastoral da Prelazia de São Félix publicou num folheto, entregue em fevereiro último a muitos bispos presentes à assembleia de Itaici e entregue também à opinião pública". Dom Pedro ressalta que esse documento foi publicado, "na íntegra, pela grande imprensa".

"Não pretendo ressuscitar velhos clericalismos eleitoreiros, que condeno", afirma Dom Pedro. "Entretanto, sinto, em consciência pastoral, que um bispo pode e deve ser concreto na moral política — tão mais abrangente da vida humana — como é concreto na moral sexual ou profissional". Em seguida, ele nega que tenha recomendado algum partido político: "Nem recomendei um partido, nem menos ainda algum político, nem excomunguei ninguém, práticas infelizmente exercidas pela Igreja, muitas vezes. Bastaria lembrar a Igreja italiana — à sombra do próprio Vaticano — no que se refere à democracia cristã, e nossa Igreja do Brasil, lá pelos anos 50, com a Liga Eleitoral Católica (LEC).

"O ESTADO DE S. PAULO"
25.06.81 - Pág.19

Casaldáliga nega a indicação de partidos

Do correspondente em
GOIANIA

Em texto deixado na Arquidiocese de Goiânia, o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, nega que tenha recomendado algum partido político às comunidades eclesiais de base, embora reafirme a necessidade de seus membros terem "uma posição de claro compromisso em política". A caminho de Rondonópolis (MT), onde foi participar de um encontro do Conselho Indigenista Missionário, o bispo passou anteontem pela capital de Goiás e esclareceu, por escrito, suas recentes declarações.

"Não pretendo ressuscitar velhos clericalismos eleitoreiros, que condeno — assegura o bispo. Entretanto, sinto que um bispo pode e deve ser concreto em moral política, como é concreto em moral sexual ou profissional". Em seguida, ressalva: "Nem recomendei um partido, nem menos ainda algum político, nem excomunguei ninguém, práticas infelizmente exercidas pela Igreja muitas vezes. Bastaria lembrar a Igreja italiana, à sombra do próprio Vaticano, no que se refere à democracia cristã, e nossa Igreja do Brasil, lá pelos anos 50, com a Liga Eleitoral Católica".

Em outro trecho, d. Pedro Casaldáliga diz que, "na atual conjuntura sócio-

eclesial, um bispo ou um padre não deverão assumir cargo político". No entanto, acrescenta, "pedir isso também dos agentes de pastoral leigos seria exigir de um contingente de cristãos, cada dia mais numeroso, que se fechassem em gueto e renunciassem à sua condição evangélica de fermento na massa".

Para ele, a divisão dentro das comunidades "não se criará por uma ou outra opção partidária de seus membros, mas pela divisão sistemática de interesses, o bem comum ou a acumulação egoísta, que permeiam a Humanidade, fora e dentro da Igreja peregrina". E conclui a respeito dessa questão: "Mesmo defendendo uma posição de claro compromisso em política, somos contrários a fazer, das comunidades de base, bases partidárias, o que já é um bom passo de superação do clericalismo".

Sobre a ameaça de sua expulsão do País, o bispo de São Félix afirma que isso é pretendido "há vários anos" pelo "latifúndio cada vez mais estrangeiro", pela "segurança repressiva" e pelo "medo egoísta de alguns privilegiados". E a respeito das fitas gravadas com o programa "Um Tal Jesus", d. Pedro reitera sua distinção "entre as fitas e as comunidades de base, uma vez que alguém está interessado em persegui-las simultaneamente".

Expulsão de Casaldáliga é pedida por governador

Do correspondente e da sucursal

Após responsabilizar o bispo d. Pedro Casaldáliga pelos processos dirigidos de invasão de terras no Leste de Mato Grosso, o governador daquele Estado, Frederico Campos, defendeu expulsão do religioso e disse não entender "como ainda se encontra em liberdade, no Brasil, um comunista exercendo suas atividades subversivas impunemente". Em entrevista concedida ontem ao Estado, em Cuiabá, o governador afirmou que já foram expulsos do País pessoas menos maléficas que d. Pedro, acrescentando: "Lamento que o espanhol venha ao Brasil para subverter a ordem".

Campos definiu o bispo como homem inteligente, preparado e pernicioso, e considera que sua atuação transformou a região do Araguaia mato-grossense na área mais crítica de conflitos de terras no Estado, tanto no que refere aos posseiros quanto aos grupos indígenas. O governador garantiu que existem pessoas com formação universitária, trabalhando aparentemente de graça, que estariam insuflando os camponeses a invadir propriedades agrícolas, inclusive aquelas já cultivadas.

Ao comentar o que ele considerou um caso concreto de ação maliciosa por parte do bispo, Frederico Campos disse que o empresário Aristo da Riva cedeu

para os posseiros 60 mil hectares de suas terras localizadas no município de Pontenópolis. Segundo ele, assim que os lavradores tornaram-se proprietários, os padres que trabalhavam no local deixaram a região, "numa prova cabal de que a área não era mais um campo fértil para o tipo de ação do bispo Casaldáliga".

No entender do governador de Mato Grosso, as atividades de d. Pedro não ajudam as populações pobres, já que estas "são conduzidas de um processo de frustração para outro, como se fossem verdadeiros fanáticos". Depois de considerar normais e louváveis das ações do clero e de outras lideranças em defesa de princípios sociais, Campos referiu-se a Casaldáliga afirmando que não vê diferenças entre os crimes cometidos por um assassino e outros perpetrados por aqueles que trabalham as mentes de inocentes.

Teólogos

O arcebispo de Porto Alegre, d. Vicente Scherer, criticou ontem, o isolamento de pequenos grupos de teólogos para aprendizado, em casas próprias. Em sua alocução semanal, o arcebispo disse não acreditar que estes teólogos que, "em obediência a uma moda ou mentalidade bitolada e ideologizada" moram em vilas populares, tenham uma formação intelectual "aberta, compreensiva e genuinamente sacerdotal".

Estado de SP. 4/8/81

Seleção

Os órgãos de segurança voltam a acusar os padres

Os órgãos de segurança já têm uma série de informações que consideram suficientes para comprovar a participação do denominado "clero progressista" em diversos acontecimentos relacionados com o clima de violência existente no meio rural do Sudeste do Pará, Norte de Goiás e Nordeste de Mato Grosso, mas qualquer decisão visando a neutralizar a ação desta ala da Igreja está condicionada à palavra final do presidente Figueiredo.

Segundo informações que os órgãos de segurança dizem ter obtido nos próprios locais, um dos principais articuladores da agitação nessas áreas seria o bispo dom Pedro Casaldáliga, havendo 12 localidades hoje transformadas em "focos de subversão". As localidades são as seguintes: Palestina, Xinguará, Rio Maria, Redenção, Conceição do Araguaia, Barra do Garça, Divinéia, S. Félix do Araguaia, Porto Alegre do Norte, Santa Terezinha, Cascalheira e Serra Nova.

Essas informações dos órgãos de segurança mencionam diversos fatos que teriam contribuído para aumentar o clima de violência no meio rural.

Em Palestina (PA) por exemplo, pessoas com aparência de estrangeiros, "supostamente religiosos", manteriam contatos com padres e agentes pastorais e participariam de reuniões nos perímetros urbano e rural.

Em Xinguará, Rio Maria e Redenção, no sudeste paraense, seriam escolhidos os líderes de comunidades, conhecidos como "comandantes de batalhões de posseiros", que, sob a orientação do padre Aristides e do advogado Paulo Fontelles, planejavam ações armadas "contra os legítimos proprietários de terras". Segundo os órgãos de segurança, a quase totalidade dos posseiros da região em questão estaria armada e as armas e munições seriam fornecidas pelo padre Aristides Camio, francês e pároco da igreja de São Gerardo — preso recentemente — e pelo advogado.

Na localidade paraense de Concelção do Araguaia, os órgãos de segurança dizem que "religiosos e leigos estariam desenvolvendo intenso trabalho de subversão da ordem, pregando, ostensivamente, a derrubada do regime".

Nessas atividades, destacariam-se os padres Ricardo Rezende Figueira, da Comissão Pastoral da Terra do Araguaia/Tocantins; Francisco (Chico) e Aristides Camio, com quem estaria vivendo maritalmente Maria Oneide da Costa Lima, viúva de Raimundo Ferreira Lima ("Gringo"); Heloisa Schmidt, Ricardo Medeiros (Rádio Araguaia) e José Basílio de Siqueira ("Zé Doza"), da Comissão Pastoral da Terra e da oposição sindical.

— Ultimamente — diz um trecho do relatório enviado a Brasília — o padre Aristides estaria empenhado em desacreditar a atuação da Companhia do 2º Batalhão de Engenharia de Construção, objetivando alcançar o mesmo resultado obtido com a Polícia Militar, que estaria desmoralizada pelos posseiros. Assim, no episódio da morte de um empregado do fazendeiro Nelef Murad, dirigiu-se de maneira desrespeitosa ao comandante da Companhia, sugerindo ao militar, na ocasião, que toda vez que este pretendesse tomar qualquer providência em relação aos posseiros, que implicasse deslocamento até suas terras, deveria primeiro falar com ele, dando a entender que, sem sua

presença, os militares poderiam ser mal recebidos.

Segundo essas informações, em Barra do Garças (MT), o Jornal Vale do Araguaia publicou recentemente uma matéria denunciando a volta da guerrilha do Araguaia, "na qual volta a afirmar a existência de campo de treinamento de guerrilheiros, orientados pelos religiosos da região". Esses guerrilheiros, estariam bem equipados, inclusive com meios de comunicação sofisticados, para não serem surpreendidos pelas "forças da repressão". O relatório menciona, também, a constante presença de estrangeiros acompanhados pelo bispo Casaldáliga, que percorreriam as regiões onde os focos de tensão são maiores.

"Os posseiros já invadiram uma fazenda acompanhados de Casaldáliga, conforme algumas testemunhas — dizem os órgãos de segurança — ação que não logrou êxito em razão da resistência oferecida pelos proprietários. Após esta tentativa frustrada, o bispo teria enviado mensageiros a várias localidades com a finalidade de convocar todos os posseiros para uma reunião destinada a planejar novos ataques."

Em Divinéia (MT), o padre Clélio Jean Boccato orientaria os posseiros na invasão de propriedades, auxiliado por Pedro Eliseu dos Santos ("Pedro Cearense"), responsável pelos deslocamentos dos posseiros para as áreas a serem invadidas. Nessa localidade, de acordo com as informações dos órgãos de segurança, cerca de 140 pessoas, entre posseiros e estrangeiros, armados inclusive com metralhadoras, foram vistas nas proximidades do BR-158, trecho Barra do Garças-Água Boa, em companhia de D. Pedro Casaldáliga, e dos padres Geraldo e Clélio. Observou-se a existência no local de um gerador de energia.

Em Porto Alegre do Norte (MT), o padre Jesus, pároco local, seria o orientador dos posseiros para as áreas a serem invadidas. Em Santa Terezinha (MT), estaria instalado, a 20 km da aldeia dos Tapirapés, um grupo de pessoas, algumas originárias de Xambioá (GO) e de outras partes do País e alguns estrangeiros. Ainda fariam parte do grupo três "irmãs de Jesus". A irmã Dineva Vanuzzi, funcionária da Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso, iria ao município com a finalidade de ministrar ensinamentos em curso de "sobrevivência". O pároco local, padre Antonio Canuto, seria auxiliado em suas atividades subversivas junto aos posseiros pelos seguintes elementos: Rita de Cássia G. Braglia, Carlos Fonseca Cabral, irmã Edith de tal, Tereza Sales Escame, Francelino Dias Silveira ("Muriçoca") e Maria Regina Borella, que, segundo os órgãos de segurança, seria amante do Padre Canuto.

Em Cascalheira (MT), o padre Geraldo, ligado ao bispo Casaldáliga, estaria ligado a um grupo de 150 homens armados, empenhados em ações de invasão de fazendas e na eliminação de empregados das mesmas.

Em Serra Nova (MT), o mesmo padre Geraldo, acompanhado do professor Lauro e do farmacêutico Martins, teria convocado vários populares a assinarem um manifesto a favor do comunismo.

Os padres Antonio Canuto e Jesus seriam "os principais executores da estratégia de agitação social entre colonos e posseiros, planejada pelo bispo Casaldáliga". Segundo o relatório, "observando-se a localização geográfica das vilas Porto Alegre do Norte e Santa Terezinha, verifica-se que distam uma da outra cerca de 80 km e situam-se junto a grandes empreendimentos agropecuários. Os dois padres agiriam no sentido de incitar os posseiros e invadir as grandes propriedades e, ao mesmo tempo, preparariam grupos ativos de contestadores políticos".

DEFESA DO BISPO - Depois de agressões sofridas por sacerdotes em todo o País, culminadas com a expulsão do padre Vito Miracapillo, agora é o governador de Mato Grosso que se insurge contra Dom Pedro Casaldáliga, afirmou o deputado Gilson de Barros (PMDB-MT).

Disse o parlamentar que Casaldáliga, desde a sua chegada ao Brasil, assiste aos índios e posseiros perseguidos por latifundiários, tendo mesmo presenciado as violências que levaram à extinção as comunidades de Xavantes e Cintas-Largas.

Daí por que é este sacerdote perseguido, acrescentou Gilson de Barros, contra ele se mobilizando agora o governador Frederico Campos, os grileiros e os extremados da TFP.



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

ENCAMINHAMENTO Nº 104/7ªD.R./81.

REF.: EXEMPLAR DO SEMANARIO "TOP NEWS"



Ao Senhor Chefe da A.S.I.

Em anexo, exemplar do Semanario "TOP NEWS",
edição de 30.08 a 05.09, com materia de interesse da FUNAI, às pa-
ginas 01, 32 e 33.

Em, 01.09.81

Ivan Baiocchi
IVAN BAIOCCHI

Delegado Regional

Ag
ms

São Félix do Araguaia

Dez anos de luta da Igreja...

—Continuação—

eventualidade, é um gerador portátil foi imediatamente acionado.

Desfilaram, então, pelo palanque-palco, as figuras do padre Rui das Rezas e irmã Gertrudes Generosa, recém-chegados à cidade imaginária de Terra Brava; Mister Grilo, dono da Fazenda Late Fundo, com seu jagunço Zé Traição; o prefeito Vida Mansa e seu ajudante, o soldado Zé Mandado; o peão João do Mundo, negro orgulhoso de sua raça, e sua mulher, Maria Lavadeira; e o posseiro João Teimoso, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, também com sua mulher.

O padre e a freira chegam de um outro mundo, muito diferente e, durante a maior parte da peça, ficam sentados no degrau mais elevado de uma escada, de onde falam (rispidamente) ao povo. Alienados, são logo envolvidos pelo tubarão e o prefeito, que lhes oferecem dinheiro para a construção da igreja, pedindo, em troca, sua ajuda para "dar um jeito nesses subversivos do Sindicato".

Mas as brutais contradições da realidade falam mais alto. Irmã Gertrudes começa a descer da escada, em contato com as lavadeiras e convidada para dar aulas de alfabetização no Sindicato. Mais no fim, padre Rui, abalado pelo assassinato do peão João do Mundo, baixa de seu pedestal e despe-se de suas defesas hipócritas, assumindo também a luta com o povo.

A PROCISSÃO— PASSEATA

Entusiasmado com o teatro - drama, farsa e tragédia ao mesmo tempo - o povo de São Félix e os visitantes da região e de outros estados acorrem em massa, dia seguinte, de manhã, para a procissão-passeata pelas ruas da cidade. Alguns se queixam do cansaço - são mais de duas horas de caminhada, com três paradas para discursos - mas todos estão felizes, carregando as faixas que falam de suas lutas e esperanças, e gritando palavras-de-ordem como "Povo unidos jamais será vencido" e "Povo organizado jamais será pisado". Na frente, um grande poster do padre Francisco Jentel.

Oneide, viúva do líder posseiro Gringo, de Conceição do Araguaia, Pará, assassinado o ano passado; dom Celso, bispo de Porto Nacional; o deputado estadual Dante de Oliveira (PMDB); um dos sindicalistas italianos (que depois iriam para a Conclat, em São Paulo); o jor-



São Félix, 10 anos de caminhada

nalista e escritor Paulo Schilling, do Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central e Caribe; a educadora Maria Nilde Maecellani, de São Paulo, e representantes de várias dioceses e prelazias irmãs, além da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), falam, durante as paradas, manifestando sua solidariedade ao povo em suas lutas destes dez anos e nas lutas presentes e futuras.

A procissão-passeata termina na catedral, onde Pedro e os padres celebram a "Missa das Comunidades". O bispo dá o sacramento do Crisma a um grupo de pessoas que se comprometeram a continuar assumindo a luta, com mais coragem e disposição.

A tarde de domingo é preenchida com diversas reuniões. Posseiros do rio das Mortes, despejados pela Fazenda Marruá (do grupo Furlan/Vargas, da Freios Vargas, de Limeira, SP), discutem com os dirigentes de seu Sindicato as formas de resistência. Outros posseiros da gleba Azulona/Gameleira, pressionados pela fazenda Agropasa, também participam. Sertanejos de diversos povoados se encontram para debater, com o deputado Dante e o vereador Arimatéia, de Barra do Garças, a organização política. Está sendo ventilada uma proposta de fusão entre o PMDB e o PP, no Mato Grosso, e os diretórios

peemedebistas da região, formados, a duras penas, de baixo para cima, não estão gostando da idéia de uma aliança com notórios inimigos do povo, como o senador biônico Gastão Muller (sobrinho do finado Filinto Muller) e seu suplente Váldon Varjão (este, ex-prefeito, pela Arena, e dono do cartório de Barra do Garças, onde se escrituraram quase todas as grilagens da região), e ainda o ex-governador Garcia Neto. O sociólogo José de Souza Martins, da USP, assessor da Comissão Pastoral da Terra da CNBB, e ainda Paulo Schilling e Maria Nilde, fazem, também, para outro grupo reunido, comunicações sobre o que está acontecendo no "outro Brasil", de além Araguaia. Eles suprem, rapidamente, a ausência de televisão, jornais, telefone e correio na região.

ATORES, GENTE DO POVO

A segunda parte do teatro é apresentada à noite. Um público numeroso, como na véspera, aplaude os mesmos artistas, que agora encenam uma criação coletiva, em que contam as etapas mais importantes da caminhada dos dez anos da Prelazia. A primeira parte, na véspera, ainda que calcada sobre a realidade da região, trazia per-



Povo na rua, a prelazia de São Félix faz 10 anos

sonagens fictícios. Nessa segunda parte, porém, a evocação é viva, real: a história da grande repressão policial e militar de 1973; a reorganização dos trabalhos; os Clubes de Mães; a religião e o trabalho pastoral; o assassinato do padre João Bosco Burnier pela Polícia, em 1976, no povoado de Ribeirão Bonito, e a derrubada, pelo povo, da cadeia onde o crime foi cometido: a formação do Sindicato, a consciência política e a opção partidária.

O texto livre, solto, apoiado por slides e marionetes, tem como elemento de interligação dos quadros um novo personagem: *Alvorada*, uma menina que representa o jornalzinho mimeografado da Prelazia, que espalha as notícias de canto a canto. Como na véspera, está presente também o anjo-bufão *Medellin*, que faz o contato com o público, declamando cordel, interpelando os assistentes e interferindo na própria cena em momentos-chave. A vibração do povo é uma só, desde o emocionante início, onde uma série de slides pontilha a leitura de um poema de Pedro sobre o padre Francisco Jentel e sua luta junto aos posseiros de Santa Tereziinha, até os alegres momentos em que *Medellin* dança com uma imensa boneca de pano.

No final, a apresentação dos atores. Eles vieram de diferentes pontos da extensa região: um posseiro de Porto Alegre do Norte fez o policial; um professor primário de Santo Antonio do Rio das Mortes foi o posseiro João Teimoso; a mulher deste é, na vida real, uma participante do Clube de Mães de São Félix - aliás, mãe de nove filhos. De Santa Tereziinha veio o peão João do Mundo, que teve como sua Maria Lavadeira uma menina de São Félix; ainda de São Félix, um estudante fez o padre Rui das Rezas; de Ribeirão Bonito, um marceneiro interpretou o latifundiário Mister Grilo. Alguns personagens foram interpretados por membros da Equipe Pastoral, como o jagunço Zé Mandado (padre Paulo Gabriel, vigário de São Félix), e ainda *Medellin*, Gumercindo Vida Mansa e irmã Gertrudes.

Terminou o teatro, continua a vida. O ônibus de Goiás Velho parte na mesma noite; o de Goiânia, no dia seguinte. E muitos prometem voltar em outubro, quando as comemorações dos Dez Anos da Caminhada da Prelazia serão encerrados, com a celebração do 5º aniversário do martírio do padre João Bosco Burnier, em Ribeirão Bonito.

SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA

Dez anos de luta da Igreja que fez opção pelos pobres

Texto: Antônio Carlos Moura

Vou contar essa História/ de sofrimento e vitória/ que é pra ficar na memória/ lembrada com alegria./ Fazemos celebração/ com festa, bolo e rojão./ das lutas deste sertão/ dez anos de Prelazia.

Assim começa o cordel "Peleja das piaba do Araguaia com o tubarão besta-fera" - um "romance em louvação dos dez anos de caminhada da Prelazia de São Félix do Araguaia". O livreto, escrito por Zé Diluca e ilustrado com desenhos dos índios Tapirapé e de sertanejos da região, foi lançado dia 15 último, em São Félix, Mato Grosso, nas comemorações do décimo aniversário das lutas daquela porção do Povo de Deus, cujo bispo, Dom Pedro Casaldáliga, é hoje, sem meios termos, o personagem mais amado e mais odiado da Igreja, não só ali, mas em todo o Brasil.

Amado pelos posseiros, peões, lavadeiras e índios junto aos quais a Equipe Pastoral da Prelazia vem lutando, ombro a ombro; contra os exploradores; odiado por esses mesmos exploradores: grileiros e latifundiários, com suas forças de apoio - polícia, jagunços - e seus aliados - órgãos do governo, políticos situacionistas e alguns comerciantes e outros setores ligados aos interesses das grandes fazendas. Amado por trabalhadores e opositores em várias regiões do país, que, mesmo não o conhecendo pessoalmente, ouviram falar da resistência dos pobres daquela área, que lutam pelo direito à terra onde trabalham; odiado pelos patrões em geral e pelo regime militar, que o querem expulsar do Brasil, pois sua denúncia profética contra a opressão institucionalizada, a partir de 1971, abriu a brecha, progressiva e irreversivelmente alargada, entre a Igreja e o Governo.

O cordel, editado pelo CEDI, do Rio, circulou amplamente durante a festa, vendido, conforme consta na segunda página, a Cr\$ 20,00, para o povo da região; Cr\$ 50,00 para o povo de outros lugares; e Cr\$ 100,00 para os colaboradores". Na mesma página, abaixo dos preços, uma observação: "Tubarão não paga, mas também não leva".

A festa dos dez anos não era mesmo para tubarão. Piaba, porém, tinha muita: de todos os povoados da região chegaram levadas de posseiros, de caminhão ou ônibus, pelas estradas



Zé Diluca e Zé da Cruz registraram, em verso e traço, os dez anos de caminhada do povo de Deus da Prelazia de São Félix do Araguaia

poeirentas e esburacadas; de barco pelo Araguaia e rio das Mortes; ou de tropa, pelos trilhos incertos rasgados no cerrado. Também de longe vieram muitos amigos. Um ônibus fretado de Goiânia, com pessoal dali, de Brasília, São Paulo, Minas e até do Ceará. Outro ônibus veio da região de Goiás Velho, trazendo lavradores e agentes pastorais dos 17 municípios que compõem a diocese dirigida por Dom Tomás Balduino, companheiro de Pedro nas lutas e na caminhada profética. Outros amigos haviam chegado de avião, incluindo alguns sindicalistas e padres da Itália e da Bélgica. Da França, entre outros, veio Marie-Jeanne Jentel, irmã do padre Francisco Jentel, pioneiro no apoio às lutas dos posseiros da região, que em 1973, foi condenado a 10 anos de prisão por um tribunal militar e, dois anos depois, expulso do Brasil pelo

general Geisel, e que morreu na França em janeiro de 1979.

TAPIRAPÉ
X
FUNAI

Os festejos haviam começado na semana anterior, com a novena, cada noite, em louvor à padroeira da cidade, Nossa Senhora da Assunção. Mas o ponto alto foi dias 14, 15 e 16. Na sexta-feira, 14, o povo assistiu, ao ar livre, no Centro Comunitário, os filmes "A bênção, João de Deus" (sobre a visita do papa ao Brasil) e "Missa da Terra-sem-males", sobre a grande celebração litúrgica de solidariedade aos povos indígenas, realizada na Sé de São Paulo, em abril de 1979. Como se sabe, o texto dessa missa é do próprio Dom Pedro Casaldáliga,

tendo como co-autor o poeta goiano Pedro Tierra.

A missa do sábado, dia 15, à noite, teve a participação de mais de duas mil pessoas (São Félix tem seis mil habitantes). Três bispos - Dom Pedro, Dom Tomás e Dom Celso, este de Porto Nacional -, 15 padres e ainda dois pastores luteranos presidiram a celebração, durante a qual falaram ao povo, entre outros, a posseira Raimunda, do distrito de Porto Alegre do Norte, contando as lutas que aquela comunidade está travando com as fazendas Frenova, Piraguassu e outras; e o chefe dos índios Tapirapé, Xywãeri, que explicou porque sua tribo não aceita a demarcação que a Funai quer impor, que beneficia a invasora fazenda Tapiraguaia (por coincidência, do mesmo grupo Medeiros/Carneiro da Frenova). Xywãeri foi muito aplaudido quando relatou o diálogo que ele e outros líderes Tapirapé tiveram, poucos dias antes, em Brasília, com o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga:

- Eu disse ao coronel que eu ia conversar com meus irmãos, na aldeia, porque sozinho eu não resolvo nada. Ai o coronel me disse: "Não, vamos resolver aqui mesmo. A comunidade tem que respeitar você. Você é líder da aldeia. É como eu, presidente da Funai, que mando nos meus funcionários". Ai eu disse pro coronel: "Isso é a lei do branco. Eu não posso fazer assim com o meu pessoal. Lei de índio é diferente de lei de branco. Você não sabe nada da lei de índio. Você quer entender, mas não entende", eu disse pra ele.

"SEGURA O TACHO"

Depois da Missa, o primeiro ato da peça teatral: "Meu padim, segura o tacho, que a quentura vem por baixo - ou a corajosa história da Igreja que trocou a escada, a galhofa e a fortuna pela enxada, a farofa e a borduna". O prefeito de São Félix, Aldenor Milhomem (PDS, ex-MDB) havia mandado desligar o gerador de luz, deixando a cidade às escuras, tentando com isso impedir a apresentação da peça, que tinha, como um dos personagens, Gumercindo Vida Mansa, um prefeito corrupto, puxa-saco dos latifundiários. Mas o grupo teatral "Arroz com Abroba" havia pensado nessa

Continua

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



ARQUIVO NACIONAL

Coordenação Regional do Arquivo Nacional no DF- COREG

Remissiva de arquivamento de documentos especiais

Notação:

BR AN, BSB. AA3. PSS.553, p. 286/286

Dados do documento especial

Característica:

Grande Formato

Conteúdo:

Recorte de Jornal

Localização:

caixa 26

Dados da unidade de arquivamento de onde foi retirado o documento

Obs:

Documento não
Digitalizado.